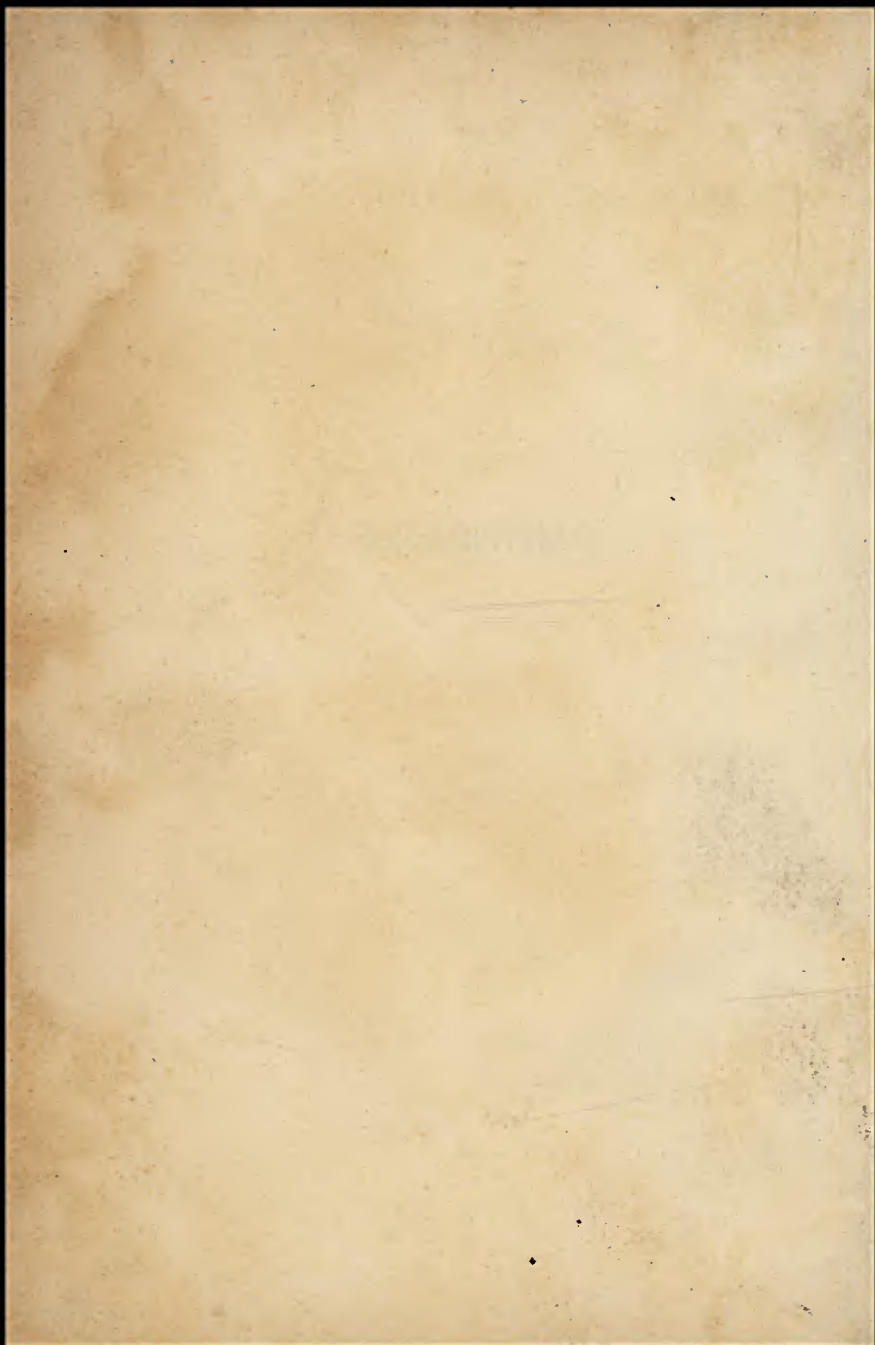
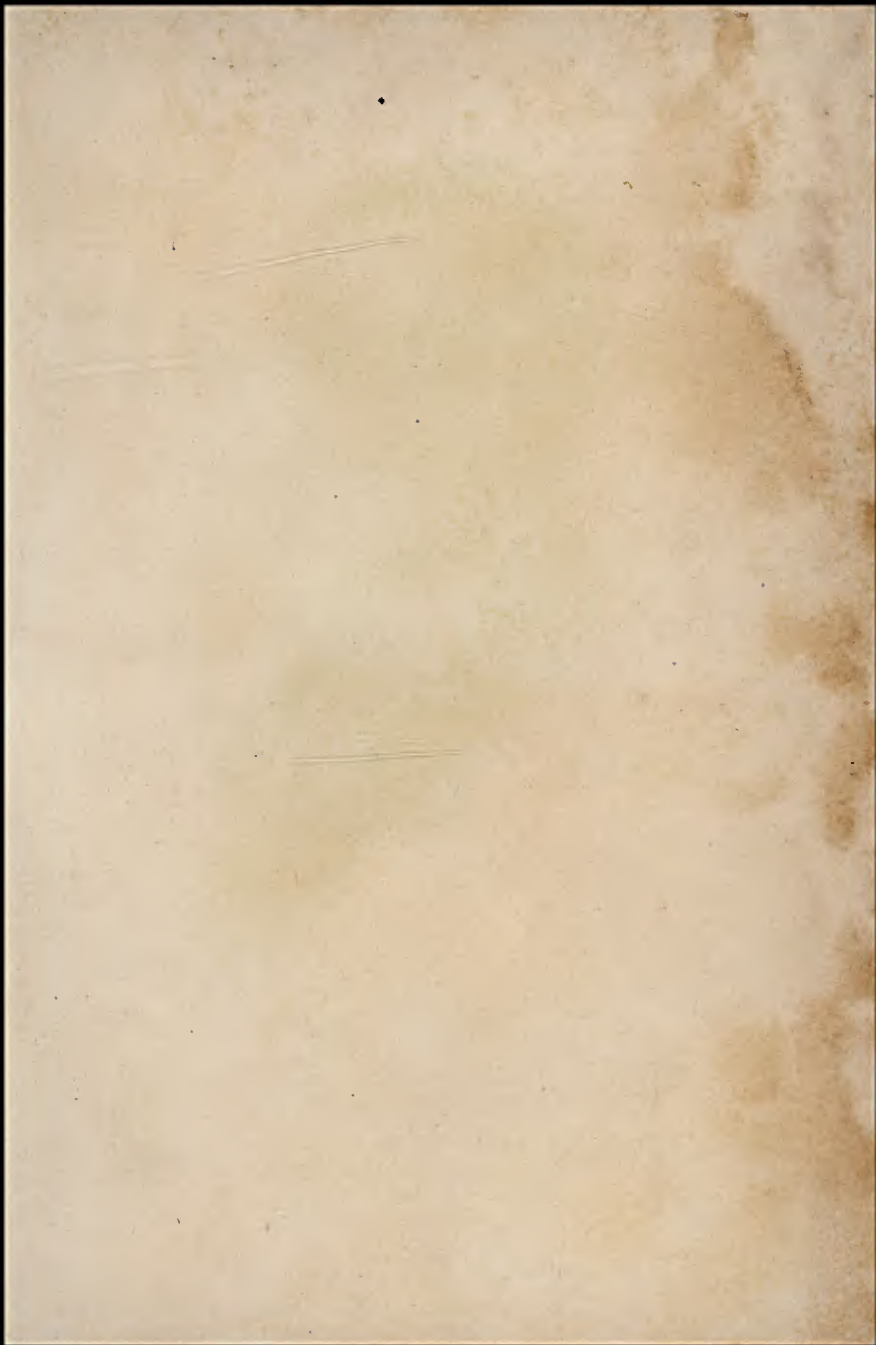


CANTADORES









LEONARDO MOTTA

CANTADORES.



LEONARDO MOTTA

CANTADORES

(POESIA E LINGUAGEM DO SERTÃO CEARENSE)



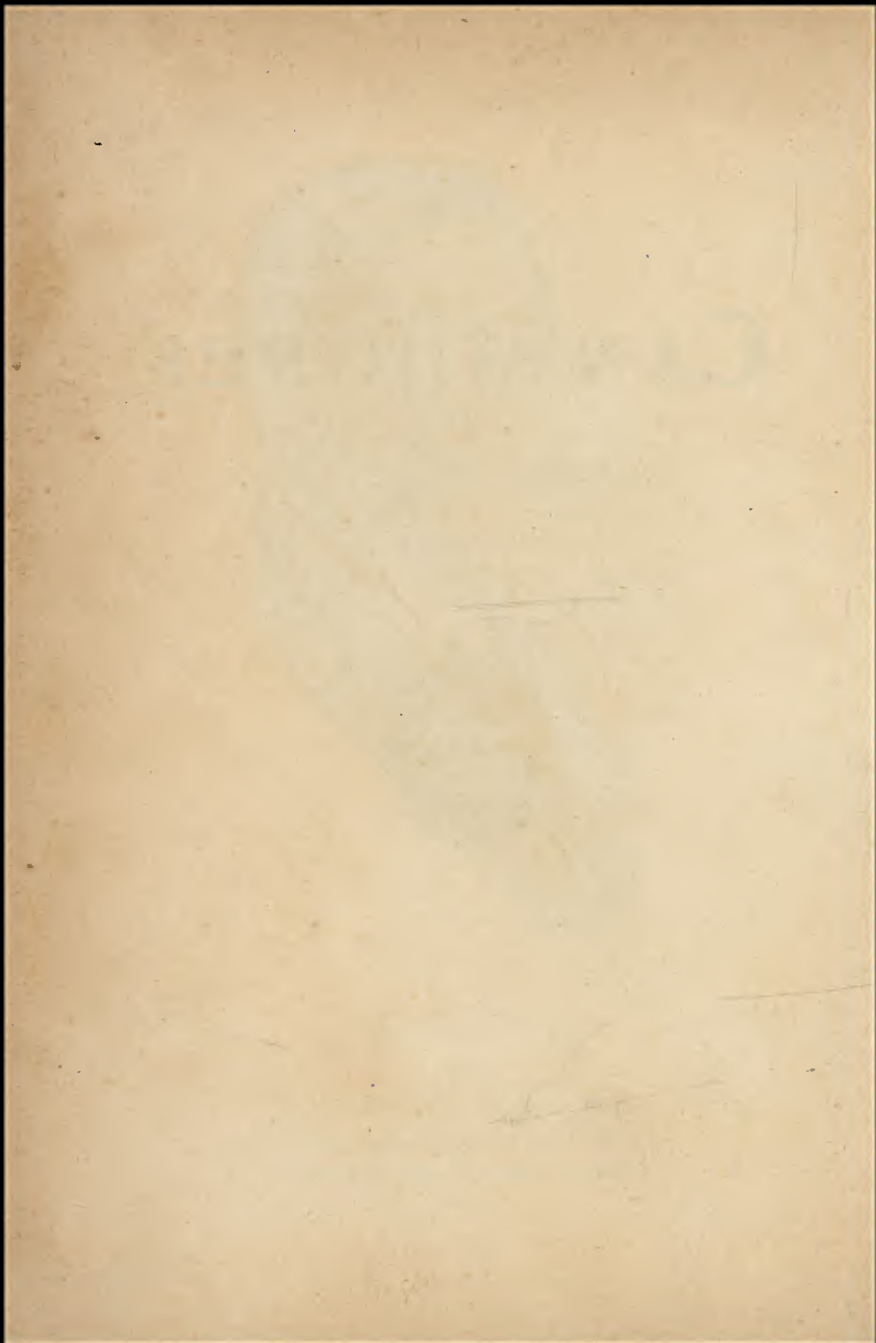
1921

LIVRARIA CASTILHO

A. J. DE CASTILHO — EDITOR

RUA DE S. JOSÉ, 114 — RIO DE JANEIRO



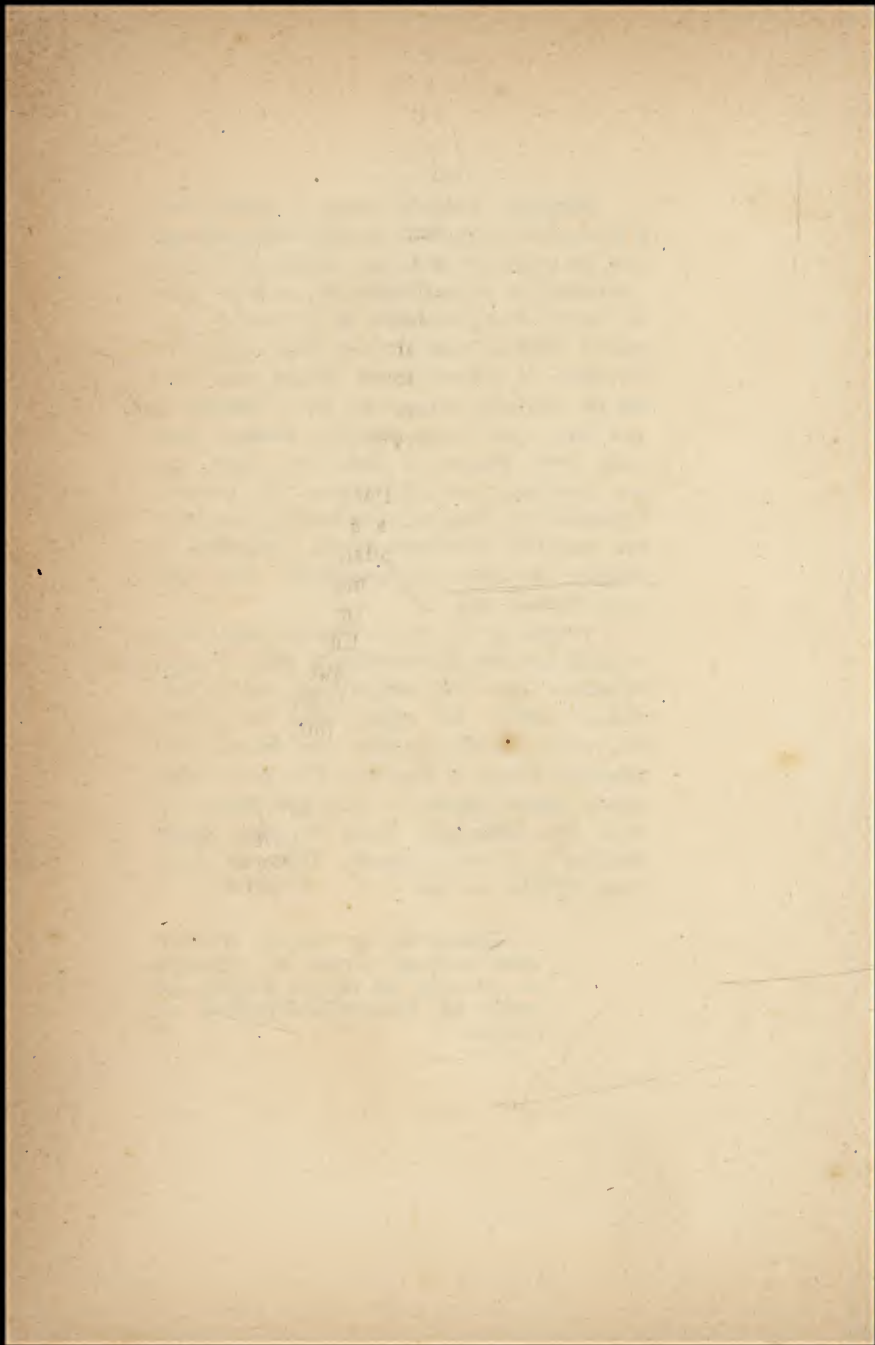


Ninguém imagina como eu quero bem a isto, como acho isto bonito! Este sol que não se cansa de nos dar beleza e fartura e dengue às nossas mulheres, palavra que, às vezes, tenho vontade de o adorar porque é verdadeiramente um deus! Qual literatura! Si vocês querem poesia, mas poesia de verdade, entrem no povo, mettam-se por ahi, por esses rincões, passem uma noite num rancho, á beira do fogo, entre violeiros, ouvindo trovas de desafio. Chamem um cantador sertanejo, um desses caboclos destorcidos, de alpercatas e chapéo de couro, e peça-m-lhe uma cantiga. Então, sim.

Poesia é no povo. Poesia para mim é agua em que se refresca a alma e esses versinhos que por ahi andam, muito medidos, podem ser agua, mas de chafariz, para banhos mornos em bacia, com sabonete inglez e esponja. Eu, para mim, quero aguas fartas — rio que corra ou mar que estronde. Bacia é para gente mimosa e eu sou caboclo, filho da natureza, criado ao sol.

*Palavras de Sylvio Romero
apud Coelho Netto no discurso
de recepção de Osorio Duque Estrada na Academia Brasileira de
Letras.*





CANTADORES são os poetas populares que perambulam pelos sertões, cantando versos próprios e alheios; mórmente os que não desdenham ou temem o *desafio*, peleja intellectual em que, perante auditorio ordinariamente numeroso, são postos em evidencia os dotes de improvisação de dois ou mais vates matutos. Os generos poeticos de que commumente se soccorrem os cantadores são as «*obras* de seis, sete ou oito *pés*», o *moirão*, o *martello*, a «*obra* de nove por seis», a *ligeira*, o *quadrão*, o *gabinete*, o *galope*, a *embolada*, e o «*dez pés* em *quadrão*».

A «*obra* de seis *pés*» é a sextilha de versos de sete syllabas. *Obra* é qualquer estrophe; *pé* é o verso, a «linha».

O *moirão* póde ser de cinco ou sete pés. É calcado em versos de sete syllabas e implica o desafio, pois é em forma dialogada. No *moirão de cinco* o cantador *A* profere um verso; o cantador *B* diz outro; o cantador *A* canta, afinal, mais tres, perfazendo a *obra*. Assim:

A — Vamo cantá o moirão



B — Prestando toda atenção

A — Que o moirão bem estudado
É obra que faz agrado
E causa sastifação.

No *moirão de sete* cada cantador diz inicialmente dois versos, em vez de um:

A — Vamo cantá o moirão
Para o povo apreciá.

B — Me diga logo o assumpto
Em que nós vamo cantá.

A — Meu collega, dê começo
Que eu apenas me offereço
Só mêmro pra acompanhá.

Uma «*obra de seis pés*»:

Agora vêi-me á lembrança
Os *passo* do meu sertão:
Pomba de bando, aza branca,
Marreca, socó, carão,
Tambem o *passo* pombinha,
Arara e corrução.

Uma «*obra de oito pés*»:

Gancho de pau é furquía,
Catombo de pau é nó,
A franga poz — é gallinha,
O fumo relado é pó,
Peitica cantou é chuva!
Pê de boi é mocotó,



Summo de canna é cachaça,
Pé de guela é gógó.

O martello é o descante de toada rapida, preferido para as pelejas violentas. É feito, geralmente, em decimas. Si a decima é de versos de cinco syllabas, chama-se *embolada*; si de sete, «dez pés em quadrão»; si de dez, *gabinete*.

Uma *embolada*:

Sou cobra de veado,
Esturro de leão,
Fiz pauta c'o cão,
Matô envenenado,
Sou desembraçado,
Eu estrúo gente,
Sou que nem serpente,
Rife carregado...
Cantadô lesado
Mato de repente.

Um «dez pés em quadrão»:

A minha cadença é pouca
Mas se comprehende a fala...
Havendo briga na sala,
Furo até no céu da bocca!
Muita gente fica louca
Vendo eu mettido em questão...
Eu, desfoiando o facão,
Paz a ninguem eu não peço,
Eu viro gente ás avesso
Neste dez pés em quadrão.



Um gabinete:

Sinhô dono da casa, dê licença
Para eu dá neste cabra em seu salão,
Fazê elle beijá a minha mão,
De joêio pedi a minha bença!
Deixe eu me espaiá, pois elle pensa
Que me atura uma hora no martello...
Hoje eu metto este bicho no cutello,
Do couro deste cabra eu faço manta
E deixo os ósso delle num farello...

Afora estes tres generos de *martello*, há
ainda o *galope*, isto é, a sextilha de decasylla-
bos:

Josue, o que isso? amansa, mano,
Que eu creio numa coisa é quando vejo...
Uma onça pra mim é uma pulga,
Um tubarão pra mim é um percevejo,
E um tiro de rifê é caçoadá,
É merenda de vim, de doce e queijo...

A *ligeira* é a quadra bipartida, de versos
de sete syllabas, com a rima obrigatoria em
á e precedida do refrão «*Ai, d-a dá*». Quando
em vez de dois, se canta alternativamente só
um verso, é o *quadrão*:

Ligeira:

A — *Ai, d-a dá!*
Collega, pinique a pôlda
Si. quizé me acompanhá.



B — Ai!

Essa minha bola vêia
Quanto eu mais puxo mais dá...

Quadrão:

A — Meu povo, preste atenção!

B — Agora é que eu vou cantá...

A — Eu vou te dá um ensino...

B — Eu é que vou te aquetá...

A «obra de nove por seis» é a estrophe de nove versos, dos quaes seis têm sete syllabas; os tres restantes — o segundo, o quinto e o oitavo — têm tres. Exemplo:

Querendo mudá agora,
Sem demora
Noutra *obra* eu pego e vou!
O que eu quero é que tu diga
Que em cantiga
Eu sôu formado Doutô!
Vamo mudá de toada,
Camarada,
Quero vê si és cantadô...

Todos esses differentes generos de estrophes são cantados em toadas especiaes, que evitam se tornem monotonas as justas poeticas dos rhapsodos sertanejos.

No *desafio* é que se solidam as reputações dos bardos populares. Todo cantador deve



ser repentista: nem merece esse nome quem não é adestrado nas improvisações.

Não é a quadra amorosa ou gracil o que mais frequentemente cai dos lábios de inculto menestrel: é a sextilha petulante ou chistosa dos longos e sensacionaes desafios.

Foi Araripe Junior quem observou com acerto a característica de nossa poesia popular, apontando-a na «jogralidade, própria á vivacidade do caracter cearense e que, segundo Baptista Caetano, é oriunda dos tups». Qualificando de *simples desenhados humoristicos* os nossos romances sertanejos, Araripe graphou uma verdade ainda hoje, ou talvez hoje mais, observavel, pois quem na actualidade estudar, sem preconceitos de bairrismo, a poesia popular cearense chegará á conclusão de Carlos de Koseritz, respeito aos gaúchos: — nós não temos romances nem xacaras; a nossa poesia rustica é toda de versos faceis, quadras amorosas e sextilhas brejeiras. Como, no Rio Grande do Sul, dos velhos romances portuguezes só o da *Nau Catharineta* se conserva, e assim mesmo mutilado, na memoria do povo, no Ceará subsistem o *Rabicho da Geralda*, o *Boi Espacio*, a *Vacca do Burel* e raros outros.

Morosamente embora, a Civilização tem penetrado as terras interiores, matando paulatinamente as velhas tradições que tanto encantaram os commentadores de nossa vida primitiva.



O CEGO SYMPHRONIO

Um dos cantadores mais espontaneos com quem tive a fortuna de travar conhecimento foi o cego cearense Symphronio Pedro Martins, nascido no *Jaboty*, perto de Mecejana. Conheci-o na Fortaleza e o tive, varias vezes, commigo, fartando-me de notas interessantissimas sobre o folk-lore do Nordeste, pois elle conhece palmo a palmo os sertões de todos os Estados acossados pela sêcca.

Symphronio cegou quando tinha apenas um anno de idade e, o que parecerá quasi incrivel, raros cantadores encontrei com tão vasto cabedal de romances, cantigas e desafios, tudo maravilhosamente retido na memoria fidelissima. É a mulher do cégo repêntista que lhe lê, pacientemente, manuscriptos e folhetos até que elle os consiga recitar.

O cégo Symphronio é, acima de tudo, pe-rito improvisador. Ao chegar, á primeira vez, á minha casa, elle cantou, com a naturalidade de quem falava, estas sextilhas que eu anotei tachygraphicamente:



Anda já em quarenta anno
Que eu vivo sómente disso...
Achando quem me proteja,
Eu sou bom neste serviço:
Eu faço vez de machado
Em tronco de pau mucisso...

Esta minha rabequinha
É meus pés e minhas mão,
Minha foice e meu machado,
É meu mío e meu feijão,
É minha planta de fumo,
Minha safra de algodão...

Eu, atraz de cantadô,
Sou como boi por maiada,
Como rio por enchente,
Como onça por chapada,
Como ferrôl por janella,
Menino por gargaiada!

Eu, atraz de cantadô,
Sou como abêia por pau,
Como linha por agúia,
Como dedo por dedal,
Como chapéo por cabeça,
E nêgo por berimbau.

Eu, atraz de cantadô,
Sou como vento por praia,
Como junco por lagôa,
Como fogo por fornaia,
Como piôl por cabeça
Ou pulga por cós de saia!

Feita está original apresentação e quando já
eu possuía a certeza de ter diante de mim admi-



ravel profissional do canto, arrastado a esse genero de vida beduina, não sómente por motivo da cegueira que o inhibia de mistéres outros, mas ainda por natural tendencia de aproveitamento do excelso dom com que a Natureza o compensára da perda da visão; quando percebeu que eu já estava capacitado do valimento de seu estro, Symphronio começou a falar-me dos cantadores que tivera de enfrentar em suas ininterruptas peregrinações. Do seu encontro com o cégo pernambucano Elias Ferreira, elle me repetiu esta introduccção:

— Symphrone, vae me contando
Que é que tu anda fazendo:
Si anda dando ou apanhando,
Si anda comprando ou vendendo,
Si anda bebendo ou jogando,
Si anda ganhando ou perdendo.

— Elias, eu lhe declaro
E a todos que tão olhando:
Me acho na terra alêia
Nem bebendo nem jogando,
Nem ganhando, nem perdendo...
Ando mas é vadiandol

Falei-lhe, incidentemente, do famoso cantador Joaquim Wenceslau Jaqueira, que, de há muito, emigrára para a Amazonia. Eu conhecia de Jaqueira esta quadra:

A mió das invenções,
Que eu achei mió producto,
Foi a invenção do relajo
Marcando hora e minuto.



Symphronio informou-me que «Jaqueira, toda vida, foi um cabra da réde rasgada», jogador e bebedor. E referiu-me que o mesmo, assim fizera a sua estranha *profissão de fé*:

Eu andei de déo em déo
E desci de gaio em gaio...
Jota a-Já, *queira* ou não *queira*,
Eu não gosto é de trabaio...
Por tres coisa eu sou perdido:
Muié, cavallo e baraio!

Depois de novamente haver afinado o instrumento, Symphronio avisou-me que me ia falar de si mesmo. E cantou a peleja que tivera em Sobral com o cantador Manoel Passarinho:

Meu povo, preste atenção,
Vou contá o que se deu,
Ninguém fique duvidando,
Juro como aconteceu,
Vou contá de um agora
Cantô que cantou mais eu.

Fazem dezenove anno
Que eu cantei mais esse tal,
Elle dizendo que era
Nascido lá no Arraial,
Porem a nossa peleja
Se deu com nós em Sobral.

Foi isso um dia de sabbo
Quando na cidade entrei;
Pela dez hora do dia
No Jaybara passei;
Convíte p'ra cantoria
Na mesma tarde encontrei.



P'r'a casa do Zé Taveira
Fui eu logo convidado,
Por um dito mano delle
Fui eu na rua encontrado;
P'r'a casa do mesmo home
Foi outro cantô chamado.

— Venha cá, seu Zé Taveira
Mais o seu mano Joãozim,
Quero que preste atenção,
Do grande ao pequeninim:
Eu diverti mais um cego
Para ensiná-lhe o camím...

— Venha cá, seu Zé Taveira,
Como chefe da famía,
Do grande ao pequeninim
Oçam minha cantoria...
O home que não tem vista
Só pode andá tendo guia!

— Ceguinho, afine a rabeca,
Pode acostá-se á parede:
Vem dicomê, mata a fome...
Vem aluá, mata a sêde...

— Cantadô, você me diga,
Cumo tá no meio dos home
E não é meu conhecido,
Me diga cumo é seu nome.

— Eu sou Manoel Passarinho
Féli da Costa Soare;
Engulo braza de fogo,
Pego curisco nos áre,
Jogo pau, quebro cacete
Com cinco ou seis que chegáre.



-- Meu nome é Symphronio Pedro,
Martim é meu sobrenome;
Bóqué de noiva assucena,
Cravo branco, amô dos home,
Feijãozim farta-guloso
Ê com quc se mata a fome...

— Symphrone, mc conta logo
A tua disposição!
Oia que eu carrego o saibro
Das tuas informação,
Andas com fama dc duro
Aqui pelo meu sertão...

— Eu não sei si será falso
E si é exacto não sei:
Mas cantô que me açoitasse
Ainda não encontrei!
Pode sê que eu inda encontre,
Ate honte eu não achei...

— Symphrone, si eu me zangá,
Passo-te a peia no lombo,
Dou òres tapa — são tres queda!
Tres empurrão — são tres tombo!
Si eu puxá por minha faca,
Não tem quem te contc os rombo...

— Não é com essas asneira
Que eu deixo de divertí...
Quem conhecê não te compra,
Eu nem quero descobrí...
Mas o cão é quem faz conta
De dez da fêlpa de ti!

— Cego, tu qué te mettê
Em camisa de onze vara?



Quem com Passarinho arenga
Apanha, de mão na cara...
Em balança eu sempre peso,
Dez cégo não dão a tara!

— Nunca vi barco sem vela
E nem doente sem ança...
A onça, tando acuada,
Ninguém pega com lambança!
Vigie que falá é fôrgo,
Obrá precisa sustança...
Eu de dez não faço conta,
Quanto mais de uma creança...

— Por causa da confiança
Foi que eu vi um pequenino
Açoitá um home idoso,
Cumô você — sem ensino — ...
Cumô não tomou emenda,
Morreu nas mão dum menino.

— Você tá fazendo arte
De eu mettê-lhe em sujeição,
Chamo aqui por dois soldado
E te boto na prisão...
Você preso não é nada,
O diabo é levá facão...

— Você ficando mais véio
E ainda arrenovando,
Tornando a nascê dez vez,
Todas dez se baptisando,
Todas dez vindo cantá
Todas dez sai apanhando!...

— Orêia de abaná fogo,
Cabeça de batê sola,



Pestana de porco ruivo,
Queixada de graviola,
Cannela do massarico,
Pé de macaco da Angola!

— Venta de pão de cruzado,
Bucho de camaleão,
Cara de cachimbo crú,
Pescoço de garrafão,
Testa de carneiro môcho,
Fucim de gato ladrão.

— Passarim, si eu dé-lhe um baque,
Tenho pena de você:
Cai o corpo p'r'uma banda
E a cabeça — pode crê!
Passa das nuve pra cima,
Só volta quando chovê.

— Cantadô nas minhas uuha
Passa mal que se agonêia:
Dou-lhe almoço de chicote,
Janta pau, merenda pêia,
De noite ceia taponia
E murro no pé da orêia.

— Passarim, agora mêmo
Começou a carretia:
Eu vou entrá no teu couro
Que nem faça em melancia,
Cuié em mamão maduro,
Ou crimatã na agua fria.

— Este cégo só cantando
Por arte do capirôto!
Agora é que eu reparei
Que este sujeito é canhôto...



Eu vou sahindo de banda
Sinão eu saio é de chôto.

Nunca consegui de Symphronio quadras amorosas ou brejeiras. Elle se fingia de desentendido e eu insistia: — «Symphronio, eu quero umas quadrinhas assim:

Morena, você me mata
Com esta graça que tem...
Você fica criminosa
E eu sem você, meu bem!»

Debalde. Symphronio sempre se desculpou dizendo que «mulhier era bicho que não vivia no seu sentido» e, pobre cégo! explicava que «o que olho não vê — coração não deseja»...

Uma vez, fil-o bater-se com Jacob Passarinho. Enlevado pelo brilho da interessante justa, não annotei os repentres dos dignos rivaes. Mas ainda me canta aos ouvidos este lance pathetico:

— Symphrone, o pobre de um cego
Não me aguenta na vida...
Dcixa está que eu vou na frente,
Tu vem atraz, na batida.

— Passarinho é de ôio acceso,
Symphrone é de ôio apagado:
Mas Symphrone sai se rindo,
Passarim sai sabugado!

Aqui reproduzo uma das muitas cantigas que ouvi do cégo Symphronio. É a reprodução do desafio que Jeronymo do Junqueiro di-



zia ter tido com a celebre cantadora Zefinha do Chabocão:

Quando estralou a notícia
Que o fama tá na ribêra,
Era tanto do cantô
Que enchia o quadro da fêra:
Accudiu Antonio de Salle
Mais o Gerome Morêra;
Accudiu Antonio Pendença,
Santiago de Olivêra;
Accudiu o Virgolino
E o Romano do Teixêra;
Herculano de Messia
Cego Vicente Barrêra,
E o Fausto Correia Lima
Das Lavra da Mangabêra.

Nenhum destes me passou
O pé adiente da mão;
Só achei duas mulhére;
Tinha a pintura do cão;
Naninha Gorda dos Brejo,
Zefinha do Chabocão.

Eu tava numa função
Na fazenda «Cacimbinha»,
Quando vejo um positivo
Pedindo notícia minha,
Dando um recado atrevido,
Que me mandava a Zefinha.

Nesse tempo eu era limpo,
Mettido um tanto a pimpão,
Vesti-me todo de preto,
Calcei um par de calção,



Botei chapéo na cabeça
E um chapéo de sol na mão;
Calcei os meus bruziguim,
Ageitei meu correntão,
Nos dedo da mão direita
Levava seis annelão,
Tres meu e tres emprestado:
Ia nestas condição...

Quando eu cheguei no terreiro
Um moço vêi me falá:
«Cidadão, se desapeie,
Venha logo se abancá,
Faz favô de entrá pra dentro,
Tome um copo de aluá».

Me assentei perante o povo,
(Parecia uma sessão)
Quando me saiu Zefinha
Com grande preparação:
Era baixa, grossa e alva,
Bonita até de feição;
Cheia de laço de fita,
Trancellim, collá, cordão;
Nos dedo da mão direita
Não sei quantos annelão...
Vinha tão perfeitazinha,
Bonitinha como o cão!
Para confeito da obra:
Uma viola na mão.

Ahi, chamáro p'r'a janta,
Eu fui p'ra comparecê:
Levava o bocado á bocca
Mas não podia descê,
Maginando na vergonha
Que eu havéra de soffrê,



Andando na terra alêia
E uma muiê me vencê...

Quando me saiu Zefinha
Correu a vista e falou:
— «Vão logo me ispilicando
Quem é o tal cantadô!»

Ahi, virei-me p'ra ella
E disse, um tanto vexado:
— Senhora D. Zefinha,
Si eu não estou enganado,
Tá conversando com elle:
Sou eu — seu servo e criado!

— Gerome, si tú subesse
Em que precipiço vinha...
Tú nunca viste falá
Na fama da tal Zefinha?!...

— Senhora Dona Zefinha,
Eu não lhe vim fazê guerra!
Vim, mas foi accrescentá
O prazê na sua terra...

— Mais porem eu, seu Gerome,
Não quero accominodação...
Lhe peço, até por bondade,
Que não tenha compaixão!
Ha muito, tenho notiça
Que o sinhô é valentão,
É uma tirana-boia,
Um besouro de ferrão,
Uma onça comedeira,
Um horroroso leão...
Eu hoje quero mostrá-lhe
Que mato sem precisão:



Deixo-lhe o corpo furado,
Só renha de papelão...

— Senhora Dona Zefinha,
Não precisa disso, não...
Vamo cantá irmanado
Que o mió é se tê mão...
Não sou cantô afamado,
Isso é 'titos que me dão...

— Mal empregado eu morrê
E não ficá pra semente!
Vamo vê lá, seu Gerome,
Bote seu sermão pra diente
Que já tá chegando a hora
De eu ficá c'o couro quente...

— E cumo quizé, Zefinha,
O meu sermão vai pra diente:
Tambem gosto de cantá
Com quem pensa que é valente!...

— Me responda, seu Gerome,
Aonde sois moradô,
Em que província nasceu,
Que Matriz se baptisou,
Cumo se chama seu pae,
Mãe e madrinha e avô.

— Senhora Dona Zefinha,
Eu dou conta do recado:
Na província Ceará
Eu fui nascido e criado;
Na Matriz do Livramento
É onde eu fui baptisado;
O nome de meus antigo
Não digo, não sou lembrado...
Mas eu me chamô Gerome,



O outro nome é Andrade,
O terceiro é Macahuba,
Pcdra-lispe envenenado...

Ella ahi me arrespondeu
Largando de rijo a taca:
— Gerome, tú tás doente,
Toma purga de jalapa,
Quebra o ovo e bebe a gemma
Que tú dessa não escapa...

— Senhora Dona Zefinha,
Eu sou inoleque teimoso,
Sou pobre, dou-me a respeito,
Sou preto, porém mimoso...
Vou lhe dá um enxarope
De nove pau amargoso:
Parrcira com manacá,
Gordião com fedegoso,
Milome com cabacinha,
Melão-caetano verdoso,
Pereiro com quina-quina,
São nove pau rigoroso...
Tudo isso é bom remedio
P'ra quem soffre de nervoso...

— Geromê, eu tou conhecendo
Que você sabe cantá...
Você sabe e eu tambem sei:
Temo nós que desbulhá,
Temo nós que picá fumo,
Daqui p'r'a barra quebrá.

— Desgraçada da cantôra
Que eu lhe ganhá na batida...
Si eu não pegá no descanso,
Pego sempre na drumida;



Boto laço nas verêda,
Boto tinguí na bebida:
Você me paga o que deve
Ou um de nós perde a vida!

— Eu canto no mansidão;
Mas quando eu mudo o rotêro,
Tocó touro marruá,
Dou em gallo campinêro,
Açoito pirú de roda
Quando chega em meu terrêro.

— Zefinha, quando eu me assanho,
Sou gado do Piôhy...
Sou estreito como ganga,
Estiro: sou sarnambi...
Cheiro mais do que extracto,
Fêdo mais do que tipi,
Queimo que nem cansansão,
Travo mais do que oiti,
Amargo mais do que fel,
Mato mais do que tinguí...

— Vou fazê-lhe uma pergunta
P'r'o senhô me respostá:
Como é que a moça foge
Sem ella querê casá?

— Senhora Dona Zefinha,
Eu posso lhe ispilicá:
Ê o home que se casa
P'ra depois enviuvá;
A muié deixou dois fio,
Elle torna a se casá;
A madраста de judia
Bate o aço a judiá;
Um dia, vão a um passeio,



Entréte o dia por lá;
Os menino fica em casa
Logo pega a conversá:
«Maninha, nós temo vó
Que podia nos criá,
P'ra botá nós numa escola,
P'ra nos mandá ensiná;
Vive-se aqui nesta casa
Morrendo só de apanhá,
Dormindo só pelo chão,
Sem tê onde se deitá...
A moça pensou naquillo,
Foi p'ra dentro se arrumá,
Foi-se embora mais o mano:
Fugiu sem querê casá...

— É isso mesmo, Gerome,
O sinhô sabe cantá:
Qual foi o bruto no mundo
Que aprendeu a falá,
Morreu chamando Jesus
Mas não poude se salvá?!...

— Isso nunca foi pergunta
Pra ninguém me perguntá:
Foi o papagaio dum véio
Que elle ensinou a falá:
Morreu chamando Jesus
Mas não poude se salvá...

— Pois eu agôfa, Gerome,
Numa pergunã lhe enterro:
Quero que Você me diga
O que é mais duro que ferro:

— Zefinha, tua pergunta
É besta já por demais:



O que é mais duro que ferro
E nenhum ferreiro faz
É a palavra do home,
Inda que seja um rapaz:
Trinca o ferro e se arrebeta,
O home não volta atrás!

— Gerome, tú pra cantá
Fizesses pauta c'o cão...
Qual é o passo que tem
Nos alto do teu sertão,
Que dança só enrolado
E solto não dança não,
Dança uma dança firmada
C'um pé sentado no chão?

— Zefinha, eu lhe digo o passo
Que tem lá no meu sertão,
Que dança só enrolado
E solto não dança não,
Dança uma dança firmada,
C'um pé sentado no chão:
É folguêdo de menino,
É carrapeta ou pinhão...

— Si Você é cantadô,
Si você sabe cantá,
Me responda num repente
— Si pedra fulorará.

— Se pedra fulorará
Eu lhe digo num repente:
Ao depois de Deus querê,
Fulóra e bota semente.

Ahi, eu fui me enjoando
Dessas pergunta abestada



E disse: — «Dona Zefinha,
As sua tão interada,
Agora vou fazê uma
Quero ella respogada:
Qual foi a fôia no mundo
Que Deus deixou sem béráda?

— Gerome, deixa de coisa...
Não duvido de ninguem,
Mas fôia sem ter béráda
Eu juro como não tem.

— Senhora Dona Zefinha,
A dona não canta bem...
Pergunte a quem adivinha
Que eu não pergunto a ninguem,
Veja a fôia da cebôla:
Nenhuma béráda tem!

Julgo fechar com chave de oiro as referências ao cégo Symplironio publicando a tradicional «Cantiga do Villela», tal qual elle m'a repetiu. Essa conhecida lenda sertaneja inspirou numerosas cantigas. Jacob Passarinho e Serrador, por exemplo, cantam variantes. O cégo Aderaldo garante que a primeira «Cantiga do Villela» foi composta pelo cantador Mánoel da Luz, de Bebedouro. Symphronio assegurou-me que a sua é que é a verdadeira, «a boa, a legitima de Braga», e accrescentou que a havia aprendido de Jaqueira.

José de Alencar em «O nosso cancioneiro», publicado em 1874, amalgamou em uma as cinco versões diferentes do romance de vaqueiros *O rabicho da Geralda*. Em defesa do que fizera, Alencar escreveu: — «Na restauração das





Da esquerda para a direita : Serrador, o cego Symphonion, o cego Aderaldo e Jacob Passarinho.
Ao centro, de pé, Leonardo Motta.

CANTADORES.



Dois os retratos de Tereza. Encontra-se no
Luz, Alameda da Bahia - Na reprodução das

cantigas populares creio que se deve proceder de modo identico á restauração dos antigos painéis. Onde o texto está completo é sómente espol-o e raspar alguma crosta que porventura lhe embote a cor ou desfigure o desenho. Si apparecem soluções de continuidade, provenientes de escaras da tinta que se despregou da tela, é preciso supprir a lacuna, mas com a condição de restabelecer o traço primitivo».

Mas esta realização de Alencar mereceu as censuras de Sylvio Romero que, a proposito, escreveu: — «O maior defeito em que póde incorrer um collector da poesia popular é pretender corrigil-a, refazel-a. O interesse da poesia popular é todo ethnographico e para esse fim o mais apreciavel são as variantes de um mesmo canto, porque são ellas que nos habilitam a conhecer como cada população modificou, adaptou ao seu meio a lição primitiva».

Eis a integra da «Cantiga do Villela», a mim fornecida pelo cego Symphronio:

Meu povo, preste attenção
Ao que agora eu vou contá
De um home muito valente
Que morava num logá
E até o proprio gunvêrno
Tinha medo de o cercá.

Villela era natural
Do sertão pernambucano,
E elle, desde do principio
Que tinha o genio tyranno:
Commette o primeiro crime
Com a idade de dez anno.



Com doze anno de idade,
Numa véspe de S. João,
Villela mais o seu mano
Tivéro uma altercação:
Só por causa dum cachimbo,
Villela mata o irmão.

Com quinze anno de idade,
Passando tres ao depois,
Villela monta a cavallo,
Vai ao campo atraz duns bois;
Encontrou quatro rapaz:
Atirou num, matou dois.

Preparou-se p'ra caçá
Num domingo bem cedim,
Carregou a espingarda
Para matá passarim,
E na berada de um poço
Mata o fio de um padrim.

Casou com dezoito anno.
Com seis meze de casado,
Tando, um dia, trabaiando
Na derruba de um roçado,
Devido á queda de um pau
Villela mata o cunhado.

O Agente de Puliça
Tratou de o perseguí,
Sempre botando piquete
Mas Villela sem caí,
Porque sabia de tudo
Pois era filho dali.

O Agente de Puliça,
Vendo que não o prendia,



Escreveu p'r'a Capital
Vê o Chefe o que fazia,
E exigindo grande tropa
De linha e cavallaria.

Nisso, o Chefe de Puliça
Mandou-lhe trinta soldado,
Agraduou um Tenente
Com ordres de Delegado:
Morreu, não escapou um
Para trazê-lhe o recado.

Elle tornou a mandá
Trinta e um home iscuído,
Agraduou um Tenente,
Este era mais destemido:
Morrêro da mesma forma
Que os outro linha morrido.

Então, depois de seis mez,
Mandou outro conſtingente
Que tinha quarenta praça
E um cabo muito valente:
Escapou o corneta-mó,
P'ra se acabá de doente...

Este, chegando no Corpo,
Espaiou na Companhia
Que era asnêra mandá tropa
Que o home ninguem prendia,
Que a força levava tiro
Sem sabê de onde saía...

Fala o Alfere Negreiro
Ao Fiscal do Bataião:
— «Basta o Commandante dá-me



Um mandado de prisão!
Eu mostro si esse Villela
Visita a cadeia ou não!...»

Disse o Commandante a elle:
— «Alfere, a coisa é medonha!
Você, cumo se offerece,
Acho boim que se disponha:
Você vai, não traz o home,
Chega aqui, me faz vergonha...»

O Alfere diz a elle:
— «Eu sei porque me offereço;
Deixe eu escuiê a escolta
De soldados que eu conheço:
Si eu não trucé preso ou morto,
Nunca mais que eu appareço!»

Tendo o mandado de orde,
Os soldado se arrumáro;
Na manhã do outro dia
Se despediro e marcháro;
Fôro com muito cuidado,
Com quinze dia chegáro.

O Alfere eutrou no Districto
Âs oito hora do dia;
Escreveu p'r'o Delegado
Que lhe mandasse um bom guia
Que lhe mostrasse o Villela
Que elle ali nada sabia.

O Delegado, em pessoa,
Saiu andando até lá:
— «Seu Alfere, eu vim aqui
Somente lhe aconseiaá...



Si vem prendê o Villela,
Eu sou de accordo é voltá!»

O Alfere respondeu:
— «O sinhô logo não vê
Que esse pedaço de home
Que Deus consentiu nascê
Não morre ante de tempo,
Nem corre sem vê de que?!...»

Sai o Alfere vagando
Pelos campo do sertão...
Adiante encontra um rapaz
E dá-lhe voz de prisão:
— «Você me mostra o Villela,
Quer você queira, quer não!»

Lhe disse o rapaz chorando:
— «Que é que eu hei de fazê?
Eu von mostrá o Villela
Mas não certeza de que:
Tropa que cerca o Villela
O resultado é morrê»...

— «Siga, siga, rapazim,
Quando avistá a fazenda,
Chegue p'ra perto de mim,
Fale baixo que eu compreenda
Que é p'r'eu botá-lhe num canto
Onde bala não lhe offenda!»

Pelas dez hora da noite
Diz, de repente, o rapaz:
— «A casa do home é aquella
Pregada áquelles curraes,
Junto daquelles cercado,
Acostada por detraz».



Ahi, o rapaz foi solto
E a toda pressa voltou
Correndo de serra abaixo,
Sem medo dos tombadô:
Parece que criou penna,
Bateu as aza, voou...

Sau de ponta de pé
Tudo quanto era soldado...
Villela, como ispriente,
Na sua rêde deitado,
Accorda e diz á mulhé:
— Minha véia, eu tou cercado!

Fala o Alfere na porta:
— Villela, tem paciência!
Villela, me entrega as arma,
Eu não quero é violença...
Trata de compô a casa
P'r'eu fazê a diligência!

— Do tamanho que é a cosinha
Tambem pode sê a sala;
Da grossura do revólve
Tambem pode sê a bala...
Oio e não vejo ninguém.
Seu Alfere!
Quem diabo é que me fala?

— Villela, me abra a porta,
Deixe de machaveliça,
Conheça que tá cercado
Pela tropa da Pulça!
No Bataião me acompanha
Official de Justiça.



Seu Alfere Delegado,
Eu não engano ninguém!
Muito lhe agradecerei
Não me enganando também...
Queira dizê, não me engane,
Seu Alfere!
Quantas praças é que vem?

— Villela, eu não te engano:
Trago cento e oitenta praça,
Negro nascido em barúio,
Criado em mêi de desgraça...
Pra te mandá p'r'o outro mundo
Nem eu nem ninguém se embraça!

— Com cento e oitenta praça
Brigo em pé, brigo de cóca...
As bala estralando em mim
É mio abrindo em pipoca...
E eu dou meu pescoço á força,
Seu Alfere,
Si me achá uma barroca!

— Si qué sê preso com honra,
Se renda, não faça acção!
Vim lhe buscá preso ou morto,
Não quero escutá sermão...
Ou você me abre a porta
Ou vai vê ella no chão!

— Eu só fazendo comsigo
Cumô c'o corneta-mó:..
O mio que o sinhô faz
É ganhá os mororó!
Mas si é de quebrá-me a porta,
Seu Alfere,
Eu vou abrí que é mio...



— Villela, eu tenho comido
Toicinho com mais cabelo,
Mas o diabo é quem queria
Está hoje no seu pello...
Salte p'r'o campo de honra,
Dcixe, ao meno, eu conheçêl-o!

— Seu Alfere Delegado,
Largue de tanto zum-zum
Que o home que mata cem
Pode interá cento e um...
Eu hoje inda não comi,
Seu Alfere,
Com você quebro o jejum!

— Villela, você se engana,
Eu venho atraz de teu nome...
Tu és a trigue da terra,
Villela, mas não me come!
Devido á corage, não,
Villela, eu também sou home...

— Seu Alfere Delegado,
Vá procurá seu camim,
Vá criá sua famia,
Dcixe cu criá mcus fiím
Porque, si eu saí lá fora,
Seu Alfere,
Sei que lhe encontro sozím!

— Villela, eu* tiro-te a moda
De matá pra estruí...
Ainda mêrmo eu sozim,
Não te deixo escapulí!
Si não abre a porta, diga
Que é pra vê ella caí.



— Seu Alfere Delegado
Se mostra sê animoso...
Si não fô lambança sua,
Já vi home corajoso!
Mas botá-me a porta abaixo,
Seu Alfere,
Isto é que eu acho custoso...

— Villela, tem paciência,
Vigie que eu lhe falo séro:
Desta feita você segue,
(Isto é quero porque quero)
Ou em corda p'r'a cadeia
Ou em rêde p'r'o cimitéro!

— Seu Delegado, eu carrego
Commigo uma opinião:
Boi solto se lambe todo...
Eu não me entrego á prisão!
Quero mêrmo é que se diga,
Seu Alfere,
Morto sim, mas preso não!...

— Villela, me abra a porta,
Você só tem é relaxo...
Si você não abre, diga
Que é p'r'eu botá ella abaixo!
No encruzá dos batente
Teu sangue desce em riacho...

— Seu Alfere Delegado,
Conheça que eu não lhe engano:
Si botá-me a porta abaixo,
De dentro espírra tutano!
Si eu batê mão ao cangaço,
Seu Alfere,
Chove bala vinte anno!



— Villela, não seja besta,
Você não me faz terrô...
Eu trago é tropa de linha
Do Monarcha-Imperadô!
Eu lhe levo preso ou morto,
Sem você eu lá não vou!

— Seu Alfere Delegado,
Esta razão me agradou:
Você diz que é muito home,
Si é por home, eu também sou!
Previna o destacamento,
Seu Alfere,
Se prepare que eu já vou...

Quando o Alfere escutou
Bolí lá dentro nuns trem,
Previne á rapaziada:
— «Prepara que o home ahí vem!»
(Rodou a casa, sozim,
Não encontrou mais ninguém).

— Seu Alfere Delegado,
Sua canáia corrêro...
E o sinhô o que é que faz
Que não ganha os mamelêro?
Mêrmo aqui só canta um gallo,
Seu Alfere,
Que sou eu neste terrêro!...

Estando o Alfere oiando,
Notou que a porta rangiu,
Mas o escuro era tanto
Que elle oiou porem não viu...
Quando o Villela pulou,
Logo dois tiro partiu.



— Seu Alfere 'Dêlegado
Atira mais que um Majó!
Eu cuidei de atirá bom,
Mas elle atira mió...
Entrou um tiro no outro,
Seu Alfere,
Que me pareceu um só...

— Villela, que é que eu te disse?
O Alfere vêi não correu...
Fez negaça, desgraçou-sc'!
Boliu c'os quarto, morreu!
Você inda tâ renitente
Por não sabê quem sou eu...

— Seu Alfere Delegado,
Cadê a força que tinha?
Só o sinhô não correu!
Tanto soldado que vinha...
Quem chegou aqui por gallo,
Seu Alfere,
Vai voltá cumo gallinha...

O Alfere pegou no rife,
Ficou o tempo tinindo:
Era o dedo amollegando
E o fumaceiro cobrindo,
Batendo as bala em Villela,
Voltando p'ra traz zinindo...

— Seu Alfere Delegado,
Bote fora o cravinote!
Pensa o sinhô que me offende?
Isso é bala de badoque...
Hoje nem Jesus lhe livra,
Seu Alfere,
Da ponta do meu estoque!



Deixáro as arma de fogo,
Cada qual o mais ligêro;
Pegáro-se esses dois home
Em lucta pelo terrêro:
Os punhaes davam faisca
Que só forja de ferrêro!

— Seu Alfere Delegado,
Nós vamo á marge do rio,
Assolamo pau e pedra,
Parecemo dois novio;
Deixemo as arma de fogo,
Seu Alfere,
Já tamo é no ferro frio!

Com duas hora de lucta
O Alfere não presentiu,
Intropicou de repente
E num buraco caiu:
Villela saltou em cima
E, de malvado, se riu.

— Logo no primeiro salto
Perdeste o pé da chinella...
Que é do sinhô agora
Com minha mão na guela,
Com meu joêio em seus peito,
Seu Alfere,
E meu punhal na costella?!...

— Villela, não é vantagem
Matá um home á treição:
Você, por pegá-me agora,
Devido a um intropicão,
Vai me matá cumo home,
Porém por covarde não!



— Seu Alfere Delegado,
Bem cancei de lhe dizê...
Bem que eu tava descansado,
Viêro me aborrecê...
Hoje aqui só Deus lhe accode,
Seu Alfere,
Se prepare p'ra morrê!

Disse o Alfere consigo:
Ô meu Deus tão poderoso,
Tende compaixão de mim,
Eu sou pae e sou esposo,
Livrae a mim de engulí
Este bocado amargoso!

Que quando o Villela tava
Com elle munto entretido,
Pensando que d'ahí a pouco
Tivesse o Alfere morrido,
Saiu-lhe uma voz de parte:
— Não mate o home, marido!

— Saia-se daqui, mulhé,
Com o diabo de seus consêio!
Si o Alfere me matasse,
Você não achava feio...
Cummo eu tou matando elle,
Semvergonha,
Tú vem te mettê no meio!

— Marido, não mate o home
Que elle nem lhe deu motivo...
Jesus foi tão judiado,
Soffreu, não foi vingativo.
Si és de matá o Alfere,
Me mate, deixe elle vivo!



— Eu, quando ouvi as pisada,
Conheci que era você...
Certamente lá em casa
Não tem mais o que fazê!
Mêrmo em briga de dois home,
Descarada,
Mulhé não tem que ví vê...

— Marido, eu nem nunca vi
Um genio como esse teu...
Como é que tú qué matá
A quem nunca te offendeu?
Si a tua tenção é esta,
Solte elle e mate eu!

— Não sei o que tem mulhé,
Que todas são cavillosa...
Para brigá c'os marido
São damnada de teimosa!
Quando é p'ra fazê pedido,
Cara lisa,
Tu fica toda dengosa...

— Marido, não mate o home
Que é casado e tem família...
Você matando o Alfere,
Os innocent quem cria?
Veja que somo casado,
Pode preccisá-se um dia...

— Pois, então, diga ao Alfere
Que corra pelas estrada...
Sinão, elle sai daqui
Vendendo azeite ás canada!
Diga que a minha mulhé,
Seu Alfere,
Foi a sua adevogada!



Saiu o Alfere dali
Tristonho e desconsolado
Porque se via sozim,
Sem sabê dos seus soldado!
Com o desgosto que teve,
Morreu no matto enforcado!...

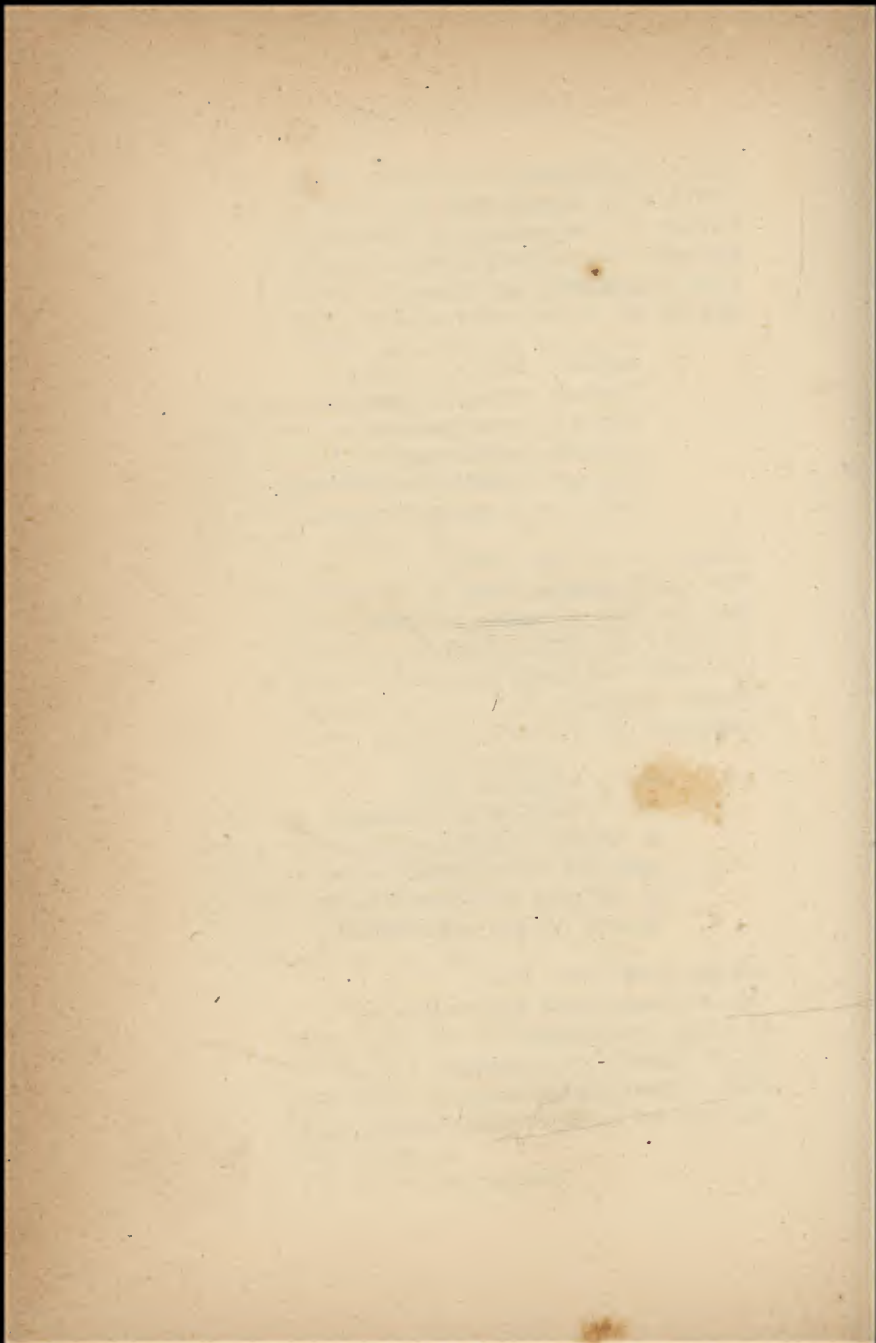
Acaba o Villela a briga
Tambem munto arrependido;
Saiu por detraz de casa,
Até dos fio escondido,
Que nem mesmo a mulhé delle
Soube mais do seu marido...

Mulhé, eu fiz seu pedido:
Não matei aquelle home,
Mas me vou, de matto a dentro,
Me acabá de sêde e fome,
Vou comê das fruta braba,
Porque quero,
Daquellas que os bruto come.

Sai o Villela de casa,
Nos mattos escói um canto,
E ninguem nunca pensava
Que elle vivesse tanto...
E, ao cabo de quarenta anno,
Morreu Villela e foi Santo!

Alviça, meu povo todo,
Que a minha históra acabou-se:
O Alfere foi valente
E, de valente, enforcou-se!
Mais valente foi Villela:
Morreu, foi Santo e salvou-se!...





JACOB PASSARINHO

Jacob Alves Passarinho é um cantador cearense, nascido em Mutamba, perto de Aracaty. É branco e tem cerca de quarenta annos de idade. Ufano de sua côr e de saber ler e escrever, Passarinho desdenha os cantadores mestiços e negros e não se exhibe em ajuntamentos populares. Com difficuldade obtive d'elle a annuencia para cantar com o cego Symphronio; mas nunca consegui que se batesse com o negro Azulão em minha presença. E não era por medo que elle o deixava de fazer, mas por exaggerado orgulho de não ser mestiço. Agil repentista, varias vezes tive a prova de seus magnificos dotes de improvisador.

Certa occasião, pedi-lhe que me dissesse umas quadrinhas de amor. Para estimulal-o, recitei a trova lusitana:

Com amores me amofino,
Tenho um amor cada mez:
É esse o triste destino
De um coração portuguez!



Jacob Passarinho retrucou promptamente:

De amor a gente não muda,
De anno em anno, mez em mez!
Amor é que nem bexiga:
Só dá na gente uma vez...

Jacob Passarinho tem, entretanto, o defeito de não ser perito no dedilhar da viola. Elle mesmo o reconhece, pois é quem diz:

Quando nasceu, Passarinho
Trouxe quatro dote junto:
Ser branco, dar-se a respeito,
Tocar pouco e cantar muito.

Canto baixo, mas cantiga
Deste Jacob Passarinho
Não incommoda os doente,
Nem aborrece os vizinho.

O cantador aracatyense cultiva com relativa vantagem os trocadilhos e o jogo de palavras e phrases. São de sua autoria as cinco estrophes seguintes, arranjadas em torno de um dictado:

Cantador que dá-se a preço
Não se arêia nem faz troça;
Sujeito de bom calibre
Depois de velho remoça;
Quem beija a bocca de um filho
A bocca de um pae adoça.

Nossa Senhora é Mãe nossa,
Jesus Christo é nosso Pae.
Na minha bocca repente



É tanto que sobra e cai...
Quem beija a bocca de um filho
Adoça a bocca de um pae.

Mostro a quem vem e a quem vai,
Mostro a todos da jornada:
Mais vale quem Deus ajuda
Do que quem faz madrugada.
Quem beija a bocca de um filho
Deixa a de um pac adoçada.

Este mundo é uma charada...
Ai de mim, si Deus não fosse!
Repente em minha cabeça
Ainda não acabou-se:
Quem beija a bocca de um filho
Deixa a bocca de um pae doce.

Foi o inverno quem trouxe
Ao Ceará a fartura.
Eu, em casa de homem rico,
Gosto de fazer figura...
Quem beija a bocca de um filho
Deixa a de um pae com doçura.

Ainda de sua lavra são estas variações poéticas em torno dos treze numeraes primeiros:

Agora vou divertir,
Cantar fora do commum,
Canto brando e modcrado,
Sem zoada e sem zum-zum:
É oito, é sete, é seis, é cinco,
É quatro, é tres, é dois, é um.

Graúna não é anum,
Farinha não é arroz,



Francisco não é Casusa,
Agora não é depois...
É nove, é oito, é sete, é seis,
É cinco, é quatro, é tres, é dois.

Só por serdes vós quem sois,
Falo no bom Portuguesez...
Vão desculpando algum erro,
Ao menos por esta vez...
É dez, é nove, é oito, é sete,
É seis, é cinco, é quatro, é tres.

Faço o que nunca se fez!
Corre a fama e corre o boato
Deste meu falar moderno,
Brandinho, manso e pacato:
É onze, é dez, é nove, é oito,
É sete, é seis, é cinco, é quatro.

Todo nó cego eu desato,
Todo nó no dente eu trinco!
Cantador fica abestado
De reparar como eu brinco:
É doze, é onze, é dez, é nove,
É oito, é sete, é seis, é cinco.

O home que rapa a crôa
Ou é padre ou frade ou Rêis...
Eu p'ra cantar nunca tive
Dia, semana, nem mez:
É treze, é doze, é onze, é dez,
É nove, é oito, é sete, é seis.

Versejando com surprehendente facilidade,
Passarinho gaba-se de fazer a estrophe e de
imediatamente a *desmanchar*, ou como elle pin-



turescamente explica: — «de fazer a obra e, ao depois, virar a bicha às avéssa...» Consiste esse entretenimento em compor a estrophe de forma tal que, depois de recitada, possa ser repetida, mas invertidamente, isto é, a começar do verso derradairo. Aqui está um exemplo do difficil exercicio mnemonico do habilissimo troveiro:

Eu vi um lacrau de dente
C'um cinturão na cintura;
De um quarto de rapadura
Vi grillo fazer presente;
Vi um aruá contente
Mangando de um velho gato;
Vi morcego virar rato;
Vi cobra cortar vassoura;
Vi barata de thesoura
Cortando a baba de um pato.

Ou então:

Cortando a barba de um pato
Vi barata de thesoura;
Vi cobra cortar vassoura;
Vi morcego virar rato;
Mangando de um velho gato
Vi um aruá contente;
Vi grillo fazer presente
De um quarto de rapadura;
C'um cinturão na cintura
Eu vi um lacrau de dente.

Como essa decima lembrasse flagrantemente as da poesia «A bicharia», que Luiz Dantas Quesado me recitára como sua e enfeixára no



folheto «Glosas Sertanejas», fiz sentir isso a Passarinho, o qual me repetiu, então, o que já me haviam dito Azulão e o cego Symphronio, isto é, que aquella poesia é antiquissima e não da lavra do velho glosador residente em Barbalha...

Jacob Passarinho surprehendeu-me igualmente com a affirmação categorica de que a poesia «Fructas do Ceará», não é composição do Mestre Telles, cantador de Quixeramobim, que m'a impingira como propria. Para prova de seu asserto, Passarinho recitou-a toda e a *desmanchou*, acto continuo. Essa poesia que figurava nas minhas notas sertanejas, desde 1917, é a seguinte:

*Ubaia, ameixa, quixaba,
Velludo, murta, juá,
Herva moura, gordião,
Mari, côco, trapiá.*

Jaca, condessa e oiti,
Ingá, pitomba e cajú,
Lima, cabaça e imbú,
Palmeira, coité, piqui,
Pinha braba e murici,
Quixabeira e guabiraba,
Fruita de abóbra e mangaba,
Graviola e jatobá,
Uva, peroba, araçá,
Ubaia, ameixa, quixaba.

Mucunã e cajarana,
Urucú, jaramataia
E melancia da praia,
Mangaba, pinha e banana,



Fava e canna cayanna,
Cabacinha e croatá,
Canapum, maracujá,
Chique-chique e feijão brabo,
Mandacarú e quiabo,
Velludo, murta, juá.

Inhame, colé, cará,
Vinagreira, araticum,
Côco, catolé, girmum,
Maxixe, manga e croá,
Tomate, manipuçá,
Maripungo e algodão,
Carrapateira e pinhão,
Jurubeba, maniçoba,
Tambory, romã, caroba,
Herva-moura, gordião.

Laranja, manguibe, limão,
Lyro, jatobahy,
Morangaba e burity,
Côco da praia e melão,
Canna creoula e mamão,
Melancia e ananá,
Fruita de jacú, cajá,
Sabonete e macahuba,
Ingahy e carnahuba,
Mari, côco, trapiá.

Em decorar produções desta natureza e em as recitar sem titubeios, mesmo *às avéssa*, — como o faz Jacob Passarinho — os cantadores matutos manifestam o cuidado, muito seu, de cultivar a memória.

Jacob Passarinho verseja tão facilmente que, certa vez, como eu lhe tivesse solicitado os no-



mes de uma duzia de cantadores de valor, elle m'os forneceu em duas sextilhas, accrescentando o logar de residencia de cada um, nos Estados vizinhos:

Preto Limão em Natal,
Nogueira no Cariry,
Ignacio na Catingueira,
Bolino no Sabugy,
Romano lá no Teixeira,
Zé Duda velho em Zumbi.

No Curato *Pedra Azul*,
Na Alliança *João Quirino*,
Na Cachoeira *Cafussú*,
No Pirauá *Francelino*,
Na Paulista *Antonio Cruz*,
No Azevem *Marcelino*.

Apreciador dos trocadilhos, Jacob Passarinho refere um sem numero de torneios em que os mesmos figuram. A respeito de phrases de pronunciação embaraçosa, elle fala com enthusiasmo e diz que nellas é que se conhece quem tem *sustança*. A proposito, citou-me esta parte de um desafio do cantador piauihyense Zé Prezinho com o cego Aderaldo:

— Cego, agora eu vou mudar
Pra uma que mette medo!
Nunca achei um cantador
Que desmanchasse este enredo:
É um dedo, é um dado, é um dia,
É um dado, é um dia, é um dedo.



— Zé Pretinho, o teu enredo
Parece mais zombaria...
Tú hoje cega de raiva
E o diabo será teu guia:
É um dia, é um dado, é um dedo,
É um dedo, é um dado, é um dia.

— Cego, respondeste bem
Que só quem tinha estudado...
Eu também, por minha vez,
Canto meu verso aplumado:
É um dia, é um dado, é um dedo,
É um dedo, é um dia, é um dado.

-- Daqui a pouco, Zé Pretinho,
Te faço ganhar o bredado...
Sou bravo como um leão,
Sou forte como um penedo!
É um dedo, é um dado, é um dia,
É um dado, é um dia, é um dedo.

— Cego, agora inventa uma
Das tuas bellas toada,
Para ver si estas moças
Dão alguma gargalhada...
Todo mundo tem se rido,
Só ellas estão calada.

— Zé Pretinho, eu não sei mesmo
De voeê o que será...
Arrependido do jogo
Você é quem vai ficar:
Quem a paca cara compra
Cara a paca pagará.

— Cego, fiquei apertado
Que só um pinto num ovo...



Tenho medo de soffrer
Vergonha diante do povo...
Cego, a historia dessa paca
Faz favor dizer de novo?!...

— Digo uma è digo dez,
No falar eu tenho pompa,
Presentemente não acho
A quem meu martello rompa:
Cara a paca pagar
Quem a paca cara compra.

— Cego, teu peito é de aço,
Foi bom ferreiro quem fez!
Pensei que cego não tinha
No peito tal rapidez...
Cego, si não for maçada,
Repete a paca outra vez!

— Arre com tanto pedido
Desse preto capivara!
Não tem quem cuspa pra cima
Que não lhe caia na cara...
Quem a paca cara compra
Pagará a paca cara.

— Cego, agora eu aprendi,
Cantarei a paca já!
Tú pra mim és um burrêgo
No bico dum carcará...
Quem a paca... capa... paca...
Papa... pa... ca... pacará...

Uma gargalhada reboou entre os presentes
e Zé pretinho, furioso, avançou para o cego Ade-
raldo afim de o aggreir. Intervieram os cir-



cunstantes e Aderaldo, animado das sympathias do auditorio, calmamente proseguiu, ironico:

Senhores, vocês que enxergam,
Me faça um pedidozinho:
Me dê noticia da fama
Do cantador Zé Pretinho!...
Eu hoje tirei-te o róço,
Arreda pra lá, negrinho,
Vac descansar teu juízo
Que o cego canta sozinho...

Desgraçado do cabôco
Que eu ganhar-lhe o mucumbú:
Tiro carne pra cachorro,
Carniça pra urubú,
Ao cabo de quinze dia,
Formiga faz mundurú...
Quem quizer que coma assado:
Eu como é assim mesmo crú!

Eu cantei com Zé Pretinho,
Fiz o bicho se calar...
Fiquei com a peia no braço,
Não tem mais em quem eu dar...

Quando eu vim da minha terra
Truce fama de vadio,
Truce leteiro na testa
Mode cantar desafio!

Commigo ninguem se engane
Nem queira divertimento
Que eu sou cego é da vista,
Não sou do conhecimento!...



Infelizmente, perdi numerosas decimas de Jacob Passarinho, as quaes todas terminavam assim:

É um sapo dentro de um sacco,
O sapo batendo o papo
E o sacco com o sapo *dento*.

Discreteando commigo acerca dos cantadores que conhecer e de que teve noticia através de sua existencia de rhapsodo, Passarinho me falou em não menos de cincoenta, em cujos nomes eu jámais ouvira falar.

De Jaqueira, Jacob Passarinho me referiu que o cantador alagoano dissera a um moço sertanejo, academico enamorado mas temeroso das responsabilidades do casamento e preocupado com o termino do curso medico:

Si vives, porque não vives
Com quem desejas viver?
O homem deve ser homem
Ou então deixar de ser...
Nem que elle viva cem annos,
Quanto mais vive mais vê,
Quanto mais vê mais aprende,
Nunca deixa de aprender!!!...

De João Martins de Athayde, Passarinho canta «O poder occulto da mulher bonita», de que são estas estrophies:

É a fonte salvadora
De qualquer situação!
Quem não crer nisto que digo



Pode prestar atenção:
Vê logo a realidade
E, com especialidade,
Si for n'uma procissão.

Qualquer um religioso
Querendo experimentar
Fazer uma procissão,
Sem a mulher ajudar,
Chegando em meio do caminho,
O santo fica sozinho,
Sem ter quem o carregar.

A mulher indo p'r'o meio,
Como é acostumada,
Anima-se todo mundo,
Ali não falta mais nada...
Da minha parte eu garanto
Que o povo carrega um santo
Que pesa uma tonelada!

Foi ainda Jacob Passarinho que me recitou este longo desafio composto por Leandro Gomes de Barros e atribuído a Manoel Serrador e Josué Romano:

— Senhor Manoel Serrador,
Vamos entrar em questão:
Nós somos dois candidatos,
Estamos numa eleição!
Hoje aqui há de se ver
Quem tem maior votação.

— Camarada, é como queira:
Onde eu achar brecha, eu entro!
Si acaso houver eleição,



Fique certo que eu vou dentro!
Bote quem quizer na porta,
Eu hei de ficar no centro!

— Serrador, dou-te um conselho
Só porque sou teu amigo:
Uma cobra te mordendo,
Não é tão grande o perigo...
Antes brigar c'o gunvêrno
Do que ter questão commigo!

— Eu andava atraz de ti,
Dêrna do mez atrasado...
Veiu um portador dizer-me
Que você 'tinha chegado:
Eu mandei abrir cerveja
Para quem trouxe o recado.

— E eu andava atraz de ti
Que só guaximim por canna,
Ou raposa por gallinha,
Ou macaco por banana,
Inglez por linha de ferro,
Ou preá por gitirana...

— É como quizer:
Estou preparado...
Mesmo desarmado,
Dou em quem vier!
Si você tiver
Força de Sansão,
Presa de leão,
Coragem dobrada,
Encontra uma espada
Igual á de Roldão.



— Você falou-me em Roldão...
Conhece dos Cavalleiros,
Dos Doze Pares de França,
Dos destemidos guerreiros?
Falarás-me alguma coisa
De Roldão mais Oliveiros!

— Sei quem foi Roldão,
O Duque Riguiné
E o Duque de Milão
E o Duque de Nemé...
Sei quem foi Galalão,
Bomfim e Geraldo,
Sei quem foi Ricardo
E Gui de Borgonha,
Espada medonha,
Alfange pesado.

— Já sei que o collega sabe
Destes acontecimento,
O que soffreu Carlos Magno,
Os seus enormes tormento...
Talvez conheça dos Pares
Tambem algum casamento.

— Todos conquistaram
Pelejas crueis,
E aos infieis
Todos derrotaram;
Alguns se casaram
Com turca pagã
Pela fê christã;
Roldão pela força
Casou c'uma moça
De Abderraman.



— Serrador, tú tás pensando
Que eu sinto algum embaraço?
Eu sempre assópro primeiro
E depois tiro o pedaço...
Hoje este povo ha de ver
O trabalho que eu te faço!

— Onde tem carneiro velho
Carneiro novo não berra!
Serrador é cantor velho,
Canta muito mas não erra...
Hoje é dia de eu mostrar
A força da minha serra...

— Tua serra não tem aço,
É bom você amolar:
As madeiras do meu sitio
Ella não pode serrar,
Ainda que tu penetres,
Vês os pedaço avoar.

— Josué, vae procurar
Desde o sul até o norte,
Escolha e traga madeira
Da qualidade mais forte,
Quero ver si tu tem pau
Que a minha serra não corte...

— Até hoje eu não achei
Cantor que pra mim viesse
E me obrigasse a seguir
Para onde eu não quizesse...
Tenho dado muita surra,
Mas nunca achei quem me desse!

— Eu honte tambem dei num
Que nunca tinha apanhado,



Certo é que vinha orelhudo
Porem vòltou «assignado»,
Era assim que nem você:
Vivia sempre enganado!

— Serrador, fique sciente
Que, inda nascendo outra vez,
Cantando em diversas língua,
Italiano ou Francez,
Traga mais dois Serradores
Que eu açoito todos tres.

— Eu, inda estando doente,
Sem poder me alevantar,
Sem arma alguma na mão,
Você não pode chegar...
Basta saber da noticia,
Dá vontade é de voltar!

— Serrador, vou te prender
Na prisão dos cantador!
Triste de quem cair nella!
Isto é lá seja quem for!
Pois, daquella hora em diante,
Me conhece por senhor...

— Eu sei que nella eu não caio
Porque não tem quem me prenda!
Não há muro que eu não suba,
Nem peso que eu não suspenda...
Obra que eu arrebentar
Nem mesmo o Maldicto emenda!

-- A parede da muralha
Tem cem metros de largura,
Tambem tem um alicerce
Com bem trinta de fundura,



E do nível para cima
Mais de uma legua de altura.

— Eu chego lá c'uma broca,
Furo a parede no centro,
Abro cinco, seis buraco,
Boto dynamite dentro,
Toco fogo, avôa o muro,
Porque razão eu não entro?

— Inda que tu faças isso,
Fica coisa na mochila:
Tem uma cobra medonha,
Tem também um cão de fila
Que é ver um destacamento
Na defesa de uma villa!

— Pra tudo que lá tiveres
Tenho trabalho de sobra:
Boto bola no cachorro,
Bato o cacete na cobra,
Derrubo-te a fortaleza,
Escangalho a tua obra.

— Inda que tu faças isso,
Não fica o forte deserto:
Lá tem um braço de mar,
Tem também um rio perto;
Lá você morre afogado
Porque o cêrco eu aperto.

— Do rio eu faço um açude,
Faço uma ponte no mar,
Deixo tudo realengo
Para quem quizer passar...
No lugar onde eu habito
Tudo pode transitar.



— Inda que tú faças isso,
Inda tem outro perigo:
É uma tribu de cabôco
E um vulcão muito antigo,
E um grupo de cangaceiro
Que é perigoso inimigo.

— Os teus cabôco eu expulso,
Entupo o vulcão de terra;
P'r'o grupo de cangaceiro
Trago dois canhões de guerra,
Que só de um tiro que eu der
Derribo duas, tres serra.

— Si os cangaceiros sentirem
Medo de alguma explosão,
Bota um piquete por fora,
Faz fogo no Batalhão,
Mata tudo que é soldado,
Toma canhão por canhão.

— Josué, não posso mais,
Deixemos para outra vez!
Tua cabeça é de ferro,
Sozinha vale por tres,
Teu pulmão é de metal,
Fogo não gasta em dez mez.

— Collega, eu bem que dizia,
Eu bem estava lhe avisando...
Meu peito ainda está forte
E as idéa estão chegando!
Mas tu não pode, collega,
É bom ficar descansando.

— Eu via o povo falando
Em Josué do Romano,



Cuidei que para cantar
Não tinha tão forte plano:
Tem o pulmão de metal,
Fogo não gasta em dez anno!

— Eu também tinha um engano
Com Manoel Serrador:
Cuidei que para cantar
Não tinha tanto valor!
Quem se metter — abra o olho!
Isto é lá seja quem for.

Jacob Passarinho não me soube assegurar
de quem fôra este feliz lance de desafio:

— Me responda esta pergunta
Que eu nunca fiz a ninguém:
Duzia e meia de cangalha
Quantos cabeçote tem?

— Canta o gallo no poleiro,
Grita o mocó no serrote,
Urra o touro na malhada,
Rincha o paidégua no lote:
Duzia e meia de cangalha
Tem trinta e seis cabeçote.

— Cantador que nem você
Pode chegar de magote:
Eu faço delle um cari,
Rebento logo o cangote...
Na toada da rebeca
Minha lingua dança xóte!

— Cantador que nem você
Eu puxo p'r'a estrivaria



E, embora eu tenha trabalho,
Corto capim, todo dia...
Eu também, quando me zango,
A língua dança quadria...

Emerito cantador de trovas, Jacob Passari-
nho forneceu-me grande numero de quadrinhas,
entre as quaes:

Fui á fonte beber agua
Debaixo duma latada,
Somente para te ver
Que a sede não era nada...

Esta noite eu não dormi
Nem hoje inda tive somno,
Somente de maginar
Si meu bem tem outro dono...

Meu bem, eu não sei porque
Tanto mal'stão nos querendo:
Só si é porque 'stão vendo
Que eu quero bem a você!

Arruda também se muda
Dos campos para o deserto;
Quem não pode amar de longe
Tambem pode amar de perto.

Quem tem amor escondido
Grande tormento padece:
Passando por seu bemzinho,
Fazendo que não conhece...

Senhora dona da casa,
Não sei que nome lhe ponha:



Cabellos de Magdalena,
Olhos de Santa Apellonia...

Eu vi teu rastro na areia,
Me abaixei, cobri c'o lenço...
Por causa de teu respeito
Vivo nos ares suspenso.

Menina dos cachos pretos
Derramados pelas costa,
Aquillo que eu te falei
Quero saber da resposta.

Meu bem, não viva tão triste,
Viva alegre, tenha fé
Que aquillo que eu lhe falei
Só si Você não quizer...

Ando atraz de quem me queira,
Não de quem mim tem dó...
No mundo tem muita gente,
Você não é gente só!

Toda maré enche e vaza,
Deixa a praia descoberta...
Vai-se um amor e vem outro:
Nunca vi coisa tão certa!

Rematarei as referencias a Jacob Passari-
nho, alludindo aos versos que d'elle ouvi e do
cego Aderaldo, quando nos fizemos os tres pho-
tographar. Eu lhes havia recommendado que to-
massem a attitude em que costumavam cantar
e não se preoccupassem com o «retratista». Para
maior naturalidade da photographia, quiz que a



mesma reproduzisse um flagrante de desafio.
Foi quando dos espontaneos menestreis colhi
estas estrophes:

P. — Ceguinho, preste atenção,
Repare o que está fazendo!
Você, como não enxerga,
Canta porem não está vendo:
Vigie que a nossa cantiga
O Doutor tá escrevendo...

A. — Si elle estiver escrevendo,
Eu nada posso fazer:
Sou cantador de improviso,
Elle bem deve saber...
Si *seu* Doutor achar graça,
É mangando de você...

— Mangando de min? Duvido!
Deixe dessa moda feia:
Tu morre e não perde o sestro
De falar da vida alheia...
Elle manga é do cigarro
Que tu tem atraz da orêia.

— Passarim, avôe mais baixo
Quando ocê cantar mais eu...
Eu quero arrancar-lhe o bico
E as penna, só de judeu!
Invejoso, este cigarro
Foi *seu* Doutor que me deu!

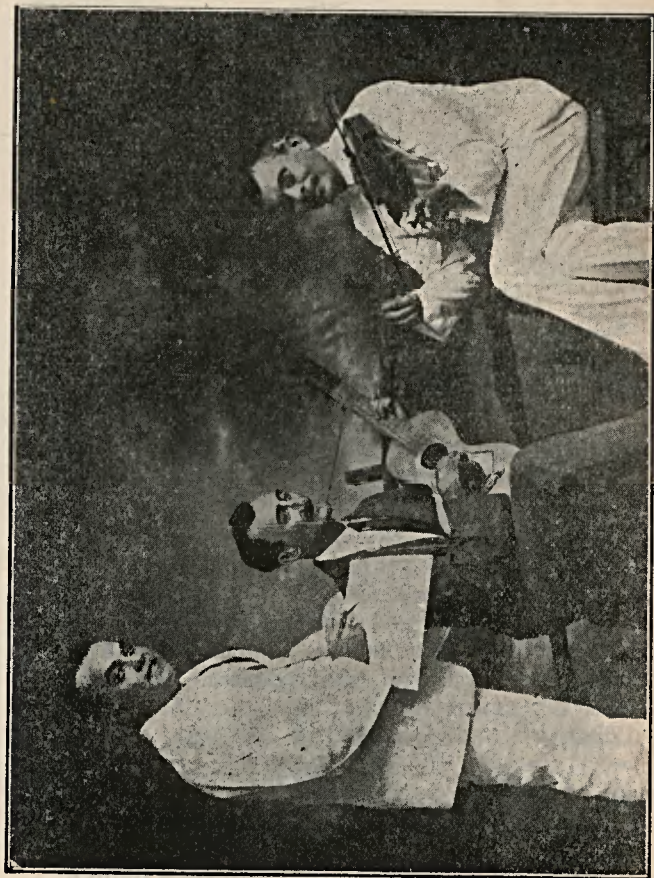
— Pra tirar este retrato,
Andei legua e meia a pé,
Mas só tiro com você
Porque o Doutor é quem quer:



Cego assim de pincenê
Parece é com caboré!

— Passarim, venha mais manso
Sinão tú paga o que deve...
Quem conhece a minha força
P'r'o meu lado não se atreve!
Repente em minha cabeça
É olho dagua que reve...





Leonardo Motta assiste a um desafio do cego Aderaldo com Jacob Passarinho (o do centro).

CANTADORES.

ões. Não raro terminam em uma de faca ou
seus desafios. Por isso, talvez, Jacob Passarinho

1945-1946

Objeto usado de guerra
Fotografia A. com. L. com. L.



AZULÃO

Azulão é o nome de guerra do cantador pernambucano Sebastião Candido dos Santos, negro retinto, imberbe, de uns trinta annos de idade.

Foi Azulão o mais jactancioso de quantos cantadores encontrei nos sertões do Ceará. Gabyava-se de não decorar os desafios que se attribuiam aos seus rivaes, nem as xácaras de composição dos mesmos. Quem possuia intelligencia como elle não precisava soccorrer-se da intelligencia alheia para se assegurar fama. Não decorava «porque não era menino de escola».

Uma das características de Azulão é o entono com que pronuncia todas as letras e syllabas de um vocabulo liediondamente deturpado. Surprehendente a altivez com que elle diz *cerconstança!* Às despedidas, em vez de desejar ao interlocutor saúde e felicidades, é certa a sua exclamação: — «Saúde e felicitações!»

Azulão é sempre desmedido nas suas aggressões. Não raro terminam em vias de facto os seus desafios. Por isso, talvez, Jacob Passarinho



o evitava. Uma vez, vi Serrador acovardar-se perante elle e chamal-o humildemente «Mestre Azulão». Mesmo cantando sosinho, Azulão alardeava bravuras inegualaveis.

Seguem-se algumas amostras do violento poetar do negro pernambucano:

Sempre foi triste o destino
De quem intima Azulão;
Eu, tanto no meu destino,
Faço túia de christão,
Quebro braço, toro perna,
Rejéto munheca e mão.

Azulão, se resolvendo,
Não respeita mãc nem pae:
Dá tapas que aleja a venta,
Queixo entroncha e lingua cai.

Eu sou cabôco de guerra
C'uma viola na mão!
Não quero guerra é de briga,
Mas de lingua eu sou o cão...
Eu fico mesmo esturrando,
Fico mostrando os brazão...
Pra brigá de ferro frio
Nãc sirvo, não presto não.

Foi coisa que eu nunca vi:
Rua de cabra valente...
Minha fama é na cantiga,
Sou feroz é no repente!
Collega, tome coidado,
Escute, fique sciente:
Eu, pegando um cantadô,
Sou pió que dô de dente!



Inda mesmo que tú fosse
Um Guilerme da Allemanha,
Um Imperadô da França,
De Portugal ou da Espanha,
Cantando com Azulão
Pode ví certo que apanha.

A formiga bem que sabe
Qual é a fôia que come...
Collega, você repare,
Este meu consêio tome:
Ôi a pinta do meu ôio,
Vigie que eu também sou home!

Barriga de sôzo azedo, -
Pê de canção, mão de già,
Venta de têia emborcada,
Espinhaço de olaria,
Cara de bolacha doce,
Bocca de carga vazia.

Eu, encontrando um poeta
Querendo sê mais do que eu,
Pranto-lhe o pé na barriga
Que elle bota o que comcu.

Quem canta com Azulão
Se arrisca a perdê diploma!
Seja duro que nem aço,
Fica que parece gomma...
Não tem santo que dê geito,
Nem mêmrio o Papa de Roma!

No dia que eu me decido
Me pegá c'um cantadô,
Antes coisa de uma hora
Percuro um chiqueradô,



Digo a cile: — Se previna
Que hoje a lucta faz horrô!

Quando me faltá repente,
Falta tubarão no má,
Falta padre nas Igreja,
Falta Santo nos altá,
Falta frade nos convento,
E sceca no Ceará...

Quando me faltá repente,
Falta choque em puraqué,
Falta preso nas cadeia,
Romeiro no Canindé,
Falta ferrão em lacraia
E veneno em cascavé...

Quem vinhé cantá commigo.
Eu tando mêmo de panca,
Vindo menino ou rapaz,
Volta de cabeça branca...

Quem te chama «cantadô»
Chama xexem «meu dinhêro»,
Chama sapo «meu toicim»,
Chama ticaca «meu chêro»...

Pode cantá como queira
Que eu não fico dilurido,
Mas não dou mais meia hora
Que eu não vá-lhe ao pé do uvido.

Azulão recitou-me como de sua lavra a seguinte glosa:

*Hoje, no tempo presente,
Quem mais faz menos merece.*



Fiquei triste e impaciente
Ao chegà a conhecê
Que não se pode vivê
Hoje, no tempo presente...
Quem trabaia diligente
É quem premêro empobrece...
Neste mundo, é esta a marcha:
Da gente da classe baixa
Quem mais faz menos merece...

E logo, contradizendo-se, o cantador negro indagava si eu conhecia certos desafios e m'os recitava, annullando a gabolice de se não socorrer da inspiração alheia. Deixo aqui um trecho de agitada peleja entre *Ignacio da Catingueira* com *José Patricio*:

— Me baptisei por Ignaço
Da Siqueira Patriota,
Dou tapas que aleja venta,
Dou murros que descangota.

— Me baptisei por Ignaço,
Por alcunha Catinguêra,
Me criei no Piancó,
Mas aprendi no Teixêra.

— Ignaço, canta com geito
Que eu não sou de brincadêra:
Eu tórço braúna velha,
Faço facho de aroêra,
Piso pedra no pilão,
Faço pó de *catinguêra*...

— Patriço, você se engana,
Cuidado mais na carrêra:



No sertão que você foi
Nunca nasceu aroêra...
Deus o livre que você
Vá, um dia, á *Catinguêra*!

— Ignaço, você entende
Que eu lhe sirvo de brinquedo?
Eu zombo da tempestade,
Curisco a mim não faz medo...
Você espere a desgraça
Que ella hoje chega cedo.

— Seu Patriço, se accommode
Que o sinhô não é leão,
E o leão, mesmo feroz,
Lá um dia perde a acção,
O home dá voltas nelle,
Pega e bota na prisão...

— Não tenho nada com isso,
Pouco me importa o leão...
Quando nasci, a parteira
Gritou: — «Nasceu um Sansão!»
Mandáro lê minha sina:
Tinha os signaes de Roldão!

— Seu Patriço tem Sansão
Como obijeto ou modelo,
Um home que a sua força
Toda tava no cabelo...
De tão grande confusão
Nasceu o seu dismantelo...

Foi ainda Azulão que me communicou estas
duas sextilhas de um duello de Leandro Gomes
de Barros com João de Athayde:



— Seu Leandro, não se altere,
Eu até lhe trato bem...
Primeiro sem ter segundo
No mundo não há ninguém!
Quando nos chega a desgraça,
Não se sabe donde vem...

— Si vem com esta tenção,
Vem é muito do enganado:
A mim não tem quem desgrace
Que eu trago o corpo fechado...
Nunca engeitei perú gordo
Nem pato por carregado!

O senador Ruy Barbosa que em certa conferencia politica chamou o Sr. Antonio Azeredo «o succo do Senado», patenteou ulteriormente que se não valêra da gyria, porquanto classicos como Alexandre Herculano haviam empregado a expressão resuscitada pelos ironistas cariocas e logo vastamente popularizada. Pois bem: foi o negro Azulão que me fez lembrada a famosa dissertação do grande Brasileiro, ao me recitar estas estrophes de uma peleja travada entre os cantadores José Duda e Silvino Pirauá:

— Silvino, quem te mandou
Entrá no meu Pernambuco?
Iguinoravas talvez
Que eu sou um cantô *de succo*?
O teu resultado agora
É ficá doido ou maluco...

— Zé Duda, eu não vim mandado,
Desde já fique sabendo!
Tú pode tê *muito succo*,



Mas mesmo assim não me rendo...
Você me qué deixá doido,
Mas nisto eu só creio vendo!

As sextilhas que se seguem fazem parte
de um desafio entre *Manoel Ventania* e *João
Pedra Azul*:

— Digo com soberba e tudo:
Sou filho do Bom Jardim,
Inda não nasceu no mundo
Um cantô p'ra dá em mim;
Si nasceu, não se criou...
Si se criou, levou fim...

— Isto ninguém acredita!
Eu digo e quero prová:
Serradô deu-te uma surra,
Você não pode negá...
Cantadô da sua marca
Tá costumado a apanhá!

— Eu sou um home sadio
Porém já vivo cansado
De luctá com cabra ruim,
Com sujeito malcriado;
Com esta é mais de duzenta
As surras que eu tenho dado!

— Eu agarro um cabra destes,
Amarro num pé de pau,
Apanha e come tres dia
Carne ensôssa com mingau,
Sai dizendo a todo mundo
Que eu sou judeu e sou mau...



— Ventania quando canta
Incha as vêia do pescoço:
Parece um cachorro véio
Quando tá roendo um osso...

— Você me chama cachorro,
Porém cachorro é você,
Que em toda parte onde chega
Acha um osso pra roê...

As condições de miserabilidade dos cegos os forçam a esmolarem. Dahi, talvez, a prevenção de certos cantadores em pelejar com os míseros, de quem escarnecem. Azulão contou-me que de um desafio de José Duda com o cego José Sabino guardára na memória estes versos:

— Zé Sabino, eu, pra cantá,
Falo a verdade, não nego:
Deixando onde bem quizé,
Voltando eu sei onde pego...
Tenho abuso é de cantá
Com esta classe de cego...

— Seu Zé Duda, eu reconheço
Que o sinhô sabe cantá,
Mas não fale com soberba
Que Deus pode castigá:
Veja que, como eu gueiei,
O sinhô pode cegá!

O Sr. Rodrigues de Carvalho, no seu «Cancioneiro do Norte», fez largos encomios á cantadora paralybana Chica Barrosa e ao cantador



cearense Neco Martins, de Paraçurú. Azulão revelou-me este topico de uma contenda entre ambos:

— A Barrosa se zangando
Lhe dá uma grande pisa,
Daquellas de engrossá couro...
Veja lá que ella lhe avisa!

— Inda que o diabo lhe attente,
Nem assim isso acontece;
Porque de peia no lombo
Eu nunca achei quem me dêsse.

— Não me ameace de peia
Que me faz ficá damnada;
Eu não sou sua captiva
Nem tambem sua eriada;
Si continuá assim,
Vê nêga desaforada...

— Você pode se damná
E ficá desaforada!
Porém, si cantá commigo
Com cantiga arrebatada,
Tem sorte de tartaruga:
Morre na beira virada!

— Neco, você não se esqueça
De que eu sou nêga atrevida...
Eu, no dia em que me estóvo,
Só canto é á toda brida...
Meus olhos se acaeurutam,
Fica a venta retoreida;
Cantadô macho é bobage,
Não pode com minha vida...



-- Barrosa, tú não te exalta,
Tú deixa desta imprudência,
Vigie que a mió virtude
É calma com paciência!
Acho que hoje eu faço aqui
O que doe-me a consciência...

— Não preciso de consêio
Porque já não sou menina;
Faço tudo quanto quero,
Isso desde pequenina...
Eu nas minhas brincadeira
Sempre fui nêga traquina!

— Já perdi a paciência!
E Neco, quando se assanha,
É serpente venenosa,
É ferroadada de aranha,
Entra na maçã do peito,
Vai batê lá nas entranha...
Eu respeitei o oditório,
A gente de cirimonha,
Mas infeliz da pessoa
Que não sabe o que é vergonha!
Por isso, nêga, eu agora
Dou-te uma pisa medonha...

— Pisa medonha dou eu,
Do cabelo se arrancá,
De fofá couro do lombo,
Do pescoço ao calcanhá...
Minha pisa é venenosa
Que não se pode curá...
Cada tacada que eu dou
Vejo o pedaço avoá...



— Barrosa, em carnificina
Coisa pió eu te faço:
Corto-te os pés pelas junta
Sem encontrá embaraço;
Corto as junta nos joêio,
Separo cada pedaço;
Corto na junta das côxa,
Desligo do espinhaço;
Corto as mão pelas munheca,
Para o pescoço me passo;
Tiro a cabeça do corpo,
Retáio todo o cachaço;
Bato com tudo no chão
Até ficá em bagaço!...

De outros notáveis cantadores citados pelo autor do «Cancioneiro do Norte», o negro Azulão me falou demoradamente. Por exemplo, de Romano da Mãe d'Agua e de Ignacio da Catingueira ministrou-me este sugestivo recontro:

— Romano, quando se assanha,
Treme o Norte e abala o Sul,
Solta bomba envenenada
Vomitando fogo azul,
Desmancha nêgo nos áre
Que cai virado em paul.

— Ignaço, quando se assanha,
Cai estrella, a terra treme,
O sol esbarra seu curso,
O mar abala-se e geme,
Cerca-se o mundo de fogo,
Mas o nêgo nada teme!



— Ignaço, tú me conhece
E sabe bem eu quem sou:
Eu posso te garanti
Que á *Catingueira* inda vou,
Vou derribá teu castello
Que nunca se derribou.

— É mais faci um boi voá,
Um cururú ficá bello,
Aruá jogar cacete
E cobra calçá chinello,
Do que havê um barbado
Que derribe meu castello!

— Antes de eu í, oito dia,
Te mandarei um aviso;
Você, tando em casa, corre
Porque você tem juízo..
E eu vou só fazê estrago:
Quebro, rasgo, queimo e plso!

— Quando fô, percure um Padre
Que o ouça de confissão,
Deixe a cova bem cavada
E deixe a encomendação,
Leve agua benta também
E deixe feito o caixão...

— Você só diz que não corre
Porque não viu-me em questão..
Talvez nunca tenha visto
Eu chegá touro a mourão,
Espantá onça na fuma
E aperreá um leão...

— Si é por isso, seu Romano,
Eu já peguei jacaré,



Arranquei-lhe logo as presa,
Soltei elle na maré...
Peguei baleia de anzol,
Tubarão de jereré...

— Tenho pegado leão
Que o ronco delle estremece;
Tenho maltratado touro
Até que elle me obedece;
Quem prova deste meu braço
Nunca mais delle se esquece...

— Ô patrão, dono da casa,
Si ainda não se enfadou,
Peça que o povo se cale
Que eu quero mostrá quem sou:
Quero açoita um sujeito
Que diz que nunca apanhou.

— Eu agarro um cantadô,
Tiro-lhe dente por dente,
Tiro a lingua, arranco os ólho,
Deixo a caveira sómente...
Tiro-lhe o couro dos beíço:
Deixo elle assombrando a gente...

Um ultimo desmentido ás fanfarronadas de Azulão, de não decorar versos que não fossem de sua autoria. Ouvi da bocca do cantador negro este desafio de Josué Romano (filho de Romano da Mãe d'Água) com Manoel Serrador:

— Eu me chamo Josué,
Filho do grande Romano,
O cantadô mais temido
Que houve no genero humano:



Tinha a sciência da abelha,
Tinha a força do oceano!

— E eu me chamo Manoel
Por alcunha *Serradô*,
A minha serra não torce,
Seja que madeira fô;
Os dente della vomitam
Grande raio abrazadô.

— Serradô, eu nunca achei
Cantadô que me affrontasse,
Nem cerco que eu não rompesse,
Burro que eu não amansasse,
Barbatão que me investisse
E eu no chão não botasse...

— Josué, fica sabendo:
Tú vive numa ceguêra...
Um fósfo acaba um Palaço,
Neblina acaba uma fêra;
Lá um dia a casa cai...
Uma vez é a primêra.

— Eu já suspendi um raio
E fiz o vento pará;
Já fiz estrella corrê,
Já fiz sol quente esfriá,
Já segurei uma onça
Para um moleque mamá.

— Josué, isso é de mais,
É de chamá a atenção...
De que seria esse raio
Que respeitou tua mão?
De que forma são as onça
Que existe no teu sertão?



— Serradô, fique sciente
Que si eu, um dia, encontra
Um cantadô brasileiro
Que eu não possa embatucá,
Eu mesmo chamo o diabo
Pr'elle vi me carregá!

— Eu sou *pió* do que onça,
Porém não pego á treição;
Gosto de avisá o brabo,
Depois vou pegal-o á mão,
Para matar-o no claro
E mostrá que tenho acção...

— Serradô, cu sou um triguc!
Meu Pae foi uma panthera!
Todo cantadô do mundo
Me conhece como fera...
É como lá diz o outro:
«Onde foi casa é tapera»...

— Eu derrubo qualqué predio,
Em meno de meia hora;
Atiro numa panthera,
Juro que não vai embora,
Agarro um trigue na furna,
Mato do lado de fora...

— Sansão não é que eu conheço,
David não, pois não é moço...
P'ra sê gigante é pequeno
E devia falá grosso...
Si entende que me faz medo,
É besteira o seu esforço...

Serrador calou-se e Josué proseguiu, triumpante:



Eu cantei em Pernambuco,
Em Alagoa e Bahia,
Em Sergipe e Espírito Santo,
Lá eu fiz tanta arrelia
Que só cantei quatro mez:
Dei em tudo quanto havia.

Dei num tal *Manoel dos Passo*,
Dei num tal de *Julião*;
Correu um tal *Cajarana*,
Fugiu um *Napoleão*,
Cesario Monte dos Santo
Não resistiu meu rojão.

Fui a S. Paulo e a Mina,
Voltei ao Rio de Janêro,
Atraz de um brabo que havia
Chamado *Ignaco Quintêro*,
Este, eu fui na casa d'elle
E o insultei no terrêro...

Voltei para a Parahyba,
Rio Grande e Ceará,
Fui cantá no Maranhão,
Dei em dez brabo de lá,
Fui corrê c'os cantadô
Que moravam no Pará.

Havendo falado da arrogancia do negro Azulão, arrogancia que é, de certo, o desespero de uma raça secularmente amesquinhada e que tem a dolorosa consciencia do preconceito da propria inferioridade, transcrevo uma poesia em que se revelam as prevenções da mestiçagem contra o elemento negro. Estes versos eu os incluí em artigo de imprensa, publicado em 1918, na



Fortaleza, sobre o cantador Mestre Telles (Antonio Telles de Almeida), velho pedreiro de Quixeramobim:

Agora vou descobrí
As falta que o nêgo tem:
Nêgo é falso como Juda,
Nêgo nunca foi ninguém!

Das falta que o nêgo tem
Esta aqui é a primêra:
Furta os macho no roçado,
Furta em casa as cosinhêra,
Os nêgo p'r'as camarada,
E as nêga p'r'as paricêra.

Nêgo é tão infeliz,
Infel e sem ventura
Que, abrindo a bocca, já sabe:
Tres mentira tão segura!
Quanto mais fala — mais mente,
Quanto mais mente — mais jura!

Nêgo é tão infiel
Que acredita em barafunda;
Nêgo não adora a santo,
Nêgo adora é a calunga...
Nêgo não mastiga — rismóe...
Nêgo não fala — resmunga...

Emfim, esse bicho nêgo
É de infeliz geração...
Nêgo é bicho intromettido:
Si dá-se o pé — qué a mão!
Rêde de nêgo é borraio,
Seu travesseiro é fogão.



Sola fina não se grossa,
Ferro frio não caldeia...
Eu só não gosto de nêgo
Porque tem uma moda feia:
Quando conversa com a gente
Ê bolindo com as orêia.

Joêi de nêgo é mondrongo,
Cabeça de nêgo é cupim,
Cangote de nêgo é toitiço,
Venta de nêgo é fucim...
Não sei que tem tal nação
Que arrasta tudo que é ruim.

Perna de nêgo é cambito,
Peito de nêgo é estambo,
Barriga de nêgo é pote,
Roupa de nêgo é mulambo,
Chapéu de nêgo é cascáio,
Casa de nêgo é mucambo.

Não quero mais bem a nêgo,
Nem que seja meu compáde:
Nêgo só óia p'r'a gente
P'ra fazê a falsidade!
Mêrmo em tempo de fartura,
Nêgo chora necessidade...

Eu queria bem a nêgo
Mas tomei uma quizila...
Nêgo não carrega maca,
Nêgo carrega é mochila...
Nêgo não come — consome...
Nêgo não dorme — cochila...
Nêgo não munta — se escancha...
Nêgo é que nem cão de fila...



Nêgo não nasce — aparece!
E não morre — bate o cabo!
Branco dá a alma a Deus
E nêgo dá a alma ao Diabo.

Tamanha prevenção contra o negro é, entretanto, injusta. O mestiço, o cabra é que tem a fama de desleal. Ha, mesmo, a phrase feita: «Cabra e cobra...» Do negro, porem, se contam numerosos exemplos de bravura e fidelidade.

O fallecido poeta popular Leandro Gomes de Barros, descrevendo num folheto as proezas do Bacharel Santa Cruz, em Alagôa do Monteiro (Parahyba), refere que um dos prisioneiros do famoso caudilho parahybano, queixando-se de que «aquella *Cruz* só podia ser feita de miolo de aroeira», repetiu o dialogo que escutára entre Santa Cruz e seu cangaceiro de confiança, o negro Vicente:

«O negro Vicente disse:
— «Patrão, si não quer sair,
Dê-me as orde e deixe estar
Que eu garanto resistir!
Si tem confiança em mim,
Arme a rêde e vá dormir!

Venha a força que vier,
Enquanto eu mover os braços
E não cortarem-me as pernas
E eu der, ao menos, dois passos,
Soldado aqui chega inteiro,
Porem só volta aos pedaços!»

Então, disse Santa Cruz:
— «Eu sei quem tú és, Vicente!



Mas, força do Pernambuco
É muito grande e valente,
E esse Alfredo Duarte
Não vem brincar, certamente...»

— «Patrão, (respondeu o negro)
O valente também morre!
Esse que avança na frente,
Isso é o primeiro que corre...
Bala não respeita nome,
Não tem pena, nem socorre!

A munição que elles trazem
Acabam num'a semana...
É ter-se muito cuidado
Na força parahybana,
Não deixar ella se unir
À força pernambucana!

Isto é, (dizia o negro)
Peço desculpa ao patrão,
Isso é eu querer passar
O pé adiante da mão:
Vossa Mercê é quem sabe,
Pois tem melhor instrucção...

Eu sou negro ignorante,
Só aprendi a matar,
Fazer a ponta da faca,
Limpar rifle e disparar,
Só sei fazer pontaria
E ver o bruto embolar!...»

Então, disse Santa Cruz:
— «Vicente, tens instrucção!
Eu, tendo cem como tú,



Serei um Napoleão,
Sou um segundo Alexandre,
Ou um Togo no Japão!»

Conheci um cantador negro que — com as suas reiteradas confissões de humildade — era verdadeira antithese de Azulão.

No Morro do Moinho, em Fortaleza, vive talvez, ainda, o octogenario negro Pedro Nonato da Cunha, de Itapipoca, escravo que foi da familia Cunha, daquelle municipio cearense. Legitimo tocador de *berimbau de barriga*, Pedro Nonato, embora jámais houvesse sido um cantador profissional, foi sempre, e o é ainda, agil repentista. Nunca obtive d'elle que se sentasse em uma cadeira: elle me retrucava que «logar de negro é o chão» e sentava-se no soalho. Elle reconhecia a inferioridade de sua raça e era um conformado, á maneira daquelles negros de quem Sylvio Romero dizia ter ouvido o *Padre Nosso* em que se enfeixam os aphorismos da propria miseria e que assim começa — «Negro em festa de branco é o primeiro que apparece e o derradeiro que come»...

Das varias vezes em que Pedro Nonato esteve commigo em minha residencia, aonde ia á procura de «adijutóros», me ficaram estas estrophes:

No engenho eu môo a canna,
No rodête a mandioca;
Eu tenho o braço pellado
De puxá mocó da loca:
Levo o diabo e não me esqueço
Da villa da Itapipoca!...



O sol pendeu é de tarde,
Deu doze hora é mêi-dia...
Doce bom não desonéra,
Nêgo bom não desconfia...
Quem tivé seu facão cego
No meu couro não afia.

Tirei'o côco do cacho,
Quebrei nas unha do pé...
S. Francisco é Rêis croado
Na Matriz do Canindé!
Quem tem seus óio bem vê,
Si se engana é porque qué.

O principio são fulôre,
A choradeira é no fim...
Dou carta e jogo de mão,
Desgraça pouca é tiquim,
Home sem barba é caçote,
Barbado é bocca de nim.

Pau secco não dá embira
Nem corda vêia dá nó...
Si eu é de andá mais mundaça,
Mais ante eu quero andá só.

Foi-se embora a caridade,
Só ficou a carestia...
Peguei na perna do sapo,
Joguei na bocca da gia;
Entrei na casa da opa,
Saí na thesoraria;
Na bocca de quem não presta
Quem é bom não tem valia.

Quero mal a gente besta
Mode a besteira que tem:



Vê a gente mangá della,
Já cuida que é querê bein.

Quando é tempo de juá,
Fulô de rompe-gibão,
A abêia, devido o vento,
Trabaia rente c'o chão,
Pinica na alma do pé
Que a dô vai p'r'o coração.

Todo mundo qué sê bom,
Ruim ninguem não qué sê,
Todo mundo qué matá
Porem ninguem qué morrê.

A secca do dezenove
Vai sê de abaixa-topete,
Que nem a mãe dos tres oito
Ou vô de setenta e sete.

A tal secca dos tres oito
Serviu-me até de gracejo:
Quando eu queria cajú,
O meu rebolo era queijo...

Eu nasci de sete mez,
Fui criado sem mamá,
Mamci leite de cem vacca
Na porteira do currá.

Eu alcancei o tempinho
Da fartura e da preguiça,
Que se amarrava cachorro
Com corrente de linguiça.

Quando eu planto melancia,
A bicha estende demais:



A rama navega adiante
As fruta deixando atrás.

Quero bem á bananeira,
Da raiz até o cacho;
Da vacca — a bezerra feme,
Da besta — o poldrinho macho,
Do home quero a palavra,
Da muié quero o despacho.

A fartura do sertão
É leite, é coaiada, é queijo;
Do meio da secca em diante,
Outra fartura eu não vejo.

Alto no chão é serrote,
Falta no chão é buraco,
Moradô perto é vizim,
Fêlpa de pau é cavaco.

Cavallo grande é trângola,
Pequenino é perereca,
A muié grande é pantarma,
Pequenina é uma boneca,
O pau que canta é viola,
Pau de dois ss é rebeca.

Fui feliz no casamento:
Minha muié não é feia,
Inda que seja no escuro
Os cacho della alumeia,
Só sim que o diabo da nêga
Tem nariz de nó de peia...

Quando eu era pequenino,
Do tamanho dum sarafim,



Um burro me deu um coice:
Meu nariz ficou assim...

Me dizem que eu sou pretinho,
Eu não sou pretinho não:
Foi o sol que me queimou
Numa apanha de feirão.

Toda desgraça do home
É falá fino e csmorecê,
Largá a muié, morá perto
Pra todo dia ella vê.

Senhora dona da casa,
Minha flô de melancia,
Daquellas mais sercnada
Quando vem rompendo o dia...

A resposta pra sê boa
Dá-se no pé da fivella...
Quem só nasceu pra cangaia
Não pode prestá pra sella.

Pedí dinheiro emprestado
A quem não tem um vintem
É fazê carêta a cego,
Corrê no rasto do trem...

Tudo no mundo se acaba,
Tudo no mundo tem fim,
Só não se acaba preguiça
Nem cabelo pixaim...
A muié deu no marido
C'um corredô de sonhim.

Quando eu era pequenino,
Quando eu andava em cueiro,



As menina me dizia:

— «Vem cá, meu melão de chciro!»

Eu fui á fonte vê agua
E me encontrei com Zabé...
Isso mêrmo é que eu queria
Caiu-me a sôpa no mé!

Quem não tem chocoladeira
Não fala em tomá café:
Eu vivo onde bem entendo,
Morro quando Deus quizé.

Ceará é boa terra
Mode as vertude que tem...
Si não fosse os repiquete,
Não cabia mais ninguem.

Levo o diabo e não embarco,
Quero bem ao Ceará...
O que é meu ninguem me toma,
Só mêrmo si eu quizé dá!

Me dizem que eu não trabaio
Que eu não sustento o meu brio...
Assim mêrmo preguiçoso
Sustento muié c fio!
No anno que eu não trabaio,
Planto dez quarta de mio,
Quando acaba inda hái quem diga
Que o nêgo véio é vadio,
Mas eu sou é treni de ferro:
Só corro atraz dos meus trfo...

A característica do espirito do cabra é a prosapia quixotesca, o amor das bravaças bu-lhentas.



Na antiga povoação da Pendencia, actual villa do Pacoty, sobre a serra de Baturité, havia um rapazola, cabrocha pernóstico, lubrico e fanfarrão, dado a desordens e bebedeiras. Era improvisador e costumava advertir:

No dia que eu tomo panca
No quarteirão da Pendencia,
Boto o chapéo duma banda,
Nem a meu pae tomo a bença...
Minha mãe, cumo já sabe,
Me trata com paciença.

E, logo, num sapateado cantava, mesmo desajudado da viola:

Eu sou decidido,
Sou moleque chorão,
Sou cabra bom na perna
E toco violão,
Canto modinha
Em qualqué logá,
O que não me agrada
É trabaiá.

A cabocla brasileira tem o condão de enfeitiçar a alma voluptuosa dos cantadores. Ainda na serra de Baturité, ouvi esta quadra reveladora das scenas *idyllicas* de quando occorre a colheita dos cafesáes:

Quem tivé sua fia virge
Não mande apanhá café:
Si fô menina — vem moça,
Si fô moça — vem muié...



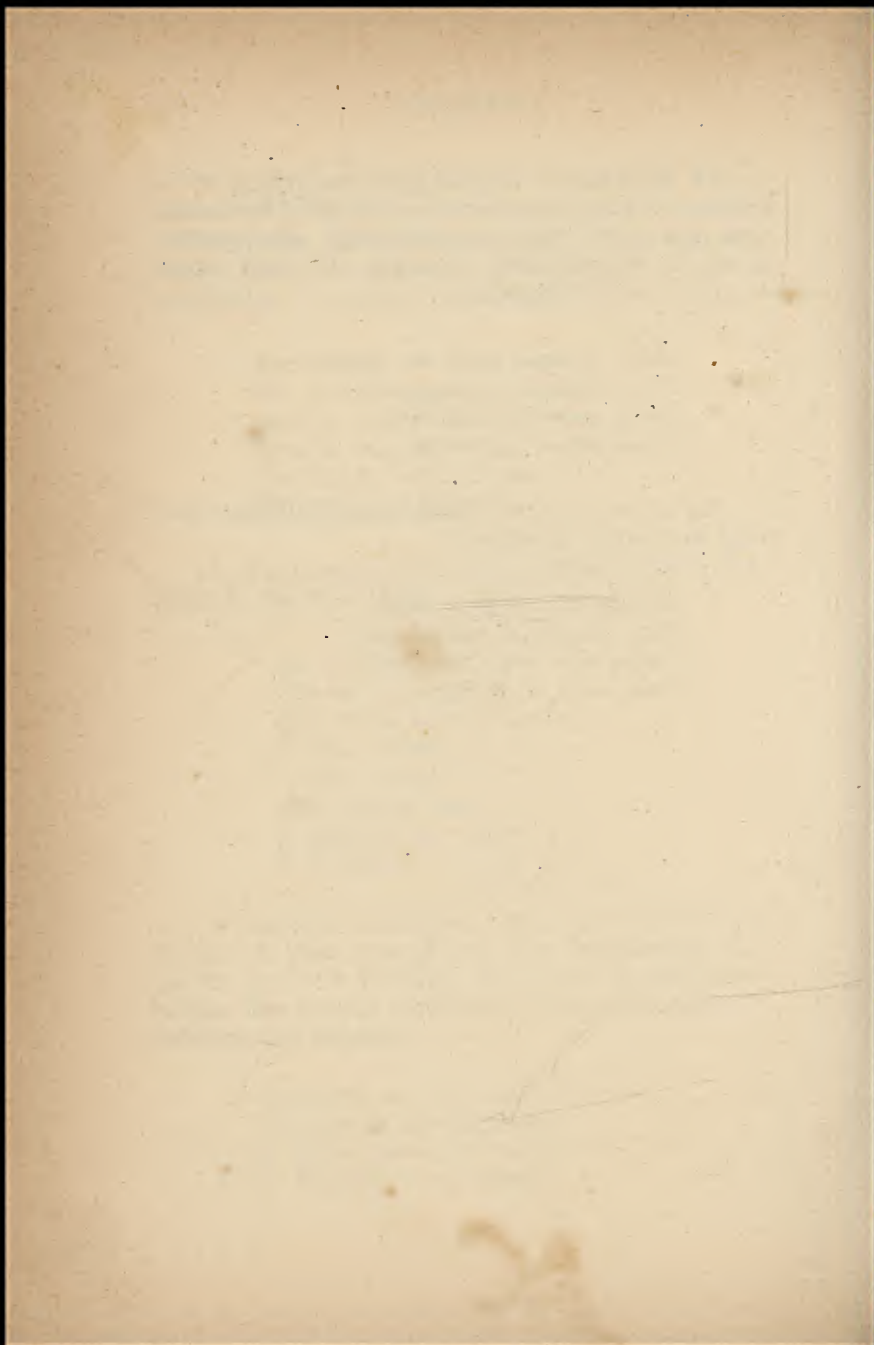
O Sr. Osorio Duque Estrada fechou certa Conferencia Literaria sobre «Trovas Populares» com esta quadrinha, da qual disse que synthetizava o antagonismo historico das tres raças de que somos originarios:

Todo branco quer ser rico,
Todo mulato é pimpão,
Todo negro é feiticeiro,
Todo cigano é ladrão.

Eu encerro estas linhas com estoutra que colhi no sertão cearense:

Mulato não larga a faca,
Nem branco a «sabedoria»,
Cabra não larga a cachaça,
Nem nêgo a feitiçaria.





O CEGO ADERALDO

Si o cantador cego Aderaldo foi, inquestionavelmente, o de voz melhor de quantos com quem hei tratado, está, ainda, entre os de mais apreciavel veia poetica.

Aderaldo Ferreira de Araujo diz que é do Quixadá, porque nessa cidade cearense se baptizou; mas, em verdade, nasceu no Crato. Conta, actualmente, trinta e nove annos de idade. Tem inteirados quatro lustros de exercicio da *profissão* de cantador. pois havendo cegado aos dezoito annos, desde então se dedicou á vida de menestrel, através de todo o Norte. O desditoso vate popular perdeu a visão quando machinista e num desastre da «Estrada de Ferro de Baturité».

Sempre me apiedaram immenso os cantadores cegos. Nos pataniars dos templos sertanejos, enlevante lyrismo se apura nos descantes desses infelizes, em quem a necessidade das improvisações continuas desenvolve as faculdades intellectivas, na estrategia e trenagem das supplicas intelligentes.



Na poetica povoação de Guaramiranga, recanto paradisiaco da serra de Baturité, a ermí-dinha local é situada no cabeço de uma collina enfeitada de amores-perfeitos e verbenas. Faz gosto a gente adorar a Senhora de Lourdes entre os rosaes da montanha!

Uma tarde, durante a festa da Padroeira, eu ia pela estrada ladeada de palmeiras, que conduz ao Sanctuario da Virgem. Por traz dos picos distantes o sol mergulhára, avermelhando o horizonte. Accentuava-se a silhueta da cordilheira, na indecisão das sombras que chegavam. No caminho torcicollado, ao pé das palmeiras farfalhantes, cegos e aleijados imploravam a piedade adormida dos visitantes da capellinha branca. Duas vozes me captivaram a attenção. Eram dois cegos que cantando estendiam as magras mãos, pedintes de obulos. Disse um delles:

Tenham pena deste cego,
Filhos da Virge Maria:
Eu sou cego de nascença,
Nunca vi a luz do dia!...

Parei, commovido. O outro cego cantou, por seu turno, ainda mais me apiedando, pois lindamente significou quão maior era a sua desgraça:

Quem nasceu cego da vista
E della não se lucrou
Não sente tanto ser cego
Como quem viu e cegou.

Os agradecimentos são feitos, ás vezes, em quadras enthusiaslicas como esta:



Deus lhe dê muito dinheiro,
Deus lhe dê muita alegria...
Que as moedas sejam tantas
Que nem pó em serraria!

Ao contrario de Symphronio Martins, que não aprecia os versos de amor, Aderaldo recita incontaveis quadrinhas lyricas da sua e da lavoura anonyma. Sobre ser possuidor de um bom humor perenne, o poeta cego tem um vasto repertorio de modinhas brasileiras que canta admiravelmente. Das quadras que delle ouvi ficaram aqui algumas amostras:

Meu bemzinho, diga, diga,
Por caridade confesse
Si você já encontrou
Quem tanto bem lhe quizesse.

Meu bem, que mudança é esta
Neste teu rosto adorado?
Acabou-se aquelle agrado
Com que me fazias festa?

Eu juro que nunca quiz
Offender teu peito nobre!
Fala, meu anjo, descobre,
Diga, meu bem, que te fiz?

Todo passarinho canta
Quando vem rompendo a aurora;
Só a pobre mãe-da-lua
Quando canta -- logo chora...
Assim eu faço tambem,
Quando meu bem vai se embora!



Fiz um *A* para te amar,
Um *B* pra bem te querer,
Um *N* pra não deixar-te,
Um *S* só si eu morrer...

Canta, canta, passarinho,
Faça lá seu ninho agora
Mas depois não vá dizer
Que quem canta também chora...

Amo, amo, porque quero,
Adeus, minhas encomenda!
O home, quando é vadio,
Morre velho e não se emenda.

O amor é como o somno,
Que não dispensa ninguém...
Eu só comparo é com a Morte:
Ninguém sabe quando vem!

Aquella ingrata cruel
Vejam que pago me deu!
Ninguém nem me fale nella
Que para mim já morreu...

Meu bem, cabocla bonita,
Bola de ouro polida,
Por ti eu perco o que tenho,
Até mesmo a propria vida.

Minha viola de pinho,
Feita de pinheiro macho,
Esta viola me pede
Que eu, ao menos, chore baixo...

A unha nasce do dedo,
O dedo nasce da mão,



Mas a mão nasce do braço
E o braço nasce do vão;
A pedra nasce do fogo,
O fogo nasce do chão,
O amor nasce de dentro,
De intriôr do coração.

Quando de ti me apartei,
Os astros se demudaram,
O vento não ventou mais,
As aguas todas seccaram.

Quem parte — gosto não tem...
Quem fica — como terá?
Quem parte — põe-se a chorar,
Quem fica — chora tambem.

Adeus te digo, afinal,
Adeus te digo, chorando,
Adeus te torno a dizer,
Adeus! até não sei quando!...

Em palestra com Aderaldo, li para elle, certa vez, umas estrophes em que Luiz Dantas Quesado falava de coisas difficeis de serem vistas. Immediatamente, o cego repentista improvisou estas duas sextilhas:

Só nos falta vê agora
Dá carrapato em farinha,
Cobra com bicho-de-pé,
Foíce mettida em bainya,
Caçote criá bigode,
Tarrafa feita sem linha.

Muito breve há de se vê
Pisá-se vento em pilão,



Botá freio em carangueijo,
Fazê de gelo carvão,
Carregá agua em balaio,
Burrô subi em balão.

Como documento do que foi o movimento revolucionario que terminou com a Intervenção Federal no Ceará, em 1914, e consequente deposição do Presidente Coronel Dr. Marcos Franco Rabello, transcrevo, em seguida, longa poesia do cego Aderaldo:

Deportou-se o Accioly
Mas ninguem foi mais feliz!
«Bonito, bôbos, bem feito!
(Assim todo mundo diz)
Quando a gente tóra um pau,
Rejeta logo a raiz»...

Deixáro o velho Accioly
Rico, com muito dinhêro,
Com pouco elle cntrou, de novo,
Que nem fogo no balsêro,
E ainda mais um Doutô Floro,
Esse lá no Juazêro.

Esse Floro bahiano
Com o Padre se aillou
E um sinhô Pedro Silvino,
Home muito brigadô,
Silvino, José de Borha
E um tal de Doutô Lavô.

Então, o Franco Rabello,
Vendo a coisa ficá ruim,
Preparou um Batalhão,



Disse ao Commandante assim:
— «Vocês vão ao Juazeiro
Desgraça do Padre o nim!»

Segue o Alipio de Barro
Ditriminado a brigá,
Elle mais o Ladislau,
Mas, quando chegáro lá,
Déro quatro tiro á tóa,
Somente para constá.

Nisso, espalhou-se a notiça
Lego! por todo logá...
Depressa, eila se espalhou
Por todo este Ceará!
Ali, seguiu p'r'o scrtão
Nosso grande Emilio Sá.

Pegando uma peça vêia,
Mandou para a fundição,
Mandou que rapassem toda,
Tirassem todo cascão,
Passassem graxa na bicha
E areasse os latão.

Ao chegá no Quixadá,
Muitas mocinhas formósa
Fôro vê Emilio Sá
E iam todas mimósa,
Em cima de Emilio Sá
Jogáro cravos e rosa.

A gente lá do Iguatú
Ficou de queixo na mão...
Um dizia: — «O que é aquillo?»
Outro dizia: — «Sei não!»



E outro: — «Só si é machina
De escaroçá algodão...»

Outro disse: — «Não, não é
Que eu já estive em Maranhão,
Quando cheguei lá no porto
Vi aquella arrumação...
Eu desconfio que é aquillo
Que os rico chamam *canhão*...

No Crato diz o Emilio:
— «Eu não vim tomá consêio!»
Mandou collocá a peça
Em cima do Alto Vermêio
Para, quando detoná,
Cortá Juazeiro ao meio.

Ali, o grande artilheiro
Fez uma detonação,
A peça se arrebentou
E envergou todo latão,
Matou uma pobre véia
Que andava vendendo pão...

Nesta hora, o Padre Cisso
Fazia lá seu sermão
E disse ao seu pessoal:
— «Corram logo, meus irmãos,
Me peguem aquella peça,
Me traga á força de mão!»

Corrêro trezentos home
Numa carreira damnada,
Que quando o artilheiro viu
Aquella gente espritada,
Empurrou a peça véia
Deixou rolá na quebrada.



Nosso grande Emilio Sá
Vendo a batalha perdida,
Correu para o artilheiro,
Mas, vendo a peça rompida,
Avisou que o povo todo
Cuidasse em salvá a vida!

Vinha um menino com elle,
De quatorze anno de idade,
Era chamado Domingo,
Filho daquelle cidade,
Disse: — «Coronel, não corra
Que jagunço é bestidade!»

O menino ainda disse:
— «Eu não temo esses patife!
Seu Emilio Sá bem sabe
Que eu, enquanto tivé rife,
De coração de jagunço
Faço urubú comê bife!»

Segue o grande Emilio Sá...
E o menino o que é que fez?
Prantou o joêio em terra
E atirou, por sua vez,
No meio da jagunçada
Inda matou trinta e tres!

Mas Emilio Sá se foi
Chatinho como um tatú...
Mais tarde o menino o alcança
Já rasgado e quasi nú...
Quando ninguem esperava,
Chegáro no Iguatú.

No Iguatú, Emilio disse:
— «Acabou-se a pabulage,



Não quero mais sê valente,
De que serviu a viagem?
Parto para Fortaleza,
Vou num carro de bagage».

Nesse tempo, em Fortaleza
Havia um rio-grandense
Que uma vez disse: — «Eu me atrevo
A commandá cearense!
Si eu commandá a poliça,
A jagunçada não vence!»

O Doutô Paula Rodrigue
Disse: — «Amigo, se detenha!»
E correu, disse a Rabello:
— «Temos um que desempenha,
Home de muita corage,
É o nobre Jota da Penha!»

Para o segundo combate
O pessoal se animou,
Vêi gente de toda parte,
A esperança renovou,
E o grande Jota da Penha
Pediu um trem e marchou.

Chegando em Miguel Calmon,
Na estação não quiz ficá,
Seguiu com seu pessoal
Procurando outro logá
Que prestasse p'ra trincheira,
Servisse p'ra se brigá.

Góesinho tirou do povo
Cincoenta cabra dos seu
E disse a Jota da Penha:



— «Capitão, eu sou judeu!
Dê licença, eu vou adiante,
Eu vou tomá São Matheu!»

Góesinho seguiu á tóa
Pois não conhecia a terra...
Ao passá pela Muluca,
Conheceu o que era guerra:
Foi bala, não foi brinquedo
Dentro do sacco da serra!

Góesinho rolou no chão,
Temendo as bala ferina,
E quando elle conheceu
Que ali havia ruina,
Correu com inedo dos cabra
Da Dona Federalina.

Ahi morreu o menino
De quatorze anno de idade,
Morreu a pobre creança,
Uma onça na verdade,
Esse que tinha botado
Trinta e tres p'r'a eternidade!

Fugiu Goesinho ligeiro
Em procura do Iguatú,
Lhe disse Jota da Penha:
— «Góesinho, que viste tú?
Correste damnadamente,
Chegaste aqui quasi nú...»

Então, o Penha pensou:
— «Não tem um que seja bom...
Já sei que vocês não brigam,
Não possuem o meu dom!



Vamo que eu vou collocá
Vocês no *Miguel Calmon*».

O Penha, em Miguel Calmon,
Falou alto e sem segredo:
— «O que não tivé corage,
Quem de bala tivé medo,
Quem não pudé í brigá,
Por favô levante o dedo!»

Quando disse essas palavra,
Causou admiração,
Fazia nojo e fez pena:
Uma grande multidão,
Trezentos e oitenta e dois
Alevantáram a mão.

Então, o Jota da Penha
Vendo aquillo, o que é que fez?
Mandou que fossem á fava
Todos elles de uma vez...
E para a lucta ficáro
Só uns duzentos e tres.

Desses duzentos e tres
Teve inda gente que «abriu»...
Certo que, chegando a noite,
Um bocado conseguiu
Fazê a sua fugida:
Fôro vinte os que fugiu!

Ficou cento e oitenta e tres,
Mas homes ditriminado,
Dizendo: — «nós sai daqui
Só depois de estraçaiado!
Corrê daqui ninguem corre!
O baruiio tá formado...



Cordeiro, do Batrité,
Por sê um luctadô forte,
Se collocou mais Góesinho
Todos dois dentro de um corte!
O pessoal delles dois
Nunca fez causo da morte...

O bravo Tenente Arthú,
Esse ficou collocado
No centro de uma trincheira,
Muito bem entrincheirado,
Para não ficá sosinho
Ficou elle e dez soldado.

O grande Nôzim Contenda
Tomou conta da vanguarda,
E tambem Sinhô Zequinha
Mandava uma rectaguarda;
O nobre Jota da Penha
Chefiava toda a guarda.

Jota da Penha pegou
Uma noite rigorosa;
Como a noite foi assim
A manhã foi invernosa,
Quando o dia foi rompendo
Ô que manhã tenebrosa!

Elle accordou muito triste,
Comsigo deu um suspiro,
Perguntou á soldadesca:
— «Vocês me digam si ouvíro
Na matta, ao lado direito,
O disparo de algum tiro!»

Elles disséro: — «Não vimo!»
Mas seguíro na carrêra,



Perto de Jota da Penha,
Abraçando as cartuchêra...
Elle disse: — «Meus amigo,
Entrem p'r'as suas trinchêra!»

Depois disse: — «Meus amigo,
Vamo brigá, tenham fé,
Vou explicá a Vocês
O combate como é:
Eu vou na frente a cavallo
Com quarenta home a pé».

Sua roupa era amarella,
As bota da mesma cô.
O chapéo -- de aba deitada,
Da forma de Imperadô;
Pulando no seu cavallo,
De um só pulo se montou.

Depois, o Jota da Penha
Ficou muito admirado
De vê ví tanto jagunço...
O sertão tava encarnado! (1)
Tinha muitos no caminho
E outros, pelos paus, trepado.

Gritou o Jota da Penha:
— «Fogo, fogo, Bataião!
Atirem nesses jagunço,
Não quero vê compaixão,
Acabemo esta canalha,
Esta corja de ladrão!»

(1) Por motivo das coberturas escarlates dos chapéos e dos grandes lenços encarnados que guarneciam o pescoço e peito dos romeiros.



Então, as quarenta praça
Quarenta tiro mandáro;
Depois, sem perda de tempo,
Outros quarenta enviáro,
Ao depois, com mais quarenta,
Os cento e vinte interáro.

Ahi, o povo do Padre
Tres mil tiro lhé mandou,
Mandando mais tres mil tiro
Viu-se logo o grande horrô,
Enviando outros tres mil,
Os nove mil completou.

Dizia o Jota da Penha:
— «Hoje aqui ninguem se coça!
Anima, briga, negrada,
A jagunçada é uma joça...
Fogo naquella canaia
Vamo que a victóra é nossa!»

Tinha um jagunço trepado
(Este atrava de ponto)
Tava trepado num pau,
Dizendo: — «O Penha eu affronto!»
Cada tiro, dava um grito:
— «Matei um! lá deixei prompto!»

Tinha um tal Raul Bezerra
Estirado num buraco,
Este então se preparou,
Tirou a bala do sacco,
Fez pontaria e gritou:
-- «Botei-te abaixo, macaco!»

O bravo Tenente Arthú
No mêi de tanto alvoroço



Deitou-se e saiu rolando,
Pois o baruío era grosso,
Rolou de uma ribanceira
E caiu dentro de um poço.

Com a carabina moíada
Mostrou a perseverança,
Agachou-se dentro da água,
(Parecia uma creança)
Por cima da ribanceira
Inda fez grande matança.

Jota da Penha a cavallo,
P'r'os jagunços conhecel-o,
Era um Roldão destemido...
No meio de tanto atropelo,
Dava viva ao Ceará
E a Mareo Franco Rabello!

Tambem o povo do Padre,
Fazendo grandes horrôre,
Brigava gritando sempre
Entre medonhos elamôre:
— Viva o santo Padre Cisso,
Nossa Senhora das Dôre!

O pobre Frei Marcéllino
Implorava á multidão,
Com uma image divina
De Deus Nossenhôr na mão,
Para os jagunço atirá
Mas não sangrá os christão.

Um jagunço viu o Penha
E gritou: — «Que grande festa!
Aquelle é o Jota da Penha,



Agora o combate presta!»
Zé Pinheiro lhe fez fogo,
A bala pegou na testa.

O nobre Jota da Penha
Rolando caiu no chão,
Ficou rolando na terra
Com o seu revólve na mão,
Mas, coitado! o home morto
Não pode fazê acção!!!!...

O cavallo delle logo
Com a queda se assustou,
Deu uma grande carreira,
Foi longe porem voltou,
Perto de Jota da Penha,
Baixou a venta e cheirou.

Zé Pinheiro lhe atirou
Porem não acertou não,
E o cavallo se esparrou
Que ficou rente no chão...
Pinheiro sai da trincheira
E mata o cavallo á mão.

Foi, disse a Pedro Silvino
O que tinha succedido,
Contou que Jota da Penha
Na lucta tinha morrido;
Pedro Silvino então disse:
— «Antes tivesse o prendido!»

João Gome achou o cadáve
De Penha e se descobriu:
— «Deus te dê a salvação,
Bocca que nunca mentiu,



Brço de heróe destemido,
Mão forte que resistiu!»

Estava perdida a guerra
Ô que horrorosa certeza!
A soldadesca chorava...
Todos então, com tristeza,
Botáro Penha no expresso,
Mandáro p'r'a Fortaleza.

Eu tava na Capital
Naquella noite afflictiva,
Na hora que foi chegando
Aquella locomotiva
Trazendo Jota da Penha,
Corpo morto e alma viva!

Jagunço ahí tomou conta...
Anarchizáro o Maytá,
Depois Quixeramobim,
Déro cerco no Juá,
Logo nesse mesmo dia
Desgraçáro o Quixadá.

Com toda facilidade
Entráro no Batrité,
E corrêro toda serra,
Escangalháro o Coité,
Fizéro cantá Bemdicto
Ao povo do Canindé...

A causa do Presidente Franco Rabello não teve só a defesa do cego Aderaldo. Alguns mezes após o assassinio de Pinheiro Machado, ouvi, na cidade de Lavras e do cantador Napoleão o relato, em versos, da tragedia do Hotel dos Ex-trangeiros. Da poesia de Napoleão eram estas estrophes:



Dizia o Manço já preso:
«Não fui por ninguém mandado,
Fui porque via o paiz
Ficando subjugado...
Disse: Eu te cõrto, *pinheiro*,
Eu te arrebento, *machado*!

Matei o chefe dos chefe...
Podem pois me condemná,
Matei o sinhô do Hermes,
O *algoz do Ceará*,
Mandava o paiz em peso,
Do Rio Grande ao Pará.

Não dá mais fruita o *pinheiro*,
Nem tem mais gume o *machado*,
Agora cria ferruge
E fica inutilizado...
Eu livrei do captivoiro
A Nação e o Senado».

Os cantadores alludem frequentemente aos
vultos representativos do meio em que vivem.
Na Bahia tive conhecimento de que no sul do
Estado é popular esta quadrinha:

Na corage — Henrique Alve, ⁽¹⁾
No dinheiro — Misaé, ⁽²⁾
O Pessoa ⁽³⁾ na politica,
Mangabeira ⁽⁴⁾ nos papé.

(1) Cel. Henrique Alves, cidadão de comprovada
coragem.

(2) Cel. Manoel Misael da Silva Tavares, um dos
mais ricos fazendeiros do sul da Bahia.

(3) Cel. Pessoa, chefe político e senador por Ilhéos.

(4) Dr. João Mangabeira, emérito advogado, hoje
Deputado Federal.

Aderaldo é solteiro: não tem, como o cego Symphronio, solicita esposa que lhe leia versos até que elle os retenha na memoria. Mas o cego quixadaense tem em sua companhia dois rapazes que o ajudam a ganhar a vida: o Luiz Bento, que tambem toca viola e o José Raimundo, que é, especialmente, incumbido de, todos os dias, lhe fazer leituras. Assim, Aderaldo recita numerosas composições de famosos menestreis. De Leandro Gomes de Barros, por exemplo, Aderaldo me disse «O soldado jogador»:

Era um soldado francez
Que se chamava Ricarte,
Jogador de profissão;
Nunca elle foi numa parte
Que não trouxesse no bolso
O resultado da arte.

Os francezes, nesse tempo,
Tinham por obrigação,
—O militar e o civil—
Seguir a Religião;
O Papa fazia a lei,
Botava em circulação.

Ricarte, soldado velho,
Com trinta annos de tarimba,
Aonde elle achava jogo
De sete e meio ou marimba,
Dizia logo: — «Eu vou ver
Agua na minha cacimba!»

Um dia, faltou-lhe o sôldo...
Ricarte pôz-se a pensar
Onde podia haver jogo



Que elle pudesse jogar...
Era Domingo e a Missa
Não havia de tardar.

Dinheiro não tinha um xis!
Fiado nem se falava,
Pois um soldado francez,
Na bodega em que comprava,
Só pegava um objecto
Porem depois que pagava...

Toca a entrada da Missa,
Veiu o sargento chamal-o;
Ricarte ainda pediu
Para elle dispensal-o,
Porém o sargento disse:
— «Sou obrigado a mandal-o!»

Ricarte foi para a Missa
Com grande constrangimento,
Era obrigado a cumprir
A lei do seu Regimento,
Mas não podia afastar
O jogo do pensamento.

Chegando dentro da Igreja,
Ricarte se ajoelhou
E de um dos bolsos da calça
Logo um baralho tirou,
E, traçando as cartas todas,
Uma patota formou.

Não viu, porém, atraz delle
O sargento ajoelhado...
Este ali observou
Tudo quanto foi passado,



E disse, depois da Missa:
— «Você está preso, soldado!»

Effectuando a prisão,
O sargento nesse instante
Foi com o soldado preso
À casa do Commandante,
Dizendo que elle fizera
Um crime muito aggravante.

— «Prompto, senhor Commandante,
Aqui tem preso um soldado
Que foi á Igreja ouvir Missa
E estava lá ajoelhado,
Encamachando um baralho
Que traz no bolso guardado».

Perguntou o Commandante:
— «Quem lhe deu tal criação?»
Disse Ricarte — «Senhor,
Si me prestasse attenção,
Do crime que eu commetti
Eu lhe diria a razão...

E continuou: — «Primeiro,
É preciso eu confessar
Que ganho um soldo mesquinho
E esse soldo não me dá
Para eu comprar um livro
Para na Missa rezar.

Por isso, compro um baralho
E rezo nelle constante»...
— «Mas que reza tem baralho?»
(Perguntou o Commandante)
— «Há de tudo! Eu provarei
Como tem, daqui por diante.



Por exemplo, a carta *az*,
Que tem um ponto sómente,
Faz-me recordar que existe
Um só Deus Omnipotente...
Quando chamamos por Elle,
É certo elle estar presente.

Quando pego num dos *dois*,
Ahi imagino eu
Que em duas tabuas de pedra
O Creador escreveu,
Quando nas salças ardentes
A Moysés appareceu.

Quando eu seguro num *tres*,
Me lembro da Divindade,
Como bem: as tres pessoas
Da Santissima Trindade,
Que todas nós adoramos:
Espirito, Filho e Padre.

Os *quatro* lembram-me as quatro
Marias de Nazareth,
Que foram Maria Alfa,
E Maria Salomé,
Magdalena e a Virgem Pura,
Esposa de S. José.

O *cinco* faz-me lembrar
Aquelle dia de fel,
As cinco chagas de Christo
Feitas por mão tão cruel,
As cinco chagas daquelle
Filho do Deus de Israel.

Quando eu ólho para um *seis*,
Entram na imaginação



Os seis dias consumidos
Na obra da Creação;
Em seis dias Deus fez tudo,
Sem em nada pôr a mão.

Os *sete* lembram-me a hora,
Hora triste e amargurada,
Dos sete passos de Christo
Na sua paixão sagrada,
Com sete espadas de dores
A Mãe de Deus foi cravada.

Nos *oito* vejo as pessoas
Que do diluvio escaparam:
Noé, a mulher, tres filhos
E tres noras se salvaram,
Só estas oito criaturas
Nas aguas não se afogaram.

Quando eu olho para os *nove*,
Vêm-me logo ao coração
Os nove mezes ditosos
Da divina Encarnação,
Que Jesus passou no ventre
Da Virgem da Conceição.

Quando eu pego em qualquer *dez*,
Não posso mais me esquecer:
Dez mandamentos ficaram
Para o mundo se reger...
Quem cumpre os dez mandamentos
Não quer sua alma perder.

Do baralho a carta *Rei*
Traz logo á minha memoria
O Ser Todo Poderoso,
O divino Rei da Gloria,



Que não precisa de forças
Para alcançar a victoria.

Quando eu pego numa *Sota*,
Me vem á lembrança Aquella
Que todo Jerusalem
Enriqueceu só com Ella,
Aquella que deu á luz
E continuou donzella!

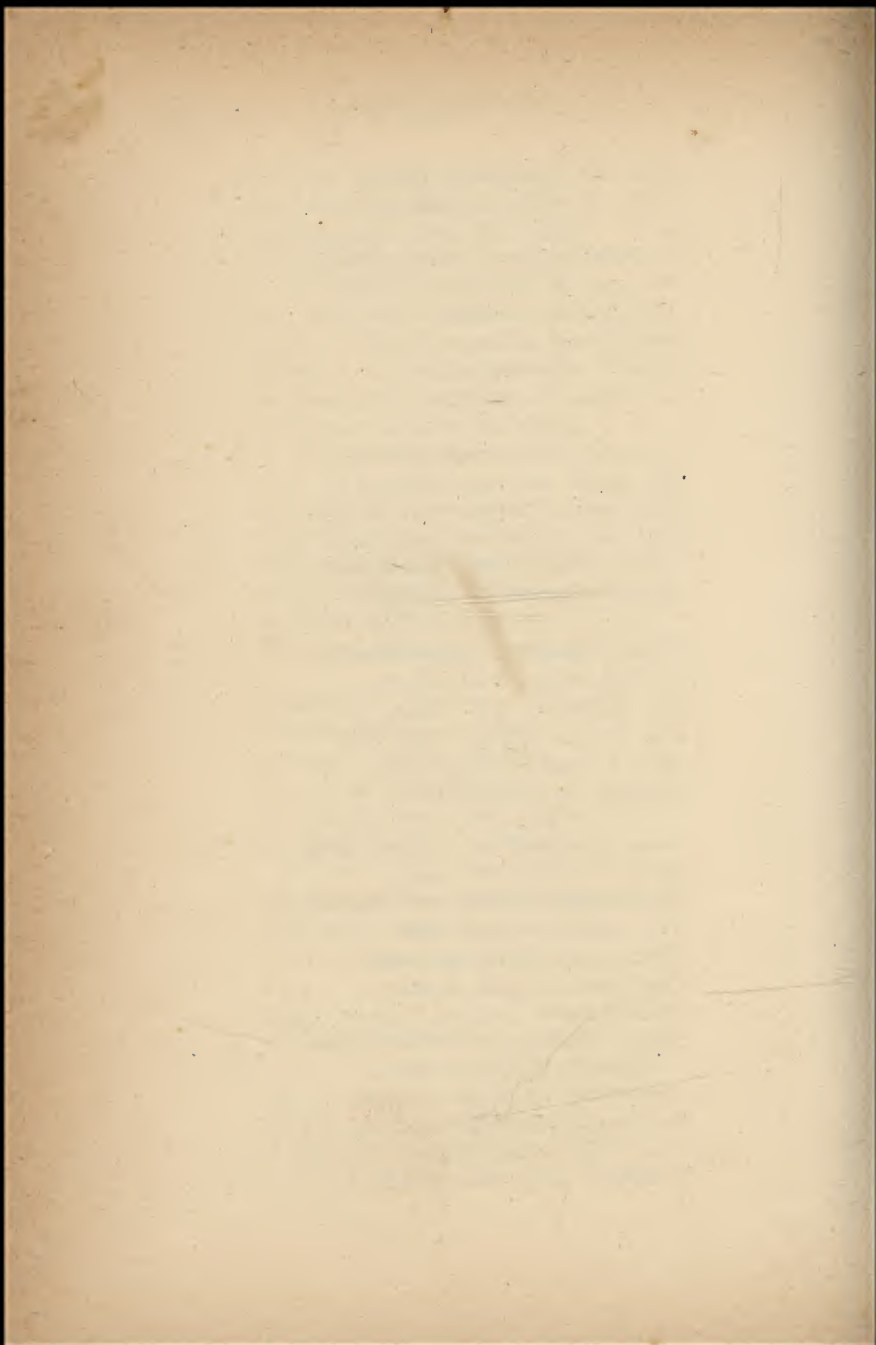
Eis ahi, meu Commandante,
As razões de seu soldado!
Não posso comprar um livro,
Por meu soldo ser mirrado...
Compro um baralho onde rezo,
Porque só custa um cruzado...

Então, disse o Commandante:
— «Em todas cartas falaste,
Te esqueceste do *Valete*,
Foi porque não te lembraste?
Não é tambem uma carta,
Porque não apresentaste?»

Disse o soldado: — «Essa carta
De *Valete* é carta ruim...
Eu, quando compro um baralho,
Tiro ella e dou-lhe fim:
Tem traços desse sargento
Que denunciou de mim!»

Disse, então, o Commandante:
— «Ricarte, tú és passado,
Tens vinte annos de praça,
Foi tempo bem empregado...
Vou te passar a Sargento
E dou-te soldo dobrado!





LUIZ DANTAS QUESADO

É de se imaginar minha jubilosa surpresa ao receber, no meu Lar, a visita do famoso vate sertanejo Luiz Dantas Quesado.

Luiz Dantas é um velho de setenta e um annos completos, porquanto confessa haver nascido aos 5 de Julho de 1850 e em S. João do Rio do Peixe (Parahyba). Tem, entretanto, vivido sempre no Ceará. Quando o conheci, elle se achava em Fortaleza, aonde fôra imprimir seu livro «Glosas Sertanejas», prefaciado pelo Dr. Florencio de Alencar, occulto sob o pseudonymo de *J. Cariry*.

Ao lhe falar, á primeira vez, dizendo-lhe da satisfação que experimentaria si elle me recitasse algumas producções da propria lavra, Luiz Dantas se esquivou com este lamento: — *«Qual, Doutor! Eu até nem uso mais da Poesia... Estou velho e acabado. Sou bananeira que já deu o cacho: — eu ando que nem girmúm de ponta de rama...»*

Tive, porem, a habilidade de vencer a reluctancia do velho poeta, começando por estabelecer com elle animada conversação sobre os



grandes cantadores com quem elle havia privado. Luiz Dantas expandiu-se e forneceu-me preciosas informações de varios troveiros celebres no Ceará e Estados limitrophes.

Depois, Luiz Dantas começou *naturalmente* a me falar de si.

Verifiquei, admirado, que, apesar da idade, elle tem prodigiosa memoria. Os originaes de seu livro se encontravam nas officinas da «Typographia Commercial», mas foi como si eu os tivesse commigo, pois Luiz Dantas me recitou quasi todo o volume. Aqui estão algumas das suas glosas:

*Onde não está Luiz Danta
Só se fazendo um de barro.*

Tomára achar quem garantia
A vinda da Monarchia,
E possa haver alegria
Onde não está Luiz Danta...
Elle diz que, quando canta,
Sente na guela um pigarro;
Deixou de fumar cigarro
Porque vivia doente...
P'ra não perder-se a semente,
Só se fazendo um de barro!

*Bebida de branco é vinho,
Palitot de negro é peia.*

Juazeiro é pau de espinho,
Todo moleque é canalha,
Fichú de besta é cangalha,
Bebida de branco é vinho.
O pau que risca é graminho,



O jantar á noite é ceia,
Casa de preso é cadeia,
Homem de força é Sansão,
Banho de cabra é facão,
Palitot de negro é peia.

*Não respeito fidalguia,
Homem nenhum me desfeita.*

Nunca tive valentia,
Sou manso e muito prudente...
É certo que, estando quente,
Não respeito fidalguia.
De mim ninguém desconfia,
Commigo tudo se ageita...
Si a coisa não fôr direita
Nesta cidade do Crato,
Brigo, dou, apanho e mato:
Homem nenhum me desfeita.

A decima seguinte revela magnificamente
a veia epigrammatica de Luiz Dantas:

O nosso Zuza Thomaz
É homem de opinião...
Não vejo neste sertão
Quem desfaça o que elle faz:
Apaga fogo com gaz,
Rebate bala com a mão,
Tem mais força que Sansão!
Um dia, elle, estando armado,
Apanhou de um aleijado
Mas deu num cego á traição!!!...



A seguinte glosa é a que Luiz Dantas considera o seu melhor trabalho:

Nem todo pau dá esteio.

Nem todo passaro vôa,
Nem todo insecto é besouro,
Nem todo judeu é mouro,
Nem todo pau dá canôa;
Nem toda noticia é boa,
Nem tudo que vejo eu creio,
Nem todos zelam o alheio,
Nem toda medida é recta,
Nem todo home é poeta,
Nem todo pau dá esteio.

Nem toda agua é corrente,
Nem todo adoçado é mel,
Nem tudo que amarga é fel,
Nem todo dia é sol quente;
Nem todo cabra é valente,
Nem toda roda tem veio,
Nem todo matuto é feio,
Nem todo matto é floresta,
Nem todo bonito presta,
Nem todo pau dá esteio.

Nem todo pau dá resina,
Nem toda quentura é fogo,
Nem todo brinquedo é jogo,
Nem toda vacca é leiteira;
Nem toda moça é faceira,
Nem todo golpe é em cheio,
Nem todos livros eu leio,
Nem todo trilho é estrada,
Nem toda gente me agrada,
Nem todo pau dá esteio.



Nem todo estrondo é trovão,
Nem todo vivente fala,
Nem tudo que fura é bala,
Nem todo rico é barão;
Nem todo azedo é limão,
Nem todos pagam «bloqueio»,
Nem todas as noites ceio,
Nem todo vinho é de uva,
Nem toda nuvem traz chuva,
Nem todo pau dá esteio.

Nem todo preto é carvão,
Nem todo azul é anil,
Nem toda terra é Brasil,
Nem toda gente é cristão;
Nem todo índio é pagão,
Nem toda Agência é Correio,
Nem toda viagem é passeio,
Nem todos presam bom nome,
Nem toda fructa se come,
Nem todo pau dá esteio.

Nem todo lente é sabido,
Nem tudo que é branco é leite,
Nem todo óleo é azeite,
Nem todo rogo é ouvido;
Nem todo pleito é vencido,
Nem todos vão ao sorteio,
Nem todo sítio é recreio,
Nem toda massa é de trigo,
Nem todo amigo é amigo,
Nem todo pau dá esteio.

Apesar da preferencia do velho vate, julgo
que mais valiosas que as decimas dessa glosa são
estas quadrinhas de Luiz Dantas:



Um beijo em mulher medrosa,
Dado escondido, às escuras,
É a maior das venturas
Que a alma do homem gosa.

O beijo que é concedido
Com liberdade e franqueza
Parece uma sobremesa,
Depois de um jantar sortido.

Convem que o beijo se tome
Depois de renhida lucta,
Como si fosse uma fructa
Comida por quem tem fome...

Mas o beijo, a qualquer hora,
Que mais provoca o desejo
É quando a dona do beijo
Suspira, soluça e chora.

Porem o maior sabor
É quando a mulher nos nega,
Porque então a gente pega
E beija seja onde fôr!!!!...

Cumpre-me significar a minha admiração de estes claros e perfeitos versos, de rimas duplas, serem da lavra de Luiz Dantas, elles que podem ser subscriptos por qualquer poeta de renome. Dar-se-á o caso de que taes quadras não sejam de Luiz Dantas, qual da poesia «A bicharia» me disseram Jacob Passarinho, Azulão e o cego Symphronio? Já o Sr. Ildefonso Albano no livro «Jeca Tatú e Mané Chique-Chique» publicára, attribuindo-as a Luiz Dantas, quatro das cinco estrophes, que ora reedito, com



a declaração vehemente do velho versejador, de ser o autor das mesmas.

Todos os versos de Luiz Dantas têm uma historia. O poeta conta-a picarescamente, dando, destarte, valor duplo ao que, acto continuo, declama. Um dia, pediram-lhe que enumerasse coisas que ninguém pudesse ver. Eis como elle accudiu a esse repto:

Nunca vi nem hei de ver
Boa lavoura em aceiro,
Casamento de viuvo
Que não tenha alcoviteiro,
Nunca vi segundo prato
Ter o gosto do primeiro.

Não sei si já terão visto
Gato comendo pimenta,
Ou roupa branca alvejar
Lavada em agua barrenta,
Ou mulher secca e comprida
Que não seja ciumenta.

Acho difficil tambem
Agua com fogo se unir,
Vaqueiro ser como o amo,
Cigano não illudir,
Franqueza em gente sovina,
Peixe no secco dormir.

Nunca vi negociante
Que não minta no balcão,
Nunca vi questão de herdeiro
Findar sem desunião,
Nem dinheiro de botija,
Nem soldado ter razão.



Nunca vi homem sem falta,
Doutor não querer dinheiro,
Assar manteiga em espeto,
Milagre de feiticeiro,
Venda de gado, fiado,
Que não quebre o boiadeiro.

Há quatro coisas no mundo
Que é difficil de se ver:
É pobre fazer acção,
Rico deixar de morrer,
Branco querer bem a negro,
Terra boa sem chover.

Não há boi sem ser castrado,
Nem touro sem ter cupim,
Nem padre sem ser crôado,
Nem pastagem sem capim,
Nem doutor sem ser formado,
Nem negro sem pitum.

Luiz Dantas tem exaggerada compenetração do valimento dos proprios recursos poeticos. As estrophes seguintes denunciam o orgulho do ancião versicultor:

Rapaz, estando prosando,
Me vendo chegar, se cala...
Si pretender pedir moça,
Não peça que arrasta a mala...
Sabendo falar, gagueja,
Si gaguejar, perde a fala...

Cigarro ruim não se fuma
Onde há marca «Lafayette»...
Negro em roda não se mette.



Sacco cheio não se apruma,
Sabão ruim não faz espuma,
Pau pôdre não mata cobra,
Comida boa não sobra...
Aonde está Luiz Danta,
Defunto não se levanta
Nem sacco cheio se dobra!

Uma vez, em Barbalha, perguntaram a Luiz Dantas qual era o ente mais infeliz. Elle respondeu assim:

Conheço entre os infeliz
Tres que a sorte infeliz fez:
O homem que bebe e joga,
Mulher que errou uma vez,
Cachorro que pega bode...
Coitadinho delles tres!

Com esta decima, Luiz Dantas alvejou discretamente as faceirices e leviandades de certa moçoila *atirada*:

Eu conheço uma donzella
Aman-te como ninguem,
Mas dizem que aqui não tem
Tão voluvel quanto ella...
Certo amigo gosta della,
Vive pensando comsigo,
Não torce a nenhum perigo,
Sente dor, porém não geme...
A primeira letra é um M,
Sei do nome mas não digo.

Na poesia que vai aqui transcripta o velho



poeta declina perto de cincoenta especimens da fauna cearense:

A BICHARIA

Vi um teú escrevendo,
Um camaleão cantando,
Uma raposa bordando,
Uma ticaca tecendo;
Um macaco velho lendo,
Cururú batendo telha,
Um bando de rã vermelha
Trabalhando num tissume,
Vi um tatú num cortume
Cortando couro de abelha.

Vi um quaty marcineiro,
Vi um furão lavrador,
Vi um porco agricultor
E um timbú velho ferreiro;
Um veado sapateiro,
Caetetú tocando buzo,
Punaré fazendo fuso,
Aranha tirando empate,
Vi um besouro alfaiate
Cortando roupa de uso.

Vi um peba fogueteiro
Soltando fogo do ar,
Vi papa-vento mandar
À rua trocar dinheiro;
Carrapato redoleiro
Comendo faropa pura,
Um bando de tanajura
Empregada num café,
Vi um percevejo em pé
C'um grajau de rapadura.



Vi um peixe de chocalho,
Formigão de granadeira,
Eu vi camarão na feira
Comprando queijo de coalho;
Vi calango num trabalho
Lambusado em mel de furo,
Vi duas vibras num muro
Conversando em Monarchia,
Imbuá na freguezia
Tomando dinheiro a juro.

Vi mosca batendo sola,
Mucuím tocando flauta,
Caranguejo de gravata
E cobra jogando bola;
Vi pulga tocar viola,
Tamanduá engenheiro,
Guariba tocar pandeiro,
Vi um mosquito tossindo,
Uma formiga parindo,
— Procotó era o parteiro...

Vi um morcego occulista,
Cachorro vendendo canna,
Jaboty de russiana
E um gafanhoto dentista;
Urubú telegraphista
E gato tabellião,
Carneiro na Relação,
Um bode num escriptorio,
Caçote, de suspensorio,
Eu vi fazendo um sermão.

Luiz Dantas tem a lastimavel peculiaridade
de ser um Bocage matuto... Em rodas patuscas
elle recita as estrophes canalhas que compõe e



que nunca conseguiu reunir em volume, por não encontrar empresa typographica que se anime a edital-as.

Dos numerosos e interessantissimos desafios, assistidos e relatados por Luiz Dantas, mencionarei estes:

Cantavam Manoel Serrador e José Paulino. O ultimo estivera doente, andava extremamente pallido e se achava desdentado. Além disso, perdêra uma das vistas. Quando José Paulino desafiou Serrador, este logo o foi fulminando:

Acho ser coragem sua
Me convidar p'ra *martello*,
Que eu não respeito outro homem
Quanto mais um amarelo,
Que, além de amarelo, é torto
E, além de torto, banguelo.

Remordiam-se á viola o Preto Limão e Bernardo Nogueira. Disse o primeiro:

— Você, p'ra cantar commigo,
Precisa fazer estudo,
Pisar no chão devagar,
Fazer o passo miudo,
Dormir tarde e accordar cedo,
Dar definição de tudo...

Bernardo respondeu lindamente, aproveitando quatro versos da sextilha do antagonista:

— Você, p'ra cantar commigo,
Tem de cumprir um degredo:



Pisar no chão devagar,
Bem na pontinha do dedo,
Dar definição de tudo,
Dormir tarde e acordar cedo!

Feria-se a contenda entre Romano e Carneiro. Este intimou o antagonista:

— Romano, você me diga
Da Pindoba quando sai...
Si volta, quero saber
Para onde você vai!
Não é feliz o cantor
Que nas minhas unhas cai...

A resposta de Romano envolveu esta feliz evasiva:

— O que eu pretendo fazer
Nunca gostei de contar...
Mesmo o senhor não é padre,
Nem eu vim me confessar,
Nem eu sou réo de polícia
P'r'o senhor me interrogar!

Deixo aqui, tal qual me foi recitada por Luiz Dantas, uma poesia de Josué Romano:

REPUBLICA E MONARCHIA

Nesta lei republicana
Diversidade é o que há.
Até mesmo o uso da roupa
Com excesso grande está...
Eu, com activa lembrança,
Quero mostrar a mudança
De Oitenta e Nove p'ra cá.



De Oitenta e Nove p'ra cá
Temos o nosso Brasil
Regido pela Republica,
Impostos são mais de mil...
A Monarchia acabou-se,
Republica foi quem trouxe
O Casamento Civil.

Até as educações
Têm excesso commettido;
Filhos não respeitam pae,
O costume é pervertido...
Vê-se velho malcriado,
Meninos adiantado,
Tudo está mal permittido!

Hoje o pae faz o cigarro
E o filho accende primeiro;
Vão para a mesa de jogo
Ambos jogarem dinheiro,
Com pilherias e façanha,
Si o pac perdc, o filho ganha,
Todos dois são pariceiro.

Si dois cidadãos estão
Conversando em uma sala,
Passa um menino no meio:
O pae vê, porem se cala...
E si fala, o filho diz:
«Eu passei foi porque quiz»
E o pae ouve, mas se cala.

Eu tambem alcancei tempo
Que menino não passava
Entre pessoas mais velhas



E onde seu pae estava...
Lhe respeitava a presença
E havia de ter licença
Quando passar precisava.

Chamar-se pelo demonio
Eu alcancei prohibido...
Os irmãos uns com os outros
Eram geralmente unido...
Quasi não se caçoava...
Quando o demo se chamava,
Isto era muito escondido.

Vê-se menino fumando,
Brincando em toda função;
As mocinhas namorando
Vivem numa engolfação...
Atrevimento é o que há:
Antes de chamar «Papá»
Chamam logo pelo cão.

Moças com dezeseis annos
Que casarem não queriam,
Rapazes de vinte e tantos
Que fumarem não sabiam,
— Distrahidos no trabalho —
Olhavam para o baralho
E as cartas não conheciam.

Até mesmo o uso da roupa
Não é mais como o de outróra
Que dez côvados de chita
Vestiam qualquer senhora;
Já hoje assim não se pensa!
Vou mostrar a differença
Que há na roupa de agora.



Antigamente, os vestidos
Eram sómente embanhados,
Alguns chamados roupões
Com casacos apregados.
Por essa forma luxavam,
E os enfeites que botavam
Eram sómente babados.

Com dez côvados de chita
Mulher fazia um vestido
E, ao depois de o mesmo feito,
Inda dizia ao marido
Ou mesmo a qualquer pessoa:
— Home, esta chita era boa
Que ficou largo e comprido!

Hoje é conforme a fazenda...
Compra quinze ou dezeseis
E ella diz: — O meu não está
Como o que Fulana fez!»
Pelos pufos que se faz
É que se compra de mais,
Em vez de dez — dezeseis!

Agora os vestidos são
Cheios de pufos franzido,
Com bem um metro de panno
Em cada manga estendido...
Nada disso precisava!
Quatro dessas mangas dava
Um chambre para o marido.

Antigamente se usava
O saiote com anquinla;
Por esse tempo, o cabelo
Era arregação e pastinha...
Tambem já foi muito usado



Vestido bem amarrado
Com manga bem estreitinha.

Talvez que ainda se veja
Mulher andar de collete,
Homem andar de fichú,
Mulher de faca e cacete;
Não tarda chegar o dia
De home andar de montaria,
Mulher em sella-ginete.

Foi a lei republicana
Que nos trouxe taes usinhos:
Mulheres usam relógio,
Cinto, espartilho, corpinho,
Botam botões na abertura
Para afinar a cintura
Com gravata e collarinho.

Tratei do uso da roupa
De todo e qualquer modelo;
Toda moça compra fita
Para se enfeitar com zelo...
Tambem vou tratar do uso
Ou melhor: tratar do abuso,
Hoje em dia, no cabelo.

Antigamente, o cabelo
Era sómente cocó:
Hoje querem é pastinha
Com crepon e bendengó...
Tem mulher que usa e gosta
De botar trança supposta
Quando o cabelo é cotó.

Está se usando no cabelo
Hoje, pelas capitaes,



Um penteado de pasta
Que chamam «mata-rapaz»...
Assim é que estão usando!
Este uso se acabando,
Não sei o que inventam mais...

O tal de «mata-rapaz»
É um tanto aguaribado:
É um cabelo sem óleo
Que parece arrepiado...
Só é como acham graça!
E, por causa lá da praça,
No sertão se tem usado.

Eu descrevo nestes versos
E não censuro, antes louvo
Estas altas novidades
Que são do gosto do povo...
Por isso, canto e elogio
Porque eu mesmo aprecio
Andar no modelo novo...

Luiz Dantas Quesado septuagenario como é, me fez lembrado o velho poeta de Limoeiro — Mathias Carneiro — nascido aos 9 de Junho de 1833 e tambem eximio repentista ainda, quasi aos noventa annos. Como Luiz Dantas, Mathias Carneiro não canta os seus versos e nem ao menos os escreve. Fal-os mentalmente e jamais os esquece.

São do velho vate limoeirense estas tres interessantes estrophes:

Do açude a curimatã,
(Diz os filhos da Candinha)
Do campo a vacca maninha,

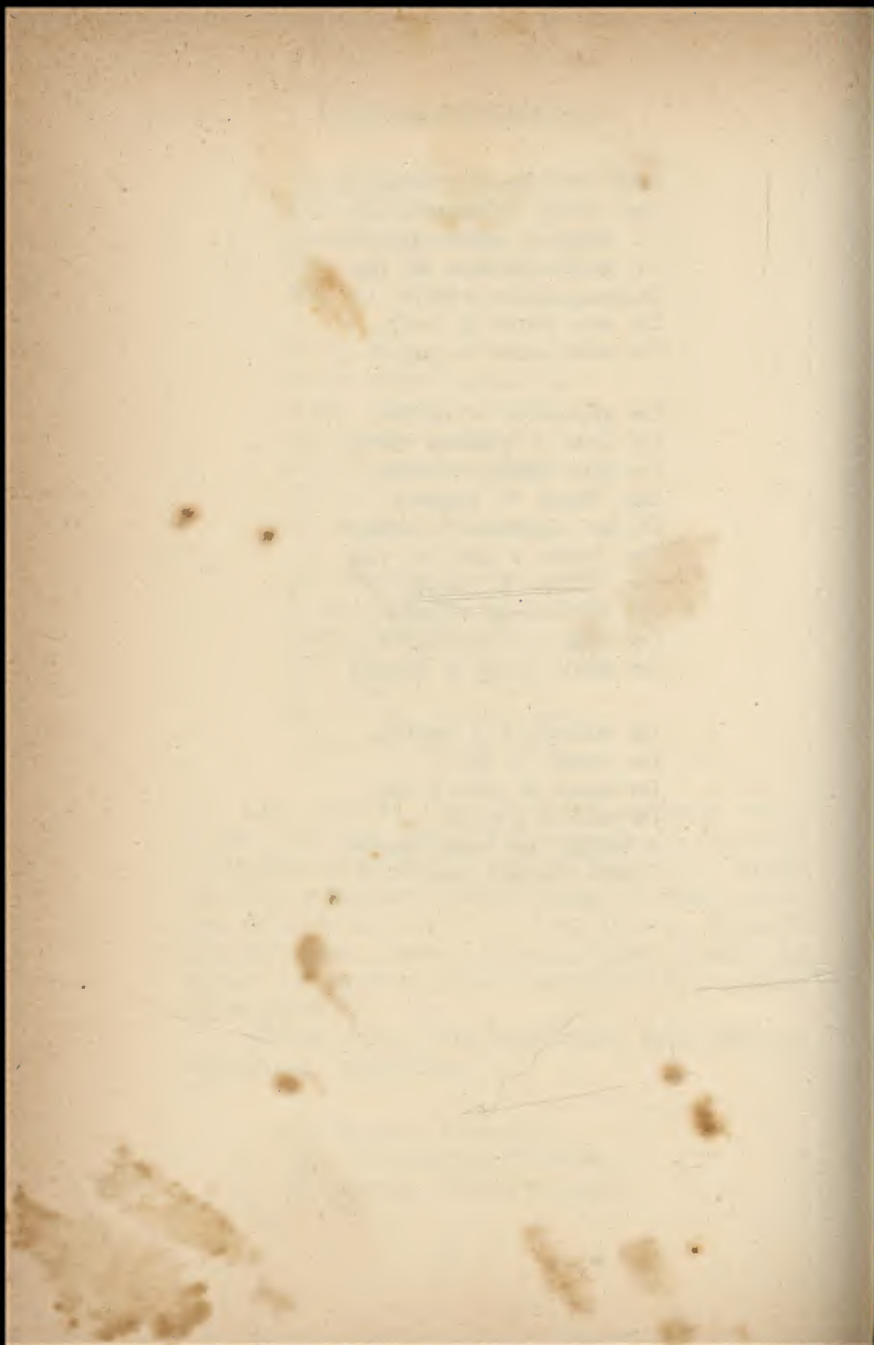


Feita um frito, de manhã;
Das ave a maracanã,
Do home a mulher bonita,
Do enfeite o laço de fita,
Da moça bonita o beijo,
Do alto sertão o queijo,
Do milho verde a cangica.

Da desmancha a tapioca,
Da festa a gallinha cheia,
Do gado miunça a ovêia,
Das flores o bogary,
Do mel de abelha o inchuy,
Das noivas a que for rica,
Das Marias a Marica,
Da cantoria a «ligeira»,
Do roçado a macacheira,
Do milho verde a cangica.

Da macambira a farinha,
Do croatá o beijú,
Da massa de côco o pão,
Da mucunã o angú,
A melhor de todas quatro:
Croatá comido crú.





SERRADOR

Quando indaguei de Serrador o lugar em que nascêra, elle me respondeu promptamente, como quem deseja arredar subsequentes indagações biographicas: — «Eu sou natural do Estado de Pernambuco, pé da Serra do Araripe, sitio *Taboca*, do major Ignacio Caetano, freguezia do Novo Exú».

Serrador, tal como *Azulão*, é um nome de guerra. O cantador pernambucano chamava-se prosaicamente João Faustino e adoptou o popularizado pseudonymo de Serrador, dès que morreu o seu notavel coestadano, o repentista Manoel Serrador. Isso, aliás, é communissimo entre os poetas sertanejos: tenho tido noticia de muitos delles que se cognominam *Bemtevi*, nome celebrizado nas letras matutas de todo o Norte.

É assim que Serrador costuma dizer qual o seu nome de baptismo:

Na pia tomei um nome,
Muito bom de soletrá:
Tem um jota e tem dois o,
Tem um til e tem um a.



Conheci Serrador quando elle, de parceria com o cego Symphronio, cantava no Mercado e ruas de Fortaleza. Dono daquellas carregadas feições a que se convencionou chamar de patibulares, é, entretanto, de trato affabilissimo e, mesmo no mais renhido dos desafios, imutavel sorriso lhe ameniza as feições sinistras.

Serrador é muito destro nos repentes e tem, por vezes, arrogancias que o approximam do negro *Azulão*. Da sua primeira disputa com o cego Symphronio, em presença minha, guardei estas estrophes petulantes e aggressivas:

O cantá de Serradô
Ê pra quem Deus é servido!
Faço muié descasada
Procurá o seu marido
E até véio de cem anno
Fica moço e infuluido.

Symphrone, pinique a pôlda
Si quizé me acompanhá:
Essa minha bola véia
Quanto eu mais puxo — mais dá...
Ôi que eu sou do Pernambuco,
Você é do Ceará...

Eu planto sempre nos alto
Pra depois colhê nos brejo!
Este velho Serradô
Ê cantadô mestre-réjo...
Hoje eu quero é judiá
Este papada de tejo.

Cantadô que nem Você,
Eu chamo quebra-jejum,



Ajunto tudo num móio,
Engulo, de um em um.

Cangussú é meu cavallo,
Corre-campo é meu facão,
Jraraca é meu chicote,
Cascavel — meu cinturão,
Caranguejo é minha espora,
Imbuá — meus anelão.

Collega, faça carreira,
Corra lá que eu lhe acompanho,
Dê os táio que quize
Que eu dou do mesmo tamanho,
Assuba na laranjeira,
Bote no chão que eu apanho.

Este véio Serradô,
De appellido João Fostino,
Quando se vê agastado
E fica no seu destino,
Faz mais medo a cantadô
Do que boi faz a menino.

Tem gente se entouceirando,
Já tou vendo os atropelo...
Esta questão hoje acaba
Num damnado desmantelo...
Que vê cumo é que eu me zango?
— Me arranca, ao meno, um cabelo!

Sou o véio Serradô,
Sem faltá nem um pedaço!
Te prepara, cego-espora,
Lá vai os meus ameaço!
Você mesmo já conhece
O peso deste meu braço...



Cante lá cumo quizê
Que comsigo eu não me zango:
Com Você sou que nem onça
Dando tapa num calango,
Ou então um gallo véio
Dando peitada num frango...

Toda vida eu me peguei
C'a Mãe do Verbo Encarnado,
Por isso é que eu nunca fui
Por cantadô desfeitado...
Com oitenta de Symphrone
Eu canto desaccupado.

Eu não tenho o que fazê
Porque não vejo ninguém...
Esse cego tem cabeça
Porque fósfo também tem...
Secca de setenta e sete,
Bocca de carro de trem...

Eu tanto tenho avisado,
Fecha o corpo que eu lá vou:
Tú almoça palmatóra,
Merenda chiqueradô!
Essas minhas violença
Vêm dêrna do meu avô...

Quem qué aumentá serviço
Começa em segunda-feira!
Eu sou trigue de mão torta,
Diabo véia estruideira.

O Serradô, quando canta,
O mundo suspira e geme,
O vento não venta mais,
Cai corisco, a terra treme,



As letra fica encostada:
I, J, K, L, M.

Nasceu: padeceu, morreu...
Sepultou-se: a terra come...
Isto é certo acontecê,
Seja muié, seja home,
Mas Serradô deixa a fama,
Sempre se fala no nome!

O cego Symphronio se deu complacentemente por vencido neste primeiro recontro e se ficou a afinar a rabequinha, entre sorrisos expressivos. Serrador, entusiasmado, rematou a justa com esta quadra emphatica, dando o rival como agonizante:

Eu me desmancho em repente,
Não tem quem me desabone!
Quem fô christão vá vê vela,
Metta na mão de Symphrone...

Certa vez, em 1919, palestrando commigo, Serrador queixou-se de que, com a secca daquelle anno, nada estava a ganhar; era angustiosa a sua situação, pois não raro soffria fome. E tomando da viola, cantou, inspirado umas sentidas estrophes, das quaes escrevi esta:

Quem qué sê mais do que é
Fica pió do que está...
Quem anda na terra alêia
Pisa no chão devagá...
Si eu nasci no Pernambuco,
Que é que eu vim vê no Ceará?!



Serrador negocia também com folhetos de narração de pelejas e de descrições varias. Jamais, porem, enfeixou, elle proprio, versos seus em fasciculos, isso por temer a divulgação das cantigas de sua lavra e que explora. Para Serrador publicar é *soltar*. O cantador pernambucano disse-me, uma vez: «Eu faço romance em verso, mas não *sólto*, sinão perde a graça».

Tive a oportunidade de ver em mãos de Serrador para mais de cento e cincoenta opusculos differentes que celebravam factos sensacionais ou descreviam a vida rustica, quer nos confins da Amazonia, quer no valle do Cariry. A vida, prisão e julgamento de Antonio Silvino; as correrias do bacharel Santa Cruz, os *milagres* e prestigio do Padre Cicero, tudo isso tem inspirado uma alluvião de canhenhos geralmente vendidos a infimo preço.

De um desses folhetos, cujo auctor não é declinado, arranco estes versos em que fala o «Cancão de Fogo», typo cynico:

Negocio serio é perdido,
Occasião faz ladrão,
Honra de mais é orgulho,
Preguiça faz precisão...
Quem fôr pôdre que se quebre:
O dinheiro é meu patrão!

Eu só creio no que vejo
E acredito no que pego!
Resa para quem morreu
É como luz para cego...
Quando eu me vejo enrascado,
Eu não garanto nem nego.



Pae e mãe é muito bom,
Barriga cheia é melhor...
A doença é coisa ruim,
Porem a morte é peor...
O poder de Deus é grande,
Porem o matto é maior...

Ainda de outro fasciculo são estas rimas
em que Leandro Gomes de Barros se refere á
cegueira da sorte:

Quando a desgraça quer vir
Não manda avisar ninguém,
Não quer saber si um vai mal
E nem si o outro vai bem,
E não procura saber
Que idade o Fulano tem...

Não especula si é branco,
Si é preto, rico, ou si é pobre,
Si é de origem de escravo
Ou é de linhagem nobre!
É como o sol quando nasce:
O que achar na terra cobre!

Não só a João Mendes de Oliveira, o cantador de Juazeiro, impressionou a guerra européa. A lucta contra os antigos Imperios Centraes inspirou grande copia de producções poeticas aos versiculatores matutos. Todos elles exprimiam o seu pasmo ante o poder militar da Allemanha. João Martins de Athayde, por exemplo, assegurou:

Todo mundo tem certeza
Que a Allemanha vai ganhar,



Porque quem briga com ella
É jogador de bilhar:
Por boa que seja a vasa,
Si ganhar, deixa na casa...
Si perder, tem de pagar!

E alludindo aos effeitos da conflagração européa na economia brasileira, João de Athayde deplorou assim a carestia da vida:

Na situação que está,
Eu tiro os outros por mim,
A gente, dagora em diante,
Só há de ter tempo ruim...
Quem derrotou nossa terra
Foi esta maldicta guerra!
O Brasil não era assim...

A pobreza no Brasil
Terá muito que soffrer,
Porque se vai numa venda
O dono custa a vender,
O sujeito mette os pés:
— «Carne velha é a dois mil réis!»
E ninguém pode comer.

O pobre é quem paga o pato,
Judiado que é um horror...
O rico millionario
Nada faz a seu favor!
E o pobre somente teme
Porque, quando o rico geme,
O pobre é quem sente a dor...

Firmino Amaral descreveu a boa vida dos sertanejos piauihyenses e as torturas de quem



procura a Amazonia. Já Antonio Baptista Guedes em «A Vida Sertaneja» cantára a existência feliz das populações do Nordeste Brasileiro quando não nas dizima a secca impiedosa. Isso para não citar os versos bucolicos de Juvenal Galeno e Herminio Castello Branco. Do trabalho de Firmino Amaral extraio estas sextilhas:

Todo Piauí é digno
De grande admiração,
Seu povo é muito cordato,
É forte na criação;
O que mais nos admira
É a sua alimentação.

A carne lá é melhor
Do que em qualquer Estado;
Lá o gado, pra ser morto,
É, primeiro, examinado!
Lá, pra boi magro e docnte,
Urubú já tem Mercado...

O leite do Piauí
Cria o pequeno innocente,
Até ficar babaquara,
Todo lutrido e luzente...
Cachorro lá já conhece
Leite de vacca doente...

A coalhada saborosa
Dá appetite e desejo,
É o regalo da vida
De todo bom sertanejo!
Com batata e gerimum
O Piauí não faz queijo...



Nós lá só comemos peixe
Com um dia de pescado,
Com dois ainda se come
Quando o peixe fresco é assado...
Lá, peixe assim de tres dias
Gato já tem vomitado...

Lá tem plantas como nunca
Em outro lugar eu vi,
Como algumas que eu conheço
Mas aqui nunca comi.
Tudo de lá para mim
É diferente daqui!

Com relação á verdura
Piauihy é sem igual,
Planta-se com abundancia
Do centro p'r'a Capital,
Porque nos vem a semente
De Paris e Portugal.

As seguintes estrophes darão idéa de como
Antonio Baptista Guedes celebrou o viver da
satisfeita gente campesina, nos tempos propi-
cios, nos invernos fartos:

Quando o inverno é constante
O sertão é terra santa;
Quem vive da agricultura
Tem muito tudo que planta;
Há fartura e boa safra,
Todo pobre pinta a manta...

Dá milho, feijão,
Tem fructa, tem canna,
Melão e banana,



Arroz e algodão;
As melancias dão
Tantas como arcia,
O gerimum campeia,
Nas roças faz lodo!
Vive o povo todo
De barriga cheia.

Quando finda o mez das festas
E entra o mez de Janeiro,
Quem tem roçado, destoca
E encoivára ligeiro,
Cada um quer ter a gloria
De ouvir o trovão, primeiro!

Com o inverno se alegra
Na matta o bravo veado;
Nas locas o caitetú
Fica todo arrepiado;
Salta o mocó no serrote,
Quando vê o chão molhado.

Com vinte dias de chuva,
Logo após a vaquejada,
Chega a fartura do leite,
Manteiga, queijo e coalhada!
No tempo da *apartação*
Isto é que é festa falada!...

É, sim, um festão
De muito desejo
Para o sertanejo
Uma *apartação*.
Os vaqueiros vão
Gado derribar,
Cada um tirar
P'r'as suas ribeiras...



Famílias inteiras
Vão a festa olhar.

Si pega a chuva em Janeiro,
Faz o povo a plantação;
Em Fevereiro e em Março
Quatro ou cinco limpas dão;
De vinte de Abril em diante,
Já comem milho e feijão.

Chega a abundancia,
Reina a alegria,
Passa a carestia,
Passa a circunstancia,
Com exuberancia
A lavoura duplica
E uma vida rica
Passa o sertanejo:
Carne gorda e queijo,
Pamonha e cangica!...

E então no mez de Julho
O sol já fica mais quente,
Cáem as folhas dos paus,
Sécca o verde, de repente,
É mez de pouco trabalho:
Folga quasi toda gente!

A rapaziada,
Quasi todo dia,
Usa pescaria
E muita caçada;
Vida bem folgada
Todo mundo passa,
De mel e de caça
Fazem seu vintem,



Trajam, passam bem,
Não choram desgraça.

Nisso, entra o mez de Agosto
E ahi começa o verão:
Entra-se em quebra de milho,
Bate-se e guarda o feijão,
Desmancha-se, então, a canna,
Descaróça-se o algodão.

Quando a safra é boa
E o cobre se pega,
Ninguem mais socega
No sertão inteiro,
Samba é de balseiro,
Bebedeira e jogo,
Por causa do fogo
Que dá o dinheiro.

O cantador cearense Manoel Martins de Oliveira, conhecido por Neco Martins e morador na povoação de S. Gonçalo, em Paracucú (Ceará), assim enumerou as fructas da praia e do sertão:

Tem laranja, manga e jaca,
Abacate, sapoty,
Graviola, genipapo,
Ananaz, abacaxi,
Uvas e maracujá,
Goyaba, bacumixá,
Condessa e araticum,
Catolé, côco, melão,
Yaracatyá e mamão,
Melancia e gerimum.



Eis as fructas do sertão
E da praia que eu prefiro:
Cajú, banana e juá,
Maracujá de suspiro,
Pitanga, ameixa, cajá,
Mary, roseta, araçá,
Dendê, palmeira, assahy,
Do sertão geremataia,
Guagirú, fructa da praia,
Manipuçá, muricy.

Fructa de cipó do rio,
Oity e mandacarú,
Ata, axichá, trapiá,
De veado e coaçú,
Canapum, batinga, hubaya,
E melancia da praia,
Maripunga e guabiraba,
Murta, fructa de marfim,
Jatobá acho mais ruim
Do que pitomba e mangaba.

Encontrei essas estrophes no folheto manuscrito «Marco» do citado cantador cearense. Esta relação de peixes é ainda do «Marco» cuja orthographia venho respeitando:

Os peixes que eu conheço
Os nomes vou declarar:
Piaba, bagre, trahyra,
Eyhú, moré e cará,
Tamboatá, acary,
Carapeba, cangaty,
Saúna e cariman,
Pescada, tamatarana,



Garopa e chancarona,
Piau e curimatan.

Chatinha e piabuçu,
Tainha e corimahy,
Salema e ariacó,
Pitú, lagostim, siry,
Tambem tem camurupim,
Biquaras e camurim,
Cangulos e mariquita,
Serra, bonita e cação,
Mero, bôto, tubarão
E a cavalla bem bonita.

Yaguára, cação-panan,
Rabo secco e de chapéo,
Espadarte e sicory,
Pampo, parum e charéo,
Sioba, pargos e pema,
Enxova faz piracema,
Sargo, gallo, piracurú,
Pilombeta e garajuba,
Guaxibóra e guayúba.
Aguilhão e pirambú.

Traslado, afinal, do «Marco» o rol das «fe-
ras, insectos, aves, caças e abelhas»:

Tem onça sussuarana,
A tigre e a canguçu,
Massaroca verdadeira,
Pintada, maracajá-assú,
Attrahente puraqué,
Perigoso jacaré,
Bravo lobo comedor,
Tem lobo! é como lhe digo



Porem é para castigo
De prosa de cantador...

Tem a cobra de veado,
A terrível cascavel,
A feroz surucucú,
Mais venenosa e cruel,
Giboia — enorme serpente —
Daquelas que attrahem gente,
Immensidade de cobra,
E tudo tem disciplina:
Papa-ova é quem ensina,
Caninana é quem inanobra.

Cobra verde e de cipó
São as duas professora,
E a velha cobra preta
É a grande Directora,
Corre-campo é aprendiz,
Coral faz conta com giz,
Goypeba é mestra-reja;
A cinzenta jararaca
Quando a presa nos ataca
Ou ella mata ou aléja.

Tem insectos venenosos
Que mata ou faz afflicção,
Como bem tyranna-aboya,
Mangangá, cavallo do cão,
Maribondo de chapéo,
Cabatan que faz tendéo,
Bocca-torta e inxuy,
Cabussú com seu ferrão
Já vive de promptidão
Chega abasta ver bolir.



Tem maribondo caboclo
Daquelles da cor vermelha
Que gosta de fazer casa
Entre o caibro mais a telha;
Muita casta de formiga,
A tracuá, a tapiba,
Trassanga e caranguejeira,
Desta preta miudinha
E daquela vermelhinha
Que morde e deixa a coceira.

Tem a formiga de roça
E tem o pium de rabo,
Tem muita carapanã,
Tem mosquito como diabo,
Muita praga aborrecida
Porem são desconhecida,
Por isso estou satisfeito
E, p'ra ser mais agradave,
Vou tambem tratar das ave
Que me dará mais proveito.

Jaçanan, marreca e pato,
Pecapara, mergulhão,
Garça e gallinha d'agua,
Colheireira e maranhão,
Patarrona, putrião,
Socó-boi, tamatião,
Pomba-rola, jurity,
Jandaia, maracanan,
Periquitos e cauan,
Sabiá e bemtevi.

Aza-branca e gallega,
Papa-arroz, carachué,
Canario, gallo de campina,



Dorminhôco, caboré,
Gavião e urubú,
Anuni branco, sanhassú,
A bonita sariema,
A zabelê e a nambú,
A família do jacú,
Sendo uns *assú* e outros *pema*.

Araras e papagaio,
Ave grande canindé,
Xororó, papa-lagarta,
Bico de latão, bom-é,
Muitos outros passarinhos
Daquelles pequeninhos
Que não conheço quem é,
Tem ema, tem rouxinol,
Patativá vai no rol
Pois ella mesmo é quem quer.

O saudoso yrapurú
Com seu cantar mavioso,
Corrupião e graúna
Com o seu trinar saudoso;
O tetéo e o bacurau,
Massarico e pica-pau
Mais o lindo beija-flor,
A coruja e a mãe da lua,
E a andorinha da rua,
Massarico-pescador.

Para terminar as aves
Falta o pernudo carão,
Um sujeito turbulento
Conhecido por canção.
Não conhecendo mais ave,
Acho mais apreciave



Fazer outra descrição
De toda caça existente,
Que conheço residente
No Marco da Divisão.

Tem anta, paca e cotia,
Peba, bola, verdadeiro,
Punaré, mocó, preá,
O veado campineiro,
Capoeiro e garapú,
Queixadas e caitetú,
Tamanduá, porco-espim,
Papa-mel, quaty, macaco,
Preguiça, maritacaca,
Raposas e guaxinim.

Tijuassú, camaleão,
O canasto e tatutinga,
Muitas outras qualidades
Pelo centro da catinga,
Mesmo caça que se come
Porém eu não sei o nome,
Não posso em tudo falar...
Mas quantidade de gato,
Jaboty, casta de rato,
Não há quem possa acabar.

Abelhas também são poucas:
Arapuá, inchuy,
Sanharão e capuchú,
Abreu, mosquito e jatý,
Moça-branca, jandahyra,
A tubiba e a cupira,
Tem abelha de canudo,
Tem de fartura uruçú
E tem o bonito enxú,
Com este conclui tudo.



O manuseio dos folhetos vendidos por Serrador me fez esquecer as referencias ao carrancudo mas meigo cantador. Fiquem consignadas aqui mais algumas sextilhas que delle ouvi em varios desafios travados, perante mim, com Azulão e Jacob Passarinho:

O Serradô, quando canta,
Os namorado se beija,
O sol vira, a lua pende,
As onda do má braveja,
A maré fica raivosa,
As estrella pestaneja.

Negro Azulão, hoje é dia
Que eu faço serviço feio:
Trinco o dente, abaixo a trança,
Te judío e te aperreio,
Eu te arranco essa camisa,
Te corto o couro, de rêio.

Quando eu me ditrimino,
Faço tudo quanto entendo:
Pego, solto, agarro e deixo,
Toro, quebro, corto e emendo,
Broco o matto, asséro e queimo,
Planto, limpo, côio e vendo.

Vou fazê uma arapuça
Pra pegá este azulão:
Boto xerem, boto visgo,
Boto banana e melão,
Elle fica preso dentro
Sapateia no alçapão.



Aqui está longo trecho inedito do celebre desafio que durou oito dias e foi travado pelos cantadores Francisco Romano e Ignacio da Catingueira, negro... O Sr. Rodrigues de Carvalho publica no seu livro «Cancioneiro do Norte» alguns topicos do citado desafío. No sertão cearense ouvi, com pequenas variantes, as estrophes publicadas. Mas os versos que óra revelo jamais foram dados á publicidade e eu os devo a Serrador:

— Ignaço, que andas fazendo
Aqui nesta freguezia,
Cadê o teu passaporte,
A tua carta de guia,
Onde tá o teu sinhô,
Cadê a tua famia?

— Seu Romano, eu sou captivo,
Trabajo pra meu sinhô...
Quando vou p'ra uma festa
Foi elle quem me mandou,
E quando saio escondido
Elle sabe p'r'onde eu vou.

— Ignaço, deixa-te disto,
Não te posso acreditá
Pois eu tambem tenho nêgo
E só mando trabaiá...
Cumo é que teu sinhô
Vai te mandá vadiá?

— Ignaço da Catinguêra,
Escravo de Mané Luiz,
Tanto corta cumo -risca,
Cumo sustenta o que diz!



Sou Vigário Capellão
E sancristão da Matriz.

— Este aqui é o Romano,
Dentaria de elephante,
Barbatana de baleia,
Força de trinta gigante,
É ouro que não mareia,
Pedra fina e diamante.

— Ignaço da Catingueira
É nêgo desengonçado:
Abre cacimba no secco,
Dá em baixo no muiado...
Aperta sem ser troquez,
Corta pau sem sê machado.

— Ignaço, me faz favô,
Me diga lá num repente
Qual é a dô que mais dói,
Que mais atormenta a gente.

— Eu penso que o panadisso
É dôzinha impertente;
Mas porem tem muitas outra
Que eu lhe digo, de repente:
Ferroada de lacrau
Faz o pé ficá dormente;
Tem outra dô condemnada,
Que é pisá-se em braza quente.

— Sou que nem dois telegramma:
Quando um assobe, outro desce...
Ignaço, você me diga
Que eu nunca achei quem dissesse
Qual é a herva do mato
Que o proprio cego conhece.



— Neste negocio de mato
Sou quasi decurião...
Corto o baraio onde quero,
Dou carta e jogo de mão:
No mato tem uma herva,
Queima e arde como o cão,
O proprio cego a conhece:
É urtiga ou cansansão.

— Ignáço, si és tão sabido,
Responde sem estudá
Qual é o transe na vida
Que mais nos pode apertá,
Que até nos tira a alegria,
O geito de conversá,
O somno durante a noite,
A vontade de almoçá.

— Seu Romano, me parece,
Eu que não sou aprendido,
É quando morre a mulhé
Ou quando morre o marido,
Nosso pae ou nossa mãe,
Ou nosso filho querido,
Quando chega em nossa porta
Um credô aborrecido.

— O pau que eu tirá de foice,
Tu não tira de machado;
No mato que eu entrá nú,
Cabra não entra encourado;
Barbatão que eu pegá solto
Botas no mato, peiado...

— Seu Romano inda não viu
O tamanho do meu roçado:



Grita-se aqui num aceiro,
Ninguém ouve do outro lado,
Eu faço coisa dormindo
Que outro não faz acordado,
O que o Sr. faz em pé
Eu faço mesmo deitado.

— No logá onde eu campeão
Tú mesmo não tira gado;
Faço figura no limpo,
Faço mió no fechado;
No poço que eu tomá pé
Votê morre é afogado.

— Coisa que eu faço no mato
Ninguém faz no tabolêro;
O que o branco faz no duro
Eu faço num atolêro;
O que faz no mez de Março
Eu tenho feito em Janêro;
O branco bem amontado,
O nêgo em qualquer sendêro,
A concessão que lhe faço
É corrê no meu acêro...
Embora o diabo lhe ajude,
Eu derrubo o boi, primêro.

— Ignaço, tú tem cabeça
Porém juízo não tem:
Um gigante nos meus braço
Apêrto, não é ninguém!
Apêrto um dobrão nos dedo,
Faço virá um vintem.

— Tem coisa que dá vontade
Metter-me na vida alêia:



Quem mata assim tanta gente
Inda não foi pr'a cadeia!
Pegá um gigante á mão
E não ficá c'a mão cheia!
Rebentá dobrão nos dedo
E não quebrá uma veia:
Esse dobrão é de cêra,
Esse gigante é de arêia...

— Ignaço da Catingueira,
Falas como uma folhinha...
Não quero escutá bobage,
Guarda a tua ladainha,
Não és pra me dá conselho:
Quando tú ia, eu já vinha...

— Seu Romano, eu pra cantá
Não preciso passaporte...
É um dom da Natureza,
Um favô da minha sorte!
Em negócio de cantiga
Tenho feito muita morte.

— Pra gente da tua laia
Não puxo por meu quicé;
Pra caça tão pequenina
Eu nem armo o meu mondé...
Cantadô da tua marca
Eu nem pergunto quem é!

— No pilão que eu piso mío
Pinto não come xerém;
Eu não engordo capão
Pra fazê mimo a ninguém:
Donde nem a gente espera
Dahi o perigo vem!



— Quem se mette p'r'o meu lado
Pode jurá que se engana...
Me cortem, que eu nasço sempre:
Sou que nem socca de canna!
Eu não me embraço em mofumbo,
Quanto mais em gitirana!
No logá onde eu passá,
Não passa nem mucurana...

— Nêgo só bebe cachaça
Cabôco bebe cauim;
Não há pequeno inimigo,
Não há amigo ruim!
Eu sou como Deus me fez,
Quem me quizé é assim!
No matto em que eu vadiá
Calango não faz camim,
No logá onde eu passá
Não passa nem mucuim...

— Tomára achá quem me mostre
Uma casa sem Maria,
Mez que não tenha semana,
Uma semana sem dia,
Altá de Igreja sem santo,
Vigáro sem freguezia,
Moça nova sem namoro
E véia sem ser «titia»...

— Eu nunca vi filho unico
Que não fosse preguiçoso!
Quem anda com guarda-costa
Não é valente, é medroso!
O home se faz por si,
Ninguém nasce poderoso!
O pobre fica maluco,
O rico fica é *nervoso*...



— Ha certas coisa na vida
Que, se dando, é raridade:
Menino não querê leite,
Soldado tê castidade,
Rapariga sem enfeite,
Gente sonsa sem maldade,
Moça passá dos trinta anno
E dizê direito a idade.

— Ha dez coisa neste mundo
Que toda gente procura:
Ê dinheiro e é bondade,
Agua fria e formosura,
Cavallo bom e mulhé,
Requeijão com rapadura,
Morá, sem sê aggregado,
Comê carne com gordura...

— Quando eu era pequenino,
No tempo que eu vadiava,
No logá onde eu nasci
A minha força eu mostrava:
Não deixei pau pra semente,
Pela raiz arrancava.

— Nunca vi ninguem no mundo
Indigestá sem comê,
Navio corrê no secco,
Atolêro sem chovê...
Tambem nunca vi no mundo,
Por isso queria vê
Tirá pau pela raiz,
Só vendo é que eu posso crê:
Só si era matapasto,
Canapum ou moçambê...



— Si você vê que não pode
Commigo, é bom que se aquête:
Emquanto derrubá um,
Eu despacho mais de sete!
O que você faz de espada
Desmancho com canivete...

— O Sr. nunca me viu
Frangí o couro da venta,
Meu cabelo se arpoá
E a testa ficá cinzenta...
Cantadô, quando eu me agasto,
Esfria como agua benta.

— Ignaço, fica sabendo
Que eu sou rei nesta rêbêra!
Tá me dando na veneta
Fazê uma brincadêra:
Eu quero mudá-te o nome
De Ignaço da *Catinguêra*...
Desse pau tão duro e forte
Eu faço *burra-leitêra*,
E, si me dé na cabeça,
Faço virá bananêra...

— O branco mais muita gente,
O nêguinho mêmo só,
O branco vem de cacete
E eu o recebo a cipó...
No pau que fizé entalha
Eu lavro sem deixá nó:
O branco corta a machado,
Eu lavro mesmo de enxó...

— Eu disse, digo e repito
Não fui, não sou de gracejo...



O pituim deste nêgo
Parece que é de folejo.

— Tudo se acaba c'a vida,
Perde a cô e perde o nome;
Toda beleza da terra
A propria terra é quem come;
Tudo fede quando morre,
Fede a mulhé, fede o home.

— Das mandioca da terra
A mais braba é a sotinga;
Das ave que vôam alto
Quem vòa mais é o tinga;
Nunca encontrei boi veiacó
Que eu deixasse na catinga:
Só não acho um cantadô
Que quebre a minha mandinga.

— Cascavel, quando me vê,
Não toca o seu maracá,
Tiro sanharão sem fogo,
Tatahyra, arapuá;
Si o branco tivé mandinga,
Eu sei quebrá patuá.

— Os peixe da minha terra
São piau e cangaty,
Curimatã e trahyra,
Piranha e jundiahy,
Branquinha, cará, piaba,
Bico de pato e mandy,
Uiú ou cabeça-secca,
Tamboatá e cary...
Eu tanto pesco de anzol
Como mato de tinguy,



O que escapa da tarrafa
Cai dentro do meu giqui.

— Emquanto o branco tá na agua,
Occupado no giqui,
Quero fazê uma nota
Das ave que tem aqui:
Tem canáro e tem sibite,
Corrupião, bemtevi,
Primavera, lavandeira,
Aza-branca e juryty,
Jaçanã e potrião,
Garça, socó, patury...
Não sai cantando victóra
Quem commigo vem bolí!
Bocado mal mastigado
É custoso de engolí...
Emquanto o branco cochila,
Deixa o nêgo divertí...

Romano parou, a esta altura, a viola para tomar um gole de aguardente, afim de afugentar o somno. Ignacio da Catingueira não permittiu a interrupção da peleja e proseguuiu:

— Uma vez que comecei,
Não deixo sem acabá,
Ainda tem muitas ave
Que eu preciso nomeá:
Cupido, gallo-campina,
Anum-preto, sabiá,
Siriema, rouxinol,
Nambú, quenquem, periguá,
Piricora e gavião,
Urubú e carcará...
Fale agora seu Romano,
Que a guela eu vou muiá...



E assim continuou o terrível desafio que, segundo o Sr. Rodrigues de Carvalho, teria durado oito dias.

Não encerrarei estas linhas sem dizer que Serrador me forneceu estas quadrinhas de amor:

Quem diz que o amô offende
Erra muito em seu dictado:
Amô é o que salva a gente,
Querê bem não é peccado.

Amá cumo manda a doutrina
Foi por Deus ditriminado...
Logo: si Deus ditrimina,
Querê bem não é peccado.

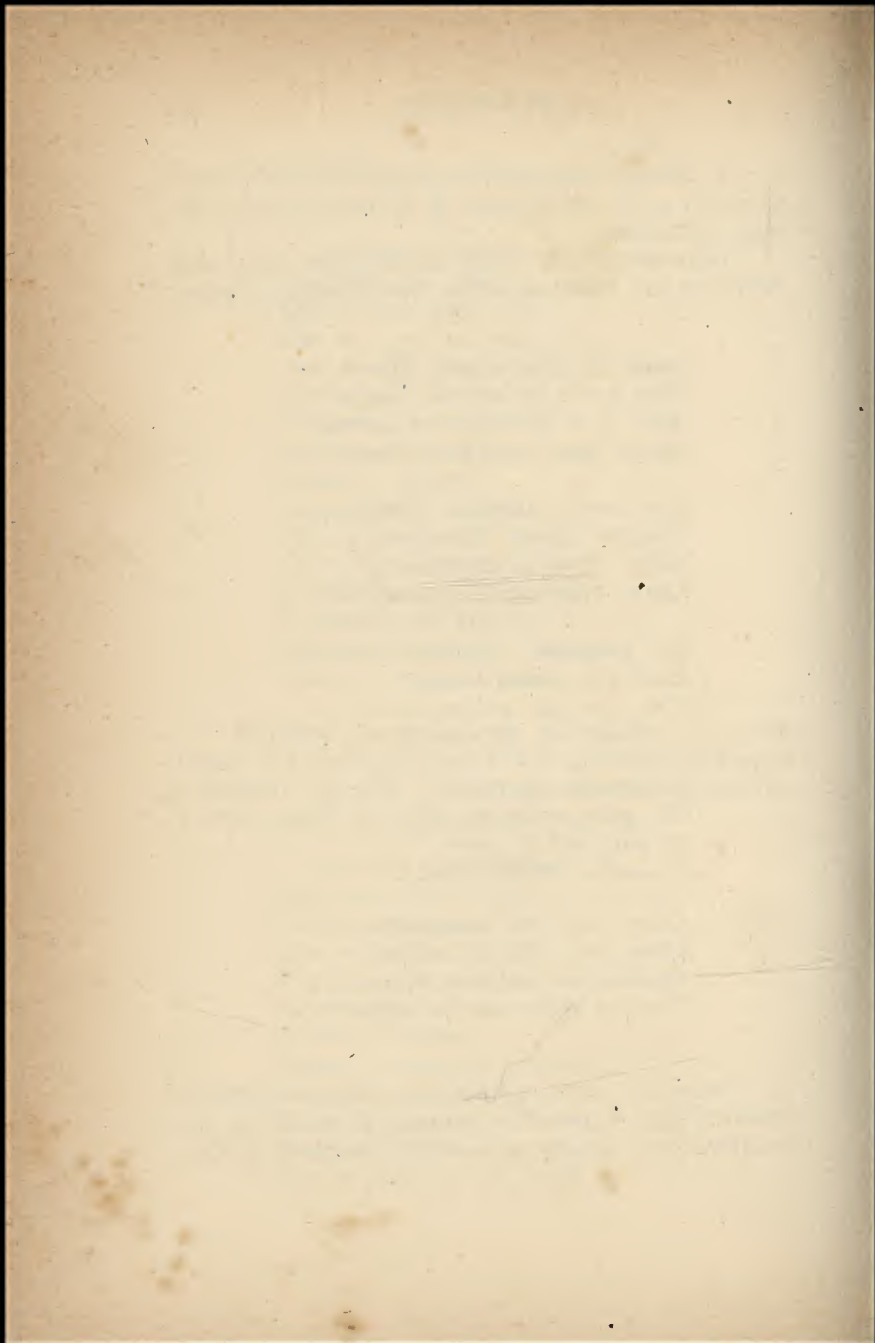
Eu perguntei a Cupido
Qual é a mulata bella;
Foi, elle me arrespondeu:
— Mulata cô de canella.

Eu queria ser vaquêro
Do gado da minha tia
Só para tirá de *sorte*
A minha prima Maria...

Quem tora pau é machado,
Quem fura vêia é lancêta...
Quando dois christão se ama,
Tem um diabo que se metta...

Serrador canta admiravelmente a «ligeira», embora diga supersticiosamente (e em bom trocadilho) que «quem canta a *ligeira* morre della»...





O CANTADOR DE JUAZEIRO

(JOÃO MENDES DE OLIVEIRA)

Conheci na cidade de Juazeiro (Ceará) um cantador que se gabava de lhe ter sido propicia a vida literaria...

Perambulando pelos sertões, João Mendes de Oliveira — o cantador de Juazeiro — vende folhetos de versos e os canta ou recita nas festas sertanejas. Jactancioso, no acto da offerta dos manuscriptos, affirma que a sua industria lhe tem dado vultosos rendimentos e o já fez «proprietario». Humilha-se, entretanto, quando consegue vender os fasciculos, pois que costuma agradecer a compra em tom de reconhecido pedinte. A mim, pelo menos, elle disse:

Deus lhe dê muita fortuna,
Muitas fazenda de gado,
Muitos cavallo de sella,
Navios encouraçado,
Moça rica, si é solteiro...
Mas porém, si fô casado,
Muié de juizo
É o que é perciso...



João Mendes de Oliveira é um typo comum, de mascate ambulante. Faz questão de vestir sempre velha roupa de casimira, uma «roupa de panno», que comprou, já feita e usada, a um belchior de Alagoas. Isso o destaca na multidão dos romeiros, quasi todos de calças e camisa, fraldas de fora, compridas, de vistoso listamento, traindo as predilecções pelas côres berrantes.

Nos cadernos de versos do vate de Juazeiro vem a declaração tonitroante, espaventosa: — «Versos do *Historiador Brasileiro* João Mendes de Oliveira».

João Mendes considera-se cantador inegualavel. Os outros, os demais «não sabem a sciencia». Somente elle e a prova está em que lê jornaes e conversa com *gente*. Eis um grito de sua jactancia:

Eu, João Mendes de Oliveira,
Estou bastante instruido
E bastante conhecido
Dentro de qualquer rebêra!
Quando eu chego numa feira,
Tudo me presta attenção;
Majores e Capitão,
Branco e preto, rico e pobre
E toda pessoa nobre,
Do sul até o sertão.

Sabedor de innumeraveis quadrinhas de amor, que assegura serem todas de sua autoria, canta-as, de preferencia ao violão, com acompanhamentos complicados, em que patenteia grande habilidade:



Passei ponte, passei rio,
Passei também um riacho:
Quanto mais vez eu te vejo,
Mais bonitinha eu te acho...

Eu quero falá contigo
Debaixo dum bom sombrio,
Onde não vente nem chova,
Não faça calô nem frio.

Desde a hora em que te vi,
Perdido por ti fiquei:
Si eu de ti não fô valido,
Não sei mais de quem serei...

Ô meu pé de cravo branco,
Minha varanda de prata,
Tua chegada me alegra,
Tua saída me mata.

Escrevi p'r'o céu sabendo,
Tou á espera do despacho:
Um corpo como esse teu
Caço na terra e não acho!

Quem tivé seu bem na vida
Não diga que só é seu:
Quando vê-lo em braços de outro,
Há de chorá como eu!

A poesia de João Mendes se resente das «vastas monotonias», a que não logram escapar versicultores eruditos. A sua lyra é, todavia, o animatographo em que se espelha a alma escandalosamente singela desses coitados romeiros que, do recondito de Estados contérminos, pe-



regrinam á «cidade santa», indo constituir ali a sua estupenda população adventícia.

O cantador de Juazeiro entremeia a conversação de maximas e rifões e assume uns ares de philosopho. Gosta de sentenciar: — «A vida melhor deste mundo é a dos outros!», phrase que exprime bem a insatisfação geral dos homens, a inveja, o insensato desaperebimento de que «cada qual é que sabe onde lhe aperta o sapato»...

É de João Mendes de Oliveira a poesia «O Brasil em guerra». Palpita e fulge nestes versos a indomita bravura do caboclo:

Todo o home pensadô
Perde o gosto de vivê
Porque daqui para o Vinte
Tudo no mundo se vê:
A derrota está na terra,
O Brasil entrou na guerra
Para matá ou morrê!

Vê-se na costa dos mare
A grande carnificina.
Entrou agora na lucta
Chile, Brasil, Argentinal
Da Prussa vem a nathéma
Com este novo systema
Da guerra subimarina.

O vapô subimarino
É uma arma traiçoêra,
Anda por debaixo d'agua
Em marcha muito ligêra;
Onde passa, vai matando:



Já está quasi acabando
Com a Nação Brasileira.

Infeliz de outro navio
Que elle o possa pegá,
Porque vòalhe uma bomba
Sem elle nunca esperá!
Faz aquillo e vai-se embora...
O outro, com meia hora,
Desce p'r'o fundo do má.

No vapô submarino
Não tem peça de canhão,
Porem na agua é mais ligêro
Do que o vento-furacão...
Elle defende Allemanha,
Porem só mostra façanha
Porque faz tudo á treição.

Se sabe que na Allemanha
O povo é muito guerrêro!
O Brasil tambem possue
Exercito escopetêro!
Aqui a paz ninguem pede...
Vamos vê o que succede
Com o paiz brasileiro.

O sorteio é em geral,
Não faz distincção de raça.
A guerra ajunta as nações
Abalando o povo em massa,
Porque Guillerme Segundo
Qué obrigá todo mundo
Pegá no pau da fumaça.

Foi esta a primeira guerra
Que tornou-se universal.



O Kaise olha p'r'o mundo
Por uma medida igual...
Aggredindo o mundo intêro,
Vem bolí com brasilêro:
Talvez lhe succeda mal!

O allemão, quando briga,
Não tem medo de ninguem,
Não pergunta p'r'onde vai
Nem qué sabê de onde vem!
Porque qualqué allemão
Briga até com seu irmão,
Si se arreliá tambem...

A guerra tá entre nós
De sembrante muito feio,
Desde o dia em que a Allemanha
Decretou este bloqueio.
É uma coisa medonha:
De Fernando de Noronha
Está se vendo o tiroteio!

O Brasil, sem tê vontade,
Entrou na confragação;
Se acha junto a Fernando
Grande reforço allemão...
Os que moram lá reparam:
Os tiro quando disparam,
Se vê até o clarão.

Os pobre pai de familia
Que tiver filho soltêro,
Inda tendo dez ou doze
Perde até o derradêro...
Isto não causa tristeza,
Si fô na santa defesa
Do pavilhão brasilêro!



O velho mundo se acha
Com o pulso muito agitado,
Com febre em quarenta grau
E de semblante mudado.
Esta ruim situação
Não é só p'r'o allemão:
Tambem soffre o Alliado.

O Brasil tá guarnecido
De um Exercito poderoso.
Nunca perdeu p'r'a ninguem:
Neste ponto é orgulhoso!
Segundo a Nota que fez,
Pode perdê desta vez
Porem, eu acho custoso!...

João Mendes de Oliveira recitou-me este «A. B. C.», de que tive depois a segura informação de ter sido composto pelo poeta popular Joaquim Pereira da Silva, residente em Santanna do Cariry. Como «Brasil em guerra», o «A. B. C.» allude ao tempo da conflagração e desereve a epoca de maior carestia da vida:

Aviso os meus camarada
Que é bom se considerá,
Temo castigo na terra!
Só Deus pode revogá...
De Dezoito a Vinte e Um,
Ai, de nós o que será?

Benefiço e caridade,
Tudo desapareceu...
De compaixão ninguem sabe...
Consciência se escondeu...
Firmeza fugiu, de noite...
Falsidade appareceu.



Como já tamo sciente
Da guerra que tem de ví,
Véio e moço, tudo agora
Não tem mais p'r'onde fugí...
Logares há em que o povo
Já nem pode mais dormí.

Disse a Allemanha: — «Eu agora
Quero vencê a questão
E garanto que o Brasil
Cai na minha sujeição!»
Ahi, nós nos levantamo
Pra defendê a Nação.

É muita a gente que vive
Em grande agoniação.
De Quatorze para cá
Tenho prestado atenção:
Tudo se faz pela vida,
Nada pela salvação.

Faz chorá as creatura,
Faz tremê os coração:
Deu-se um combate na França,
Matou-se sem isenção...
Eu peço a Deus que nos livre
Das unha dos allemão.

Grande Deus Omnipotente,
Sinhô do céu e da terra,
Nós bem sabemo o que é justo,
Vossa Santa Lei não erra:
Pedimo que nos defenda
De peste, de fome e guerra!

Horrôre já temo visto
Como os antigo dizia:



Fome, secca, peste e guerra
— Cumo marca as propñecia —
No Quinze principiou
A malvada carestia.

Inverno até temo tido,
Se torna caro é o pão,
Carne a dois minréis o kilo,
Mil e seiscento o sabão!
Faz vergonha se contá
O preço do algodão...

Já muitos que nunca viro
No seu bolso dois minreís
Diz: — «Eu plantei algodão,
Tenho vinte ou trinta pés,
Espero fazê na safra
Quasi dois conto de reis!»

Ká na minha opinião
Os preço já tão de mais:
Pobre não compra fazenda,
Já ninguem sabe o que faz,
Já tem dado tres minreís
Uma garrafa de gaz!

Lamenta-se as creatura:
Pió poderia sê!
A Allemanha contra nós
Temo muito que fazê!
Somos heróes brasilêro,
Vamo todos combatê!

Medo e mentira é o que existe,
Tambem contrariedade,
Orguio, inveja e ganança...
Acabou-se as amizade;



Vive tudo com sobroço
Da maldicta falsidade.

Na Allemanha o rei Guilerme
Ha muito, se preparou,
Tem muitos vaso de guerra,
Ninguem sabe onde arranjou...
O Lope do Paraguay
Tambem assim se enrascou!

Ôje se vive num tempo
Séro que não é de graça:
Quem vai atraz da Fortuna
Corre adiante e ella passa...
Quem anda atraz do socego
Só encontra é a desgraça...

Pedimo força e corage
A nosso Deus poderoso,
Porque os taes de allemão
São fortes e industriôso,
Porem no .nosso Brasil
Não serão victoriôso.

Quero fazê um pedido
À Virge da Conceição:
São Francisco, Santo Antonio,
Martyr São Sebastião,
Nos livre de fome e peste
E tambem dos allemão!

Raras vez penso commigo
Que a Allemanha é de perdê:
O mundo tá de tal forma
Que ninguem pode entendê:
Uns devem, porem não pagam,
Outros pagam, sem devê...



Saiba Deus e todo mundo
Que os brasileiro são forte!
P'ra defendê nossa terra
Ninguém tem medo da morte!
Felicidade e desgraça,
Tudo depende é da sorte...

Terra santa é o Brasil,
A nossa Patria querida,
Terra de gente valente,
Não tem gente esmorecida...
Quem bolí p'r'o nosso lado
Apanha o resto da vida!

Ultimamente o Kaise
Já se acha arrependido,
Porque já tem como certo
Que no fim será vencido...
Por isso, já pediu paz
Ao grande Estados Unido!

Vêi elle em muitos jornaes
Pedindo paz e perdão...
Portugal, sabendo disto,
Respondeu logo que não!
Inglaterra então gritou
Que sustentasse a questão!

Xóra o velho porque pensa
Na grande calamidade,
Xóra o moço porque perde
O prazê da mocidade,
Xóra a Allemanha porque
Não conta felicidade.

Zombam todos com razão
Desta engraçada passage,



Porque a Allemanha pretende
Sê forte, sem tê corage,
E agora tá no sem geito:
A todos rende menage...

~ O til é letra do fim,
Quero findá minha históra:
Devemo ter alegria
Pois a Allemanha já xóra,
E o Brasil não foi brigá
Porem festeja a victóra...

Vivendo em Juazeiro, ou indo ali constantemente, João Mendes não podia deixar de ser o «poeta do Padre Cicero». Effectivamente, João Mendes é o autor de varios opusculos, os quaes todos celebram a «santidade», feitos e prestigio do lendario sacerdote, cujo nome usufrúe inequal popularidade entre a gente rude do nordeste nacional.

A poesia de João Mendes documenta o fanatismo das rusticas populações do Norte pelo Padre Cicero Romão Baptista, cuja fama é conhecida do Brasil inteiro.

Aqui estão alguns respigos feitos em tres manuscriptos do menestrel juazeirense:

TRABALHOS DO PADRE CICERO

Faz quarenta e tantos anno
Que chegou no Juazêro,
Construiu uma Matriz,
Botou na frente um Cruzêro,
Celebrou a Santa Missa,
Deu benção ao mundo intêro.



Fala mais que um Missionário,
Todo dia faz sermão,
Mostrando a santa verdade
Com o prumo de luz na mão,
Arrebentou as corrente
Da praga da perdição.

Achou tudo encorrentado
Pelos laço do Maldicto,
E Satanaz ensinando
Bebê, matá, dizê dicto,
P'ra nos levá p'r'o inferno,
Condemná o nosso espírito.

A Virge da Conceição,
Na hora em que reparou
Tanta desgraça na terra,
Ficou passada de dô
De vê nós no captívêro
Do demonio tentadô.

Jesus foi e perguntou:
— «Nossa Senhora das Dôre,
Me dizei, Divina Mãe,
Rainha dos Peccadôre,
Porque é que vós chorais?»
— «Meu Filho, é desses horrôre!»

Jesus, Maria, José
Proguntou a meu Padrim
Si se astrevia a morá
Nesta cidade de espim
Para salvá os christão,
Do grande ao pequeninim.

Meu Padrim, há muito tempo,
Que diz na consagração:



«Jesus fez deste logá
O porto de salvação,
Terra santa e milagrosa,
Fonte de todo perdão!»

Está preparando um Horto,
Uma obra pia e santa;
Os mestre principiáro,
Elle dando toda a planta...
O trabaio foi suspenso,
Mas logo se desencanta!

Eu agora vou falá
Com relação ao vapô,
Que vêi lá do Ceará...
Meu Padrim nunca encontrou
Serviço p'ra não fazê
Com a graça do Creadô.

Muitos disséro na linha:
— «Agora é que eu quero vê
O Padre Cisso levá
Este vapô p'ra movê
Algodão no Juazêro...
Só eu vindo posso crê!»

Não teve nada! O vapô
Chegou na povoação,
Debaixo de fogo e musga...
Nesta mesma ocasião,
Meu Padrim saiu de casa
E botou sua benção.

Agradeceu aos romêro,
Pedindo á Virge Maria
Que recompensasse a todos
Com protecção e alegria,



E todos, na hora da morte,
Tivesse Jesus por guia!

VISITA DOS ROMEIROS

É um pastô delicado,
É a nossa protecção,
É a salvação das alma
O Padre Cisso Romão,
É a justiça divina
Da Santa Religião.

É dono do Horto Santo,
É dono da Santa Sé,
É uma das Tres Pessoa,
É filho de São José,
Manda mais que o Wenceslau,
Pode mais que o João Thomé.

Vem carta até lá de Roma,
Vem carta do Ceará,
Vem carta de Pernambuco,
Vem carta do Paraná,
Vem carta de Cajazeira,
Vem carta do Quipapá.

Vem carta do Maranhão,
Vem carta do Aracaty,
Vem carta do Cabrobó,
Vem carta do Piôhy,
Vem carta do Batrité,
E vem carta do Apody.

Quem não prestá atenção
Ao que meu Padrinho diz



Tambem não crê na Mãtriz
Da Virgem da Conceição
Nem no Propheta S. João,
Nem poderá ser feliz.

Um chega e diz: — «Meu Padrim,
Eu não sei mais o que faça!
Quero a vossa protecção
Com sua divina graça!
Com relação a virtude,
Só aqui é onde se acia!»

Outro diz: — «Eu aqui estou,
Quero que me ditrimine,
Quando eu errá, me castigue!
Quando eu não subé, me ensine!
É na vida e é na morte
Quero que vós me domine!»

O Padre Cisso, então, diz
Com sua voz diferente:
— «Não queiram sê assassino,
Não bebain mais aguardente,
Não queiram sê desordêro
Que Jesus não sai da frente!»

Meu Padrim é quem possue
Talento, força e podê
Dado pela Providença!
Quem duvidá — venha vê!
Elle é quem dá a direcção
Do que se tem de fazê...

Com relação á sciencia
Elle é quem tem toda ella!
Tudo elle faz diferente,
Até o benzê da vela,



Sítio, fazenda de gado,
Matriz, sobrado e capella,

Viva Deus, primeiramente,
Viva S. Pedro chavêro,
Viva os seus santos Ministro,
Viva o Divino Cordêro,
Viva a Santissima Virge,
Viva o Santo Juazêro!

Viva a Sagrada Famía,
No céo a Divina Luz,
Viva o Sinhô S. José,
Viva o mystero da Cruz,
Viva o Padrim Padre Cisso
Para sempre, Amem, Jesus!

Viva o Bom Jesus dos Passo,
Viva Santo Antonio tambem,
Viva o santo Juazêro
Que é nosso Jerusalem,
Viva o Padrim Pade Cisso
Para todo sempre, Amem!

PROTECÇÃO DA MÃE DE DEUS

Logo no primeiro dia
Que eu cheguei no Juazêro,
Pegou a chegar romêro
P'r'a uví a voz do Missia.
Este Páde é o nosso guia,
É a nossa satisfação,
Consola todo christão,
Ensinando o bom camim,
Trabalhando aqui sozim,
Garantindo a salvação.



Cumo defensora e guia,
Com um manto de ouro fino,
Rogou a Jesus Menino
A Santa Virge Maria,
Mãe do rico e sem valia:
— «Jesus Christo, venha cá,
Não prometti p'ra faltá!
Quando estive em Juazêro,
Salvei a todo romêro
Que veio me visitá.

Eu sou a Virge das Dôre,
Cisso é ò dono do Sacráro;
A elle dou meu Rosáro,
Conheçam bem, peccadôre:
Quem a Cisso respcitá
Ficará com Deus Eterno,
Não consinto í p'r'o inferno
Quem ouvi Cisso falál»

O meu Padrim Padre Cisso
Protege a qualqué pessoa,
Vem gente até de Alagôa,
De mais longe e de mais perto.
Tudo que elle diz é certo,
Não tem quem prove o contráro!
Bispo, Páde e Missionáro
Vão de encontro a meu Padrim:
Elle, porem, tá sozím
Na devoção do Rosáro!

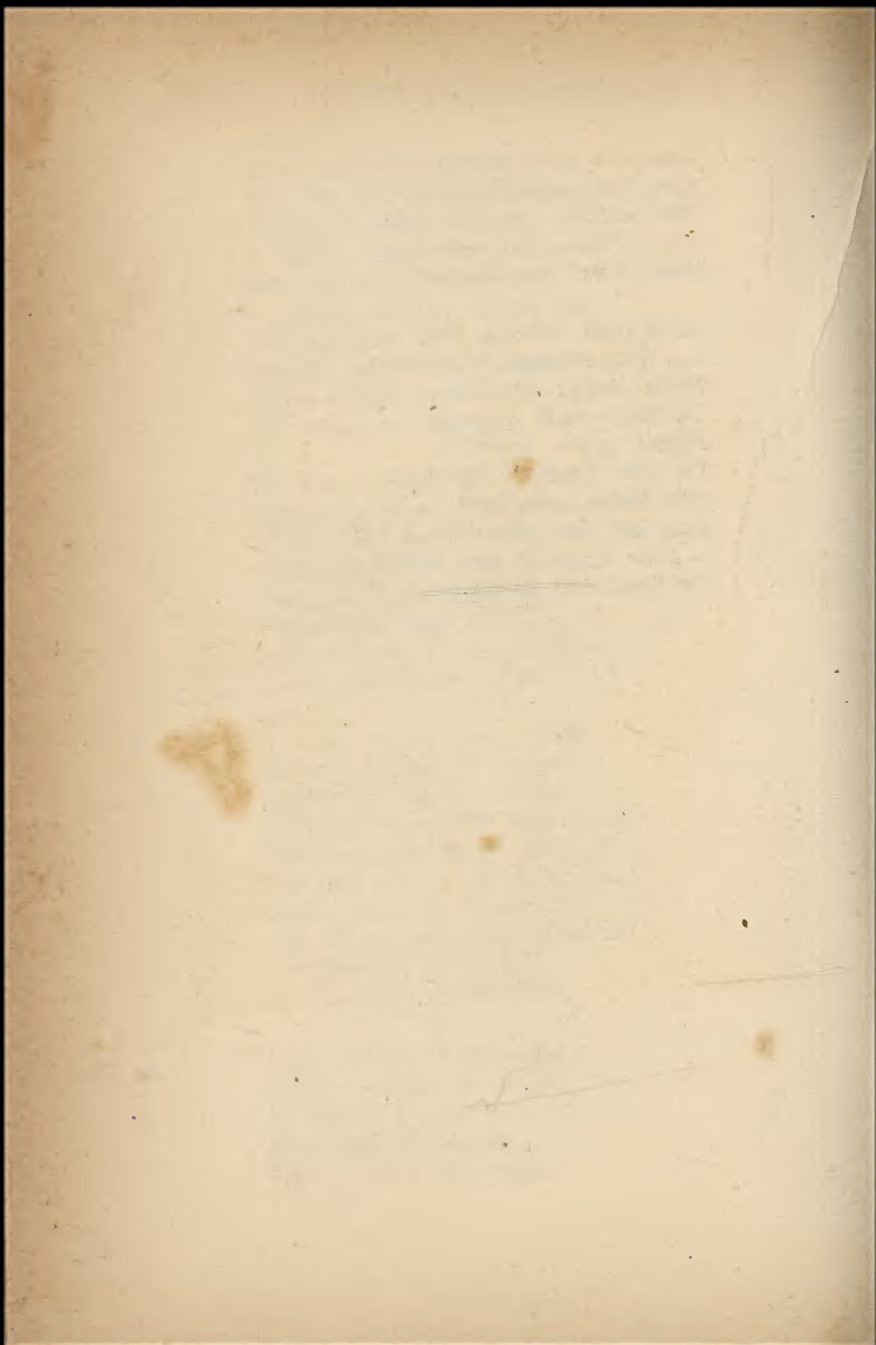
Viva o autô da Natureza,
Viva S. Miguel Archanjo,
E viva a Côrte dos Anjo,
Viva toda a realeza,
Viva a santa luz accesa,



Viva esta boa semente,
Viva Deus Omnipotente,
Viva a Cruz da Redenção,
E o Padre Cisso Romão
Viva! Viva, eternamente!

Nada mais tenho a dizê.
Sou João Mendes de Olivêra,
Nesta lingua brasileira
Eu nada pude aprendê,
Porem posso conhecê
De tudo quanto é verdade!
Não tenho capacidade,
Mas, sei que não digo á tóa:
— *Páde Cisso é uma pessoa*
Da Santíssima Trindade!...







Leonardo Motta em companhia de Anselmo Vjeira de Souza.

CANTADORES.



Portrait of a man in a suit and tie, standing next to a man in a hat and light shirt, holding a small object.

O ANSELMO

Anselmo Vieira de Souza foi o unico vate matuto da região do norte do Ceará com quem privei especialmente, no afan de delle colher notas para a feitura deste livro.

O Anselmo nasceu na fazendola *Ilha Grande*, perto da povoação de Nova Russas, do municipio de Ipueiras. Viveu longos annos, na cidade de Ipú, onde o vim a conhecer. Nasceu no anno de 1867.

Anselmo Vieira allega jamais hayer vivido do «uffiço», isto é, nunca se ter dedicado á vida nomade dos cantadores de profissão. Completamente analphabeto embora, «sem nunca ter lido nem a cartía», sempre fez versos, porque em creança lhe adveiu tal paixão quando, enlevado, ouvia os desafios e cantigas dos admirados menestreis que corriam a sua *rebêra*...

Ignorante mesmo dos differentes generos poeticos, de uso frequente dos cantadores, canta apenas na toada das pelejas em sextilhas, não poucas vezes acontecendo que, com um geito peculiar, augmenta o numero de versos de cada



estrophe, passando a cantal-os num rhythmo de *baião*. Exemplos:

Tem duas coisa no mundo
Que eu nunca pude entendê:
É Padre í p'r'o inferno,
Outra é Doutô morrê.

Eu tenho abuso de nêgo,
Nem que seja meu parente,
Que nêgo tem por costume
Bolí nos terém da gente...

Avôa, meu caboré,
Penéra, meu gavião,
Palmatóra quebra dedo,
Palmatora faz vergão,
Quebra os ósso e quebra a carne
Mas não quebra opinião!...

Triste sina de quem nasce
Porque, depois de nascê,
Não escapa de mamá,
Depois de mamá — vivê,
Depois de vivê — peccá,
Depois de peccá — morrê...
Depois do corpo peccá,
A alma é quem vai soffrê.

Si a minha muiê sũbesse
Que um cantadô deu em mim,
Jurava e batia o pé
Que o caso não foi assim,
Porque eu cá nunca apanhei,
Cantadô não me dá fim.



Si minha muié subesse
Que um cantadô me venceu,
Jurava c'os dedo em cruz
Cumô não aconteceu!
Na quinta plantei um côco,
Na sexta o côco nasceu,
No sabbo torei o cacho,
No domingo se comeu...
Tanta fé, tanta fiança
Minha muié tinha neu!

A porta que não tem tranca
A tranca della é tramela...
Eu já dei uma carrêra
Com medo de uma vitella,
Levei um girau nos peito,
Quebrei dezoito panella,
Acabei c'os prato todo,
Não ficou uma tigela,
Deixei o dono da casa
Comendo numa gamela...
Sou bicho da sêda dura,
Agua quente não me pella.

Cratheú pra criá gado,
Inhamum pra valentão...
Quem quizê brigá commigo
Traga espingarda e facão;
Si fô frango, eu torro a crista;
Si fô gallo, os esporão;
Tcnho força por dois toiro,
Talento por dois leão...
Toda cacimba de gado
Na secca dá no «salão»...
Onde seu boi põe o pé,
Meu cavallo põe a mão,



No risco do meu compasso
Só travaia o meu formão.

Sem outro cantador com que perante mim
entretivesse um desafio, foram estas as primeiras
estrophes que ouvi do velho Anselmo:

P'r'eu cantá na sua casa,
Meu patrão, me dê licença!
Si a cantiga não fô boa,
Desculpe Vossa Incelença
Que, ás vez, as coisa não sai
Do geito que a gente pensa.

Não tem outro cantadô
Pra me ajudá um tiquim...
O cantá de dois é bom,
O ruim é cantá sozim:
A gente, andando de dois,
Encurta mais os camim...

Patrão, eu tou lhe pedindo
Sua boa protecção,
Deixei o meu natural,
A poeira do meu chão,
E vim pra este logá,
Coberto de precisão,
Me valendo dum e doutro
Mode vê que é que me dão,
Só não quero é que me digam:
— «Vá travaia, seu ladrão!»

Muié de rico é senhora
Muié de rês é rainha...
Macaco mexeu — qué chumbo,
Muié pariu — qué gallinha!



Não háí Deus cumo o do céo,
Nem cadença cumo a minha...

Eu já cantei c'o Maldicto
E achei elle um bom rapaz...
Só a tacha que elle tinha:
Vexava a gente demais,
Cantava de traz pra diente
E de diente pra traz...

Cantei com esse sujeito,
Aqui nesta freguezia,
Cantei sexta e cantei sabbo
E domingo todo o dia,
Dei as volta nesse cabra
Segunda feira, a mêi-dia!
Quando foi na terça-feira,
Proguntei si inda queria...

É maluco do juizo
Quem segue este meu rojão:
Si me mordê, quebro os dente,
Si intimá, furo no vão...
Mameleiro dá bom facho,
Catingueira — bom tição,
Angico dá cinza e braza,
Jurema só dá carvão...
Onde foi casa é tapera,
Por signal deixa os torrão;
Inda que a chuva desmanche,
Fica o signal do fogão.

A muié, assim que casa,
Tudo pede e tudo qué:
Qué a carne e a farinha,
Qué o doce e o café,
Qué a saia e a camisa,



Qué a chinella p'r'o pé...
Saia, dadonde saí,
Venha dadonde vinhé...
Eu tou muito acostumado
Com peitica de muié!

Querem banha p'r'o cabelo
E querem sal p'r'a panella,
Querem brinco p'r'as orêia,
Querem meia p'r'as canella...
Coitadinho dos marido
Que se vê nas amarella!
Eu bem que via isso tudo
E inda caí na esparrela...

Anselmo Vieira que somente nos annos calamitosos, de mau ou nenhum inverno, ganha a vida, lançando mão de seus dotes de repentista, sabe grande numero de «louvações», elogio de quem o escuta. Eis algumas «louvações»:

Meu amo, dono da casa
Eu vou lová o sinhô:
Um moço assim que nem vós
É pra subí num andô
P'r'onde não vente nem chova,
Nem faça frio nem calô,
Juntim de Nossa Senhora,
Pertim de Nosso Sinhô!
Escute, me dê licença:
Pelo leite que mamou,
Se lembre dos nove mez
Que sua mãe lhe carregou,
Foram nove mez de ventre,
Foram nove mez de dô!



E afinal, um bello dia,
A partêra lhe pegou;
Segurou c'as duas mão,
C'as duas mão segurou;
Numa bacia de prata
Com coidado lhe banhou;
Numa toáia de renda
Com coitado lhe enrolou,
E um barretim enfeitado
Na cabeça lhe amarrou;
Vamincê tava chorando,
Sua mãe lhe acaalentou;
O punho da sua rêde
Ella mesmo embalaçou,
Cantando uma cantiguinha
«Ti-ri-lá-ti-ri-lô-lô»...
Agora vós, que sois home,
Pague o tributo de amô
A quem o seu nascimento
Nesta viola cantou,
E está reinando cantá
Tronco, rama, fruíta e flô!...

Vou lová sua esposa
Da cabeça ao calcanhá:
Lóvo mão e lóvo dedo,
Lóvo braço e lóvo pá;
Ao despois lóvo a cabeça,
Cabello de penteá;
Ao despois a sobrancêia,
Lindos ólho de enxergá;
Ao despois mimosa bocca
E os dente de mastigá;
Ao despois o pescocinho
Que é quem confeita o collá;



E lóvo até o joêio
Que é della se ajoêiá,
Quando chega nas Igreja
Fazendo o Pelo Siná,
Passando o dedo na testa,
Mode o cão não attentá;
Lóvo a botina do pé,
Lóvo as meia de calçá,
O geito da creatura
Quando sai pra caminhá,
Tão bonita e tão faccira
Pra seu marido espiá...
Lóvo isso e lóvo aquillo,
Eu lóvo e torno a lová:
Agora progunte a ella
Si tá direito ou não tá!

Só lóvo a quem quero bem,
Não lóvo a quem quero mal:
Lovo a casa de morada,
Porta, batente e portal,
Copiá, tijollo, alpendre,
Terreiro, sala e quintal,
Camarinha, telha e ripa,
Cozinha, caibro e beiral...
Meu patrão é muito rico,
Tem posto de General,
Tem capão no scu chiqueiro,
Tem vacca no seu curral...
Quando meu patrão morrer,
Em tres parte dá signal:
No Ipú, no Campo Grande,
Na Matriz de São Gonçal'.

Meu patrão, me dê licença,
Licença me queira dá:



Se lembre daquelle dia
Quando o sinhô foi casá;
Quando vós entrou na Igreja,
O Padre abriu os Missá,
Disse logo ás testemunha:
— «Bote estes noivo pra cá!»
E foi logo proguntando,
P'r'o sinhô se despachá:
— «Leva gosto, cidadão,
Com esta dona casá?»
O patrão disse que sim,
Que pra isso tava lá...
E o Padre então deu um nó
Pra nunca se desatá,
Grande nó delicioso,
Custoso de desmanchá!
Quando dois christão se une,
Assim no pé dum altá,
Só Deus pode dá o geito
De os dois christão separá:
Levando um p'r'a Gulóra,
Deixando o outro a pená...

Vou lová sua senhora
Tão bonita, linda e bella:
Distança de legua e meia,
Mecê sente o cheiro della!
Quem bolí com sua esposa
Comsigo se dismantela...
O sinhô nem sabe o tempo
Que banzou no rasto della,
Mas, no remate das conta,
Foi dormí no calô della;
Ella não passa sem vós
E nem vós passa sem ella...



Meu patrão, sua senhora
Sua adorada muié,
Quando vós chega zangado
Ella pergunta o que é,
E depressa entra pra dentro,
Cuida logo no café,
Bota a cabeça no collo
E dá quatro cafuné,
Pega logo a fazê cóska
No dedo grande do pé...
Não tem raiva que resista
Com carinho de muié...
O home, tando agastado,
Abranda porque Deus qué:
A muié é a image do home
E o home é o Deus da muié!

Sete das incontaveis formulas de agradeci-
mento que o cantador ipueirense gosta de re-
petir:

Arrecebo este dinheiro
Por sê da mão de quem vem,
É lembrança de quem pode,
Carinho de home de bem!
O patrão faça por tê
Guardados quatro vintem,
Que é pra comê do que é bom
E chegá pra mim também...
Queira bem á sua esposa
Por duas coisa que tem:
Tê a bocca pequenina,
Não falá mal de ninguem.

A viola tá contente
E o coração obrigado;



No Reino do Céu se veja
Dos anjos acompanhado!
Me leve p'r'onde quizé,
P'r'eu fazê todos mandado,
Pra mode eu brocá de foice
Ou derrubá de machado,
Pra dá agua a seu castanho
E dá mio ao seu mellado,
Tiro a sella e tiro a brida,
Guardo tudo bem guardado...
Me mande p'r'o Piôhy,
Me venda a troco de gado...
Só lhe peço, meu patrão,
Que não me venda fiado
Que fiado lhe dá penas
E penas lhe dá cuidado...

Agradecido, meu branco,
Muito obrigado, patrão:
Isto é vinho, isto é zinebra,
Isto é bolacha, isto é pão;
Isto é dente, isto é queixal
Que mastiga requeijão;
Isto é perna, isto é joêio
Com que se faz oração;
Isto é hombro, pá e peito,
Morada do coração...
Me mande p'r'onde quizé,
Me venda no Maranhão
Por um barco de fazenda,
De chita e mandapolão;
Não me venda a marinheiro,
Não gosto dessa nação,
Só me venda a seus amôre,
Gente do seu coração!...



Vou rogá Nossa Senhora,
Maria cheia de graça,
O sinhô sobe p'r'o céu,
Nem no Purgatório passa...
Vou pagá dois marceneiro
Pra fazê-me uma vidraça,
Onde não vente nem chova,
Não faça sol nem fumaça...
Boto dentro o meu patrão,
P'r'elle assubi nos espaço
Dentro dessa vidracinha,
Feita a bico de compasso...
Ninguém duvide de mim,
Dizendo que faço — eu faço!

Meu patrão, vou lhe dizê:
Lá no céu tem seu assento,
Uma cadeira dorada,
Feita de pau de cuento...
Todo mal que lhe desejo:
Deus lhe dê muitos aumento,
Sacco grande de dinheiro
Lhe entre de porta a dento.

Patrão, lhe rogo uma praga
Que ella tem de lhe pegá:
Chuva de prata e de ouro
Sua casa alagará,
Cobra de prata lhe morda
Que é p'r'o que é seu augmentá,
P'r'o sinhô tê com fartura,
Eu pedí e o sinhô dá...
Só não posso é lhe dizê
Quando torno a ví por cá,
Que eu sou captivo de amô,
Não tenho tempo de andá...



Mas, quanto as pedras se encontram
Que dirá nós num logá,
As pedra se encontra aqui,
As creatura acolá...
Nunca teve quem subesse
As volta que o mundo dá!...

O sinhô já me pagou,
Já me pagou com as suas mão,
Agora o dinheiro é meu,
Vou fazê repartição:
Dou dois minreis a São Pedro,
Dou outros dois a São João,
Dou mais dois a Santo Antonio,
Dois a São Sebastião...
E inda fica muita coisa
P'r'eu tomá meus refilão,
Mas eu levo é o cobre todo:
Santo não tem precisão...

Tudo isso é da lavra de Anselmo Vieira que, na sua linguagem pinturesca, assegura ser tudo isso *arrancado do seu juízo*...

Anselmo ministrou-me informações não destituídas de interesse, respeito a notáveis vates matutos que hão percorrido a zona septentrional do Ceará e onde elle lhes conseguiu fazer o conhecimento, pois o velho vate matuto jamais se afastou do *cantinho de terra que a Providença lhe deu*. Assim, do celebre *Beira D'Agua* elle me contou que, estando á morte, o tão famoso menestrel, quasi septuagenario, da esteira em que soffria, ainda improvisava, semi-exhausto:



Beira D'Agua tá doente
Numa rêde pra morrê,
Dêm um caldo de gallinha
Pra Beira D'Agua vivê!

O mesmo Beira D'Agua gostava de recitar:

Na beirada do meu rio,
Na beira do meu riacho
Não escavaca novío
Nem urra boi véio macho.

Anselmo conheceu pessoalmente o cantador cearense Vicente Santanna, que vivia a repetir, cheio de empáfia:

Eu sou Vicente Santanna,
Cabra da Uruburetama,
Corda puxada se quebra,
Medida cheia derrama.

Do desafio a que Rodrigues de Carvalho ligeiramente allude no seu «Cancioneiro do Norte» e travado entre Maria Thebana e Manoel do Riachão, Anselmo me recitou este trecho inedito:

T.— Nêgo preto, cô da noite,
Do cabelo pixaim,
Primitta Nossa Senhora
Bacaiáu seja o teu fim!

R.— Você me chama de nêgo
Do cabelo pixaim,
Queria que ocê dissesse
Que dinheiro deu por mim...



— Santo Antonio tem um vintem,
As almas um Padrenosso,
P'r'esse nêgo arremettê
Que eu quero quebrá-lhe os ósso...

— Eu, eumo já tou eom raiva,
Te rogo uma praga ruim:
Deus primitta que te nasça
Bouba, sarampo e lubim,
Procotó, bicho de pé,
Inchaço e molestia ruim.

— Você diz que é cantadô,
Cantadô não é assim..
Si qué vê eumo se canta,
Carregue em riba de mim,
Vá fazê careta ao diabo,
Veja que eu não sou sonhim!

— Cabra, conheça seu mestre,
Conheça seu supriô,
Conheça canga e canzil,
Ponta de chiqueradô.

— Nêgo que cantá commigo
Lave a boeca com sabão,
Si não lavá bem lavada,
Commigo não canta não...

— Maria Thebana, agora
Digo uma graça eomtigo:
A rêima do bicho home
Nasce da maçã do figo,
E a rêima do bicho feme
Eu sei, mas porem não digo...

— Vou fazê-lhe uma pergunta
Pra você me destrinchá,
Quero que me diga a conta
Dos peixe que tem no má.

— Você vá cercá o má
Com moeda de vintem,
Que eu então lhe digo a conta
Dos peixe que nelle tem...
Si você nunca cercá,
Nunca eu lhe digo também!

— Pois agora me responda,
Nêgo Manoel Riachão,
Que é que não tem mão nem pé,
Não tem penna nem «canhão»
Não tem figo, não tem bofe,
Nem vida, nem coração,
Mas, eu querendo, elle avôa
Trinta palmo alto do chão.

— O que não tem mão nem pé,
Não tem pcnna nem canhão,
Não tem figo, não tem bofe,
Nem vida, nem coração
É um brinquedinho besta,
De menino é vadiação:
É um papagaio de papel
Enfiado num cordão...

— Vou fazê-lhe outra pergunta
Que Você fica areado:
Quero que Você me diga
O que é *mal-empregado*.

— Thebana, eu vou te dizê
O que é «mal-emprcgado»:



É uma moça bonita
Casá c'um rapaz safado;
É um vaqueiro ruim
Num cavallo bom de gado;
Palitô de panno fino
Num corpo mal-amanhado;
É um cabra preguiçoso
Abrí um grande roçado:
Abre, planta e não alimpa,
Perde o legume plantado...
Disso tudo é que se diz:
Ô meu Deus! *mal-empregado!!!...*

Foi também Anselmo Vieira que me recitou estas tres perguntas enygmaticas contidas num desafio sustentado por *Chica Barrosa* e *José Bandeira*:

— Agora, seu Zé Bandeira,
Reze acto de contricção,
Vou fazê-lhe uma pergunta,
Me dê certinha a licção:
Me diga qual o vivente
Que tem cinco coração.

— Licção assim não estudo
Que isso pra mim é regalo!
Pode perguntá um cento
Que eu com essas não me calo...
Quem tem cinco coração
É um bruto ou um cavallo:
Tem o coração commum
E as quatro feme do casco...
Pergunte mais, si subé,
Que eu com isso não me enrasco.



— Pois agora, Zé Bandeira,
Responda o que eu lhe dissé:
É rapa sem sê de pau,
Rapa sem sê de cuié,
É rapa e não rapadura,
Me diga que rapa é.

— É rapa sem sê de pau,
Rapa sem sê de cuié,
Eu já te dou o sentido
Te digo que rapa é:
É rapaz e é raposa,
Rapariga e rapapé...

— Sim, sinhô, seu Zé Bandeira,
Já vejo que sabe lê:
Pe'lo ponto que eu tou vendo
Inda é capaz de dizê
O que é que neste mundo
O home vê e Deus não vê.

— Barrosa, os teus ameaço
Eu não troco pelos meus:
O home vê outro home
Mas Deus não vê outro Deus!

Ouvi, por vezes, em pontos diversos da zona noroeste cearense, os versos da «Rita Medeiros», cantados na toada saracoteada dos batuques, de que ainda há memoria vivissima entre os negros. Esses versos constituem uma cantiga amorpha, cheia de incongruências de pensar. É, entretanto, muito popularizada e a vivacidade da musica realiza o milagre de não tornar fastidiosa a sua audição. Della se fizeram parodias obscenas que um ou outro cantador bohemio re-



pete só para homens... Das numerosas estrophes cantadas por Anselmo Vieira anotei as que se seguem:

Sa Rita Medêro
É muié de calaça,
Só não caso com ella
Devido á cachaça;
Ella pega queda de corpo,
Derruba touro de raça...
Pelo batido da pedra
Eu pego pela fumaça,
Gosto de festa e batuque,
Sou cabôco de relaxo,
E quem cuida que eu sou feme
Se engana porque eu sou macho...

Eu ando zangado,
Sa Rita Medêro,
Tu fala de mim
Aos meus paricêro...
Latra, cadê tua banha?
Banha, cadê o teu chêro?
Home, cadê tua bolsa?
Bolsa, cadê teu dinhiêro?
Si eu ando sujo — sou porco,
Si me alimpo — sou facêro,
Si brigam commigo — eu brigo,
Si brigo — sou arenguêro...

Sa Rita Medêro
É muié de arrelia...
Isto é marcha de comboio,
É rojão de todo dia!
Eu fui ao mato caçá
E eu matei uma cotia,



Na cabeça deste lebre
Eu comi quatorze dia,
Comi lebre, vendi lebre
E dei lebre a quem queria,
Mas um quarto deste lebre
Eu mandei p'r'o Maranhão,
Comi lebre, vendi lebre,
Botei lebre pelo chão...
E outro quarto deste lebre
Eu mandei p'r'o Ceará
Comi lebre, vendi lebre,
Botei no sol a seccá...
E outro quarto deste lebre
Eu mandei pra minha vó:
Comi lebre, vendi lebre,
Fiquei que era lebre só...

Sa Rita Medêro,
Qual é mais mió:
Oêira ou Caxia,
Ou Campo Maió?
Si me escapá do cipío,
Não me escapa da enxó!
Levo o sereno da noite,
Cada vez canto mió...
Dois bicudo não se beija,
Dois bocca funda, pió...
Dois cacundo não se ajunta,
Por via dos caracó...

Sa Dona Rita Medêro,
Nós come num prato só,
Tromba de porco é fucim,
Todo bêbo é zuruó,
Pae e mãe é muito bom,
Barriga cheia é mió;



Eu, tando com a minha cheia,
Tou com pae e mãe e vó,
Tou c'as parentáia junta
E os meus irmão ao redó,
Mas Você, Rita Medêro,
Teve uma sorte cotó,
Porque mamou pequenina
Na nêga de um peito só...

Sa Rita Medêro
É muiê do Vicente,
Ella comeu trinta boi,
Ficou palitando os dente,
Quando acabou disto tudo:
— «Quero comê seu Vicente»...
— «Vá-se embora, esgalopada,
Que não tem qucm lhe aguento,
Vá-se embora p'r'os inferno
Que não tem quem lhe sustente!»

Sa Rita Medêro
Diz que inda é donzella:
Ella mandou me chamá
Pra mode eu casá com ella,
Quando acaba ternantonte
Eu vi uma fía della,
Na casa de um sapateiro
Mandando fazer chinella...
No passá de uma porteira,
No saí de uma cancella,
No batente de uma porta,
No entrá de una janella,
Abraçei a cunhãzinha,
Quebrei-lhe quatro costella...
Si esta cunhã caçoá,
Nunca mais que ella encabella...



Sa Rita Medêro
É muié severgonha,
Quebra o cano da espingarda,
Só atira c'a coronha,
Come o mel e deixa a cêra,
Pisa mio e faz pamonha,
Só come gallinha rôxa,
Cabra da pinta-colonha...
Assim mesmo deste geito,
Inda diz que tem vergonha:
O diabo mija na rêde,
Diz que é Agua de Colonia...

Sa Rita Medêro
Mandou me dizê
Que eu não andasse de noite
Que queriam me prendê;
Não sou massa de araruta,
Nem batata de anoê,
Não choro sem apanhá,
Não corro sem vê de que...
É pra Você e pra mim,
É pra mim e é pra Você...
Quem se mistura com porco
Farellos vem a comê...
Eu dei um beijo na cabra,
Já vi bicho pra fedê
Que o diabo mija na rêde
Com preguiça de descê...

Anselmo Vieira é fecundissimo no descante de xácaras, de que possui inexgotável repertório. O velho cantador não me assegurou da lavra de quem fosse esta com que encerro estas notas, por isso que a aprendeu, há muito tempo e a idade lhe vai *distiorando a mimóra*:



O CAPITÃO DO NAVIO

Meu povo, me dê licença,
Eu vou fazê um pedido:
Deixe eu contá uma históra,
Um successo acontecido,
De uma muié que passou
Dez anno sem seu marido.

Uma vez, havia um home
Que elle até vivia bem,
Não era rico demais,
Possuia algum vintem,
Vivia criando os filho
Sem ser pesado a ninguem.

Um dia, tando dormindo,
Viu uma voz lhe falá:
— «Tu qué padecê em moço,
Ou quando véio ficá?»
No outro dia bem cedo,
Viu a mesma voz falá.

Accordou, disse á muié:
— «Eu, honte, vi preguntá
Si eu quero soffrê em moço
Ou quando véio ficá...
Arresponda, creatura,
Veja que consêi me dá!

— «Home, marido, de noite,
Si inda voltá tal visage,
Você diga que é em moço
Que em moço se tem corage;



Não convem depois de véio,
Véio morre e não reage».

Na noite do dito dia
A mesma voz lhe falou,
Elle foi, lhe respondeu
Cumô a muié ensinou...
E, do outro dia em diante,
Seus atrazo começou.

Doze sobrado que tinha
Vendeu dois e dez cahiu;
Negociou seus escravo,
Algum que ficou — fugiu;
Acabou o seu dinheiro,
Depressa se consumiu.

Ficou o home em miséra,
Ao redô de seus vizim,
Foi trabaiá alugado
Pra sustentá dois fiim
Só não morrêro de fome
Por Jesus sê seu padrim!

Foi trabaiá alugado
Aos conhecido e aos extranho;
Sua muié, coitadinha,
Lavava roupa, de ganho,
As vergonha para elle
Eram de todo tamanho!...

Quando ella batia roupa,
Chegou um navio no porto;
O Capitão do navio
Viú a muié, ficou morto,
E fez logo o mau scntido
Só pra fazê mal ao outro.



O Capitão do navio
Deitou na agua um escalé,
Chamou quatro marinheiro,
Todos quatro de boné,
Peitáro uma rapariga
Para inludi a muié.

Disse a rapariga a ella:
— «Não vim lhe visitá, não,
Ô muié, eu vim aqui,
Mandada do Capitão,
Que mandou lhe offerecê
Alma, vida e coração...»

Responde a mãe de família:
— «Maldicta, tú sae daqui,
Tú sabe que eu sou casada,
Pra que me vens inludí?
Eu já digo a meu marido
Que tú me vem seduzí...»

— «Ô muié, tú não diz nada
Que eu te digo é pra teu bem:
Teu marido já foi rico,
Não possue mais um vintem...
O Capitão do navio
Tudo possue, tudo tem!»

— «Ô maldicta inludideira,
Não quero consêio teu,
Meu marido já foi rico,
Hoje tá pobre mais eu:
Mas eu devo consolá-me
Que isto é mandado por Deus!»

— «Você mais seu Capitão
Creio que não falta nada:



Come bem e veste bem,
Véve no trinco, engommada,
Para lhe servi em casa
Tem mais de doze creada».

— Ô maldicta inludideira,
Coisas mais eu tenho tido!
Hoje me vejo tão pobre
Que não possúo um vestido,
Mas honrando até a morte
As barba do meu marido».

Não descansa a rapariga
De inludí a pobrezinha:
— «Ô muié, é caçoadá,
Tudo isto é graça minha!
Si fosse pra te inludí,
Por dinheiro eu cá não vinha».

No outro dia a rapariga
Oútro laço lhe botou:
— «Meu marido, indagorinha,
Foi mesmo quem me mandou
Me chamá pra lavá roupa,
Vamo que eu só lá não vou».

Pergunta a mãe de família
— «Mas, muié, tú sois casada?»
Diz a rapariga: — «Eu sou!»
E a pobre ficou calada
Até que se levantou-se,
Sahíro, de camarada.

Sahíro, de camarada,
Mesmo nesta ocasião...
Aquillo que é emprestado
É agora e depois não...



Até que fôro esbarrá
Nas porta da embarcação.

A rapariga entrou lá,
A pobre ficou cá fora:
— «Ô muié, anda depressa
Porque eu preciso í-me embora!»
Disse a militriz baixinho:
— «Seu Capitão, é agora!»

Diz, de dentro, a rapariga:
— «Tou pisando na riqueza!
Ô muié, vem espíá,
Vem vê esta boniteza!»
Tanto fez que a pobre entrou,
Ficou no navio presa.

O Capitão do navio
Pelo desejo que tinha
Foi conversá com a muié,
Fazendo suas gracinha:
— «Vem-te cá, prenda querida,
Você, de hoje em diante, é minha!»

— «Seu Capitão do navio,
Reconheço que tou presa,
Mas não vejo quem me obrigue
Esta minha natureza:
Guardarei a meu marido
Fidelidade e firmeza!

Já fui dona de uma casa,
Já fui dona do meu nome,
Quem véve da minha forma
Si mal bebe, pió come...»
Porem, larguemo a muié,
Cuidemo agora no home.



Chega o home do roçado:
— «Muié, onde é que tú tás?
Meus filho, cadê sua mãe?»
— «Não sabemo, não, meu pae:
Minha mãe foi batê roupa,
Mas porem não voltou mais».

Sai o home perguntando,
Ninguem notiça lhe deu,
Um:— «Não vi!», outro:— «Não vi!
Aqui não appareceu,
A esta hora caiu na agua
E o tubarão a comeu».

Voltou o home pra traz
Depressinha, sem demora,
Maginando em seu juizo
Que é que ia sê delle agora,
Botou seus dois filho adiante
E sahiu de mundo afora.

Ao cabo de nove dia,
Encontrou um rio a nado,
Deixou seu filhim mais novo
Em um cantinho sentado,
Botou o mais vói nas costa
E trevessou p'r'o outro lado.

Chegou lá, sentou o outro
E sem demora voltou,
Tende ainda o coração
Tão trespassado de dô,
Chega cá, mas não encontra
O filhim que elle deixou.

Volta no mesmo roteiro,
Procurando o outro filhim...



Já perdêra o mais pequeno,
Vai atrás do mais velhim,
Mas porem tinham tomado
Todos dois um descamim.

Levantou as mão p'r'o céu:
— «Meu Deus, me vejo sozim,
Já fiquei sem minha esposa
Tambem sent meus dois filhim...
Peço que Deus seja delles
Protectô, pae e padriml»

Levantou as mão p'r'o céu:
— «Vála-me o Deus da Gulóra,
Já fiquei scm meus dois filho,
Tambem sem minha senhora...»
Lastimando a triste sina,
Saiu-se de mundo afora.

Ao cabo de oito anno,
Um reinado elle encontrou:
Foi conversá com o Rêis
Pra sê seu trabalhado,
De forma que foi tratá
De uns canteiro de fulô.

Ao cabo de anno e meio
Que estava de jardinêro,
O Rêis achando elle justo,
Firme, fiel, verdadêro,
Chamou o home a seu lado,
Fez delle seu Conselhêro.

Ao cabo de pouco tempo,
O Rêis, caindo doente:
— «Eu não tenho mãe nem pae,
Nem irmão e nem parente...»



Chamou o home, de parte:
Da crôa lhe fez presente.

Chamou o home, de parte:
— «Eu não tenho outra pessoa,
Você já é Conselheiro,
Vou lhe dá a minha crôa,
Tome conta do reinado
P'r'ele não ficá á tôa!»

E cumpriu o promettido:
A sua crôa lhe deu:
Neste dia confessou-se,
No outro dia morreu:
Ficou o home por dono
Do reinado que era seu!

Mais com pouco, o novo Rêis
Viu dois mocinho chegá,
Pedíro pra sentá praça,
Queriam ser militá...
Um navio, neste dia,
Chegou no porto do má.

O Capitão do navio
Mandou pedi dois soldado
Para esguarnecê o barco
Pra mode não sê roubado:
Fôro os dito dois rapaz
Que praça tinham sentado.

Chega os dois rapaz a bordo
Pra improhibí as trapaça
E conversam, dum p'r'o outro:
— «Meu Deus, ô grande desgraça!
Si eu tivesse pae e mãe,
Não tinha sentado praça!»



Nesta conversa em que tavam
Cada qual abriu seu peito,
Entráro nos premenore,
Conversáro mais direito:
Conhecendo que eram mano,
Se abraçáro, satisfeito.

A muié, tando escutando,
Quando a históra se acabou-se,
Espiou para os dois praça,
Se riu com maneiras doce:
Até os praça pensáro
Que algum mau sentido fosse...

No outro dia, a muié
Vai falá ao Capitão:
— «Si me levá a Palaço,
Tará commigo nas mão,
Que até já tou resolvida
De lhe dá meu coração...»

Disse o Capitão a ella:
— «Meu adorado bemzinho,
Te levo pra toda parte
Só pra lográ teus carinho...
Só não te levo p'r'o Céu
Porque não sei dos caminho!!!...»

Chega a muié no Palaço
E diz loge ao Rêis: — Premêro,
Mande vê os dois soldado
Que o navio csguarnecêro,
Para contá uma históra
Perante os seus Conselhêro!»

O Capitão do navio
Atalhou por este geito:



— «Soldado é um bicho á tôa,
É um bicho sem respeito,
Até não acho decente
Deste pedido sê feito...»

Mas, nesse entre, a muié
Falou neste Portuguese:
— «Soldado é um bicho á tôa,
Porem é cria dos Rêis!
Si não hovêsse soldado,
Tambem não havia leis!»

O Rêis gostou da rêsposta,
Tambem os home illustrado,
Até mesmo os Conselhêro
Batêro palma e apoiado...
Por um portadô fiel,
Mandáro vê os soldado.

Chega os soldado em Palaço
E a muié falou defronte:
— «Soldado, agora é que eu quero
Que Vocês todos dois conte
Aquella tristonha histôra
Que Vocês contáro honte».

— «Senhora Dona, eu relato
Todo o caso que se deu:
Minha mãe foi lavá roupa,
Nunca mais appareceu...
Meu pae, no passá de um rio,
Perdeu meu irmão e eu...

Inda honte, nós, falando
Sobre a nossa geração,
O meu pae, passando um rio
Perdeu eu e este irmão...



Foi esta a históra, sa dona,
Outra não contemo, não!»

O Rêis, conhecendo os filho,
Levantou-se, em grande impo,
Botou-lhes a farda fora
E trajou elles de Prinspo,
Sentou elles nas cadeira,
Prompto, trajados e limpo.

Da alegria que elle teve
Levantou-se e poz-se em pé
E espiando p'r'o semblante
Foi conhecendo a muié
E falou com voz chorosa:
— «Pra que me foste infié?»

— «Dez anno quasi eu andei
Naquelle má embarcada,
Mal comida e mal bebida,
Suja, núa e mal trajada,
Não fui falsa a meu marido,
Quero sê acreditada!»

O Rêis, então, se lembrou
Daquelle voz adivinha
E disse, muito sentido:
— «Sei que sois a esposa minha!»
Chamou ella p'r'o seu lado,
Trajou ella de Rainha.

O Capitão do navio,
Só p'r'os outros se inzemplá
Em dez carrada de lenha
Deixáro o fogo o queimá,
Rapáro o resto da cinza,
Jogáro dentro do má.



Agora acabei o verso,
Elle aqui findilizou...
Toda vez que eu canto elle,
Fico passado de dô!
Si a obra não foi bonita,
Desculpe o mau cantadô.

Na extensa cantiga «Conselho aos noivos»,
da lavra de Anselmo Vieira, o velho cantador assim explica porque Deus preferira uma costella de Adão para a formação de Eva:

Deus, quando quiz formá Eva,
Deu somnolença em Adão,
Tirou-lhe uma das costella
Com as suas proprias mão,
Fez Eva e deu-lhe de esposa,
Recommendo união.

Não quiz tirá da cabeça
Pra mais alta não ficá,
Nem também tirou dos pés
Mode não a rebaixá:
Foi mió tirá do meio
Pra todos dois igualá.



VARIANTES

Sylvio Romero nos «Estudos sobre a poesia popular brasileira» reconheceu ao povo a força de produzir e o direito de transformar a sua poesia e os seus contos. E como Celso de Magalhães entendesse que «uma vez formado um romance, tudo que se lhe juntasse posteriormente era um deturpamento», Sylvio commentou que «isto é um éco das fallazes theorias da *inerrancia popular*» firmada por Jacob Grimm e repetida por Theophilo Braga.

O simples confronto das collectaneas organizadas por nossos folk-loristas, bem como o estudo comparado das anthologias brasileira e portugueza, revela como se perpetuam acompanhadas de variantes as mais apreciaveis estrophes populares. Exemplo disso é a celebre quadra:

No ventre da Virgem Mãe
Encarnou Divina Graça;
Entrou e saiu por ella
Como o sol pela vidraça.



Agostinho de Campos e Alberto d'Oliveira incluíram esses quatro versos como lusitanos nas «Mil Trovas Portuguezas»; Carolina Michaëlis também o fez no «Ramalhete de cantigas populares». Rodrigues de Carvalho, que no seu «Cancioneiro do Norte» diz ter esta mesma concepção occorrido a notavel poeta latino, affirma que em Taboleiro de Areia (Aracaty, Ceará) um cantador matuto, philosopho sertanejo, de chapéo de couro, cantava differentemente:

No ventre da Virgem Pura
Entrou a Divina Graça;
Como entrou, também saiu:
Como o soi pela vidraça.

Posso, por minha vez, prestar o meu depoimento sobre a quadrinha, de redacção já controvertida. O que eu ouvi, no alto sertão cearense, foi isto:

Como a luz pela vidraça
Entra e sai, sem tocar nella,
Assim foi Nossa Senhora:
Pariu e ficou donzella.

Fio que estes versos que menciono definem melhormente o Mysterio da Encarnação e se approximam mais da quadra mineira, citada por Osorio Duque Estrada e gabada como possuidora de maior espontaneidade e precisão na idéa que traduz:

Raio de sol na vidraça
Entra e sai sem tocar nella:



Assim, a Virgem Maria
Pariu e ficou donzella.

Gustavo Barroso (*João do Norte*) insere
no livro «Terra de Sol» a seguinte quintilha
de um cantador, cujo nome aliás não revela:

Sou piô que o tigre macho:
Quando urro em riba da serra,
Estremece o lageiro em baixo;
Caçadô que anda caçando
Fica tonto e perde o facho.

Entretanto, no «Almanach Garnier», de 1910,
Rodrigues de Carvalho publicou esta sextilha
de uma peleja entre *Bemtevi* e *Madapolão*:

Bemtevi, boles cominigo?
Bolisses com o tigre macho:
Eu urro em cima da serra,
Estremece o lagêdo em baixo;
Caçador que anda caçando
Fica tonto e perde o facho.

O cantador ipuense Anselmo Vieira me con-
tou, porem, que em certa pugna com a negra
Chica Barrosa um cantador piauihyense dissêra:

Eu sou o cangussú macho,
Tú és a cangussú feme...
Si piso em riba da serra,
Em baixo o lageiro treme!



E Anselmo Vieira acrescentava que a cantora Chica respondêra:

Eu sou a cangussú feme,
Tú és o cangussú macho:
Si piso em riba da serra,
Fachêia o lageiro em baixo.

Quando viajou pelo Norte, em 1909, Bastos Tigre (D. Xiquote) mandou para «A Careta», revista carioca, a seguinte amostra de poesia narrativa, que disse ter ouvido do proprio autor (?), no sertão de Pernambuco:

Em annos de novecento
Eu não era pobre não;
Tinha quarenta engenho
Com quarenta embarcação;
Peguei em tudo e vendi
Por dezoito patacão.
Topei a Dona Josina
Sentada no seu salão.
— «O dona, você não qué
Negociá o lazão?»
— «Inda honte saiu daqui
Antonio Mané João
P'ra vê si negociava
O meu famoso lazão.
Maria, vá lá em riba
Chame o criado Simão,
Que elle traga o meu cavallo,
O meu famoso lazão,
Suas esporas de prata
Com seus cacho de latão,
Para dá a esse cabôco

De guarda-peito e gibão».
Eu, logo que ouvi isso,
Estremeci, caí no chão;
Correu-me uma friage
Por dentro do coração;
Veiu quarenta criado
Com quarenta esfregação;
— «Alevante-se, cabôco,
Não seja tão moleirão!»
Fui-me embora p'r'a cidade
Amontado no lazão;
Mas, assim que eu lá cheguei,
Me déro voz de prisão.
Escrevi a D. Josina
Na machina de algodão.
Em pino de meia hora,
Logo tive a decisão:
— «Que sortem esse cabôco
De guarda-peito e gibão
Que esse cavallo foi dado
E não foi robado não!»

Guardei commigo a contribuição «inedita» de D. Xiquete ao folk-lore brasileiro, «tão amado e conferenciado pelo professor João Ribeiro e pelo Sr. Sylvio Romero»; e, annos mais tarde, o mesmo Anselmo Vieira me relatava em versos uma historia parecidissima. Tratava-se, seguramente, de mera migração do conto sertanejo, pois entre o que Bastos Tigre ouviu e o que dentes affinidades. Há, sim, uma controversia sobre o logar em que o protagonista sentiu correr a *friage*... O «caso» descripto é o mesmo:

Na éra de vinte e cinco
Eu andava pobretão;



Mas, em todo caso, tinha
Quatro cavallos á mão;
Um era o «Mel com agua»,
Outro era o «Zelação»,
Outro era o «Passarinho»,
Outro o cavallo «Cardão».

Só por arte do capêta,
Só mêmno por tentação,
Fui, um dia, passia
No meu cavallo «Cardão»...
E, eu andava depolmando
Na estrada do Boqueirão,
Quando vi dáre uns viva
A um tal cavallo lazão.

Fui uvindo aquelle insulto,
Me trespassei de paixão:
— «Vou vendê o «Mel com agua»,
Vou vendê o «Zelação»,
Vou vendê o «Passarinho»
Mais o cavallo «Cardão»,
E uma casa de tijolo
Com duas instalação
Que eu inda apuro em moeda
Oitocentos patacão.

Saí por ali afora,
De guarda-pecito e gibão,
E no caminho encontrei
Angelica da Conceição:
— «Adonde vai, seu Manoel,
De guarda-pecito e gibão?»
— «Vou á casa de meu Pae
P'r'a elle botá-me a benção,
De lá, si Deus fô servido,
Vou comprá o «Alazão».



Ceguei lá, disse: — «Ô de casa!
(Era a minha obrigação)
Negra, diz á tua Senhora
Que saia cá no portão:
Tenho negósso com ella,
Negósso de precisão!»

Saiu a Dona Jovita,
Cada dedo um annelão:
— «Quem tem negósso commigo,
Negósso de precisão?»

— Senhora Dona Jovita,
Não vim lhe visitá não:
O que me trouve a esta casa
Foi comprá seu alazão.

— Aqui tem muito sujeito
De relójo e correntão
E nunca chegáro ao preço
Do meu cavallo alazão...
Como chegará um cabra
De guarda-peito e gibão?

— Senhora Dona Jovita,
Eu não quero dado, não:
Eu inda trago em moeda
Oitocentos patacão!
Si esse dinheiro fô pouco,
Inda tórno o meu cardão!

— O meu defunto marido
Deixou-me uma obrigação:
Que eu dêsse tudo a inventáro,
Meno o cavallo lazão.



— Senhora Dona Jovita,
Se despeça do alazão
Que as fulô da catinguêra
Quando murcha — cai no chão!...
Eu cá sei pedi as coisa:
Sou cantadô do sertão.

— Ô meu criado Francisco,
Vae debaixo do balcão,
Vae buscá a minha sella,
Vae botá no alazão,
E entrega tudo a esse cabra
De guarda-peito e gibão
Que elle vêi aqui somente
Robá o meu coração.

E eu tava todo gangento
P'ra fazê figuração,
Quando vi Dona Jovita
Falá com voz de trovão:

— Ô meu criado Francisco,
Vae ali na povoação,
Me traz quatro cabra armado
De cravinote e facão,
Para matá esse cabra
Que roubou meu alazão!

— Senhora Dona Jovita,
Não precisa disso não!
Tá correndo uma frieza
No fundo do meu calção...

Pereira da Costa, á pag. 514 do «Folk-lore pernambucano», publica um *Passo dobrado imitando o toque de tambores*, em que há a seguinte quadra:



Ratos com côco,
Lagartixa com feijão,
No becco do Marisco
Tem arroz com Camarão.

Ouvi no sertão do Ceará o mesmo *Passo*,
de cuja toada ainda me recordo. Aquella quadra, entretanto, era assim alterada:

Rato com côco,
Lagartixa com feijão,
O ferreiro fez a foice,
Mas não fez o gavião.

E registei ainda estas que não são apresentadas na serie de Pereira da Costa:

Sou cacunda,
Mas tenho dinheiro,
A falta de moça
Não morro solteiro...
Abro um buraco,
No chão e me deito
Só para ver
Si a cacunda toma geito...

Pereira da Costa cita, igualmente, um longo *Bahiano*, em que há referencias a negras de varios nomes, entre as quaes Maria, Mariana, Isabel, Totonha, Henriqueta e Joaquina. Copio as oitavas referentes a Totonha e Joaquina:

Lá vem a chuva,
Lá vem neblina,
Lá vem o Padre



Com disciplina.
Negra damnada
Só é Joaquina,
Que dá de banda
E não dá de quina.

A damnadinha
Ê a Totonha
Que rela milho
E faz pamonha;
A roupa tira
Sem ter vergonha,
Toma refresco
De papaconha.

Ouvi também no sertão cearense esse *Bahiano* e lhe decorei a música. Pereira da Costa não mencionou, porém, estas estrophes que apa-
nhei na estação ferroviária de «Pinheiro», á mar-
gem da Estrada de Ferro de Sobral:

Negra damnada
Só é Victóra
Que foi p'r'o rio,
Só vêi agora,
Chegou em casa
Contando históra...
Deu-lhe a senhora
De palmatóra,
Já faz tres dia
Que o diabo chora,
Ella desatina,
Ella desadóra.

Negro damnado
Só é Simão:



Correu no mato
Sem tê gibão;
Açaita os outro
Sem precisão;
Tá bêbo, negro?
Tá bêbo, cão?
Falas c'os outro,
Commigo não?
Negro captivo,
Não tem rezão...
Todo moleque
Dá pra ladrão.

Lopes Gama, citado por Pereira da Costa, conta que em 1839, quando estavam em uso as dansas do casamenteiro S. Gonçalo, cantava-se em Pernambuco:

S. Gonçalinho,
S. Gonçalão,
Beba-se o vinho
E haja funcção!

Posso também citar, como exemplo de irreverente invocação patusca, o que em mesas de jogo no Ipú cantarolava certo advogado local:

Meu S. Miguelinho,
Meu S. Miguelão,
Tú obras milagre
P'r'o Passos ou não?!...

Um dos lances mais controvertidos do romanceiro popular é o que descreve o introito do desafio de Manoel da Bernarda (Manoel do Ô Bernardo) com o negro Rio Preto, na fazenda



Floresta, do major Antonio Lucas, no sertão de Inhamuns (Ceará). Sylvio Romero, por exemplo, apresenta estas estrophes:

Indo eu para a novena
Na villa da Floresta,
O major Antonio Lucas
Convidou-me para a festa.

— Seu major Antonio Lucas,
Como é que eu hei de ir?
Quem anda por terra alheia
Não tem roupa pra vestir.

— Dou-te cavallo de sella
E roupa pra te vestir,
Dinheiro para comeres,
Escravo pra te servir.

Estava jantando em casa,
Um dia, bem descansado,
Quando dei fé chegava
Cavallo fino sellado:
— Seu major manda dizer
Que é já tempo do chamado.

Quando eu sahi de casa
Logo peguei a encontrar
Era homens e mulheres...
— Vai cantar com Rio Preto?
É melhor que não vá lá!

— Porque se importa esta gente
Da desgraça que commetto?
Hão de ter logo noticia
Que fim levou Rio Preto...



Rodrigues de Carvalho ministra a seguinte introdução, que Gustavo Barroso reedita no livro «Terra de Sol»:

Eu fui a uma novena
Lá na fazenda Floresta,
O major Antonio Lucas
Convidou-me para a festa.

Eu fui e lhe arrespondi
Que lá não podia ir
Que andava na terra alheia
E não tinha o que vestir.
Mandou-me maca de roupa,
Cavallo para eu ir,
Dinheiro para a viagem
E escravo pra me servir.

O que eu ouvi e do negro Azulão foi o seguinte:

Eu tava mais Magdalena
Na casa da Fuloresta,
Meu padrim Antonio Luca
Mandou-me vê p'r'uma festa.

Eu mandei dizê a elle
Que eu lá não podia í,
Pois andava em terra alêia
E não tinha o que vestí.

Mandou cavallo sellado
E rêde pra eu dormí,
Dinheiro pra eu gastá,
E escravo pra me serví.



No caminho encontro um cabra
Que me disse por aqui:
— Vai cantá com Rio Preto?
É mais milhó lá não í!»

Eu disse:—Cabra, não sabes
Os perigo que eu commetto,
Sinão a elle chamavas
O *defunto Rio Preto...*

Carlos Góes, nas suas «Mil Quadras Populares Brasileiras» (1916) publica:

Você me chamou de preto,
Eu sou pretinho dengoso;
Pimenta do reino é preta
Mas faz o prato gostoso.

Desta quadra Afranio Peixoto dá a seguinte variante nas «Trovas Populares Brasileiras» (1919):

Você me chamou de feio,
Sou feio, mas sou dengoso:
Tambem o tempêro é feio
Mas faz o prato gostoso:

Apesar disso, Agostinho de Campos, Alberto d'Oliveira e Carolina Michaëlis são accordes em apresentar como portugueza a seguinte quadra:

Chamaste-me trigueirinha,
Eu não me escandalizei:
Trigueirinha é a pimenta
E vai á mesa do Rei!



No «Anteloquio» daquela sua citada collectanea Carlos Góes se detém a indigitar os pontos de contacto e afinidade existentes entre a poesia popular em Portugal e no Brasil. O escriptor mineiro arrola numerosas quadras brasileiras das quaes diz que «offerecem tanta similhaça de fundo com outras similares portuguezas que necessariamente são variantes de um mesmo etymo», podendo-se por isso dizer que «há quadras que pertencem indistinctamente ao folk-lore de uma e outra nação, não se tendo averiguado de qual dos dois paizes a trova constitue uma migração».

Celso de Magalhães pensava que «o povo, no trabalho de transplantação transforma primeiro aquillo que mais lhe impressiona os sentidos. A Natureza que o cerca é a primeira a lhe fornecer similes para essa elaboração».

O confronto que em seguida estabeleço é um rol a ser adduzido aos exemplos lembrados por Carlos Góes:

Triste sorte é a nossa:
Depois de nascer, peccar;
Depois de peccar, morrer;
Depois de morrer, penar.

(Collecção Portugueza de
D. Carolina Michaëlis).

*Triste sina de quem nasce
Porque, depois de nascer,
Não escapa de mamar,
Depois de mamar-viver,
Depois de viver-peccar,
Depois de peccar-morrer!*



*Depois do corpo peccar,
A alma é quem vai soffrer.*

(Col. Leonardo Motta).

De que me serve beber,
Depois de beber-cuspir,
Depois de cuspir-tombar,
Depois de tombar-cair,
Depois de cair-lançar,
Depois de lançar-dormir?...

(Col. Leonardo Motta).

O meu amor, pede a Deus
Que eu cá peço a S. Antonio
Que nos ajunte a nós ambos
No livro do matrimonio.

*(Col. Port. Agostinho de
Campos
e Alberto d'Oliveira).*

*Ai, menina, pede a Deus
Que eu pedi a S. Vicente:
Que nos juntem a nós dois
Numa casinha sem gente.*

(Col. Afranio Peixoto),

O cego que nasceu cego
Não perdeu o que logrou;
Não pode ter tanto pena
Como o que viu e cegou.

*(Col. Port. A. de C. e
A. de O.).*

*Quem nasceu cego da vista
E della não se lucrou
Não sente tanto ser cego
Como quem viu e cegou.*

(Col. Leonardo Motta).

Tanto limão, tanta lima,
Tanta laranja no chão,
Tanta cachopa bonita,
Tanto rapaz de feição.

(Col. Port. A. de C. e
A. de O.).

*Tanta laranja madura,
Tanto limão pelo chão,
Tanta menina bonita,
Tanto rapaz bestalhão.*

(Col. Pereira da Costa).

Ai, quem me dera ter mãe,
Inda que fosse uma silva!
Inda que ella me arranhasse,
Sempre eu era sua filha.

(Col. Port. Jayme Cortezão).

*Só queria ter uma mãe,
Nem que fosse um espinheiro!
Assim mesmo me espinhando,
Era mãe, por derradeiro.*

(Col. Leonardo Motta).



A amora nasce da silva,
A silva nasce do chão,
A vista nasce dos olhos,
O amor — do coração.

(Col. Port. *A. de C. e*
A. de O.).

*A unha nasce do dedo,
O dedo nasce da mão,
Mas a mão nasce do braço,
E o braço nasce do vão;
O fogo nasce da pedra,
A pedra nasce do chão,
O amor nasce de dentro,
Do intiôr do coração.*

(Col. Leonardo Motta).

Diz alguém que a despedida
Nada custa ao coração;
Quem tal diz que se despeça
E verá si dói ou não.

(Col. Port. *Jayme Cortezão*).

*Quem disser que amor não dói
Desconhece amor então;
Queira bem e viva ausente
E verá si doi ou não*

(Col. Carlos Góes).

Não sei si vá ou se fique,
Não sei si fique ou si vá,



Quem ama não se decide
Nem por aqui nem por lá.

(Col. *Afranio Peixoto*).

*Não sei si vá ou si fique,
Não sei si fique ou si vá:
Partindo, não fico aqui...
Ficando aqui, não vou lá...*

(Col. *Leonardo Motta*).

Cabôco não vai p'r'o céu,
Nem que seja rezadô,
Que tem o cabelo duro,
Espeta Nosso Senhor.

Col. *Carlos Góes*).

*O negro não vai ao céu,
Nem que seja rezadô:
O negro catíngia muito,
Persegue Nosso Senhor.*

(Col. *Gustavo Barroso*).

Quando nós nos separamos
No Riacho da Agonia,
Tanto corriam as águas
Como o meu pranto corria.

(Col. *Afranio Peixoto*).



*Quando de ti me apartei
No Riacho da Alegria,
Tanto meus olhos choravam
Como o riacho corria.*

(Col. Leonardo Motta).

A desgraça do pau verde
É ter o pau secco ao lado:
Vem o fogo, queima o secco,
Fica o verde sapecado.

(Col. Afranio Pelxoto).

*A desgraça do pau verde
É ter um secco encostado:
Vem o fogo, queima o secco,
Lá vai o verde queimado!*

(Col. Leonardo Motta).

O amor é uma albarda
Que se põe a quem quer bem;
Eu, pra não ser albardado,
Não quero bem a ninguém.

*(Col. Port. A. de C. e
A. de O.).*

*O amor é uma cangalha
Que se bota em quem quer bem:
Si não quer levar rabicho,
Não tenha amor a ninguém.*

(Col. Carlos Góes).



Fui a fonte beber agua
Por baixo de uma ramada,
Fui para ver meus amores
Que a sede não era nada.

(Col. *Sylvio Romero*).

*Fui á fonte beber agua
Debaixo duma latada,
Somente para te ver
Que a sede não era nada.*

(Col. *Leonardo Motta*).

Adeus! te digo de perto;
Adeus! te digo chorando;
Adeus! te digo de longe;
Adeus! não sei até quando!

(Col. *Sylvio Romero*).

*Adeus! te digo afinal;
Adeus! te digo chorando;
Adeus! te torno a dizer,
Adeus, até não sei quando!*

(Col. *Leonardo Motta*).

E si tú, antú, soubesses
Quanto custa um -bem-querer
Oh! passaro, não cantarias
Às horas do amanhecer

(Col. *Sylvio Romero*).



*Si aquelle gallo soubesse
Quanto goza um bem querer,
Certamente não cantava
Para o dia amanhecer!...*

(Col. Leonardo Motta).

Quem tem amores vai dormir
À porta de seu amor;
Das pedras faz cabeceira,
Das estrellas cobertor.

(Col. Port. A. de C. e A. de O.).

*Quem quer bem dorme na rua,
Na porta de seu amor:
Do sereno faz a cama,
Das estrellas cobertor.*

(Col. Osorio Duque Estrada).

*Quem quer bem dorme na rua,
Na porta de seu amor:
Faz das pedras travesseiro,
Das estrellas cobertor.*

(Col. Carlos Góes).

Aqui estou á tua porta
Como o feixinho da lenha,
À espera da resposta
Que dos teus olhos me venha.

(Col. Port. A. de C. e
A. de O.).

*Aqui estou em vossa porta
Feito um feixinho de lenha,
À espera da resposta
Que de vossa bocca venha.*

(Col. Carlos Góes).

Pereira da Costa no seu «Folk-lore Pernambucano» cita a mesma quadra de Carlos Góes e apresenta esta variante lusitana, consignada no «Cancioneiro Popular», de Theophilo Braga, impresso em 1867:

*Aqui estou á tua porta
Como um feixinho de lenha,
À espera da resposta
Que das tuas mãos me venha.*

E, afinal, Rodrigues de Carvalho consigna estes versos:

*Aqui estou na vossa porta
Como um feixinho de lenha,
Esperando p'la resposta
Que de vossa bocca venha.*

*Meu bemzinho, diga, diga
Por sua bocca confesse
Si você nunca já teve
Quem tanto bem lhe quizesse.*

(Col. Sylvio Romero).



Meu bemzinho, diga, diga,
Por sua bocca confesse
Si já no mundo se achou
Quem tanto amor lhe quizesse.

(Col. Carlos Góes).

*Meu bemzinho, diga, diga,
Por caridade confesse
Si você já encontrou
Quem tanto bem lhe quizesse.*

(Col. Leonardo Motta).



QUADRINHAS...

(Excerpto de uma Conferencia realizada em Belem do Pará, em beneficio dos flagellados de Cabo Verde e sob os auspícios do Consulado de Portugal).

.....
.....
O *Sr. Afranio Peixoto* escreve que «em Portugal, pequeno paiz cujos homens erravam pelo mundo, nas aventuras de guerra ou das empresas, sempre sobravam mulheres desejosas e saudosas, e dellas principalmente derivou a poesia popular». Já o *Sr. Correia de Oliveira* dissera isso na quadrinha encantadora:

O ondas do mar salgadas,
De onde vos vem tanto sal?
Vem das lagrimas choradas,
Nas praias de Portugal.

O mais velho fado conhecido é o do *Marinheiro*, o que prova que



O fado nasceu no mar,
Ao balouço de ondas mil...
Por berço teve um navio,
Por coberta um céu de anil.

Vou dizer-vos algumas quadras lusitanas
que retratam a pureza, a castidade dos ena-
morados no descante de seus amores:

Amar é ser indeciso,
É não fazer distinção
Entre as lagrimas e o riso,
Entre os beijos e a oração.

Fechei na mão um sorriso
Da tua bocca mimosa:
Quando fui abrir a mão,
Estava toda cor de rosa.

A rosa que tu me deste
Peguei-lhe, mudou de cor:
Ficou toda azul-celeste
Como o céu do nosso amor.

O sôpro avassalador das reformas sociaes, attingindo as artes, tem procurado varrer esse aspecto de doce e resignada melancolia da poesia portugueza. Faz algum tempo, o publicista luso *Sr. Boavida Portugal* promoveu no jornal «Republica», da imprensa lisbonense, um inquerito literario que muito animou e agitou as letras de seu paiz. Houve quem — como o psychiatria *Julio de Matos* — combatesse o «saudosismo», essa tendencia tão sympathica e sobretudo característica da esthetica portugueza.



O notavel cientista disse ser a saudade um sentimento depressivo e accentuou que cultivar a saudade é alimentar um estado morbido, ajudar a definhar mais a raça. *Teixeira de Pascoais*, porem, vindo na defesa dos «saudosistas», replicou que *Correia de Oliveira*, *Augusto Gil*, *João de Deus*, e *Antonio Nobre* fizeram versos para o povo, crearam uma poesia profundamente portugueza, beberam a sua inspiração no mais intimo veio religioso da alma lusitana, creadora da Saudade, «sentido do coração», «Virgem do Desejo e da Lembrança» — como a chamára *Duarte Nunes de Leão* — o «mal que se ama e bem que se padece» — como a definíra *D. Francisco Mauoel de Mello*. Da Saudade, vista na sua essencia religiosa e não no seu aspecto superficial e anecdotico de «gosto amargo de infelizes»... E *Teixeira de Pascoais* felicitou-se de ter sabido fugir ao cosmopolitismo literario, *factor do abastardamento da expressão moral da raça e da progressiva desnacionalização dos costumes*. E mais tarde, pelas paginas da revista «Aguia», *Teixeira de Pascoais* escrevia detalhadamente: «Não me cansarei de affirmar que a Saudade é, em sua ultima e profunda analyse, o amor carnal espiritualizado pela Dor ou o amor espiritual materializado pelo Desejo: é o casamento do beijo com a lagrima, é Venus e a Virgem Maria numa só mulher. A saudade é a personalidade eterna de nossa raça, a physionomia caracteristica, o corpo original com que ella há de apparecer entre os outros povos. *Correia de Oliveira* não é um homem que canta. Não! É o povo. *Correia de Oliveira* nas suas canções é o Povo-Poeta e não o Poeta-Povo como *Camões* nos «Lusiadas».



Ainda em defesa do velho espirito portuguez, *do natural amoroso, do temperamento amavel, do exclusivo ou predominante sentir da Saudade e do «morrer d'amor» dos authenticos lusiadas*, Jayme Cortesão no estudo critico do «Cancioneiro Popular» assignalou com motivo do orgullo: — «Há no nosso amor uma ternura bem nossa, em que um delicadissimo desejo dos sentidos se allia a uma profunda anciedade ideal, traduzindo-se em timido encantamento, em volupia sagrada, em extatica adoração. Em certas cantigas de amor o desejo ergue-se como uma nuvem de mystico incenso e os versos cantam, arrulham, cíciam com o murmurio combinado das orações e dos beijos». Foi em *Jayme Cortesão* que eu aprendi que os portuguezes, assim como personificamos o amor, personificam a saudade e dirigem-se á creatura amada chamando-a «minha Saudade», tal como a chamariam «meu Amor».

Esta lóa meiga patenteia quanto a Saudade vive, reina, impera nos corações lusitanos:

Hoje eu vi uma andorinha
Embriagar-se de luz,
Voar, voar a doidinha...
Por um momento suppuz

Que as pontas de suas azas
Eram pennas de escrever
E o céu azul sobre as casas
Era o papel: puz-me a ler.

Ô meu Deus! Era verdade:
No seu voar incoherente



Eu soletrei, de repente,
Esta palavra: *Saudade*.

Admirae esta quadrinha de *Albino Forjaz de Sampaio*:

Quem inventou a Saudade
Não soube bem o que fez:
Fez a palavra mais triste
Que tem o amor portuguez.

E esta de *Correia de Oliveira*:

Dae-me um logar junto ao lume,
Vou contar-vos minha historia:
—Saudade é hostia divina
Feita do pão da memoria.

É da poetisa lusa *D. Julia de Gusmão* esta
trova sentida:

Há saudades de saudades
E são as mais lancinantes!
Quem me dera ter agora
Saudades que eu tinha dantes...

Afinal, para abreviar as citações:

Esta palavra «saudade»
Aquelle que a inventou,
À primeira vez que a disse,
Com certeza que chorou...

Saudades são neste mundo,
Que ouve e esquece, vai e vem:
Poesia p'ra quem as lê,
A morte p'ra quem as tem.



Em poesia como em tudo o mais só o que ao povo interessa tem a sua perpetuidade assegurada, só o que é do povo é eterno. Esse attributo da Divindade como que, por igual, pertence a todas as crrações espontaneas da alma collectiva. Já um proverbio nos ensina que é voz de Deus a voz do povo:.. Como o verbo divino é immortal, a poesia popular resiste á acção destructora do Tempo e atravessa as idades, sempre palpita, sempre louça.

Para que apuremos si tal ou qual composição poetica é popular, é mister que o verifiquemos ao contacto dos nucleos que constituem a familia ethnica sob nosso estudo.

A facil popularização de uma estrophe está condicionada no tom singelo e poder synthetico de sua expressão. Assim como o immenso vulgo canta carinhosamente os versos dos vates illustres, traductores do sentir colectivo, as mais lindas boccas de damas aristocraticas cantam e acclamam tambem, num grande premio merecido e consolador, as trovas da humilde musa do povo.

Não pretendo tentar uma incursão pela litteratura de Portugal e do Brasil, respigando dos respectivos cancioneiros todas as trovas que jamais morrerão, enquanto subsistir a nossa lingua pulchra, que foi «a predilecta de Venus»... Isso constituiria materia para todo um volume e não cabe na Palestra com que vos entretenho. Ainda assim, não esqueçamos hoje estas lindas quadras de *Augusto Gil*:

Amas a Nosso Senhor
Que morreu por toda gente,



Só a mim não tens amor
E eu morro por ti somente.

Olhos negros de velludo,
Heis de fazer-me Doutor:
Sois os meus livros de estudo
Na Fauldade do Amor.

Teus olhos, contas escuras,
São duas ave-marias
Dum rosario de amarguras
Que eu rezo, todos os dias.

Resume-se a coisa pouca
Toda a minha aspiração:
Poder dar á tua bocca
Os meus beijos e o meu pão.

Escutae e admiraee a «Toada para as mães
acalentarem os filhos»:

Ó desgraça, vae-te embora
Que esta linda creancinha
Andou no meu ventre e agora
Trago-a nos braços. É minha.

Quando o seu choro reeeio
Embalo-a, faço que aeeite
A alegria do meu seio
Na brancura do meu leite.

E, quando assim não descança,
Que tristezas me consomem!
Mas antes chore em creança
Que depois, quando for homem.



Dorme, dorme, meu menino,
Foi-se o sol, nasceu a lua.
Qual será o teu destino?
Qual será a sorte tua?

Riquezas tenhas tão grandes
E tal bondade também
Que, ao redor donde tu andes,
Não fique pobre ninguém.

Mas, si o oiro é mau caminho,
Antes tu venhas a ser
O pobre mais pobrezinho
De quantos pobres houver.

Si um crime tens de fazer,
Antes fique vago um throno,
Antes um palacio a arder
Do que uma enxada sem dono!

Si, porem no teu destino
Há tão cruentos signaes,
Dorme, dorme, meu menino,
Não tornes a accordar mais.

É justo que ainda de *Augusto Gil*, vos lembre algumas rimas da «Canção das Perdidas»:

Quem por amor se perdeu
Não chore, não tenha pena:
Umas das santas do céu
É Maria Magdalena.

E há no mundo quem affronte
Uma mulher quando cai!
Nasce a agua limpa na fonte:
Quem a suja é quem lá vai.



Nós temos o mesmo fado,
O fonte de agua cantante,
Quem te quer — pára um boccado...
Quem não quer — passa adiante...

Àquelle que me roubou
A virtude de donzella
Si outra honra lhe não dou
É porque só tive aquella.

Nem toda a agua do mar
Por estes olhos chorada
Daria bem a mostrar
O que eu sou de desgraçada.

Si aquillo que a gente sente
Cá dentro tivesse voz,
Muita gente, toda gente
Teria pena de nós...

Correia de Oliveira é o feliz e immortal
autor de um sem numero de trovas commovê-
doras como estas:

Sino — coração da aldeia,
Coração — sino da gente:
Um — a sentir, quando bate,
O outro — a bater, quando sente...

Meu rosario de cantigas,
Acabarás bem ou mal?...
Todos os rosarios têm
A sua cruz no final...

Tambem *Guedes Teixeira* é insigne no bu-
rilamento de trovas:



Deus, que nos vê lá de cima,
Alma desta alma querida,
Juntou-nos: — somos a rima
Da linda quadra da vida.

Maria é o nome feminino mais commum
entre a gente do povo nos dois paizes. Por
isso e porque o seu elogio é feito com tocante
simplicidade, muitos repetem:

É tão verdade, Maria,
Que estás no meu coração
Que o teu nome principia
Na palma da minha mão.

Si Deus um dia indagasse
Minha maior ambição,
Pedia que Elle acabasse
Teu nome na minha mão.

A rosa, para ser rosa,
Deve ser de Alexandria;
A mulher, pra ser mulher,
Deve chamar-se Maria.

Mesmo aos grandes Poetas o lindo nome
inspira. Foi *Augusto Gil* quem disse:

Marias da minha aldeia,
Todas vós sabeis urdir
De um certo linho uma teia
Onde todos vão cair.



E Correia de Oliveira:

Sendo Maria o teu nome,
Fiz peccado de heresia:
Esqueci o Padre-Nosso
A rezar a Ave-Maria...

Em Portugal, dos tugurios aos palacios, no
recondito do paiz e nas colmeias das cidades,
ouvem-se estas manifestações da ternura ma-
ternal:

Quem tiver filhos no berço
Sempre lhes há de cantar...
Quantas vezes os pais cantam
Com vontade de chorar!

Quem tem filhos pequeninos
Vive em doce sujeição:
De dia, tem-nos nos braços;
De noite, no coração...

Uma mãe que o filho embala
Todo seu fim é chorar,
Só por não saber a sorte
Que Deus tem para lhe dar.

Antonio Macieira assim descreve Coimbra,
cheia de estudantes romanticos e trovadores sen-
timentaes:

Coimbra, toda em descantes,
É uma guitarra a chorar:
São as cordas os amantes,
O trovador é o luar.



Mui provavelmente influenciado por esse ambiente impregnado de poesia e de amor, foi que *Augusto Gil*, estudante *relapso*, não se pejou de cantar bohemiamemente:

Olhos negros de velludo,
Heis de fazer-me Doutor:
Sois os meus livros de estudo
Na Faculdade do Amor.

E *Augusto Gil* talvez apenas correspondesse, pois que ouvia do labio rubro de cachopas tentadoras este appello compromettedor de exames:

Estudante, deixe os livros,
Volte-se cá para mim:
Mais vale um dia de amor
Que dez annos de Latim!...

O que não pode ser posto em duvida é que *Augusto Gil* seguia a tradição do famoso *Hylario*, o *Augusto Hylario da Costa Alves*, o moço estudante de Vizeu, que morreu tísico e está sagrado nos fastos do folk-lore portuguez como o implantador em Coimbra do dominio e prestigio do fado intellectual. São delle as quadrinhas celebres:

Nossa Senhora faz meia
Com tintas feitas de luz:
O novello é a lua cheia,
As meias são pra Jesus.



Ouvi dizer ao luar
Com trinados na garganta:
«Quem canta seu mal espanta!»
Então me puz a cantar.

O mar também tem amante,
O mar também tem mulher:
É casado com a areia,
Dá-lhe beijos quando quer.

A minha capa velhinha
É da côr da noite escura:
Não a quero pra mortalha
Quando eu for p'r'a sepultura.

Eu quero que o meu caixão
Tenha uma forma bizarra:
A forma de um coração,
A forma de uma guitarra.

Hylario morreu byroneanamente fiel á vida
vagabunda. Não nos legou aquella palinodia do
converso bohemio brasileiro que é *Cruz Oli-
veira* (*Julio Auto*):

Fui trovador e o ter sido
Hoje me doi como um crime
Porque um poeta é sempre um doido,
Embora um doido sublime.

Hylario Alves tem na historia literaria de
Portugal o mesmo papel que na do Brasil tem
Catullo da Paixão Cearense: — *Hylario* foi o
aristocratizador do fado luso, como *Catullo* o
está sendo da modinha brasileira. Os trovadores



contemporaneos portugueses ainda alludem ao grande lyrico e estroina:

Guitarra do meu fadario,
Ai! não soluces assim:
Tu tens os fados do *Hylario*
Cantando dentro de mim...

«Jardim da Europa á beira-mar plantado», Portugal é a privilegiada terra musical e cantante. Os que cultivam o campo, sob a influencia embaladora da paysagem florida, os que se partem para o nosso Brasil, os que se vão para longes terras de Africa, os que abandonam o aconchego do lar e vão decididos para o rude labor da vida militar, todos estes — os que deixam a gleba estremecida e os que lhe choram a saudade incoercível — todos cantam, porque no canto reside a maneira favorita de expressão, quer de suas queixas e lamentos na adversidade, quer de seus sonhos e devaneios nas horas de fortuna.

A extraordinaria consagração popular, a migração, de bocca em bocca, determinou não se saber quaes os labios de que primeiro saíram estas ternas cantigas soltas:

As tristezas que se cantam
São as mais tristes de ouvir
Porque se cantam chorando,
Mas sem o pranto cair.

O que lindas pombas brancas
Eu vejo no teu pombal!
Quem me dera ser a pomba
Da que não tenha casal...



Nas ondas dos teus cabellos
Eu estive a me afogar:
Ficas agora sabendo
Que há ondas sem ser do mar...

Quando a aranha pilha a mosca
E a mata sem compaixão,-
Teus cabellos são a teia
E a mosca é o meu coração.

Ao fado tudo se canta,
Ao fado tudo se diz...
No crystal de uma garganta
Vive a alma de um paiz!

Si o padre Santo soubesse
O gosto que o fado tem,
Viria de Roma aqui
Cantar o fado tambem.

Si isso assim continuar,
Onde irá parar não sei:
Veremos andar na rua
De guitarra o proprio Rei...

Os versos de sete syllabas são os do uso frequente, entre os cantadores rusticos do Brasil e a gente do povo em Portugal, que noutro metro poetico não costuma improvisar e compor suas cantigas. Foram nelles talhados os grandes monumentos lyricos da lingua.

João Ribeiro assignala que, por singular capricho, na nossa lingua expressões vulgares de insulto, phrases feitas, exclamações, annexins têm quasi sempre sete pés metricos. Tanto isso é verdade que o poeta cearense *Soares Bulcão*



no livro em que citou centenaes de paremias
brasileiras recorreu ao verso de sete syllabas,
enquadrando-as facilmente nesse metro:

Quem tiver neccsidade
Nunca do acaso prefira,
Nem de outro espere a vontade:
Quem precisa é quem se estira.

Mudou da sorte o capricho,
Ês hoje um pária faminto,
Persegue-te o proprio iustincto:
Atraz do pobre anda um bicho.

Muita cousa que vidrilha
Parece ser um thesouro...
Não te illudas com o que brilha:
Nem tudo que luz é ouro.

Vae com geito e paciencia,
Si do melhor queres tu;
Bem nos mostra a experiencia
Quem se vexa come crú.

Ninguem a muitos viole
Direitos que lhe pareça:
Quem com muitas pedras bole
Uma lhe dá na cabeça.

Sylvio Romero dá logar na «Historia da
Literatura Brasileira» a *Candido José de Araujo
Vianna (Marquez de Sapucahy)* exclusivamente
por motivo das quatro singelas quadrinhas que
vos direi, em seguida. O *Marquez de Sapucahy*
tinha uma filha que havia plantado um cantei-
rinho de violetas; antes que estas desabrochas-



sem, morreu a moça. Sobre o seu tumulto foi o velho poeta depor as primeiras flores acompanhadas destes versos:

Da planta que mais presavas,
Que era, filha, os teus amores,
Venho de pranto orvalhadas
Trazer-te as primeiras flores.

Em vez de afagar-te o seio,
De enfeitar-te as lindas tranças,
Perfumarão esta lousa
Do jazigo em que descanças.

Já lhes falta aquelle viço
Que o teu carinho lhes dava...
Gelou-se a mão protectora
Que tão fagueira as regava.

Desgraçadas violetas
A fim prematuro correm...
Pobres flores! também sentem,
Também de saudade morrem!

Sylvio Romero, não escondendo a sua admiração por estes versinhos realmente encantadores, diz, commentando-os, que «é uma coisa caprichosa a poesia. Tres ou quatro notas singelas tocam as fibras da alma e, quantas vezes, vastas composições pretenciosas deixam-nos de todo indifferentes. A boa poesia é assim, transparente e limpida, em sua espontaneidade. O *Marquez de Sapucahy*, como classico e christão, levou flores ao tumulto, como levaria a um altar, e falou á filha como a uma sombra querida e invisivel que ali o escutasse».



Agora, porem, que escutastes os versos resignados do *Marquez de Sapucaly*, preparaevos para apreciar cinco quadras «em que há desalento e rebeldia ao mesmo tempo, uma certa resignação, mas cheia de amargor, a nullidade da vida esmagada pela cegueira estúpida da morte». São os versos de *Tobias Barreto* gravados no tumulo de uma sua irmã. «Peregrina pela belleza e pelas virtudes, morreu casada essa creatura celeste, aos dezoito annos, deixando um filhinho»:

Teve a morte de uma santa,
Tendo a vida de uma flor:
Eis ahí o que eu quizerá
Que me explicasseis, Senhor!

Para provar que não somos
Todos mais que terra e pó,
Será mister morrer moça,
Deixando o filhinho só?

Vós sabeis que há só no mundo
Um ente que nos quer bem:
É nossa mãe! Ella morre,
E o orphão grita... por quem?!...

Ora, Senhor, perdoae-me.
Não comprehendendo isto assim:
Viver e morrer tão moça,
Sem um mister, sem um fim...

Passar como uma aura leve
Ou como um sonho de amor,
Ter a morte de uma Santa,
Tendo a vida de uma flor!!!...



Na nossa bibliographia de trovas tem logar distinguido a dulcissima collecção dos «Descantes», em a qual os poetas pernambucanos *Adelmar Tavares, Moreira Cardoso, Carlos Estevam, Manoel Monteiro e Silveira Carvalho* enfeixaram quadrinhas de adoravel meiguice, logo estupendamente popularizadas. Vou evocar-vos ligeiramente a musa de cada um delles:

De Silveira Carvalho:

Santo Antonio foi tentado
Quando pelo mundo andou,
Mas resistiu ao peccado,
Morreu, foi ao céu, gozou.

Si isto fosse hoje, santinha,
Si elle te visse, garanto
Que entre os santos da folhinha
Não haveria este Santo...

Quem ama para dar provas
Deve tres coisas cumprir:
Tocar violão, fazer trovas
E, havendo luar, não dormir.

De Carlos Estevam:

«Quem cega (uma vez na feira
dizia um cego a cantar)
Só vê na propria cegueira
Aquillo que o fez cegar».

Si assim é, fica sabendo,
Meu impossivel descjo:
Ceguei os teus olhos vendo,
Pois outra coisa não vejo...



De Manoel Monteiro:

Quando, após o nascimento,
Teus olhos se descerraram,
Duas estrellas faltaram
No manto do firmamento.

Seguindo junto ao teu seio,
Vendo teu rosto sem véo,
Julguei-me um Santo em passeio
Pelas estradas do céu.

De Moreira Cardoso:

O céu é fita azulada
E a lua, que em scismas fito,
É medalha pendurada
No pescoço do Infinito.

P'r'a minha tristeza crua
Busco amparo que me acoite,
Tomando banhos de lua
Dentro do tanque da noite.

Por mais que tentes, Senhora,
Tirar-me sempre a esperança,
Mais a paixão me devora
E mais tormentos me lança...

Pois este amor, que me inspira,
É cova, mal comparando,
Que tanto mais se lhe tira
Quanto maior vai ficando...



De *Adelmar Tavares*:

Mente, violão, como eu minto,
Não gemas, guarda o sentir...
Eu como tu também sinto
E vivo sempre a sorrir!

A Deus cabe a sem razão
De não ser o amor perfeito!
Quando fez o coração,
Não fez do lado direito...

A chamar-me não te afoites
Atheu, amada Maria,
Que eu rezo, todas as noites,
O que me dizes, de dia...

«Mãos frias, coração quente!
Mãos quentes, coração frio!»
Diz um adágio prudente,
Grave, solemne, sombrio.

Dessas palavras fulgentes
Eu tenho a prova, não rias:
As tuas mãos são tão quentes,
As minhas mãos são tão frias...

Estas duas ultimas quadras de *Adelmar Tavares* lembram a musa endiabrada de *Bastos Tigre*:

«Mãos frias, coração quente!»
Diz um antigo rifão...
Menina, si elle não mente,
Há no meu peito um vulcão...



«Mãos quentes, coração frio!»
Fala o rifão, desta sorte...
Si isto é certo, desconfio
Que o teu peito é o polo norte...

Que as tuas mãos eu albergue
Nas minhas manoplas dá:
Na ilha de Spitzberg
Mettamos o Ceará...

Belmiro Bruga, o poeta mineiro das «Montezinas», é um dos nossos mais deliciosos e peritos artífices de quadrinhas. São d'elle estes mimosos trocadilhos:

Não sei que mais me fascina,
Que mais me traz entre abrolhos:
Si os olhos desta menina,
Si a menina destes olhos.

Perdidas por entre abrolhos
Trago, desde pequeninas,
As meninas dos meus olhos
Pelos olhos das meninas.

Dos poetas cearenses que hão cultivado as quadrinhas não desejo nem devo esquecer *José Albano*, a mais retumbante revelação de Poeta na historia literaria do Brasil. Pode-se dizer que jamais a Poesia teve em nosso paiz tão fulgurante cultor, sem que o mundo das letras o admirasse e applaudisse. O nome de *José Albano*, que chegou a ser considerado o pseudonymo com que de um classico esquecido se revelassem os primores poeticos, se fixou victo-



rioso só mui recentemente, com a publicação de algumas *plaquettes*. Então, o sr. *Osorio Duque Estrada*, ordinariamente tão severo com os poetas estreantes, não se conteve e proclamou *José Albano* irmão do suavíssimo *João de Deus* e da mesma raça lidima dos velhos lyricos, desde *Camões* até *Guilherme Braga*. Da seára de *José Albano* são estas claríssimas trovas:

Há no meu peito uma porta
A bater continuamente:
Dentro a esperança jaz morta
E o coração jaz doente.

Em toda parte onde eu ando
Oíço este ruído infindo:
São as tristezas entrando
E as alegrias saindo.

Tudo que sinto e padeço
Posso descrever assim:
O prazer não tem começo
E a tristeza não tem fim...

Quanto é forte o meu desejo
Nesta afflicção insensata:
Morro porque te não vejo,
E sei que ver-te me mata...

Tudo já me persuade
Que a ti me não devo oppor:
Longe, matas de saudade,
E perto, matas de amor.

Outro notável poeta, coestadano meu, —
Antonio Salles — é o lapidario destas fulgidas
gemmas:



«Amor, no plural «amores»...
Dizem ahi... Não há tal:
Enganam-se os professores
Porque amor não tem plural.

Ando á procura de um par
De finissimos espelhos:
Deita-te aqui nos meus joelhos
Para eu me poder mirar.

Nada vale andar errante,
Ir para longe daqui,
Pois quando estou mais distante
É quando mais penso em ti.

Só vi uma creatura
Que mostrou indiferença
Pela tua formosura:
Era um cego de nascença...

Que eu me enforque alguém deseja
E eu o farei, de bom grado,
Comtante que a corda seja
Ten cabelo perfumado...

Si as santas do Paraíso
Possuem os teus encantos,
Eu fico muito indeciso
Sobre as virtudes dos santos.

Achei-te tal diferença,
Quando de novo te vi,
Que, estando em tua presença,
Tive saudades de ti.

Já foi escripto que «não é facil supprimir
de nós o que temos de lusitanos. Quando Por-



tugal o reclama, nós lh'o restituimos e já é muito; quando não, é nosso, pois fomos delle e ainda não somos bem nossos...»

O nosso inolvidavel *Bilac*, esposando o ponto de vista de *Sylvio Romero*, percebia na musica brasileira «barbara poracê, banzo africano e soluços da trova portugueza»... e fechava harmonioso soneto dizendo que a nossa musica é um «beijo de tres saudades, flor amorosa de tres raças tristes». Existem, entretanto, flagrantes pontos de dissemilhança entre os nossos processos poeticos e os da antiga metropole. Alguns exemplos hão de prestigiar melhormente a asserção. Eis como um trovador portuguez descanta a cabelleira, os olhos, as mãos, os braços da mulher amada:

Serve-te a madeixa negra
De moldura ao rosto franco,
Como si uma toutinegra
Pousasse num lyrio branco.

Os teus olhos são escuros
Como a noite mais fechada:
Apesar de tão escuros,
Sem elles não vejo nada.

Eu fui deitar-me entre as nuvens,
Das estrellas fiz encosto,
Abraçei-me a uma dellas,
Cuidando que era o teu rosto.

Tuas mãos são branca neve,
Teus dedos são lindas flores,
Teus braços cadeia de ouro,
Laço de prender amores.



Sobrancelhas como as tuas
Não é possível havel-as:
São laços de fita preta
Que prendem duas estrellas.

Vossos pés são d'oiro fino,
São d'oiro fino e mais não...
D'oiro toda sois formada,
Prenda do meu coração.

Vêde agora a differença. É Catullo da Paixão Cearense que põe na bocca do marroeiro o elogio do corpo de uma cabocla brasileira, Venus morena. Que o proprio *Catullo* explique previamente ao distinctissimo auditorio: — «O marroeiro, tendo vindo das fundas solidões do sertão para curar o gado de uma fazenda, o que consegue com o auxilio de suas rezas, vai, depois de uma semana, a um samba dos arredores, onde pela primeira vez sente ou melhor soffre a influencia poderosa dos olhos de uma cabocla. Resolvido a voltar para a sua solidão, recusa propostas vantajosas para que se não retire, pois a dona da fazenda receia nova epidemia no gado. Quando o marroeiro se vai despedir da dona da fazenda, accede ao pedido de confessar o motivo verdadeiro de sua partida. Attentae na differença do poetar dos tropeiros lusos:

Se desfoiando num samba,
Cantando uma lovação,
Eu vi a frô dos caborge
Das morena do sertão.

Trazia dentro dos óio
Estrépe e mé como a abêia:



Oiou-me como uma onça
E adespois como uma ovêia.

Aquelles óio, sa dona,
Eu confesso a vosmincê:
Roía a gente por dentro
Que nem dois caxinguelê...

Entonce, aquelles dois óio,
Seren como o luá,
Vinha pra riba da gente
Tal e qual dois marruá...

Sem mardade, um beijo dado
Naquella bocca orvaiada
Havéra de tê, sa dona,
O cheiro das madrugada.

Sá dona, os cabelo della
Tinha o cheiro naturá
Da pomba virge do matto
Quando começa a aninhá.

Apois os cabelo della
Tão preto p'r'o chão cahia
Que toda frô que butava
Nos cabelo, a frô murchava
Pensando que anoitecia.

Aquelles braço, sa dona,
Deus não me castigue não:
Tinha o calô das fogueira
Das noites de São João...

Os pesinho da cabôca,
Quando dansava o baião,



Parecia dois pombinho
A mariscá pelo chão.

O suó que ella suava
No samba cheirava tanto
Que inté a gente sentia
Um cheiro de dia santo.

Desde essa hora inté hoje
Eu conto as hora a pená,
Eu volto a sê marroeiro,
Vou vivê c'os marruá.

Meu pae foi bicho timive
E eu fui timive tambem:
O pinto já sai do ovo
Com a pinta que o gallo tem.

Bebedô de mandureba,
Pissuindo carne e caroço,
Eu nunca vi cabra macho
Que me fizesse sobroço.

Dos marruá mais bravio
Que nos grotão derrubei
Munta pontada, sá dona,
Munta chifrada eu levei.

Pra riba de mim Deus pode
Mandá o que elle quizé...
O mundo é grande, sa dona,
É grande o amô, grande a fé.

Grande é o podê de Maria,
Esposa de São José,
E o diabo tambem, sá dona,
Foi grande, como inda é...



Mas porem, nada é mais grande,
Mais grande que Deus inté,
Que uma cornada dos chifre
Des óio de uma muié.

Reparastes no contraste: nos versos portu-
guezes há o enlevado lyrismo e nas confissões
brasileiras tumultúa o esto incontido das pai-
xões violentas. O rhapsodo luso justificaria o
seu canto, allegando:

Quem canta seu mal espanta,
Quem chora seu mal aumenta:
Eu canto pra alliviar
Esta dor que me atormenta!

Guitarra, minha guitarra,
Solta teus ais, tuas queixas:
Tú és a unica amante
Que por outro não me deixas...

Choro lagrimas de sangue
Para teu divertimento,
Quero que vivas alegre
À custa do meu tormento.

Nem só de alegre se canta,
Nem só de triste se chora:
De alegre tenho eu chorado
E de triste eu canto agora.

O menestrel brasileiro diria, porem, desen-
volto e brejeiro:

Minha mãe, eu sou solteiro,
As moças me querem bem,
Ellas me pedem que eu cante:
Que remedio a gente tem?!



Estabeleçamos alguns confrontos directos:

Quadra portuguesa:

Não canto por bem cantar
Nem por ter falas de amante:
Eu canto para dar gosto
A quem me pede que eu cante.

Quadra brasileira:

*Quem me vê andar cantando
Cuida que eu ando contente:
Eu canto é pra disfarçar,
Não dar gosto a muita gente.*

Quizera ser como a hera,
Pela parede a subir,
Para chegar á janella
Do teu quarto de dormir.

*Si tu fosses pé de pau,
Eu queria ser cipó:
Vivia em ti enroscado,
No teu corpo dando nó...*

Quando te encontro na rua,
Baixo os olhos um momento,
Olho p'r'a terra que pisa
E com isso me contento.

*Si o olhar fosse alfinete
E que desse alfineiada,
Tu ficava furadinha
Que só renda de almofada...*



O fadista portuguez dirá, enlanguecido e romantico:

Amei e fui desamado,
Foi o que devia ser:
Não era nobreza dar
Com tenção de receber.

Amor como o nosso é
Não houve nem haveria
Sinão o de S. José
Mais o da Virgem Maria.

Taes indecisões, nebulosidades e resignação não condizem com o temperamento voluptuoso dos cantadores patricios. Elles amam *despejadamente, alegremente, sem consciencia de mal algum, na impudica innocencia das almas primitivas*, qual do modo por que os cães se mostram amor diria o *Visconde de Santo Thyrsó*:

Morena, minha morena,
Chega tua bocca na minha,
Teu corpo junta c'o meu
Como a faca na bainha.

Morena, minha morena,
Corpo de linha torcida,
Queira Deus você não seja
Perdição da minha vida!

Morena, beijo de rosa,
Claros dentes de marfim,
No meio do teu resomno
Dá um suspiro por mim!



Quando nasci, dei um grito:
«Ai! meu Deus, Jesus, me mata
Que eu quero ser enterrado
No collo de uma mulata...»

Sylvio Romero diz que é de *Caldas Barbosa*,
celebre improvisador de modinhas, *mestiço de
primeira mão, filho de pae portuguez e mãe
africana*, a seguinte quadra em que o poeta
espelha o atavico languor paterno:

Eu sei, cruel, que tu gostas,
Sim, gostas de me matar:
Morro... e, por dar-te mais gosto,
Vou morrendo devagar.

Disse, de começo, que o folk-lore brasileiro
é opulento de versos que reçumam a sensuali-
dade dos povos tornados concupiscentes sob a
ardencia climatica dos tropicos. *Osorio Duque
Estrada* e *Carlos Góes* accentuam que a mestiça
brasileira tem o condão de inspirar as mais
garridas flores de nosso lyrismo essencialmente
objectivo:

Mulata, minha mulata,
Desconjuncta esse quadril
Que a mulata, quando dansa,
Tira fogo sem fuzil.

Um laço de fita verde
Com tres dedos de largura
Nas ancas de uma mulata
Mata quaiquer creatura.



Quem o amor de uma morena
Passa a vida sem gozar
Vai-se embora desta vida
Sem saber o que é amar...

Ai, morena, pede a Deus
O que eu peço a S. Vicente:
Que junte nós dois, um dia,
Numa casinha sem gente!

Já sou velho e tive gosto,
Morro quando Deus quizer:
Duas coisas me acompanham:
Cavallo bom e mulher.

Ao ignorado autor desta ultima quadrinha
nunca chegou certamente a noticia daquellas
palavras de *Laurent Joubert*: — «*On est plus
trompé en femmes et en chevaux que en tout
autre animal...*» Prosigamos, porem:

As mulatas me criminam
Por eu ser muito pidão:
Eu peço porque careço,
E ellas... porque me dão?

Meu amor, quem cala vence,
Mais vence quem não diz nada:
Em certas occasiões
Mais vale bocca calada...

Esta noite, andei de ronda
Que nem rato na parede:
Procurei mas não achei
O punho da tua rêde.



Lá vem a lua saindo
Por detraz da pimenteira...
Já me doi o céu da bocca
De beijar moça solteira.

Estes quatro derradeiros versinhos trazem á memoria o dicto daquelle velho diplomata, incorrigivel D. Juan, que se gabava de ter as mãos callosas de apalpar saias de seda...

São raras no nosso cancionero as quadrinhas discretas. Mas aqui tendes tres e primorosas:

Si aquelle gallo soubesse
Quanto goza um bemquerer,
Certamente não cantava
Para o dia amanhecer!...

Esta noite, eu tive um sonho,
Um sonho muito atrevido:
Sonhei que tinha na rêde
A fôrma do teu vestido...

Ninguem há que desconheça
Das morenas a virtude:
Aos sadios adoecem,
Aos doentes dão saúde...

Apresentando-vos as quadrinhas em que palpita a lubricidade da raça, julgo opportuno engastar nesta constellação de quadras limpidas uma canção de *Olavo Bilac*. Arranco ás «Sarças de Fogo» esta pagina quente:

Dá-me as petalas de fogo
Dessa bocca pequenina;



Vem com teu riso, formosa,
Vem com teu beijo, divina!

Tenho frio e não diviso
Luz na treva em que me vejo:
Dá-me o clarão de teu riso,
Dá-me o fogo de teu beijo!

Ó tú que tornas radiosa
Minha alma que a dor domina,
Só com teu riso, formosa,
Só com teu beijo, divina,

Transforma num paraíso
O inferno de meu desejo:
Formosa, vem com teu riso,
Divina, vem com teu beijo!

Com exemplos numerosos vos dei idéa dos fortes sopros lubricos que varrem a alma escandalosamente franca dos cantadores nacionaes. Mas não vades a suppor que nos florilegios poeticos portuguezes seja impossivel uma colheita desse jaez. A verdade é que são, ordinariamente, terna e discretamente veladas, são sempre subteis as expansões passionaes dos portuguezes fadistas:

Lembras-te a noite em que, juntos,
Contámos, á luz do luar,
Tu as estrellas do céu,
Eu as areias do mar?!...

Vestiste, há pouco, um vestido
E agora foste mudal-o:
Ah! quem me dêra poder
Abraçar-te no intervalo...



Ó luar da meia noite,
Não venhas cá ao serão:
Isto de quem tem amores
Quer escuro, luar não...

Eu vi teu rastro na areia
E puz-me a considerar
Que primores tem teu corpo
Que o teu rastro faz chorar...

O escriptor paulista *Alberto de Faria* traçou no livro «*Aérides*» um quadro desolador de idéas gastas, referentes á volubilidade feminina, vista através da historia literaria de varias nações. O Academico campineuse recorda que si *Tasso* exclamára:

Femina é cosa garrula e fallace! vuole e disvuole: é fuole uomo che sen fida!

o velho *Victor Hugo*, á distancia de seculos, repetira:

Souvent femme varie,
Bien fol est qui s'en fie:
Une femme souvent
N'est qu'une plume au vent...

E, abundando em citações, *Alberto de Faria* lembra o verso de *Vergilio*:

Varium et mutabil semper femina

e estes que *Verdi* musicou:

La donna é mobile
Qual piuma al vento...



Alludindo á paciencia perquiridora de *Alberto de Faria*, quero, por minha vez, mostrar-vos como todos esses conceitos sovados e repetidos, mesmo pelos corypheus mundiaes da poesia, são chulamente expressos pela bocca popular. Das gentilissimas senhoras que me estão dando a honra de as ter como ouvintes espero o perdão de alguma *má palavra*, agora que digo versos cheios de resabios contra o sexo dito fraco:

Primeiro, Deus fez o homem
E a mulher em seguimento:
Primeiro, se faz a torre
E depois o catavento...

A mulher, por natureza,
Não pode ter fé segura:
Quanto mais fala, mais mente!
Quanto mais mente, mais jura!

A mulher e a gallinha
Não se deixa passeiar:
A gallinha o bicho come,
A mulher dá que falar...

O amor é uma cangalha
Que se bota em quem quer bem:
Quem não quer levar rabicho
Não tem amor a ninguém...

Eu não quero mais amar,
Nem achando quem me queira:
O primeiro amor que eu tive
Botou-me sal na moleira.



Senhora dona da casa,
Quando me vê pra que corre?
Si é bonita, me appareça...
Si é feia, porque não morre?

Senhora dona da casa,
Por favor a porta me abra
Que eu não sou que nem cabrito
Pra mamar dois numa cabra...

Não há quem possa entender
Os caprichos da mulher:
Quando não quer, não diz nada...
Não diz nada, quando quer...

Mulher só sabe o que vale
Depois que não vale nada,
Quando o corpo já murchou
E a alma está desenganada.

Eu amava-te, menina,
Si não fosse um só senão:
Seres pia de agua benta
Onde todos põem a mão...

Fui me confessar ao padre,
Confessei que andava amando...
E elle deu, de penitencia,
Que eu fosse continuando...

O primeiro amor que eu tive
Botou-me sal na moleira,
Nem assim aprendi nada:
Vivo teimando na asneira...

Vem a pello referir-vos o seguinte: uma
vez, na Fortaleza, encontrei-me casualmente na



Avenida Caio Prado, do Passeio Publico, com o poeta repentista *Amadeu de Castro*. Eu lia um livro qualquer e, a espaços, contemplava a praia, pois daquelle logradouro da capital cearense se descortinam os decantados «verdes mares bravios». Palestrando com o vate coestadaño, eu recitei:

O mar tem fundos arcanos,
Abysmos desconhecidos,
Profundos como os gemidos
Dos desesperos humanos.

Amadeu secundou-me com esta quadra improvisada:

A maré está tão raivosa
E faz tão grande alarido
Que parece uma senhora
Com ciumes do marido...

Em Portugal e no Brasil, o sentimentalismo proprio da raça transparece e transiuz nestes pequeninos poemas merencoreos que tantas vezes nos surprehendemos a cantarolar ou monologar baixinho, numa uncção de prece:

Minha viola mais canta
Quanto mais soffro na vida!
Sou como canna de engenho:
Mais doce, mais esprimida...

Alma no corpo não tenho,
Minha existencia é fingida:
Sou como o tronco quebrado
Que dá sombra sem ter vida...



Dizem que as almas não morrem,
São immortaes, não têm fim,
A minha faz excepção:
Está morta dentro de mim!

Põe-se o sol e põe-se a lua,
Põem-se as estrellas também:
Só eu não posso me pôr
Aos pés de quem quero bem.

As penas de meu martyrio
Mais crueis não podem ser:
Ter olhos para chorar,
Não ter olhos pra te ver.

Põe um termo aos teus desdens,
Põe aos teus odios um fim:
Si já me não tens amor,
Ao menos tem dó de mim!

Minha viola de pinho
Tem bocca para falar;
Si ella tivesse olhos,
Me ajudaria a chorar.

Aqui tens meu coração
E a chave para o abrir:
Não tenho mais que te dar,
Nem tu tens que me pedir.

Apalpei o lado esquerdo,
Não achei o coração:
De repente, me lembrei
Que estava na tua mão.

Tu chamas-me tua vida
Mas tua alma eu quero ser



Que a vida acaba com o corpo
E a alma eterna há de ser!

Quem não goza o teu amor
Não poderá perceber
Quanto pode o teu valor,
Quanto vale o teu poder!

É verdade e não parece,
Mas é verdade patente
Que a gente nunca se esquece
De quem se esquece da gente.

Quantos versos dedicados á Mulher e por
ella inspirados! Razão assistia a *Theophilo Gau-*
tier:

Tout allait bien si Dieu ne l'avait fait, d'un geste,
Sortir du flanc d'Adam côtelette funeste...

Dos olhos disse *José de Alencar* que são «as
janellas da alma» e muito escriptor e poetas sem
conta os têm bizarramente definido. Relativas
aos olhos não esqueçamos estas quatro manifes-
tações da musa popular:

Andam teus olhos perdidos
(Dizes) de tanto chorar...
Pois eu perdi os sentidos
De os andar a procurar.

Os teus olhos negros, negros,
São gentios de Guiné:
De Guiné por serem pretos,
Gentios por não terem fé.



Você diz que bala mata,
Bala não mata ninguém:
A bala que mais me mata
São os olhos de meu bem.

Quando for para eu morrer,
Quero teus braços por leito,
Por vela teus lindos olhos,
Por sepultura teu peito.

Distincto poeta paraense, o Dr. Genaro Pontes Souza, escreveu estes bizarros versos:

Teus olhos meigos e lhanos,
Por quem suspiros arranco,
São dois negros africanos,
Escravos de um rosto branco.

Na anciedade amorosa as almas vibram pela *galharda conquista...* de um beijo. Sobre o beijo eu vos poderia ministrar incontáveis quadrinhas graciosas. Mas me contento com estes dois delicados arrulhos:

Não sei bem quem seja o autor
Desta sentença de peso:
— O beijo é phosphoro acceso
Na palha secca do amor.

Dei-lhe o primeiro — corou...
Dei-lhe o segundo — sorriu...
Os outros que ella levou
Foi ella que me pediu...

É tempo de consignar que o amor suggere não só versos lyricos, transbordantes de vo-



lupia ou saturados de suave melancolia. Quasi sempre o sertanejo brasileiro brinca alegremente e escarnece daquillo que o tortura. São populares estas facecias:

Eu quero bem ás mulheres
Porque dellas sou nascido,
Não quero que ninguém diga
Que eu sou malagradecido.

Moça bonita é veneno,
Mata tudo que é vivente,
Embebeda as creaturas,
Tira a vergonha da gente.

Em mortalha de papel
Fumo verde não fumega:
Onde tem moça bonita
Meu coração não socega.

Esta noite, eu tive um sonho,
Sonho de muita alegria:
Que me casavam á força
Logo com quem eu queria...

Morena, diz a teu pae
Que si quer ser meu amigo
Ou me pague o que me deve
Ou case você commigo.

Eu fui lá não sei aonde
Visitar não sei a quem:
Saí assim não sei como,
Morrendo não sei por quem.

Quem for para a minha terra
Me perdôe a confiança:



Si vir por lá meu xodó,
Não deixe de dar lembrança.

Plantei amor no meu peito
Cuidando que não pegasse:
Tanto pegou que nasceu,
Tanto nasceu que inda nasce.

Eu fui aquelle que disse
E como disse não nego:
Achando amor de meu gosto,
Levo o diabo e não me entrego.

A desgraça da separação do ente amado
sempre insinuou aos amantes trovas de indizível
plangencia. Os corações entenebrecidos proferem
seus queixumes no suave tom elegiaco desta
lôa sentida:

Digo adeus e vou chorando,
Ô meu bem, meu amorzinho,
Já nem vejo o meu caminho,
De cego que vou chorando.

Entre as lindas a mais linda,
Vou partindo e vou ficando:
Quem diz adeus fica ainda...
Digo adeus e vou chorando.

Digo adeus e volto o olhar
Para traz, de quando em quando,
Minhas penas adoçando
Na alegria de chorar...

Digo adeus e vou cantando!



É tempo de despedir-me do auditorio. E porque seja a despedida o que me resta fazer, o que me ocorre é ainda valer-me da musa popular:

Quem parte, gosto não tem!
Quem fica, como terá?
Quem parte — põe-se a chorar,
Quem fica — chora também.

Não sei si vá ou si fique,
Não sei si fique ou si vá:
Partindo, não fico aqui,
Ficando aqui, não vou lá...

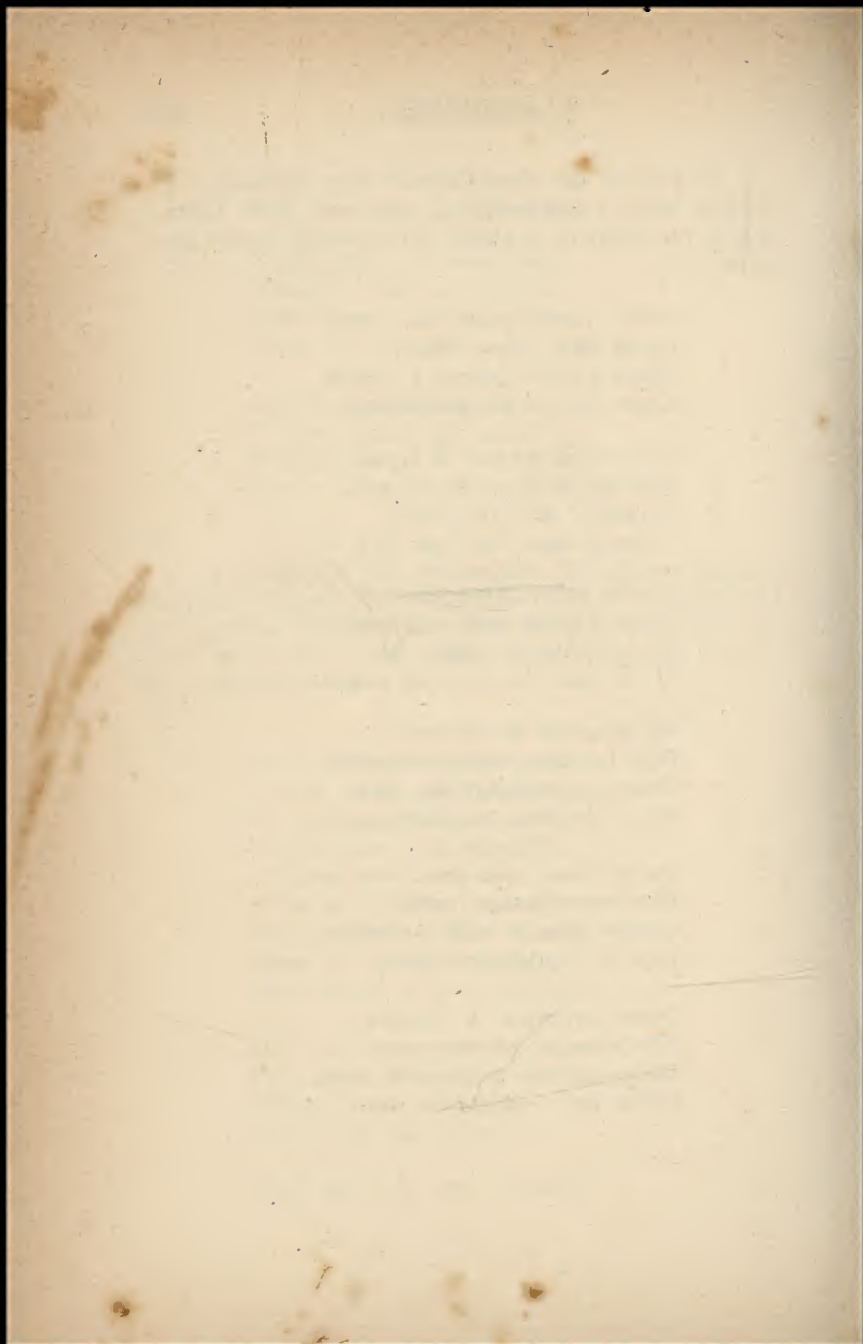
Queria achar quem dissesse
Onde o pesar mais aumenta:
Si no peito de quem fica,
Si na alma de quem se ausenta.

Na desgraça de não ver-te,
Não faz meu amor mudança:
Quanto mais longe da vista
Mais te trago na lembrança!

Quem disser que amor não doi
Desconhece amor, então:
Queira bem e viva ausente,
Veja lá si doi ou não...

Quem inventou a partida
Não sabia o que era amor:
Quem parte — parte sem vida,
Quem fica — morre de dor.





DO SERTÃO...

Muito se tem dito da sagacidade do matuto cearense. Não desejo incidir no feio vício da repetição e referir o caso daquelle patricio que chegou á perfeição de tirar dois couros de um bode... Tampouco farei lembrado o sertanejo que depois de haver enganado um grupo de ciganos, impingindo-lhes como sem defeitos um cavallo *cotó*, recebeu das victimas o convite formal, em tom de supplica humilde, para ser o «capitão do bando»...

O José Estevam, da Serra das Mattas, vendêra ao seu vizinho Izidoro duas saccas de arroz. Mas, abusando da boa fé do comprador, misturou quanto poudé areia ao arroz vendido. Izidoro percebeu a maroteira, mas de esperto, de *estradeiro* que também o era, nada reclamou. Retardou, entretanto, indefinidamente o pagamento que se obrigára a fazer em dia fixo.

Recados não valeram. «Pago hoje, pago amanhã», mas sempre Izidoro *roía a corda*, isto é, protelava o pagamento promettido. Afinal, José Estevam não se conteve e foi á casa de seu devedor:



— Mas, cumpade Zidóro, que diabo é isso? Ocê tá me mettendo na maca? Cadê o dinheiro de meu arroz? Ocê tará com mamparra? Ora, uma coisa que eu lhe vendi tão barato... Eu, si lhe alembro, é porque ando carecido. Lá em casa, a meninada tá tudo uns caído de sarampo e outros desadorado de dordóio. Ocê não tá vendo cumo eu ando derrotado? Espíe p'r'essa roupa e vigie cumo eu ando naufragado!

— Home, cumpade Estêvo, isto não é sangria desatada, não! Eu andava na tenção de lhe pagá, mas queria mêrmo que ocê apparecesse que era mode eu espilicá. Qué sabê? Cumo ocê tá duvidando do meu séro eu agora só lhe pago aquelle arroz si ocê truvê tinta, papé e tabalião...

— Mas, p'ra que diabo é que ocê qué tanta coisa?

— Ô home! é p'ra mode se passá as escriptura... Ocê não me vendeu arroz: ocê me vendeu foi terra...

O Dr. Botafogo Muniz, apaixonado violinista, se fez acompanhar, certa vez, de viagem, de um pagem e um arrieiro. Este conduzia a carga; aquelle viajava ao lado do doutor, distraíndo-o com adivinhas e ensinando-lhe as «erradas».

Numa subida de serra, quando o Dr. Botafogo, pela necessidade de andar vagarosamente, viajava acompanhado da carga, recommenidou ao pagem:

— Felismino, a ladeira é cheia de curvas e há muita saliencia de pedra nos barrancos. Diga ao arrieiro que tenha cuidado com aquella caixa que vem sobre os bahús.



O pagem estacou a alimaria e, firmando-se nos estribos, virou-se gritando:

-- Ô João! João! Tú tem coidado c'a caixa da rebecca do Doutô!

O Dr. Botafogo irritou-se. Doeulhe ver chamado de «rebecca» seu instrumento favorito. E reprehendeu:

— Rebecca o que, Felismino! Aquillo não se chama rebecca...

— Eu sei, seu Dr., eu sei. Eu disse por dizê... Eu bem que sei que o nome daquelle bichim é sarafina...

O mesmo Dr. Botafogo Muniz, quando era Promotor de Justiça em Iguatú, deu, a instancias de moças da cidade, uma audição musical. Para isso aproveitou a festa de anniversario de certa pessoa grada da localidade. O enthusiasmo foi indescriptivel. Até o infallivel *sereno* se deixou arrebatado pela technica realmente admiravel do eximio violinista. Num dos intervallos, um sertanejo, do sopé da Serra do Moraes, exclamou estupefacto:

— Ah, doutôzím espiritado! Ah, doutôzím condemnado! esse inté já pode ficá cego que de fome não morre: tem de que ganhá a vida...

Nas sédes das freguezias do alto sertão, ainda é uso quando o Parocho sai á rua, á noite, para levar o Sagrado Viatico a um moribundo, fazel-o acompanhado da Irmandade do San-



tíssimo Sacramento. Os membros da Confraria vestem ópas, empunham cyrios accesos e formam duas alas bem amplas. À frente do cortejo, o sacristão vibra uma campainha ou agita uma matraca, convidando os fieis a se prosternarem á passagem de Deus Nosso Senhor.

Em 1902, assim se fazia em Quixadá. A esse tempo, não se conhecia ali illuminação publica.

O Pedro Guilhermino, da povoação do «Custodio», foi assistir em Fortaleza á chegada de seu filho Manduca que, havia uns quatorze annos, embarcára para o Norte. E levou em sua companhia a esposa, D. Catharina, que assim aproveitava optimo ensejo de conhecer o «Ceará».

O trem chegou á Central um tanto retardado, já ao lusco-fusco. Após as cotovelladas do desembarque e o «aperreio» da tirada do bahú, pois Guilhermino perdêra o «diabo do conhecimento», foi indo elle, rua da Misericordia afora.

Quando o casal matuto deu entrada na antiga «Rua Formosa», o empregado do Gaz descia a rua, rumo do Passeio Publico, na faina diaria. Já estavam accesos os combustores dos quarteirões mais proximos da «Praça do Ferreira».

A velha Catharina viu a disposição dos lampões e, puxando o paletot de Guilhermino, admoestou o marido:

— Home, tira o chapéo, te benze que lá vem o Santissimo!

O *mestre* José Amancio, director da «Philarmonica Ipuense», em tardes de novena só



executava, no patamar da Igreja, tangos, polkas e valsas futeis. Debalde, o padre Doutor Aureliano Motta procurava incutir-lhe o gosto das musicas classicas. Tendo de sair á rua, era de se apostar como faria tocar o dobrado «Affonso Penna» ou o «Saudades de minha terra».

Um dia, o padre Aureliano chamou José Amancio e lhe disse energicamente que cuidasse em melhorar seu repertorio. Escolhesse peças novas e preferisse musicas de autores classicos. José Amancio coçou a cabeça e respondeu, contrafeito:

— Seu Vigário, eu falo franco: eu não gosto disso não. Cá p'ra mim, a musga boa é que nem a leitura fáci: — todo mundo comprende!

Logo que a Estrada de Ferro de Sobral chegou ao Ipú, levada pelo Engenheiro João Thomé de Saboya e Silva, as ladeiras da «Mina», que dão acesso á Ibiapaba, formigavam de seranos curiosos de ver o trem. Também do sertão de «Jaçanã» accorria gente tocada daquella curiosidade.

Dois aggregados do Major José Liberato deixaram a fazenda «Bom Jesus» e foram *espiá o bruto*. Hora e meia antes da chegada do horario, já elles estavam na Estação, numa espera impaciente.

Quando o trem se avizinhava do «Cajueiro», a locomotiva apitou, annunciando a approximação.

— Ah, bicho de berro bom! disse um delles. Isso sim! Isso é que eu chamo tê sustança.



Após a chegada, enquanto os passageiros desembarcavam e havia a manobra habitual, os dois vaqueiros deram largas á sua curiosidade, analysando toda aquella *introsa* e fazendo os mais picarescos commentarios:

— Home, mas me diga uma coisa: que idade terá esse animal?

— Home, mas elle é mêrmo um sendeiro de força! Cumo é que esse diminhu pode com tanto carro na carrêra?

— Tão dizendo que elle saiu hoje do Camocim e já fez trinta e seis legua. Vá ter fôrgo assim no inferno!

— Mas, cumpáde, elle já tá suado. Espie: tá pin-gando suó daquelle canno. Elle tá mas é affrontado...

— Lá o que! O bicho já véve selleiro. Isso já tá aquilotado. Si elle agora estralasse nas junta, ia batê de novo no Camocim.

— Home, isso é que é: não tem que botá can-gaia, não tem que dá iagua, não tem que deixá no piadô... Tem uma coisa: si esse diminhu enfiá o dedo no cadáço da celoura, não se aproveita nem o couro de quem andá dentro...

O machinista, que vinha apreciando o dia-logo, quíz espantal-os e puxou a corda do apito. Com o susto os vaqueiros pularam espavori-dos, um de barbicacho enfiado e o outro empun-hando o chapéo de couro, como arma de defesa. E um delles falou:

— Cumpáde Reimundo, vambóra que o bicho tá nos extranhando!...

O Ceará teve um Presidente que diaria-mente e com as devidas cautelas «fazia a sua



fézinha» no jogo do bicho. Quem lhe dava palpites era a dirigente das cosinheiras do Palácio do Governo, uma preta velha. Depois do café matinal, quando o Presidente passeiava no jardim da residência governamental, a negra fiel o procurava para lhe contar os sonhos que tivera durante a noite.

Um dia, os dois não se avistaram cedo, como de costume. Por isso, á tarde, quando já em Fortaleza se soubera que *havia dado a tigre*, a preta velha procurou o Presidente em seus aposentos e ali entre ambos se travou este dialogo:

— Ora, seu Presidente... Eu hoje lhe pastorei mas não vi Vossa Incelença de menhã, e quando acaba, eu honte tive um sonho tão bom p'r'a trigue! Eu sonhei que tava fazendo uns pandeló...

— E que tem pão de ló com tigre?

— Ô doutô?!... Pandeló não se faz não é com farinha de trigue?!...

O Dr. Eliseu de Hollanda, medico de Quixadá, fôra chamado a ver um velho e *arranjado* fazendeiro, accommettido de rebelde infecção intestinal que o levou á sepultura. O ancião patricio era de fortissima tempera e jamais enfermára, através dos seus quasi oitenta annos de idade. Foi uma coalhada *escorrida*, comida a deshoras, que o prostrou e matou.

O Dr. Eliseu teve um trabalho formidavel para convencer o velho fazendeiro de que se devia submeter á applicação de umas *lavagens*. Ainda assim, na occasião em que o clinico, sollicitamente feito enfermeiro, se dispunha a applicar no enfermo o primeiro salutar clystér, o

fazendeiro virou-se na rêde e tomando a seringa pediu:

— Doutô, tenha mão! Espere! Eu mesmo encastôo...

Nos começos de sua vida jornalística no Ceará, o Dr. Justiniano de Serpa se empenhou em violenta polemica com o Dr. Martinho Rodrigues. Formaram-se, logo, partidos em prôl de um e outro combatente.

Em meio ao renhido da peleja, o Dr. Serpa foi gosar um ocio domingueiro na villa de Mecejana. Chegando lá propositadamente incognito, perguntou a um matuto si já ouvira falar na discussão. E querendo conhecer o que se murmurava a seu respeito, o Dr. Serpa perguntou, simulando a maior naturalidade:

— Mas, quem será esse tal de Serpa? O Sr. já ouviu falar nelle?

— Muito!

— E falam bem ou mal delle?

— Home, ... musturado!...

Na villa de Aurora fui casualmente presente a uma cerimonia nupcial. Eu me achava á porta da Igreja quando o cortejo ia deixar o templo.

Dando o braço á esposa, o marido não disse nenhum disparate sentimental, disse esta phrase rude mas sincera:

— Agora, Joanninha, ou bom ou mau, a desgraça tá feita!

Em viagem de Sobral para Camocim, ao chegar o trem á estação de Granja, soube, certa



ocasião, que o estado sanitario local não era bom. Era em 1915 e havia na cidade grande agglomeração de flagellados, attrahidos pela esperança de engajamento nas obras federaes.

Interpellando o Coronel Luiz Felipe sobre as condições da saúde publica no municipio de que era chefe político, elle me confirmou que entre os flagellados grassava a leishmaniose. Mas um velho patricio, que nos escutava, aparteou:

— É não, seu Coronéo. O que tá dando no povo é ferida braba, é ferida do gunvêrno.

O Coronel Luiz Felipe, sorridente, explicou-me então que as «feridas brabas» eram chamadas «do gunvêrno» por costumarem apparecer em épocas de ajuntamentos motivados pelas commissões mandadas pelo Governo Federal para o combate ás seccas.

É absoluta a ignorancia dos matutos, respeito aos vultos mais representativos da Patria.

Quando foi da morte do Barão do Rio Branco, eu lia em Quixadá, magnifico editorial d'«O Paiz», do Rio de Janeiro, analyse da obra cyclopica do «deus termeiro» das fronteiras nacionaes.

O velho Adriano, da Serra Azul, viu-me enlevado na leitura da folha carioca e perguntou:

— Seu Dr., num jornalção assim tem muita sciencia p'r'a gente comprehendê?

— Às vezes, *seu* Adriano... Sabe de uma novidade? Morreu um grande Brasileiro. Era um homem muito bom, muito geitoso, que sem



bulha nem matinada ganhou muitas questões e augmentou as terras do Brasil. Chamava-se Barão do Rio Branco.

— *Deus lhe fale na alma!* (e o velho Adriano tirou, reverentemente o chapéu de palha, «casco de peba»).

Meu elogio mui comprehensivel calou no espirito do velho patricio. Alguns dias depois, num encontro casual, Adriano me interpellava, interessado:

— Hein, seu Dr., cumo é o nome daquelle home que morreu isturdia? é «pau branco»?

As comparações dos matutos não primam pelo lyrismo delicado.

Quando o Dr. Abilio Martins voltou da Capital Federal, onde estivera, por longos annos, em o seu tirocinio academico, houve grandes festas no Ipú. A cidade toda se abalou para receber festivamente o novo Doutor.

Nos cinco annos de ausencia, o jovem Abilio se tornára corpulento, differente do menino-te franzino que até, quando distante do lar, inspirava cuidados á familia.

Depois do jantar, em que o Advogado Augusto Passos perpretou uma duzia de brindes e o Pharmaceutico Thomaz Correia disse varias poesias da propria lavra, foram todos para a sala de visitas. Durante o jantar, algumas familias tinham acorrido á casa do Dr. Abilio, para lhe levar os votos de boas-vindas.

Pois foi perante toda essa gente que o va-



queiro do pae do recémchegado exclamou, surpreso, em plena sala:

— Mas, credo! o Abilo tá um homão! e bonito que tá desesperado! tá mêmo um zebú importante!

Dia de festa em Ipueiras. Chega á modesta villa cearense o Deputado Moreira da Rocha, chefe do Partido Republicano Democrata.

Em casa do Cel. José Bento um correligionario do congressista consegue penetrar na sala já repleta e indaga em voz alta:

— Quem é aqui seu Dr. Moreira da Rocha?

Apresenta-se o *leader* democrata e o desenvolto eleitor lhe confessa:

— Seu Dr., eu fico muito sastifeito em conhecer Vossenhoria pois já lhe conhecia munto, mas só de tradição. Sim, Sr.! Então Vamincê é que é seu Dr. Moreira da Rocha?

— Sou eu mesmo, meu amigo. E qual é a sua impressão? Que tal Você está me achando?

— Homc, soffrivel!...

— Ó senhor! Só soffrivel?!...

— Não, seu Dr.: soffrivão!...

Os jurys de Tamboril e Ipueiras forneceram inestimavel subsidio aos meus canhenhos de notas sertanejas.

Em Ipueiras, numa das sessões de 1913, o Juiz Euzebio de Souza presidia aos trabalhos



do tribunal popular. Tratava-se do julgamento de um crime de infanticídio.

— Levante-se a ré! ordenou o magistrado. E, em seguida, procedeu ás perguntas do auto de qualificação:

— A ré tem advogado?

— Tenho, nhô sim.

— Quem é seu advogado?

— *É o Coração de Jesus!...* (E, dizendo isso, a criminosa volveu os olhos para o tecto, melodramaticamente, a se fingir desamparada de todos neste mundo...)

— *O Coração de Jesus não é provisionado neste oitório!* lembrou um jurado da povoação de «Aguas Bellas», feio e desengonçado na sua fatiota de *eleitor de parochia*.

Na antesala, outro jurado ajuntou:

— Minha gente, espie os abaixado da Gulóra! Home, por isso é que não chove...

Um jurado ipueirense tinha a seu uso esta extravagante philosophia: — «Aos mortos sepultura! aos vivos soltura!» Não havia conselho de sentença que elle não illaqueasse com irresistiveis labias. O corpo de jurados, composto, em sua maioria, de pessoas simples, de incrível boa fé, ficava á mercê desse fazedor de jubileus judiciarios.

De uma feita, entrou para o Conselho um «criminalista». Ao chegarem á sala secreta, o «criminalista» avisou:

— Ninguém conte conmigo p'ra botá o home na rua! Tá doido?!



Logo não tão vendo? P'r'este tanto façam de conta que eu não tou aqui... Isso é uma falta de abicurdo a gente soltá aquelle desalmado! Soltura de cabra criminoso é coisa que eu não levo p'ra pé da Padre... Eu vou logo dizendo que só respondo é «Não!»

E á primeira pergunta em torno do facto principal, isto é, si o réo, ás horas tantas de tal dia, tinha commettido na victima o ferimento descripto no corpo de delicto de fls., o «criminalista» gritou: — «Não!» E, muito convencido, resmungou:

— É isso! Por mim aquelle «não sei que diga» fica nas grade. Eu só respondo é «não».

Em Tamboril eu fazia, em certo jury, um discurso propositadamente sentimental. Jamais pensei em convencer jurados do sertão; sempre tratei de os commover...

Aproveitádo-me do estado de commoção do auditorio, profliguei as violencias do destacamento policial que espaldeirára cruelmente o meu constituinte, quando este fôra preso. E citei patheticamente o brocardo latino: — «*Reus res sacra!*» Nisso, fui interrompido pelo Adjuncto do Promotor de Justiça em exercicio:

— O Sr. faz favô de traduzir? Eu nunca estudei Francez...

É decisiva a influencia que os rábulas exercem sobre o espirito dos homens do sertão. Do



genero eloquencia os matutos não conhecem mais do que as prédicas singelas dos Vigarios e a gritaria intempestiva dos advogados de jury.

Na mercearia de José Ramos, em Quixadá, um gramophone executava discos da «Casa Edison». Era sabbado, dia de feira, e não podia haver melhor chamariz para a freguezia.

Um *morador* do Coronel Nãã, da fazenda «Oliveira», appareceu na occasião em que era posto o disco «Discurso em homenagem á memoria de D. Pedro Segundo». Quando o *orador* da Casa Edison terminou a inflammada arenga, o sertanejo exclamou:

— Ah, adevogado badéjo de bom!

O Dr. João Motta, quando clinico em Quixeramobim, fôra chamado a visitar um doente na fazenda «Fogareiro». Ao chegar lá, encontrou um charlatão, um desses *curiosos* que infestam os sertões.

Emquanto o jovem esculapio auscultava cuidadosamente o enfermo, o curandeiro resmungava no alpendre, contra «similhante chamêgo».

— Tá ahi! Foi coisa que eu nunca fiz foi escutá christão cumo quem percura abêia em pé de pau...

O Dr. João Motta não deu cavaco. Antes de regressar á cidade, perguntou ao charlatão qual era o seu diagnostico:

— Seu Doutô, meu proguinostico é curto e certo. Essa criatura tá mas é cum almorreima na bocca do quaio, proveniente de um nó no nervo do figo.

— E que remedio V. costuma applicar em casos taes?



— Ai, seu Dr., isso não tem que ispiculá. Isso eu tou virge de perdê um. É traz-zaz nó cego! Com-migo é tiro e quêda! Isso é farinha serenada c'uma pitada de melcuro!

Contou-me o Coronel Augusto Bacurau que na estação de «Floriano Peixoto» um caboclo vendia folhas de mastruço e, fazendo o reclamo da virtude medicinal de taes folhas, explicava:

— Seu Majó, isso é uma meizinha santa. Isso serve p'ra tudo. Mentrúz serve p'ra tudo e p'ra mais alguma coisa!

Quando o velho sertanejo Coronel Tiburcio de Paula esteve casualmente na presidência do Ceará, em Março de 1908, houve em S. Benedicto, berço de «Sua Excellencia», intrincada questão de terras. Não porque fossem de alta valia as posses disputadas, mas pelo demasiado capricho dos litigantes, aliás parentes.

O caso era este: — morrêra o velho Fortunato, dono do sitio «Pimenteira», e a família logo entrou no maior desaguisado por motivo da partilha dos bens. A lucta estabeleceu-se mais renhida entre a viuva Mariana e um genro. D. Mariana conjecturou assim:

— Eu me arrumo, vou por terra ao «Ceará», conto toda a história ao cumpade Tiburço e mostro como se dá um ensino em certos ambicioso que só tem é tarrabufado...



E foi. Em Fortaleza, ficou admirada de não poder se arrancar em casa de seu compadre. Quem a arredou do proposito de se aboletar no Palacio do Governo foi o Major Zuza Valeriano, outro sambenedictense:

— Não faça isso, D. Mariana! Vá para o Hotel do Zé da Hora! Você sabe: Palacio é Palacio!... Amanhã, então, á bocca da noite, Você procura o Coronel e pede para «conferenciar».

No dia seguinte, por volta das dezenove horas, a velha Mariana dirigiu-se para o Paço da Presidencia. Logo á entrada, um cabo de policia lhe embargou os passos, indagando-lhe o que desejava. Ella endireitou o fichú e lembrando-se do que lhe ensinára o Major Zuza, falou:

— Cadê o cumpade Tiburço?! Vá dizê lá dentro que eu quero confeccioná com elle.

Contou-me o Dr. Godofredo Maciel que num «navio-gaiola» subiam o alto Amazonas, em demanda do «Inferno Verde» numerosos cearenses. Viajavam alegres, na confiança de quem ia buscar felicidade certa. Á hora da distribuição do rancho, alvoroçavam-se na algazarra do «avança».

Uma ocasião, quando se distribuiam bolachas, dois caboclos do Cangaty tanto fizeram que um delles se desaprumou e tombou na agua barrenta do Rio-Mar. Houve, a bordo, terrível charivari. O navio parou, pouco adiante.

Viu-se o naufrago nadar corajosamente em direcção do navio, onde já se lhe aprestavam meios de salvação. Afflicto, seu companheiro chorava, debruçado á amurada do «gaiola».



O nadador observou, de longe, a fraqueza do patricio, e gritou tranquillizando-o:

— Home, cumpade João, largue de sê besta! Trate de arranjar mais bolacha que eu tou é custumado a trevessá o Choró...

Na excursão presidencial ao Cariry, quando o Dr. João Thomé e sua comitiva chegaram a S. Pedro, era quasi noite.

Uns cento e cincoenta cavalleiros com o Vigarario e Prefeito, padre Augusto Barbosa, á vanguarda, foram esperar o Chefe do Estado na fazenda «Cidade», do Capitão Geroncio Maia. A serra foi galgada em meio a tamanho atabalhoamento que raros puderam, dos altos da serra, apreciar o crepusculo arrebatador.

O villarejo estava cheio de arcos de catolê e bandeirolas de papel. Tremendo foguetorio tornava mais ariscos os árdegos cavallos. O regosijo da boa gente serrana se traduzia em optativas rematadas invariavelmente com a palavra «senhores»:

— Viva o Doutor João Thomé, senhores!

— Viva o nosso Brasil, senhores!

— Viva o nosso padre Augusto, senhores!

Após o jantar, a charanga local, installada num corêto, começou a alegrar a *mentira geographica* que é a «VILLA de S. Pedro do Cariry». O presidente e alguns de seus companheiros, gozando a deliciosa temperatura da montanha, fizeram animada roda de calçada. E o Dr. João Thomé palestrava despreoccupadamente, quando um serrano veio *tomando chegada*, como quem não quer e querendo, até que se



immiscuiu no grupo. Fez-se breve silencio com o apparecimento do desconhecido. Este disse, então, ao Presidente:

— Seu Doutô, quando nós indagorinha fumo topá Vossenhoria lá na «Cidade», do Capitão Geronço, quando eu fui avistando Vamincê, que eu me alembrei que nós tava c'o Gunvêrno na Villa de S. Pedro, eu fiquei tão sastifeito chega fiquei em teme de largá meu cavallo e virá bundacanasca no capim...

O Zé Senhor, cantador de Quixeramobim, é o seu tanto pernostico. Uma vez, o Dr. Lauro Valle, Juiz Substituto, declamava para elle, um Canto dos «Lusiadas». Quando o Dr. Lauro concluiu, Zé Senhor fez esta declaração:

— Seu Doutô, esse tal de Camões usa duas palavra que eu também já usei: — «quasi» e «suave».

Zé Senhor assegurou a um matuto que o inventor do trem de ferro fôra *Caçimiro de Abreu*.

Ao Padre José Quinderé um sertanejo fazia tremendas predicções sobre a catastrophe da secca e affirmava que nenhuma *nação de vivente* escaparia. Mas o Padre perguntou:

— Nem capote?

— As queda, seu Vigáro, ás queda...

Com o Dr. Odorico de Moraes occorreu coisa parecida, quando uma leva de *retirantes* chegou á villa de Porangaba. Destacando-se do bando lugubre, um delles se dirigiu á chacara



do Dr. Odorico e teve a felicidade de «cortar na junta», isto é, de ali chegar, á hora do almoço. Deram-lhe comida. Depois de se haver fartado, o flagellado agradeceu e perguntou ao Dr. Moraes:

— Seu Capitão, é só uma legua daqui de Arronche ao Ceará?

O Dr. Odorico respondeu affirmativamente e indagou como iam as coisas lá pelo alto sertão. Já reanimado pela comida, o *retirante* retrucou:

— Se acabando tudo, seu Capitão! Vamincê diga de certo que, este anno, de nação de quatro pé só quem escapa é tamborete. E pode dizê que de bicho de fôrgo só quem escapa é folle.

Apparecia, nesse interim, uma criadinha da casa. O flagellado pediu agua e ella trouxe um copo cheio. Elle o esvasiou de dois tragos e pilheriou:

— Minha santa, traz outro que um caçuá só não faz costal...

Quando o Dr. José Saboya era Secretario do Interior, appareceu-lhe em Fortaleza um seu vaqueiro, o Chico Celestino, afim de lhe dar contas das fazendas de Sobral. No dia seguinte ao da chegada do vaqueiro, o Dr. José Saboya chamou seu ordenança e lhe disse:

— Cabo, vá mostrar o mar ao compadre Celestino.

Sairam os dois. Ao passarem pela Praça do Ferreira, Celestino olhou o predio de tres andares, do «Majestic Palace» e resmungou que aquillo era um *despotismo*. E admirado do in-



tenso movimento popular, disse que «assim só lá no Sobral, em dia de feira ou em tempo de Santa Missão...»

Na Ponte Metallica o vaqueiro contemplou o mar e, achando monotona a vastidão das águas, não escondeu a sua decepção, pois contava com um espectáculo variado, cheio de aspectos novos:

— Mas, espere! Isto é que é o má? Tibis! Ô mazão bestal...

— — — — —

O jury logra entre as populações incultas de quasi todo o Norte a mais lastimavel applicação. Aos odios ou á protecção escandalosa dos mandões de aldeia são confiados os altos interesses da justiça. Em certo termo judiciario vi um jurado dirigir-se ao seu chefe politico e perguntar-lhe:

— Seu Majó, o que é que eu faço hoje? É p'ra dá soltura, ou é p'ra dá trinta anno?

O julgamento do assassino França foi talvez o mais sensacional de quantos se têm realizado no Umary.

Para os debates accorreram: do Icó o Promotor Thomaz Accioly Filho, de Lavras o advogado Antonio de Alencar Araripe, da Parahyba o advogado João Carneiro, de Fortaleza os advogados Quintino Cunha, Daniel Carneiro e Leonardo Motta. João Carneiro, Daniel e Leonardo auxiliaram a Promotoria: os demais incumbiram-se da defesa.

Na sala estreitissima do Tribunal ninguem se podia mover: não havia, siquer, a mesa central em torno da qual habitualmente se sentam



os membros do Conselho de Sentença. Estes, abancados em tamboretas, suavam em bica, de encontro á parede e afogados pela onda de curiosos.

Os doze juizes de facto foram escolhidos pela vontade prepotente e ardilosa do chefe politico, notorio protector do réo. O escrivão Adelino dirigia o serviço de formação do Conselho. Nada menos de cinco dos jurados escolhidos eram parentes do criminoso, impedidos, por lei, de funcionar no julgamento. Mas este, mesmo eivado de nullidades, foi por diante, pois não valeram os protestos dos auxiliares da accusação.

Quando o escrivão Adelino iniciou, triumphal e sarcástico, a leitura dos autos, o jurado Benedicto Formiga, que fôra recusado pelos protectores do réo, disse, escarninho:

— Bom! fez casa... A companhia tá formada e o paiaço é Adelino. Home, esse Adelino, isso é bicho bargado... Isso dá bolo até em Desembargadô! Isso é bicho mitrado! Eu não troco Adelino por dois advogádo. Isso comeu a vergonha com farinha... Quem tivé seu segredo não conte a elle, que Adelino é «bucho furado». Home, mal empregado tanto Doutô perdê a viagem e arrastá a mala! Agora, a meizinha de Adelino é um cristéo e quem inda dá sou eu: boto numa manga de gibão dois litro de pimenta, um kilo de potassa e uma garrafa de canna; musturo tudo e bato c'o coice do rife...

Principiaram os debates. A Accusação foi tremenda, mesmo porque o crime havia sido realmente monstruoso. Durante oito horas consecutivas o réo ouviu, cabisbaixo, a analyse implacavel de seu delicto monstruoso. Por isso, já á noite, quando o Juiz ia suspender a sessão



para o jantar, Bénedicto Formiga acolheu assim as palavras pathéticas do derradeiro accusador:

— Com todos os seiscentos! o França pode pegá soltura, mas sim que elle nunca viu tanto balseiro p'ra riba delle!

E durante o jantar em casa do Adjuncto do Promotor, Benedicto dizia ao Dr. Daniel Carneiro:

— Eu conheço aquillo seu Dr.! França não é lá qualidade de christão. Aquillo não pode c'uma gata pelo rabo, aquillo é molle que nem linguiça crúa, mas malvado e loroteiro como elle só. Mettendo-se no champorrião, tando chambregado, tanto grosso, aquillo brota e tem presepadas que admira. Mas é só enthusiasmo. Aquillo mente que só cachorro de preá! Aquillo p'ra cortá vara mode coisa que fez foi premissa... Há coisa de uns tres anno, numa festa das «Tres Lagôa», elle chegou muiado, pinguço, riscando o cavallo c com ameaça de acabá c'o bále. Elle tava bebo, taxa puxando fogo, chega tava c'a vista librinando... O sangue me ferveu e eu fui, disse p'ra elle: — «Seu França, cu acho de bem que o Sr. vá criá sua família. Eu não quero é palêio, eu não quero é luxo! Isso de home precipitante é conversa. Eu tambem sou pancada. Meizinha de doido é doido e meio! Eu sou assim manso, mas lá um dia a casa cai... Eu carrego uma opinião commigo: no dia que eu prantá a faca nos couro d'um é até onde não custá mais dinheiro!...»

— E elle não reagiu? perguntou o Dr. Daniel.

— Lá nada, seu Dr.! Boi sabe a cerca que fura! O bicho aquetou, o cabra fracateou e ficou desconfiado que parecia cachorro em meio de carga... Num instante elle largou de dcboche...



E mais tarde, conhecida a sentença absolutoria, Benedicto Formiga procurava consolar o Dr. Daniel:

— Se embrace, não, Dr.! Sim que a diligência Vamincês fizéro e o cobre tá no bolso. Matuto é isso mesmo: é ensiná o que elles sabe e tomá o que elles tem... Neste Umary só milagre! Sciência aqui não voga. Neste Umary é assim: inda bem não dão o pire de doce, já tão coidando na treição...

Plena secca de 1919. Em frente á Central da «Baturité», á tardinha, após a chegada do horario, assisto ao desfile dos passageiros.

Eis que vem vindo um velho maltrapilho, de tipoia a tiracollo. Passa, olha a estatua do General Sampaio e pergunta, entre dentes:

— Mas, que é que aquelle freguez tá fazendo trepado acolá e todo intiriçado?

Interpello-o:

— De onde você é, meu velho?

— Da Mombaça, meu amo.

— E aonde vai?

— Pra donde não fô Ceará que no sertão tá tudo mas é se liquidando...

— Onde você dormiu, hontem?

— Seu Capitão, foi ali, num arruado. Eu acho que é um tal de Caxaramobim. Nós saimo de lá, hoje de manhã.

— Oh, então você não pernoitou «ali». A cidade de Quixeramobim é de aqui a quarenta leguas!

— Pois, seu Capitão, lá minha terra quando a



gente sai de manhã e chega de tarde` não é distância. Eu coidei que daqui lá era assim umas dez legua... E só estou é sê corenta! Isso só pode tê sido desembestação do vapô... Home, deixa-me oiá de novo p'r'o bruto!

E voltou a olhar o trem, monologando admirado:

—Vigê! Corenta legua antes do sol se pô! Eu te desconjuro!

Uma feita, de viagem, arranchei-me na casa alpendrada de recondita fazenda dos sertões de Tamboril.

Na hora escaldante da soalheira, a terra parecia abrazada. Meu arrieiro commentava que «estava saindo fogo da terra» e que «o sol tremia, de quente». Algumas vaccas recém-paridas urravam junto á porteira do curral, lambendo carinhosamente os medios bezerrinhos, acostados aos moirões. Perto, «peiado de tres pés», pastava o alazão de minha montaria. O burro da carga se acolhêra, semi-estropeado, á sombra de um juazeiro e *estudava* somnolento. Eu contemplava o quadro rustico, quando ouvi a voz do vaqueiro:

—O dicomê tá botado. Vamincê entre, seu Dr., se abanque e não inóre não que casa de pobre não é que nem hotel. Não vê que os recurso é tudo escasso?

Em verdade, eu não tinha o que desculpar. Sobre a mesa estavam a carne assada e o pirão de leite, manjar preferido e gabado pelo de. anto Presidente Affonso Penna, ao visitar



Quixadá. Um pote de coalhada desafiava também o appetite mais voraz. Pedacos de rapadura coroadam uma cuia da farinha.

Findo o almoço, pedi ao arrieiro que me trouxesse uma lata de doce. Eu havia feito a refeição sob os olhares compridos dos filhos do vaqueiro.

Quando veio a goiabada, convidei os meninos a que se approximassem e elles vieram escorando-se, desconfiados, «com vergonha do home de fora». Perguntei a um rechonchudo si elle gostava mais de doce do que de rapadura e recebi a ingenua confissão de que elle jamais comêra «doce de latra».

— Pois experimente este bocado e diga-me si é bom.

O caboclinho levou o doce á bocca, mas logo o cuspiu, exclamando:

— Vôte! É ruim! é vê bunda de tanajura, tem gosto de cavallo do cão...

O vaqueiro reprehendeu, então, o filho:

— Mácha lá pra dentro, cabrito besta! Barriga de bezerro engeitado! Isto é munto bom: isto é mé de assuca refinado com guaiaba.

Ao tempo da guerra contra a Allemanha, o negociante Cyro Octavio, da povoação de Pinheiro, á margem da E. de Ferro de Sobral, explicou ao vaqueiro Zeferino o que era gaz asphixiante. Não consegui saber qual fôra a explicação ministrada. Sei somente que, dias depois, Zeferino me dizia:

— Eu acho que si eu fosse p'r'a guerra, quando



os allemão começasse a saccudí na gente a fumaça de embebedá christão, eu ganhava a caatinga, me socava num socavão de serra, me acabava secco, de ôio aboticado, só com medo de, morrê da bebediça que saffoca as criatura...

Zeferino perguntou ao Capitão Cyro Octavio como era aeroplano, isto é, si «juntava os pés e ganhava os áre» ou si precisava de impulso para levantar o vôo. Obtido o esclarecimento, Zeferino divulgava:

— Os allemão são damnado de curióso. Areoplano é que nem um passo grande: — dá primeiro uma carreirinha no chão, assim uns pinotim, abrindo as aza. Ao despois é que começa a voá. É que nem urubú camiranga...

O major do Exercito, Dr. Luiz Sombra, fez irrepreensivelmente em Fortaleza o serviço do sorteio militar. Mas, no sertão a politicagem burlava a lei e, muitas vezes, eram cynicamente enviados á Capital do Estado maiores de trinta annos e menores de dezoito.

No Quartel Federal, em 1917, falei a um desses «sorteados» — o Joaquim Caetano da Costa — alentado negro, de longo bigode, esclerotica amarellada, carapinha raspada, feio de fazer dó. Eis como me contou elle a sua historia:

— Eu sou o Joaquim Caetano, morador na «Conceição», do termo do Trahiry. Nasci em Maio de 75, sou pae de nove fio e vivo do meu labôro. Tava quêto, cuidando da minha obrigação, labutando em meu roçado, porque eu cá nunca andei em fonção,



nunca dei cabo a machado, nunca fui negro mettido nem nunca servi de testemunha. Toda vida paguei culêta de bolandeira e dizmo de miunça. Nunca me embracei c'a vida alêia e não hai home que prove que eu já toquei em espírito. O viço que eu carrego é bebê café. O que é fumo eu não bebo... Apois bem. Eu tava no meu canto, quando seu Reimundo Nonato Ribeiro, chefe do Trahiry, me mandou um recado, ispilicando que eu me apromptuasse que eu havéra de cumpri o Decreto. Sim que eu não deixasse de não ví, só sim que eu viesse cumo sem falta porque, si eu me arreminhasse, era mais ruim. Eu vim e tou prompto pra servi o Imperadô, mas o certo é que os home diz que é pra se sentá praça só nos rapaz novo de 21 anno. Mas entonce pra que foi que seu Nonato fez d'eu reculuta, eu que sou da éra de 75 e já ando nos corenta e tres? Vamincê acredite que isso foi um desmastrêio na minha vida. No dia que eu saí do Trahiry foi um desadôro, foi um «dia de juízo» lá em casa. O diacho do batistêro ficou no choramento da famia. Si eu fosse solteiro, nem por isso! Só o que me arripuna é me largá no mundo e deixá meus mulequim tudo ainda se criando. Home, seu moço, dê um geito nisso, puna pelo nêgo véio!

Tranquillizei-o, mas indaguei num sorriso:

— E si houver guerra, hein, Joaquim Caetano, como será isso?

— Tá bom, meu irmão, nem me fale! ahi é que se omenta as cerconstança... Eu só vou si de todo não hové geito, só mesmo si não tivé desvio...

O Manoel dos Cachorros chamava «sinas de burro» as coisas com que implicava. Esse typo



popular ipuense dizia que «burro é a nação de vivente mais caipora deste mundo: apanha de cabo de chicote na cabeça e soffre o que o diabo engeitou de soffrer». Aqui estão algumas «sinas»:

— Rêde pensa — sella sem lóro — lençol curto — tirar espinho com faca da ponta quebrada — aluá sem doce — animal que mette de cabeça — dor de ouvido — dicomer sem sal — menino chorão — palhaço escandeloso — furquíia no meio de casa — topada de madrugada — caneco sem aza — maribondo em beira de estrada — cacimba longe de casa — cavallo passarinho — jumento lerdo — burro acuado — animal desembestado — musga sem bumba — soldado insultante — cabra semvergonho — negro pidão — doença do mundo — sedeca — almorreima de botão — chuva com sol — burra de padre — nome de mãe — muié solteira.

Manoel dos Cachorros costumava dizer: — «Desgraça de velho é tres q: queda, qatarrho e, falando com pouco ensino, com licença da palavra — qaganeira...»

Quando alguém indagava delle como ia passando, Manoel dos Cachorros respondia, enfesado: — «Vou que nem capim que, quando não chove, não nasce e, quando nasce, o boi come...»

Si lhe falavam das vantagens de terras nas quaes elle nunca havia estado, resmungava, incredulo: — «Em terra onde eu não vou, feirão dá na raiz...»

Na primeira decada de 1919, um velho igua-
tuense me predizia a crudelissima secca:



— O negócio não vai de caçoadá, não. A lagôa daqui inda não tomou água que dêsse pra dá nos peito dum peba. Este anno, si fô secca, é das dro-bada. Qual 15! Cadê pastage, cadê legume? Agora eu só me desengano, dia de S. José. Si não chovê, dia de S. José, podem se despedí que o rebentão tá decretado. Já as ispriença de Santa Luzia fôro de fazê pcna. Vamincê vê: de noite relampêia, amanhcce bonito, premétte, mas depois se arrepende. Quem vê a carregação dos nivoeiro, quem vê os torreamé, diz que a chuva vem annêxa. Mas qual! É assim: é esse solzão doido e esse vento solto no mundo! Dahi, pode sê. No 17 deu-se disso: coidavam que era secca e só que faltou foi morrê tudo atolado... Eu só aundo desconfiado porque os antigo dizia: «19, 20 ou 21!» Pra mim, si não fô secca, este anno, é p'r'ô anno, e, si não fô p'r'ô anno, é no cutro p'r'ô anno.

Em fins de Junho de 1915, quando a secca ia entrando no seu auge, apanhei, certa noite, na estação ferroviaria do Ipú, a conversa que em seguida reproduzo.

No galpão apinhado a onda suja bramia. Ali estavam centenares de flagellados, candidatos á emigração. Desses, ao alvorecer o dia, só algumas dezenas poderiam embarcar para o porto de Camocim. Dois freteiros do municipio de S. Quiteria conversavam, olhando melancolicamente o céu limpo e estrellado:

— Êh! chove mais não! ora, nós já tamo nas fogueira de S. Pedro... Espie que céu estrellado! Limpo cumo elle só! Chove lá o que!

— Agora tem uma coisa: chuva agora serve é



de atrazo. O resto da pastage apodrece e quem pis-sue criação se vê doido. Miunça antonce... P'r'ô anno não tem qucm arengue mode dizmo. Este anno é anno de muito rasto e pouco pasto e p'r'ô anno é anno de muito chucáio e pouco pescoço....

— É mêrmo. Não hai quem dê mais geito não..

— Agora, cumpáde, inda ternantonte relampeou, de noite, p'r'o lado do Piôhy. Eu acho que eu não vou não. Cachorro por se avexá nasceu c'os óio tapado. Pode sê inté que o inverno prinspie cedo.. Eu qucro afuturá por aqui mêrmo...

— Depois, cumpáde, ocê é que é o dono de sua vida; e é quem sabe. Eu teja adonde tivé, mando lhe fazê uma carta aos coidado d'um home daqui, lhe ispilicando cumo é e cumo não é esse mundão por ahí afóra. Eu já me ditriminei e vou ganhá a Japa do mundo.. Vou corregê outra provincia! Ceará é terra do principêia: a gente almoça mas não ceia! Querê vivê no Ceará é mêrmo que a gente querê se atrepá cm pau de sebo. Cumpáde, ocê fique sciente que este Ceará é que nem pirúa cega...

O interlocutor achou graça na comparação, mas não atinou bem com o seu sentido.

— Porque é que diabo ocê diz que o Ceará é que nem pirúa cega?

— É mode isso: pirúa cega não acha o que comê e só véve com gôgo e gritando «pió», «pió», «pió», «pió». Assim o Ceará: só véve no atrazo e não é ruim, não, é *pió*, *pió*, *pió*...

Dê outra feita, ainda no Ipú, eu tive o ensejo de ouvir esta conversação entretida na calçada de minha residencia pelos chefes de uma familia de «retirantes».

— Aqui se drome bom, que faz gosto. Marazinha, pegue essa trouxa e faça cabecêra p'r'o Manéo que tá doente. Os outros se deite por ahi e trate de pegá no somno. Eu vou vê si drumo uma madorna que tou mais porem é bambo. Hoje não tem somno de xexéo que dê geito....

— Também ocê é um home não sei cumo: faz a gente lapiá num dia não sei quantas legua! eu também tou me vendo! Tou toda banida. Não sei cumo ande amenhã com esse menino no quarto. Só munta paciência!

— Ora, Marazinha, quem aguentou da Mombaça ao Ipú aguenta o resto. Eu não sei andá na maciota não. Amenhã, vamo vê si drumimo na villa do Campo Grande. Trata-se de tirá umas esmola bem cedo e garha-se a estrada. A questão é não se mentí fogo...

— Mas, home, ocê mode que não imagina. Esse negócio de se chegá de noite nos povoado é o cão. Si a gente chegasse de dia, inda podia achá quem' dêsse um bocado. A esta hora, cumo digamo, tá tudo drumindo, regalado. Quem é que qué lá sabê de conversa de esmola?

— Ô muié! mas ocê não vê que vem bem dizê núa e também a Reimunda que tá se pondo moça?

— Agora lá isso é exacto! Eu só queria achá uma creatura que me arrumasse uns panno. O mió era a gente se demorá aqui uns dois dia. Na serra faz um frio doido e a gente sem uns panno é o diabo.... Home, tú não se esqueça de progunta aqui no Ipú si o Gunvêrno tá pra mandá serviço.

— Ocê inda acredita em lambança de Gunvêrno? Isso é que é muié besta! Gunvêrno se embraça lá com pobre.... Se acaba tudo e elle nem mode coisa... Pobre que escapá dessa feita pode batê no peito que é pió que cascavéo de quatro venta! Eu lá acredito



em cantiga de Gunvêrno! Tú cuida que nós inda tamo no tempo de Papae Pedro?!....

— Eu não. Eu bem sei que o nosso Imperadô véio já morreu, pois vi seu Tenente Lorenzo Feitosa dizê la no Tohá. Mas podia sê que Nossenhô abrandasse a natureza dos home dagora.

— Abranda lá nada! Eu vi falá numas passage de graça, mas quem quizé que cmbarque! Do Ceará véio eu não me arretiro. Vou lá pedí esmola na terra alêia pra pensarem que é severgonhice minha! Morro de fome, mas não vou. É aqui! Agora eu tenho pra mim que isso é é fim de mundo... Diz que na Oropa tá tudo se estraçalhando.

— Adonde?

— Na Oropa. É na estranja. É longe: é lá onde o diabo perden a espora. Fica pra lá de Pernambuco... Na Ipueira eu vi seu Zé Bento lendo umas fôia que tinha uns telegramma. Diz que morre gente chega fica batendo chifre, chega se faz trincheira de defunto! O tiroteio é pió que zoadá de fogo em tabocal...

— Tá bom, home, tratemo dc drumí que, si a gente fô maginá em desgraça, acaba tudo é doido do juízo. Home, tú te deita sem se benzê? Credo! Faz o signal da Cruz, christão!

— Ah, sim! É porque eu já vivo é lesado.... Também si Deus fô se importá com certas coisa....

Em Março de 1914, por ocasião da sedição de Juazeiro contra o governo do Coronel Dr. Marcos Franco Rabello, consegui de um romeiro do Padre Cicero longa entrevista, quando as forças revolucionarias chegaram á cidade de Quixadá.





Typo de cangaceiro do Nordeste.

CANTADORES.

CANTARILE



Troço de canção de Nômade

Em Março de 1911, o
de Justiça contra o
Dr. Américo Franco, *Rebelle*
ministro do Povo, *Chico*
de *Luiza*, *revolucionária*
de *União*

Num grupo de pessoas da localidade blasonavam tres jagunços:

— Por Nossa Senhora das Dôre cumo si nós pegasse o commandante Ladislau, elle apanhava que nem couro de pisá tabaco!

— Eu, por meu Padrim, vou inté p'r'o inferno quanto mais pra sumitéro que é logá sagrado...

— Eu só queria tê um gosto na vida: era espetá este espiin no buxo do Franco Rebello.

(E o que assim falava mostrou a lamina de enorme punhal e protestou contra o ajuntamento que se lhes fazia em torno, explicando que ali «não morrêra gallego»).

Afastei-me desse grupo e interpellei um «libertador» que passava:

— Lembra-se como e porque começou a guerra?

— Meu Deus! Isto não começou isturdia? cumo é que eu não é de me alembirá? Vamincê não sabe que o Rebello inticava com meu Padrim Pade Cisso e só vivia de puxá arenga com nós no Juazeiro, querendo prendê, fazê e acontecê? Nós é que fumo aggredido no princípio. Isso dagora é carrêra que elles tão dando. Apanháro no Crato, na Mutuca, no S. Bento (Miguel Calmon) e tem que apanhá no Ceará. Lá, sim, que o salseiro vai sê grosso. Mas eu só tou é inda havê nesta pruinça quem inóre que o Rebello é que é o causo de quanta desgraça hai no mundo, de tudo que é descontramantelo.

— O Sr. é mesmo de Joazeiro?

— Sou e não sou, sendo.... Moro lá, há muntos anno. Natural eu sou doutro logá, mas percurei a potrecção de meu Padrim mode una «vadiação» que eu fiz....

— Quantos homens estão em armas?



— E eu sei?! É gente como quizé! Ninguém conta não. Anda tudo de magote.. Já vi dizê que inais seu Curunéo e seu Doutô (Pedro Silvino e José de Borba) tamos aqui mais de dois mil. Mas bastava a metade. Munta gente tá aqui só pru via de robações. Aqui hai «romeiro» e hai «rombeiro». Por certa gente eu não metto a mão no fogo.... Eu, quando me alembro do que meu Padrim recommendou e vejo certos desprepósto, só me rcina na natureza é me largá p'r'o Juazeiro..

— Então o Padre Cicero lhes deu conselhos e pediu que não saqueassem?

— E então?! Deu, nhô sim. Boni-t-o-tó macacheira mocotó! Cancei de vê elle dizê que quem bebe cachaça é raposa dôida, que se respeitasse família e não se bulisse no alêio. Mas aqui tem gente que só qué é desgraça os pissuido dos rabellista. Tou amarello de vê se dizê: «Rabellista resistiu, matou! esmoreceu, perdoou mas estragou!» Tem delles que diz que no Ceará é que é! Não vê que lá tem um tal de Frota Gentil que é rabellista e tem gazimira pra mandá p'r'o diabo?!

— Mas o Dr. Borba e o Cel. Silvino não podem conter esses que assim procedem, desattendendo ás recommendações do Padre Cicero?

— Lá o que! Pra essa gente só mêmo seu Dr. Fulôro que é home de pouco consêio. Cabra p'r'o lado d'elle ou procede ou leva o diabo. Pra sugigá um, pra pegá um pela amarra do chocáio, foi quem Deus deixou! Aquillo, sim, é que é sê home resolvido!

— O Sr. luctou em Miguel Calmon?

— Adonde? No São Bento? loitei, nhô sim. O negócio lá foi brabo. Foi um istrupisso. Os cabra da trinchêra de seu Zequinha Contenda, do Maitá,



nos baixáro a ripa debaixo duns pé de jurema e tanta bala nos jogáro que parecia que tavam sessando bagaço de fôia em riba da gente...

— Os srs. são todos do Cariry?

— Nhôr não. Aqui tem gente de toda parage. Da Parahyba tem, da pruvíncia de Alagôa e tem o cabrual do Riacho do Navio, de Pernambuco, que é damnisco. Gente que só usa tomá trinchêra a punhau, gente ispromentada...

— E como foi que o Padre Cicero juntou tanta gente?

— E foi lá elle que ajuntou o que! Tudo isso foi se offrecê, dizêdo que queria dá c'o Rebello dentro d'agua do má... Èh, seu moço, meu Padrim, pra defendê elle, tem gente que só pomôa de bando! Elle disse que quando nós acabasse de impô o Rebello, quando nós acabasse de quebrá a castanha do bicho, nós só tinha seis mez de descanso. Adispois, eu acho que seu Pinheiro Machado qué que nós vá fazê um serviço c'o Danta Barreto no Pernambuco e eu acho que ahi nós grita a Monarchia! Vamincê nunca viu falá nas prophécia do Frei Vidal? Apois os véio daquelle tempo diz que elle dizia que nestas éra dagora havêra de havê uma pendenza, que prinspiava no sertão e ia acabá na pancada do má.

— Quaes são os mais valentes, entre os srs.? Não há alguns mais valentes do que os outros?

— Seu moço, isso de disposição pra brigá a occasião é quem dá. Não hai home mais home do que outro, não!.. Mas aqui tem munto cabra ditriminado: tem o Zé Terto, o Tempestade, o Balisa, o Mané Domingo, o Zé Pinheiro, o Bocca de Sangue, o Moita Braba, o Calixto, tem uma pução delles.

— E as tropas do Cel. Franco Rabello mostraram bravura?



— Qual! foi coisa que eu nunca vi nelles foi vantagem. Nós vimo vê home no S. Bento... No Juazeiro ninguem podia nem atirá nelles: chegávo, dávo um tiro na gente e corria tudo pra traz. Parecia brincadêra de menino. Foi mode isso que nós appellidemo elles de macaco, porque só faziam corrê. Ninguem podia nem botá um cerca-lorenço nelles. Agora, a gente de seu Zequinha Contenda e de seu Joca da Penha, não! No S. Bento, sim, nós topemo serviço...

— E o canhão do Cel. Emilio Sá?

— Ah bom, basta! Aquillo não valia um girmum cheio d'agua. Tão bom era que elles interráro. E pra que era que nós havêra de querê aquella desgraça? Só si fosse pra vadiá de João-galamarte em riba do cano. Aquillo lá era terem! Eu queria munto mais ante uma lazarina, dessas de se passarinhá...

— E que é que tem feito Frei Marcelino entre os srs.?

— Quem? o padre franciscano? Elle véve de aconseiá a gente pra não se fazê certas damnação. Elle pede pra não se robá, pra se perdoá os inimigo baleado e não se sangrá elles, quando elles cai ferido. Elle é um padre damnisco: quando tá assim um magotão tomando conta dos pissuido dum rabellista, elle chega e toca o cordão de S. Francisco que é uma graça... No S. Bento elle ajudou a enterrá defunto chega ficou cangueiro! O diacho é que eu não comprehendo a language delle. Eu acho que elle é allamão ou antonce taliano...

Nisso, passa por nós um grupo de romeiros, conduzindo em triumpho muitos feixes de foguetes. Meu interlocutor falou alto:

— Esbarra ahi, rapaziada! Eu tambem quero entrar nesse forguedo. Espie: si seu Curinéu ou seu Doutô proguntáre por que diabo é isso, nós diz que é porque meu Padrim hoje intéra éra...



No Icó existiu um sapateiro chamado Patricio José Roberto. Era vulgarmente conhecido por «Patricinho», e vivia quasi sempre ebrio. Ficava enfurecido com a alcunha de «lambe-sola». *Vadiação! Faca de ponta há de sê teu fim!* era a praga com que replicava á invectiva dos meninos *malinos*.

Estando alcoolizado, andando «cosendo baihna», andando «cercando frango», era certo o seu grito pelas ruas:

— Patricinho Zé Roberto! Patricinho Zé Roberto nunca deu ponto sem nó!

Si o vento lhe arrebatava o chapéo, Patricinho enfurecia-se e pisava o «casco de peba», apostrophando-o com os nomes mais obscenos. Jactancioso, dizia, ás veezs:

— Um dia, larguei os cinco dedo na fuça d'uni, lá nelle, que a flicidade do bruto foi levá uma borracha d'agua e uma mochila de carne pisada...

— Pra que?

perguntavam os circumstantes.

— Pra comê no camim, porque foi batê da casa do diabo pra lá, tres dia de viagem...

Em Dezembro de 1917, ao tempo da excursão do Presidente João Thomé pelo sul do Ceará.

Vinhamos pela estrada que conduz do Icó á estação ferroviaria de «José de Alencar», á *Serra* (do Moraes), como na obsessão do primitivo nome costumam dizer os moradores daquellas paragens.



Os relógios marcavam as quatro da tarde. Havia tres horas que viajavamos. Já estoicamente vencêramos cinco leguas e meia, não das *vasqueiras*, sim das *bôas*, das *de beijo*.

Eu e Antonio Fiuza, Secretario da Fazenda, eramos dos da vanguarda, o que vale dizer: eramos dos que, sem piedade, punham em prova a resistencia dos cavallos do Icó.

Eis que numa curva da estrada, num afastamento de duzentas braças, divisamos uma fazenda. E abalamos a ver quem morava naquelle ermo.

De longe, ao nos ver no largo pateo, uma mocinha saiu ao terreiro e gritou para o *chi-queiro das criações*, onde um vulto se divisava:

— Chegue, meu pae, que lá vem dois home!...

À nossa approximação, um velho veio vindo vagarosamente, rumo da morada.

— *Bótárde!* disse arrastadamente, correspondendo, desconfiado e observador, ao nosso cumprimento primeiro.

E eu disse, então, em *linguagem de lei*:

— Amigo, nos alcance um côco d'agua!

E elle, logo confiantemente:

— É já! Vamincês se desapêie! É bom esfriá a sella! Vamincês são do Ceará? Vamincês viero c'o Gunvêrno? Cumo se fôro de Icó? O majó Graça fez munta zoada? Algum de vamincês pegou algum peba no camim? Cadê o padre véio Frota, elle vem ahi?

Ante tantas perguntas, o melhor era mesmo apeiar-mos, algum tempo. Os cavallos tomavam folego enquanto aguardassemos o resto da comitiva.

O Secretario Fiuza falou *cearensemente*:

— Amigo, que mal progunto, qual é sua graça?



— Pergunta bem. Joaquim Felizardo do Nascimento, um seu creado.

E eu intervim:

— Creado seja de Deus! Seu Felizardo que istança é daqui ao Zé de Alencá?

— Adonde? À Serra? É ali...

E estirou o beijo rumo da estrada.

E continuou:

— Daqui ao Icó, sim: é uma tóra boa...

Já então, Felizardo nos introduzira em casa.

— Vamincês se abanque que eu vou caçá o copo!

E entrou na camarinha contigua.

Num ápice, vimos tudo. Naquella casa de taipa, de apparencia humillima, a sala contrastava com o vetusto aspecto externo. Tudo asseado e em ordem. Umas quatro tripeças ao longo da parede, onde tambem se encostava a mesa de refeições. Sobre uma forquilha o pote d'agua e, ao lado, no alto, a pender de um prego, o caneco de *flandre*. Os arreios bem tratados se ostentavam no meio da sala, pendurados numa corda distendida de uma a outra parede. A um canto, uma lazarina, em cuja vareta se enrodilhava um *bandaneco*. Pregadas no rebôco das paredes umas etiquetas de peças de chita e uns chromos-reclamos. Ao chão, abandonada sobre um couro de boi, uma almofada de um milhão de bilros. Pendentes dos caibros, encarquilhadas cascas de laranja.

Tirou-nos dessa inspecção a pancada produzida pela tampa de um bahú que se fechava. Era o esconderijo do copo de vidro grosso, em que só bebiam *pracianos*.

Quando Joaquim Felizardo, num ar de triumpho reappareceu, gabando a agua que «era



doce como uma pólvra», Antonio Fiuza avançou para elle, risonho:

— Não se incommode: nós mesmos nos servimos. (E... primeiro, lavou o copo).

Quando nos viu saciados, o sertanejo alvitrou:

— Agora vamincês espere pelo café! Já tão acabando de torrâ.

Agradecidos, acquiescemos e conduzimos as tripeças para o alpendre, onde entabolámos os tres animada conversação.

Joaquim Felizardo contou-nos a sua vida. Morava ali, na «Malhada Vermelha», desde o anno de 73. Ali aguentára todas as seccas e *repiquetes*, a de 77, a dos tres oito. Presentemente, ia «rolando sem ser pipa»... Com a graça da Providencia tinha atravessado até o 15, que fôra aquelle «estandarte». Criava e plantava. No 15 só que faltou foi ficar *arrazado*, mas felizmente escapou uma *sementinha* de gado, ficou o indez, só mesmo pra não dizer que ficou no *casco da situação*. Sempre plantára milho, feijão, arroz e mandioca, mas ultimamente estava dando pra gostar de algodão... O diabo era que, por causa das vantagens do plantio do algodão, não havia mais quem quizesse *dar um dia de serviço*. Cada qual queria trabalhar para si proprio. E apontando para um rapazinho, seu neto, disse:

— Vamincê vê um batorê desses, a gente offrece dez tões por um dia de serviço e o brochote fica basofando que vai mas é plantá algodão p'r'elle mesmo. Esse venta de bezerro novo que Vamincês tão vendo já tem duas roças e bôa, tudo feito pelas mão delle. Ih! Esse fumega é o bicho-belêcho! É porque filho de gato é gatinho... Aqui a terra é boa e pro-



tege. Aqui dá tudo, assim se plante. Aqui a terra é boa até pra gente ruim, assim queira trabaíá. Eu sei que eu vou vivendo, vou me arremediando... Também eu cá sou do ensinamento antigo: quebrou a barra, vou tirá leite; clareou o dia, navégo em percura do roçado... Sim que nunca sabe o que é se juntá dinheiro, porque pra mim o home que junta dinheiro não tem fé em Deus...

A certa altura de nossa palestra, Felizardo nos perguntou si havíamos estado em Juazeiro. À nossa affirmativa, ficou a repetir, em voz pausada, limpando as unhas, como quem de alguma coisa se recorda:

— *Ju-a-zeiro!!! Ju-a-zeiro!!!*

Perguntei si elle acreditava no Padre Cícero. Felizardo coçou a cabeça, curvou-se, começou a riscar o chão com uma palha e resmungou:

— Eu creio mas é em Deus! Pra mim o Padre do Juazeiro é um padre que nem os outros...

— E no tempo da revolução, osromeiros passaram por aqui?

— Passáro.... Às vez, passavam de passage. Outro óra chegavam, bebiam agua e iam-se embora. Um bello dia, chegáro dois delles e se abancáro. Dahi a pouco, batêro o aço a conversá. E eu calado.... Um delles disse que achava que o Pade Cisso era mais milagroso que Jesus Christo... Vamincês acredite que eu fiquei saffocado chega me faltou a suspiração... Frangi a cara, cresci pra riba delle e gritei, em riba das bucha, mostrando o terreiro: — «Por ali, seu cavallo baptisado! Isto aqui é casa de christão: aqui não se compara Nossenhô com vivente!

— E o Sr. não teve medo de uma aggressão?



— Quem? medo? eu? este home aqui? Foi coisa que eu nunca tive foi medo de careta. Serei sonhim? Si eu tivesse medo de careta, não ia espiá os riscado no Icó... Eu cá como é carne de gado! Lodaça pra mim é bobage... Elles não dissêro nem bolacha. Me abraço lá com farrambamba de ninguém... Tem uma coisa: consciênça de jagunço é limpa que nem panno de coar café.... Mas, eu tou desta idade e nunca vi rua de valentão. A rua de valentão que eu já tive de vê foi detraz do sumitêro de Quixelô, junto dumas moita de mofumbo, um bando de mundurú: — é cova de cabra desordeiro que morreu de desgraça e não foi enterrado no sagrado...

Assim conversavamos, quando de nós se aproxima um filho de Felizardo. De enxada ao hombro, musculatura enrijada pelo trabalho, voltava do roçado. Saída-nos e logo dirigindo-se ao progenitor:

— Meu pae, matei uma cascavéu alli na baixa, que era mêmo uma sendeira, era um animal, era uma pajussára, uma baita! A monstra tava enrolada que parecia uma toucêra...

E Felizardo nos disse:

— Não hai conta sem sete, mas vamincês acredite que com esta já são sete cobra cascavéu que se mata aqui, no prazo de tres mez. Aqui, cobra é em quantidade. E é tudo acavalladas de grande! Só munta potrecção de S. Bento!

Nisso, apparecem ao longe numerosos cavalleiros. Era o Presidente do Estado, acompanhado do resto da comitiva. O Dr. João Thomé vinha á frente, com o seu largo chapéo de Engenheiro.

Um neto de Felizardo, apontando para o



Capitão Arnaldo, Ajudante de Ordens, perguntou:

— Vovô, o Gunvêrno é aquelle rapaz dos botão dorado?

-- Deixa de sê besta, creatura! Isto é besta que amarga... Aquelle é o chefe da tropa de linha. O Gunvêrno deve sê aquelle de chapéo cûmbuca que vem no cavallim do Padre Frota.

E, correndo a segurar o estribo, Felizardo convidou o Presidente a se apeiar, enquanto gritava para os demais recémchegados:

— É pra desapeá tudo que tem agua drumida e tem café torrado agora. Só não pego nos lóro de tudo porque sou só um...

E não çabia em si de contente e não sabia o que fizesse para nos obsequiar. Em dado momento, o hospitaleiro patricio appareceu com uma cuia cheia de pedaços de rapadura e explicou que «a gente devia comer que era pra poder ter sêde e beber agua». E que comessemos devagar, que era p'r'a rapadura poder *render*...

As localidades, como os individuos têm seu que característico. No Ceará, por exemplo, ACARAPE lembra aguardente, PACATUBA banana secca, ARACATY appellidos.

O Cel. Antonio Figueiredo, capitalista aracatyense, me fez importantes confidencias sobre a especialidade de sua terra. Elle nega que ainda perdure no Aracaty a mania das autonomasias brejeiras. Aquillo foi uma phase que passou com a morte do Escrivão Francisco Pinto Pereira. Como diz o Cel. Figueiredo, *o perigo era no tempo do Chico Pinto*... Alguns exemplos:



*** Certo Desembargador, homem sisudo, foi *decretado* ao Aracaty, apostando em como haveria de voltar de lá, sem ter sido appellido. O velho juiz tinha mirrada e engelhada uma das mãos, por causa de um par de panarícios crueis. Desembarcou incognito, entregou a malota a um carregador de rua e o foi acompanhando. Poucos passos haviam dado, quando um popular perguntou ao carregador:

— De quem é essa malota?

-- É desse «mão de gengibe» que vem ahi atraz...

*** Um medico, meu conhecido, é alto, magro e veste invariavelmente um frack preto, que conserva severamente abotoado. Chamaram-no de *chapéo de sol enrolado*...

*** Sei de um Maestro que realizou no Aracaty uns concertos de violino. Agradou muito, mas, nem por isso, escapou ás chufas locais. Por ser baixinho e magro, taxaram-no de *cara-panã de bigode*...

*** Um meu amigo, negociante, muito gordo e de pequena estatura, mudou-se de lá porque um malvado o achou parecido com *cabo de formão*...

*** Vive ainda um magistrado cearense, que é dono de enorme cabeça. No dia em que aportou ao Aracaty, uns politicos foram a bordo fazer-lhe uma manifestação de boas-vindas. Pois quando tal juiz pisou em terra, já toda a cidade sabia que um dos manifestantes o chrisamára de *cabeça de comarca*...

*** Outros contrerraneos, aliás ilustrados, receberam as alcunhas de *caneco amassado*, *perna de bater banha*, *tatú enfezado*, *maracujá de gaveta*, *tacho areado* e *curúrú cutucado*...



Ao tempo em que a influenza espanhola grassava no sertão cearense, indeclinavel dever profissional me chamou ao tribunal judiciario de Lavras.

O que aterrorizava os sertanejos era a designação do mal desconhecido: — «bailarina» ou «balearina». Os medicos punham todo esforço em acalmar os animos. Aquillo — diziam elles — era, effectivamente, a gripe, mas benigna.

Na estação de «Affonso Penna», desci do trem, a colher impressões da população local sobre a terrivel pandemia. De um velho comboieiro indaguei como ia a «bailarina». E elle me respondeu:

— Home, essa tal de bailarina inda não chegou aqui, não! agora o que tá desesperado aqui é uma tal de «benigna»...

Foi numa das fazendas dos sertões de Cra-theús que aprendi o mais extravagante argumento contra o Feminismo... Em poucas palavras vi fulminado por um matuto quanto eu lêra em livros sympathicos ao misogynismo nas letras.

O abastado fazendeiro Capitão Franklin Cavalcante (*seu Francalim Cafalcante*, como o chamavam os vaqueiros) «apanhava» nos bons invernos seus oitenta bezerros e, raro, perdia nas seccas, pois costumava fazer retiradas para as fazendas que tambem possuia no vizinho territorio do Piauihy. Era rico, casado, e tinha apenas uma filha, já mocinha.

Perguntei-lhe porque não mandava a filha cursar um dos collegios de Fortaleza. E o capitão Franklin me deu esta resposta desconcertante:

— Pra que?! Muié aprendida fica é atirada. Sciência se fez foi pra home. Só cavallo é que a gente ensina a braiá. Quem foi que já viu se mettê marcha em besta?...

Pinheiro Machado já dizia que nos estimava por sermos, os cearenses, um povo pequeno mas vibratil e nervoso que se fragmentava em cinco ou seis partidos politicos.

Numa viagem pela E. de Ferro de Baturité, tive oportunidade de ver como a politica consegue apaixonar os homens do sertão. Estava em effervescencia o caso da successão presidencial do Dr. João Thomé. O assumpto obrigatorio da viagem era a politica estadual: não exaggéro dizendo que os silvos da locomotiva foram, por vezes, abafados pela exaltação de dois prestigiosos sertanejos que animadamente discutiam as probabilidades das candidaturas Justiniano de Serpa e Belisario Tavora. Vi fazer-se uma aposta — *casada* — de 200 contra 50\$ em como o futuro Chefe do Estado seria o Dr. Serpa.

Feita a aposta, os animos serenaram um pouco e os ardorosos discutidores entraram a pilheriar amavelmente:

— Coronel, convença-se de que a victoria é nossa!

— Homem, bote a carga abaixo e conte a historia direito! O que pode ser de Vocês é uma negra velha chamada «Vitóra» que asséste lá na Varzea



Alegre. Deixe de asneira, homem! Eu, desde que me entendo, vejo dizer:

Quem possui mesa
Não come no chão;
Quem tem Governo
Não perde eleição...

A gargalhada geral não desconcertou o partidário do sr. Belisario:

— Pois, olhe, Coronel: eu queria ter a certeza da salvação de minh'alma como tenho a de que vou subir...

— «Subindo» vamos nós todos. O trem não saiu da praia em procura do sertão? Agora quando o Belisario fôr o Presidente, eu nem sei o que lhe diga: — eu vou dizer Missa! eu quero que falte chão p'r'o meu enterro. Homem, você fique certo de uma coisa: si o Dr. João Thomé não fosse tão prudente e tolerante, quem já estava mandando na Capital era o nó da pêia! Eu nem nunca vi tanto desfôro em opposição, nem tanta condescendencia em *Governo!... Mas deixe estar que o onze de Abril vem ahi e eu lhe mostro de quantos paus se faz uma cangalha. Gente fica encapotado e não custa mais muito, não. Commigo, até as pedras já tinham botado luto... Por isso é que eu digo: — ás vez, á falta dum grito vai-se embora uma boiada... Governador só o Padre velho Pires da Motta — fanhoso, mas macho!

O cantador pernambucano Aragão foi ter commigo, certa vez, quando no «Hotel de France», em Fortaleza, eu jantava em companhia do jornalista Manoel Monteiro. Aragão vestia um terno de roupa nova, havia «quebrado a tige-

la». Convidei-o a tomar parte na refeição e, com surpresa minha, elle promptamente acquiesceu:

— Eu quero. Agora, matuto em frente de gente não come. O dicomê fica na mesa e elle se aca-nha... Matuto só tem de gente o rasto. Matuto é o bicho mais parecido com gente que Deus deixou no mundo...

Quando o criado lhe apresentou o cardapio, elle protestou:

— Pra que diabo é esse papelão? Quero lá sabê de iscuê versidade de comida! Traga o que tivé! traga a janta que eu como... Eu não sou biqueiro, não. Só não me traga comida com gordura de porco, carne de capado, nem carne de criação, que é carregada. O resto...

E chamando o criado, advertiu:

— Sim, não vá trazê coisinha por coisinha não! Eu quero é tudo engalobado. Eu gosto é do taipeiro...

Manoel Monteiro indagou:

— A que é que faz mal carne de criação?

— A que é? Só pode ser ao corpo...

Emquanto aguardava o jantar, Aragão nos confessou:

— Eu só não gosto de comedoria de Hotel porque isso é uma especulação: é umas fôinha lá no fundo do prato. Vou nisso não! Serei lagarta?

Perguntei-lhe si acceitava um appetitivo e expliquei: uma bebida que lhe despertasse a vontade de comer.

— Quero não, Doutô. Eu vou vê si largo o esprito. Tá me offendendo. Eu, honte, fui a uma festa no Maranguape e me dero lá uma tal de cachaca innocente, chamada «Sapupára», boa chega parecia Zinebra. O certo é que eu hoje amanheci ruim



da barriga e só boto p'r'a agua que passarim não bebe... O povo lá até gostou desta «obra» que eu fiz:

Quem bebe da «Sapupára»
E usa cigarro amarello
Parece que, quando arrota,
Arrota cognac «Martello».

Veuu o jantar. Aragão devorou-o ás pressas, com a colher. Depois limpou a bocca na toalha da mesa, palitou os dentes e enfiou o palito entre os cabellos. O criado interpellou-o:

— O Sr. quer sobremesa?

— Home, ocê quererá me matá! Vá dá no boi! Eu já tou cheio... Mas, me traga sempre um docezinho!

— De que qualidade?

— Traga qualquer um! Eu, toda vida, vi dizê que não hai cabra bom nem doce ruim...

Em uma taverna de Maranguape. Um flagellado que conseguira engajar-se nos trabalhos da estrada de rodagem para Canindé entra no estabelecimento commercial e indaga:

— Por quanto Vamincê me vende um tostão de assuca?

— Por um tostão mesmo, naturalmente.

— Quero não. Cuidei que dêsse por quatro vintem...

O major João Rodrigues, de Lavras, mal a Estrada de Ferro chegava ali, procurou introdu-



zir na sua cidade alguns melhoramentos dos grandes meios civilizados. Para isso entendeu ser indispensavel erigir ao centro da Praça da Matriz um armarinho.

Para a inauguração disso a que o Major João Rodrigues deu o exotico nome de kiosque foram encommendados de Fortaleza varios artigos que coustituiam novidade naquella cidade sertaneja, entre os quaes cerca de duzentos kilos de gelo.

No dia da chegada da encommenda, muita gente compareceu á Estação e acompanhou processionalmente a carroça que transportava a mirabolante «surpreza».

O trem chegára ás 2 horas da tarde e a festa da inauguração do kiosque seria ás 7 da noite. Por volta das 5 horas, começaram a retirar o gelo dos forros de pó de pinho em que o mesmo vinha envolvido. Um criadinho da casa do Coronel José Leite assistia a isso, quando de repente, lançou mão de um pedaço de gelo e foi, correndo, chupal-o á calçada, fazendo inveja aos demais garotos. Um desses, vendo-o com o gelo á bocca e sem saber o que era aquillo, advertiu-o:

— Tús te acaba, diminhu! Tás comendo vrido?

Em Ipueiras alguém dizia ao magarefe, isto é, ao *carniceiro* Balduino:

— Balduino, qué sabê? Minha tia Joanninha morreu honte lá no Logradô.

— De que?

— Home, foi duma falta de fôrgo e duma dô nas cadeira que deu lá nella.



Em vez de apresentar pesames, o informado sorriu e disse:

— O que, home? Ella caiu nessa besteira? sabe me dizê si aproveitáro o couro della?

E como o sobrinho enlutado protestasse que aquillo não era «qualidade de caçoadá», o Balduino desculpou-se:

— Ô cumpáde, não se aggrave de mim, não! Si ocê tivé grave de mim, não coma carne de cevado, não! Si ocê se aggravá, si ocê tivé grave de mim, me diga que é p'r'eu mandá botá as gallinha no chiqueiro...

Um dos divertimentos mais em voga no sertão cearense são as adivinhas. As charadas apparecem apenas nas rodas de calçada das villas e cidades. As adivinhas figuram indistinctamente, quer no terreiro das choupanas ou no páteo das fazendas, por noites enlustradas, quer nas pequenas rodas sociaes das povoações sertanejas.

Assisti, vezes sem conta, a esses rudimentares torneios de espirito. Aqui estão algumas adivinhas das por mim colligidas:

— Que é que todos dão e carpina faz?

— *É cavaco.*

— Que é que corre no matto e no limpo esbarra?

— *É fogo.*

— Que é que cai em pé e corre deitado?

— *É chuva.*

— Que é que o pobre bota no matto e o rico ajunta?

— *É catarrho* (o rico ajunta no lenço).



— Qual é o bicho que tem a mão fora do corpo e tem a bocca no cocoruto da cabeça?

— *É pilão.*

— Que é que anda com os pés pela cabeça?

— *É piolho.*

— Que é que pode mais do que Deus?

— *É cachaça, porque Deus dá juízo e cachaça tira.*

— Que é que se bota na mesa, se parte e se reparte, mas não se come?

— *É baralho.*

— Qual é o bicho que não tem costella e só tem socavão?

— *É Kago (Kágado).*

— Qual é o bicho que a gente caça e não tem vontade de achar?

— *É buraco de tarrafa.*

— Qual é o bicho que tem carne por fora e couro por dentro?

— *É moella de gallinha.*

— Qual é o bicho que tem os beiços fora da bocca?

— *É forno.*

— Qual é o bicho que come pelos pés e *descome* pelo espinhaço?

— *É cipió de carapina.*

— O que é que quem faz não quer, quem quer não vê e quem vê não deseja?

— *É sepultura.*

— O que é que Deus nunca viu, o Rei vê lá uma vez ou outra e o homem vê todo dia?

— *É seu semelhante.*

— O que é que crú não há e cosido não se come?

— *É cal.*

— O que é que trabalha p'ra poder nascer?



— *É pinto*, porque tem de romper a casca do ovo.
— O que é que o homem faz e Deus não fez?
— *É cuia*, porque Deus só fez a cabaça.
— Qual é a primeira coisa que o boi faz quando o sol se levanta?

— *É sombra*.

— Qual é a ave que não tem penna?

— *É a Ave-Maria*.

— O que é que quando entra em casa fica com a cabeça de fora?

— *É botão*.

— O que é, que é?:

Somos diversos irmãos,
Moramos num arruado;
Quando um de nós erra a casa,
Todos nós vamos errados.

— *É botão*.

— O que é, o que é: açude de barro, sangrador de pau?

— *É cachimbo*.

— O que é, o que é?

Nagua nasci,
Nagua me criei;
Si nagua me botarem,
Nagua morrerei.

— *É sal*.

— O que é, o que é?:

São duas irmãs no nome
Mas não são no parecer,
A primeira a gente come,
A outra serve p'ra comer...

— *É lima*.

— O que é, o que é?:

A carne da moça é dura,
Mais dura é quem a furou;



Metteu o duro no molle,
O duro dependurou.

— *É brinco de orelha.*

— O que é, o que é?:

A mãe é verde,
A filha é encarnada;
A mãe é mansa,
A filha é damnada.

— *É pimenta.*

— O que é, o que é?:

Verde foi meu nascimento
Mas de luto me cobri,
Para dar gosto no mundo
Pelos ares me sumi.

— *É fumo.*

— O que é, o que é?:

Com capa não anda,
Sem capa não pode andar;
Para andar bota-se a capa,
Tira-se a capa p'ra andar.

— *É pião.*

— O que é, o que é?:

Quatro no baralho,
Uma na madeira,
Outra no salão,
A setima ninguém queira.

— *É dama.* (As quatro do baralho são as cartas;
a da madeira é o jogo de «Dama»; a do salão é
a donzella; a setima que ninguém queira é a *mili-
triz...*)

— O que é, o que é?: pé redondo, rasto com-
prido...

— *É carro.*

— O que é, o que é?: pé comprido, rasto re-
dondo...

— *É compasso.*



— Qual é o bicho de quatro pés que, quando presta serviço á gente, a gente vira as costas p'ra elle?

— *É cadeira.*

— O que é que nagua se afoga e no fogo não se queima?

— *É sombra.*

— O que é, o que é?: somos sete irmãos, todos vão á feira, menos dois. Quaes são?

— *Sabbado e domingo.*

— O que é, o que é?

Torto assim, mas assim torto,

Roubo a vida ao mais direito...

Sem ser de veneno feito,

Quem me engole fica morto;

Dou sustento, dou conforto

Com mortifero apparato;

Dos mortos faço meu fato

E tenho condição tal

Que, solto, não faço mal,

Mas, quando estou preso, mato.

— *É anzol.* (Esta adivinha, ouvi-a de Luiz Dantas Quesado, que a attribuiu ao poeta popular pernambucano Manoel Leal).

— O que é, o que é?

Cincoenta e cinco soldados,

Todos cabem numa mão;

Os cincoenta pedem *ave*,

Mas os cinco pedem *pão*.

— *É um terço de orações.*

— Qual é o bicho que morre em pé?

— *É vela.*

— O que é que a gente planta de olho p'ra cima, mas não nasce?

— *É defunto.*

Afora as adivinhações existem as perguntas enygmaticas como esta:



— *Cumpade, eu levei um gallo p'r'a villa e não deixei elle lá, nem truve. Cumo pode tê sido isso?*

— *É porque Você capou elle. Elle foi gallo, mas voltou capão.*

No destrinçamento de parentescos e no arranjo de problemas difficeis sobre os mesmos os matutos são de surpreendente habilidade:

— *Cumpáde, o que é que ocê é da sogra da muié de seu irmão?*

— *Nada.*

— *Nada, não! Ocê é mas é fio...*

— *Pois, cumpáde, me responda cumo pode tê sido isso: duas irmã tavam conversando. Uma dellas disse por aqui assim: — «Prima, lá vem nossos paes, maridos de nossas mães, paes de nossos filhos, nossos maridos legitimos!»*

—

— *Não sabe? Ó home! Foi assim: — duas irmã, casada todas duas, morrêro e cada qual deixou uma filha. Os viuvos se casáro, cada qual com a filha um do outro. Uma dellas é quem diz o que eu disse: — Prima, lá vem nossos paes, maridos de nossas mães, pae de nossos filhos, nossos maridos legitimos!»*

O Major Raimundo Felinto, do Ipú, era prodigo na citação de phrases feitas e dictados quando jogava o «lú» ou a «manilha» no salão de bilhares do Coronel José de Farias. Jogava bem, não era *pato*, não *corria com a sella*, mas aborrecia os *perús*. Dizia que «*perú calado ganha um cruzado e Perú falando sai apanhando*». No jogo de «lú», quando o Major Felinto, tendo pegado um *defunto pôdre*, não encontrava competidores e «*arrastava a mesa*» mas um dos par-

ceiros se lastimava de o não ter enfrentado pois confessava ter abandonado um jogo melhor do que o encontrado no «defunto», era certa a phrase zombeteira:

— É! Eu nunca vi veado baleado que não fosse grande e gordo...

Quando se arriscava num lance audaz, bradava, encorajando-se:

— Ora, pra que pobre com bahú? Quem não tem corage não amarra negro. Eu não sou resmelengo. Quem é cauíra não bota dinheiro pra brigá. Saúde pouca mais vál nenhuma. Quem tem seu vintem bebe logo. A limpeza Deus amou. Eu não me eseóro, não me amoito, nem atiro por traz de pé de pau. Eu nunca fui mucufa! O que é do home o bicho não come. Dê cá o «defunto»: eu por «defunto» sou mesmo que peba....

Si a sorte lhe era favoravel, vinham as jactancias:

— A aragem tá chegando. Ocês tarão pensando que o eó é perto? Daqui p'r'o cagá dos pinto é que vai sê... Eu hoje faço moregueira em riba de gente. Com-migo é nove! Eu tambem sou filho de Mãe Chiea! Daqui p'r'o gallo amiudá, gente chia! Eu cá nunca botei agua a pinto, nem nunca bati prego sem es-topa. Em jogo de «lú» não tem quem me encoste! Com-migo ocês se desenganem que ocês não tiram leite com escuma. A agua corre é p'r'o mar! Ocês tarão pensando que cebo de tripa é gordura? eu hoje dou tacadas de eego. Isto aqui (mostrando as fichas) já é pólvá inglcza. Quem atira com pólvá alêia não toma chegada...

Quando, porem, amofinado pelo azar, lamentava-se:

— Pra que diabo eu vim me mettê nesta infunca? Eu só presto pra jogá é a leite de pato. Quando



eu cheguei aqui pra fazê uma perna, ocês deviam tê me botado um fato de ovelha na cabeça que eu só estando doido. Homem, mas que mal foi que eu fiz a meu Deus? Isto só sendo castigo! Ô cafifa desgraçada! Já se viu disso? Cadê meu desfôrro? Parece que me botáro caborge.... A gente sai das braza pra caí nas labarêda... Hoje não tem quem queira fazê uma vacca commigo... Credo com tanta manimolencia! Inda hoje não sube que gosto tem se ganhá, inda não quebrei o cuspe, estou mesmo eguando. Estou azalado, estou argel, estou feito um panema. Home, baralho é bicho vivo! isto é o unico bicho que não tem quem amanse...

E si os parceiros, impiedosos, lhe dirigiam facecias, elle replicava:

— Quem nunca comeu mel quando come se lam-busa. Ocês estão mas é falando da banda mouca. Ocês tão falando commigo ou tão tomando tabaco? Daqui a pouco, gente fica na vâge sem cachorro. Eu já ando com vocês pelo gogó... Depois, não tenha gente sem mel nem cabaça! Quando eu ganho, ocês ficam de venta inchada p'r'o meu lado; quando eu perco, ocês começam com peitica. É como lá diz o outro: — matam e ficam alimpando a faca nas perneira. Mas ocês nadam, nadam e têm sempre de ví morrer na beira... Ocês acabam comendo da banda pôdre. Gente aqui ainda sôa! E sôa mesmo porque Deus qué e o diabo não se importa... Eu só estou marcando a costella mindim dum de Vocês...

Quando o «defunto» era rejeitado consecutivamente pelos dois primeiros parceiros, também o Major Felinto se esquivava:

— Não! quero o defunto, não! Este pau tem formiga.... Laranja madura em beira de estrada ou é azeda ou tem maribondo...



A GRAPHIA DE «CANTADORES»

A graphia dos modismos cearenses contidos na parte poetica deste volume é, propositadamente, incoherente e anarchica.

Não foi intenção minha contribuir para a formação de um dictionario cacoépico, mas apenas lembrar, com abundancia de exemplos, o *dialecto cearense*, ou «fixar alguns aspectos da dialectação portugueza no Ceará» — como talvez preferisse dizel-o o Sr. Amadeu Amaral.

Penso que se pode reproduzir a poesia matuta sem reduzir a nossa lingua luso-brasileira a hedionda aravia. Porque havemos de, por exemplo, escrever *pulo* e *num*, aggravando a homonymia, em vez de *pelo* e *não*? Si é certo que o sertanejo diz «*pulos* santos se beijam os altá-re», não é menos exacto que elle diz correctamente «*Pelo* signal da Santa Cruz»...

Ainda: cantadores como Jacob Passarinho e Luiz Dantas Quesado têm quasi correcta pronunciação, e fôra absurdo repetir-lhes os versos, adulterando-lhes a prosodia.

Não deve, afinal, causar estranheza que nos Capitulos referentes a Serrador e Azulão não sejam consignados os modos de pronunciar proprios dos pernambucanos. Vivendo vida noma-



de, taes menestreis já *viciaram* a pronuncia de seu Estado. Não raro observei que ambos, como bons cearenses, diziam *cauçada* e não *carçada* (calçada).

Em summa: para melhor ajuizamento da inspiração popular, fôra preferivel que eu tivesse escripto como pronunciavam os cantadores, tão somente quando o exigisse a justificação da rima e da metrica. Em todo caso, dado laconicamente o cavaco da minha babel orthographica, não será excessiva benignidade releval-a em conta de incidentes documentações de algumas alterações prosodicas, peculiares ao Ceará.



ELUCIDARIO

Abaixados ou *agachados* (subs.) — lábias, dengues, salamaleques.

Abotoar — apparecer, ir surgindo. Ex.: O sol já vem abotoando...

Abotoar, *abecar*, *pegar pelas berturas* (aberturas), *pegar pelos babados* — aggredir alguém, segurando-o pelo gasnete.

Aboticado — tornado saliente. Diz-se especialmente do globo ocular.

Abrir, *abrir o chambre* ou *abrir do chambre* — fugir.

Abrir dos peitos — commetter um acto de generosidade imprevista.

Abusar — enjoar. Ex.: Meu fastio é tão grande que eu *abusei* toda comida.

Abuso — aborrecimento; insulto, chocarreria. Exs.: Eu tenho *abuso* de cantar com cego. Largue de tanto *abuso* p'r'o meu lado!

Aca ou *inhaca* — mau cheiro.

Acavallado — comilão; muito grande.

Açulerado (accelerado) — demasiado vibratil, irrequieto. Ex.: Isto é que é menino *açulerado*.

Adêrêços ou *assessóro* (accessorios) — objectos que se conduzem em viagem.

Affectado — tuberculoso.

Ajuturar — aventurar.

Agôa — 3.^a pes. do sing. do ind. pres. do verbo aguar.

Agora — mas Ex.: Casar não é nada; *agora* viver é que é!

Agua que passarinho não bebe — aguardente.

Aguentar tempo — ser capaz de enfrentar serias difficuldades.

A leite de pato — gratuitamente.

Almorrêima — hemorrhoidas.

- Alorçado* — encorçado.
Amarrar o bode ou estar com lundú — amuar-se.
Amiudar dos gallos — canto frequente dos gallos pela madrugada.
Amoitar-se — retrahir-se.
Amojada — prenhe.
Amunhecar — csmorecer, reconhecer-se vencido.
Andar arrancando por — ter grande desejo de fazer algo.
Andar cercando frango — denunciar a propria embriaguez com cambaleios. O mesmo que *andar cosendo bainha*.
Andar com alguém pelo gógó — estar prevenidissimo contra alguém.
Andar na lapa do mundo — estar percorrendo longes terras.
Animal (subs.) — termo que designa especialmente os muares e cavallares.
Annêxo — annêxo.
Antonte — antehontem.
Apaideguado — de dimensões avantajadas.
Aparar — adular.
Apariado — (apparelhado) — disposto complacientemente. Ex.: Eu não estou é *apariado* a aguentar desafôro...
Apojar — mamar até que o leite flúa facilmente e a espuma saia pelos cantos da bocca (diz-se dos bezerros).
Apragatas — alpercatas.
Apromptuar-se — apromptar-se.
Aquilotado (aquilatado) — acostumado, affeito. Ex.: Elle não se enbebeda mais: aquillo já está *aquilotado*...
Arear-se — perturbar-se, atrapalhar-se.
Arrancar uma botija — topar.
Arranjado — quasi rico.
Arrastar a mala — não lograr exito; ir ao encontro de alguém que deixa de chegar.
Arrasta-pé — baile reles. O mesmo que *bate-chinela*.
Ariasado — de finanças arruinadas.
Arielhador — relho ou corda com que se arrelha.
Arrelhar — amarrar o bezerro á mão da vacca para se a poder livrcmente ordenhar.
Arremediado — rcmediado, que tem meios de subsistencia, quasi *arranjado*.



Arretar — arreitar.

Arripunar — repugnar.

Arrumação — coisa complicada e desconhecida. Quem nunca viu um trem fica pasmado ante tal *arrumação*.

Arrumar — obter, conseguir. Ex.: Eu só queria achar quem me *arrumasse* uma passagem de graça.

Arte — vadição, travessura.

Aruá (uruá) — nome de um mollusco. «Besta como aruá» — muito tolo.

Assêste — 3.^a pes. do sing. do ind. pres. de *assistir* (permanecer algum tempo em certo lugar). Ex.: Elle mora na fazenda mas *assêste* sempre na villa.

Assignar (assignalar) — marcar com ligeiro córte as orelhas dos *animaes*, rezes e criações.

Assumplar — machinar, reflectir, estudar detidamente os pros e contras de qualquer empreendimento.

Atanazar (atenazar) — irritar.

Atentar — apoquentar. Exs.: Vá *atentar* o diabo com reza! Menino, tú larga de *atentação*!

Atirado — desenvolto, atrevido.

Azalar — azarar, pôr azar.

Azcitão — côr quasi preta das rezes.

Babuge — a herva que reponta logo ás primeiras manifestações do inverno.

Badejo — adjectivo que dá sempre idéa avantajada. O mesmo que *baíta*.

Bagagem — distancia com que um parrelheiro vence outro.

Baiacú — individuo baixo e gordo.

Baixar o flandre — surrar a sabre.

Baixar a ripa — atacar, aggredir.

Baixo — incapaz. Ex.: Você a mim não desfeita: Você *é baixo*! Diz-se tambem: *Você é baixo, seu cabello não dá cacho...*

Balseiro ou *salceiro* (sarceiro) — tumulto, accumulo de obices.

Bandaneco (*Badamcco-Vademccum*) — saquitel a tira-collo.

Banguelo — (adj.) desdentado.

Banho de facão — surra de sabre.

Banido — moido, alquebrado.

Banzeiro — tumulto. Ex.: Aguenta o *banzeiro*! Tempo de entrudo é tempo de *banzeiro*.

Barbatão — garrote ou novilhote bravio, não *beneficiado*.

Barbicacho — segundo laço feito com a ponta do cabresto e com que se reforça o freio às alimarias; laço de couro com que os vaqueiros prendem o chapéu ao queixo ou ao pescoço.

Bargado — sagaz, velhaco. O mesmo que *mitrado* e *estradeiro*.

Batendo chifre — em grande aglomeração.

Bater a bota — morrer. O mesmo que *esticar a canella, dar o couro às varas*.

Bater mão a — lançar mão de. Ex.: De repente, o cabra bateu mão á faca.

Bater nos peitos — vangloriar-se.

Bater o aço a — começar insistentemente a.

Bater os paus da porteira — perder todo o gado da fazenda. O mesmo que *ficar no casco da situação*.

Bater prego sem estopa — agir sem certeza de êxito. Usa-se sempre na negativa.

Batida — rastro aberto na matta.

Batoré ou *baé* — baixo. Ex.:

Há duas coisa no mundo
Que me faz andar em pé:
Carne gorda com farinha
Toicim de porco baé...

Bebediça — embriaguez.

Bebida — bebedouro.

Beber fumo — fumar.

Bêbo — bebado.

Bendegó — especie de toucado.

Beneficiar — *ferrar, assignar* ou castrar qualquer rez ou animal. Definição dada por um sertanejo: — «Barbatão é o garrote ou novilhote sem *benefiço* nenhum».

Besta — egua.

Bestar — andar a esmo.

Bichinho, a — tratamento carinhoso, dado especialmente ás creanças. Corresponde a *bemzinho*.

Bicho — termo que dá sempre idéa avantajada. Ex.: Fulano é o *bicho* home! Sicrano é o *bicho* na viola!

Bicho de pé — o pulex penetrans.

Bicó — sem rabo.

- Biqueiro* — que come pouco, que soffre de fastio.
Bloqueio — quota pecuniaria para qualquer festividade ou pagamento do baralho num jogo de cartas.
Boas ou de beíço — grandes (as leguas).
Bochecha — lôgro. *Entrar de bochecha*, andar de bochecha — sem pagar o ingresso ou passagem e escapando-se á vigilancia do porteiro ou conductor.
Bola — pedaço de carne envenenada que se lança aos cães.
Boni-t-o-lô macacheira mocotó — locução interjectiva corresponde a *pois não!*
Boró — antigo vale monetario, emitto em papel pelas municipalidades sertanejas.
Botar — alcançar, attingir. Ex.: Elle está muito doente. Quêra Deus elle *bote* amanhã!
Botar agua a pinto — preoccupar-se com coisas de pouca monta. Usa-se ordinariamente na negativa.
Botar a carga abaixo — deixar-se de circumloquios, dizer a verdade.
Botar canzil — azarar.
Botar as mangas de fora — expandir-se.
Bralha — marcha apressada e macia das alimarias de montada.
Bralhar — andar em *bralha*.
Broca — patranha. *Contar broca* ou *cortar vara* — mentir.
Broca — derriba das arvores de um trecho de matto.
Brocar — derribar o matto, as arvores maiores.
Brochôte ou fumega — rapazola, pessoa sem importancia. Usa-se pejorativamente com os rapazi-nhos atrevidos.
Brôco — ensandecido, sem vivacidade. Ex.: A gente vai ficando velho e vai ficando *brôco*.
Bromar — degenerar. Ex.: O meu caçula gosta de estudo. Si elle não *bromar*...
Brotar — gabar-se de valentia, ameaçar céos e terra.
Bucho jurado — pessoa indiscreta.
Bumba (zabumba) — bombo.
Bundacanasca — brincadeira infantil que consiste em apoiar a cabeça na areia ou na relva e virar o corpo, em seguida.
Burra de padre — a «mula sem cabeça», da crendice popular.

- Burra-leiteira* — nome de um pau fragillimo.
Buzina — zoada, gritaria.
Busuntão — besuntão.
Brear — emporcalhar, sujar.
Cabeça-baixa — euphemismo por que são designados os suínos.
Cabello de espeta-cajú — individuo de cabellos eriçados.
Cabello de pimenta do Reino, cabelo de bosta de rô-linha, cabelo de semente de mamão — o cabelo encaracolado dos negros.
Caborge — feitiço.
Cabra da rêde rasgada — individuo desabusado.
Cabrito — qualificativo dado ás creanças.
Cabrocha — cabra moço.
Caçar — procurar. Ex.: Cadê meu chapéo? Vá caçar elle!
Caçote — sapo pequeno.
Cacúlo — cogulo.
Cacundo — corcunda. Dictado sertanejo: «É assim mesmo este mundo — uns sellado e outros *cacundo...*»
Cadê? — que é de?
Cafôfa — comida feita de pedacinhos de carne secca e frita misturados com farinha. Differe da passoca em não ser levada ao pilão.
Cagafôgo — pyrilampo.
Cair — ceder. *Calr com os cobres* — pagar.
Cair na vida — entregar-se ao meretricio.
Caixa do catarrho — o nariz.
Calisto — pequeno copo ou calice.
Camarinha — alcova.
Cambito — gancho de madeira. *Perna de cambito* — perna fina. *Passar um cambito* — lograr; intrometter nas «quedas de corpo» uma perna entre as do antagonista.
Camim — caminho.
Cangica — papa de milho verde. *Tocar fogo na cangica* — precipitar um acontecimento.
Canna — aguardente. O mesmo que *cachaça, branca, branquinha, pura, sinhanninha, mamãe-saccode, mandureba, pilóia, agua que passarinho não bebe*.
Capado — suino de engorda.
Capas encouradas — hypocrisia. Ex.: Eu gosto de

falar franco: não sou homem de *capas encouradas*.

Capenga ou *caxingo* — côxo.

Capeta, *capirôto* — demonio.

Cerapina, *carpina* — carpinteiro.

Cara lisa — individuo cynico.

Carcará (caracará) — especie de gavião.

Careta — ameaça; cada das personagens mascaradas do «bumba meu boi». Exs.: Eu não tenho medo de *careta*! Si eu tivesse medo de *careta*, não ia espiar os reisados...

Carne velha, *carne do sul* — xarque gaúcho.

De carregação — de inferior qualidade. *Roupa de*

carregação — que se vende feita. *Festa de*

carregação — sem musica e outros attractivos.

Carregação — grande quantidade. Ex.: Elle *apanhou* uma *carregação* de doenças...

Carregado — reimoso. Ex.: Carne de capado é comida *carregada*.

Carritia (carretilha) — sequencia ininterrupta. Ex.: Este anno está medonho: é uma *carritia* de desgraça, umas em cima das outras...

Casco de pebu — chapéo ordinario, feito de grossas palhas.

Cauira — usurario.

Cedra — cedula. *Dinheiro em cedra*. *Cedra de cigarro*.

Cerca-lorenço — cerco.

Cerconstanças (circumstancias) — difficuldades. Ex.: Este anno é de secca e, si houver guerra, ahi é que se augmenta as *cerconstança*...

Chaboqueiro — de feições grosseiras.

Chambregado — embriagado. Diz-se tambem *chumbado*.

Chamêgo — amizade intima, approximação estreita.

Chamurro — novillo castrado que fica com a dupla apparencia de boi e de touro.

Chapéo de apara-castigo — chapéo de grandes abas caldas.

Chapo (adj.) — commum, demasiado visto ou ouvido. Ex.: Não conte mais isto não que já está *chapo*. O mesmo que *pau*.

Cheio de chove e não me molha, *cheio de luxo*, *cheio de nove hora*, *cheio de novidade*, *cheio de terra*, *cheio de galizia*, *cheio de nó pelas costas* — individuo implicante, pretencioso, exigente.



- Chicolatêra* (chocolateira) — vasilha em que se prepara o café.
- Chiquerador* — chicote feito de um relho e um caceté.
- Chiquerar* — separar os bezerros das vaccas, afim de não mamarem.
- Chorar desgraça, chorar miséria, chorar necessidade* — queixar-se amargamente da propria situação financeira.
- Chuva de cajú* — chuvas que cáem em Setembro e Outubro para maturescencia dos cajús.
- Cipío* — cepilho.
- Coandú* — porco espinho. *Ter coragem de matar coandú com a bunda*, ser capaz de arriscadas façanhas.
- Coarar* — permanecer inactivo; ficar ao sol, depois de ensaboada (diz-se da roupa).
- Cobre* — dinheiro.
- Cóco* — penteado conforme o qual o cabelo fica enrodilhado no alto da cabeça ou na nuca.
- Coité* — a cuia do côco.
- Coisa que eu não levo pra pé de Padre* — coisa de que a consciencia me não accusa.
- Come-longe* — individuo amarello.
- Comer com a testa* — o mesmo que «ver por um oculo».
- Comer ensosso e beber salgado, comer ruim, comer da banda pôdre* — luctar com serias difficuldades.
- Comer no mesmo côxo* — aparcerar-se, nivelar-se com alguem.
- Comer vicio* — comer terra.
- Cotó* — curto; sem rabo.
- Côxo* — gamella em que comem os porcos.
- Como areia, como qulzer* — em quantidade incalculavel. Ex.: No mar tem peixe como quizer.
- Como de facto* — effectivamente.
- Como digamos* — por exemplo.
- Como sem falta* — sem falta. Ex.: Você venha! Não deixe de não vir! Isto é *como sem falta!*
- Confundas* — profundas do inferno.
- Corpo fechado* — isento de qualquer mal, invulneravel.
- Correr com a sella* — abandonar o jogo, conduzindo lucros.
- Cortar vara* — mentir.

- Criação* — gado caprino e ovelhum.
Criminalista — jurado que systematicamente condemna os réos.
Cunhã — mulher mestiça e joven.
Cupim — carapinha dos negros, toitiço dos touros.
Curioso — individuo illetrado que de tudo entende algo.
Damnado — adjectivo que dá sempre idéa vantagem. Diz-se tambem *damnisco*.
Dar bagagem — vencer.
Dar bolo — saber mais do que alguém, dar quinau.
Dar cabo a machado — expôr-se levanamente a contrariedades. Ex.: Eu não vou a festa porque não gosto de *dar cabo a machado*.
Dar murro em faca de ponta — pretender o impossivel e com risco individual.
Dar o fora em algo ou alguém — livrar-se de algo ou alguém.
Dar um chôto — fazer correr a alguém.
De balseiro — muito e successivamente. Ex.: No açude do Cedro a gente pega peixe, de *balseiro*.
Deboche — mangação.
De cóca — de cócoras.
De com força — com força.
De déo em déo — de léo em léo.
Dengo — dengue.
De orelha em pé — attentamente, desconfiado. Ex.: Eu acho que elles estão namorando: eu ando *de orelha em pé*.
Depolmar — ostentar-se presumpçosamente.
De primeiro — antigamente.
De venta inchada — amuado.
Dêrna — desde.
Dêrna que me entendo — desde que tenho uso de razão.
Derrama — derramamento, disseminamento. *Derrama de sangue* — morticínio. *Derrama de cedra falsa* — disseminamento de dinheiro falso.
Derrengado — chcio de medidas e labias. Ex.: Elle anda todo *derrengado* p'r'o lado della.
Desadorado — muito incommodado.
Desbulhar — debulhar.
Descaçar — parir, dar á luz. Diz-se sómente das mulheres.
Descontramantêlo — contratempo.

- Desenxavido* — desenxabido.
Desfolhar o facão — Desembainhar o facão.
Desfôrro — desforra.
Desistir — defecar. Ex.: Elle já tomou tres purgantes mas não *desistiu*.
Desmastreio — contratempo.
Desonerar — degenerar. Ex.: Doce bom não *desonera*.
Despachar p'r'o outro mundo — matar.
Despacho — desenvoltura.
Desprepósto (desproposito) — excesso, grande quantidade.
Despotismo — grande quantidade; coisa de exageradas proporções. Ex.: Nas Santas Missões junta gente que é um *despotismo*.
Deus lhe fale na alma! — Deus o tenha no céu!
Destabocado, destorcido — muito franco.
Diacho, dimunho, diâte, demo, diôgo — formas eufêmicas de diabo.
Dicomer — comida.
Dinheiro de botija — dinheiro enterrado.
Ditriminado (determinado) — valente, corajoso.
Dizer dicto — proferir obscenidades.
Dobrão — moeda de cobre, do valor de 40 réis.
Doce (adj.) — diz-se da fechadura, espingarda, etc., que não emperra.
Do governo — bem commum, de servidão publica. Ex.: Saia de meu roçado que isto aqui não é do governo não...
Dordóio — ophtalmia.
Doença do mundo — mal venereo.
Dormir chiquerado — dormir separado da mulher.
Dote — preço exorbitante. Ex.: Elle quer um *dote* pelo sitio.
Dunga — maior, o cabeça.
Durafogo (duro a fogo) — fumo que arde difficilmente; individuo mau pagador.
Duro — resistente, valente.
Egua — nome semi-obsceno. O sertanejo chama «besta» a femea do cavallo.
Eguar, bestar — esmar.
Embastido — embastecido.
Embira — corda de cipó ou casca de arvore.
Embirlicica (subs.) — enfiada.
Emboccar, embiocar — entrar.

- Embolar* — cair ruidosamente.
Embracar-se (embaraçar-se) — preocupar-se.
Eni riba das buchas — incontinenti. O mesmo que *no pé da fivella*.
Em quantidade — em grande quantidade.
En teine de — em tempo de, na imminencia de.
Encamaçar — preparar as cartas do baralho para lôgro dos parceiros.
Encapotar — baixar a cabeça; encalistrar-sc.
Encarreado (encarreirado) — ininterrupto.
Encher a rua de pernas — vagabundar.
Encostar — vencer. Ex.: Em cantoria aqui não tem quem me encoste.
Entender do riscado — conhecer o assumpto.
Enthusiasmado — orgulhoso, atrevido.
Entrançar — vagabundar.
Esbagaçar — arrebentar, fazer em bagaços ou em cacos.
Esbilitado — debilitado.
Escambichado — derrengado.
Escoteiro — sem acompanhamento. *Comer feijão escoteiro* ou *na agua e no sal* — sem qualquer mistura.
Esgalamido — glutão. O mesmo que *esgalopado*.
Espalha-brazas — individuo turbulento.
Espicular — indagar, averiguar minuciosamente.
Espora (adj.) — ruim, sem valia.
Espriença (experiencia) — signal mediante o qual alguma coisa pode ser reconhecida. A um bebado prostrado alguém perguntou, escarninho: «Tá muiado, hein, diabo?» E elle respondeu: «Qual é a sua *espriença*?» isto é: Que é que em mim observa que denote meu estado?
Espritado — adjectivo que dá sempre idéa vantagem; grandemente enfurecido. *Cachorro espritado* — cão hydrophobo.
Esprito — qualquer bebida alcoolica. Ex.: Não tem quem prove que eu já toquei em *esprito*.
Estambo — estomago.
Estandarte — grande quantidade, grande acontecimento. Corresponde a *despotismo*.
Estaquear — mutilar, tirar pedacinhos de algo. Ex.: O pão está todo *estaqueado*.
Estar amarello de — estar farto de, estar affeito a. Ex.: *Estou amarello* de ver cabra semvergonho.

- Estar, andar* ou *mostrar-se esquerdo com alguém* — revelar-lhe certa animosidade.
- Estar virgem de* — jamais haver praticado determinado acto.
- Este pau tem formiga* — O mesmo que «isto traz água no bico».
- Esticar a canella* — morrer.
- Estirar as pernas* — espairecer.
- Estrada* — marcha macia e vagarosa dos equideos.
- Estradeiro, escovado* — velhaco. O mesmo que *coleira*.
- Estradeiro* — diz-se do animal que anda «de estrada».
- Estrêilo* — pessoa ou animal que tem na região frontal um molho de cabellos brancos.
- Estrepar-se* — ser vencido por alguém. Ex.: Pra riba de mim Você nem venha que Você *se estrepa*.
- Estrôvo* — as peças que formam a cabeçada do cabresto.
- Estudar* — repousar em pé, dormitando. Diz-se dos bovinos, muares e cavallares.
- Fachear* — lascar-se.
- Falar de papo chelo* — falar orgulhosa e ironicamente, com a consciencia do proprio valor.
- Farnezim* — phrenesi.
- Farrambamba* — gabolice, fanfarronada.
- Fastar* — afastar. Ex.: Fasta, boi!
- Favar* — não lograr exito. Ex.: O negocio do gado *favou*.
- Fazer acção* — reagir; commetter um acto de generosidade.
- Fazer arte* — agir provocantemente, com determinado intuito.
- Fazer esteira* — seguir uma rez não a deixando desviar-se para um lado, afin de que outro perseguidor a derribe pelo outro lado. Grito dos vaqueiros: «Faça *esteira* que eu derrubo!»
- Fazer limpeza* — aceiar os urinós.
- Fazer piauihy* — levantar e torcer o sabugo da cauda de uma rez, obrigando-a a acostar-se ao moirão para ser facilmente ferrada.
- Fazer morcegueira* — tornar-se importuno.
- Fazer por onde* — provocar certo acontecimento.
- Fazer sangue* — ferir alguém.
- Fazer uma perna* — tomar parte no jogo.
- Fazer uma vacca* — associar-se.



Fechado — mattaria densa.

Fecchar o corpo — ingerir qualquer bebida alcoolica sob o pretexto de isentar o corpo de qualquer doença.

Fecchar o tempo — escurecer; iniciar um motim.

Feito — como. Ex.: O Pedro ficou vexado, ficou *feito* cobra quando perde a peçonha.

Fêlpa — qualidade.

Feme (Femea) — prostituta.

Fiança — confiança. Ex.: O Galdino é capanga de *fiança*.

Fiangio ou *tipoia* — rêde pequena e ordinaria.

Ficar de queixo na mão — quedar admirado.

Ficar de venta inchada — amuar-se.

Ficar na varzea sem cachorro — ficar desajudado.

Ficar no casco da situação — diz-se dos fazendeiros quando, numa secca, perdem todo o gado e ficam apenas com as terras da fazenda. O mesmo que *bater os paus da porteira* ou *perder ferro e signal*.

Ficar sem mel nem cabaça — perder tudo. Arriscar uma coisa para ganhar outra e perder ambas.

Figo — figado.

Filar ou *fintar* — pedir e obter algo, de mão beijada.

Fins d'agua — fiús do inverno.

Fio — filho.

Fiteiro — armario envidraçado.

Flautear — zombar; fazer jogo arriscado, em acinte á má sorte do parceiro.

Fracatear — esmorecer.

Frangir — franzir.

Freguez — individuo. Ex.: Mas quem é aquelle *freguez*?

Frocado — empertigado.

Fruita (fructa) — coisa rara. Ex.: Chuva no Ceará é *fruta*.

Fruitas brabas — fructos sylvestres.

Fuça — focinho, cara.

Furão — individuo que ganha a vida facilmente; individuo de iniciativas intelligentes.

Furdunço — tumulto.

Futrica — pilheriar impertinente.

Gado — diz-se exclusivamente dos bovinos.

Gaítear — diz-se do urrar dos touros.



- Galizia* — pequenas exigencias, dificuldades. Ex.: Eu cá sou sem *galizia*.
- Gallego* — individuo de nacionalidade estrangeira. Diz-se tambem *marinheiro*. *Aqui não morreu gallego* — aqui não ocorreu facto extraordinario.
- Gangento* — radiante, cheio de si.
- Ganhar o bredo, ganhar os mamelêro* (marmeleiros), *ganhar os mororó* — fugir, correr pelo matto afora.
- Ganhar a lapa do mundo* — expatriar-se, percorrer longes terras.
- Garupa* — golpe com que nas «quedas de corpo» um contendor apanha outro pelos flancos, fazendo-o desaprumar-se e cair.
- Garupa* — as ancas dos equideos. *Dar a garupa* — consentir alguem que atraz de si outra pessoa monte a mesma alinaria. *Ganhar a garupa de alguem* — perseguil-o.
- Garrafada* — beberagem que os curandeiros preparam e vendem ás garrafas.
- Gastar* — usar, gostar de. Ex.: Quer fumar? Não. Eu não *gasto*.
- Gaz* — kerozene.
- Gazo* — albino. Cavallo gazo.
- Genio* — indole irritadiça e vingativa.
- Genioso* — individuo que facilmente se enfurece e nada perdôa.
- Gengibirra* — bebida fermentada, especie de aluá. Chama-se ironicamente «cerveja de barbante».
- Gibão* — veste de couro usada pelos vaqueiros (casaco).
- Ginête* — sella usada pelos vaqueiros.
- Ginetear* ou *metter de cabeça* — corcovear.
- Girmum* (gerimum) — abobora.
- Gógó* — cartilagens da larynge.
- Gordura de porco* — banha de porco.
- Grajau* (garajau) — cesto feito de cipós entrelaçados.
- Grungunzar* — remexer.
- Guenzo* — esgrouvinhado.
- Historia pra menino dormir sem ceia* — conversa fiada.
- Hora da onça beber agua, hora de canção pegar menino* — hora do perigo.
- Impeleita* — empreita.
- Impôr* — assistir ao botafora de alguem, acompanhando-o a certa distancia.

Indez — coisa unica. Diz-se especialmente do ovo que se deixa ao ninho para attrahir as gallinhas á postura.

Influido ou *infuluido* — namorado, animado.

Infuleimar — inflamar.

Inguinorante — grosseirão. Ex.: Largue de desafôro. Vá ser inguinorante no inferno.

Inguinorar ou *inorar* — extranhar. Ex.: Vamincê desculpe e não inóre não que casa de pobre não é hotel.

Inquirir (inquerir) — amarrar.

Interado — individuo sem defeitos. Ex.: O João é home interado.

Interar era — fazer annos.

Inticar com — implicar com.

Intimar — insultar.

Intiquêta — implicancia.

Intiriçado — inteiriçado.

Introsa (entrosa) — coisa complicada.

Intrupicão — tropeço.

Intrupicar — tropeçar.

Ir bater — ir ter a. Ex.: Eu fui bater no Rio de Janeiro.

Ir decretado — ir especialmente a um fim.

Iscandêlo — escandalo.

Istrupisso (estrupido) — perigo, precipicio, abysmo.

Istrovenga — coisa complicada.

Isturdia — outro dia.

Jaibro — rombo, sulco.

Jegue — jumento.

Jérêié — apparelho para pesca de pequenos peixes. O mesmo que *landuá*.

Jiquitaia — molho picante.

João-cotôco — gesto desprezível e semi-obseno.

João-galamarte — brinquedo que consiste numa grossa trave horizontal sobre um solido eixo vertical.

Joça — coisa sem valia.

Jogar — atirar, accudir. Ex.: Eu *joguei-lhe* a mão na cara. Tem como synonymos: — *plantar, papocar, barrer, sapecar, largar, passar, tocar, sentar*. Exs.: *Sapequei-lhe* a faca na barriga. *Sentei-lhe* o braço no pé do ouvido.

Jogar amarrado — jogar mui cautelosamente.

Jogar no veado — fugir.

- Lacraia* — lacrau.
Lambança — prosapia.
Lambugem — a vantagem que se propõe numa aposta.
Landras — glandulas.
Lapear — andar a pé.
Laranja (adj.) — de cor alaranjada.
Largar de mão — deixar em paz.
Lavadeira — lavadeira.
Lazarina — espingarda de cano fino e comprido.
Lesado — esquecido, amalucado.
Leseira — molleza.
Levar de oito — levar de vencida.
Librina — neblina.
Ligeira — cholerina; especie de cantoria.
Linha — ferrovia, verso.
Linheiro — vertical.
Liso — sem dinheiro. Diz-se tambem das rezes de cor amarellada e sem manchas.
Lodaca — audacia.
Lorota — patranha, jactancia.
Loroteiro — jactancioso.
Lundú — amúo.
Lunduzeiro — pessoa e especialmente creança que facilmente se amúo.
Lutrido — nutrido.
Luxo — desafôro, dengue. Ex.: Largue de *luxo* p'r'o meu lado. Isto é que é menino cheio de *luxo*..
Maca — sacco de couro.
Maçaroca — maço de cabellos da cauda das rezes.
Macheiro — diz-se dos machos cujos filhos são, em maior numero, do sexo masculino.
Maldar — fazer mau juizo.
Malhada — logar sombrio em que as rezes se abrigam da soalheira.
Malino (maligno) — vadio. Diz-se das creanças.
Mamparra — velhacaria.
Mundinga — feitiçaria.
Mandureba — aguardente.
Mangoça, mangaça — escarneo.
Manguá — chiquerador de rêlho muito comprido.
Maripuetra — succo venenoso da mandioca.
Marcar a costella mindim — estar attento para o desfecho de certo golpe.
Maria-Victoriu — palmatoria. O chicote é chamado *Chico das Dôres*.

- Marrã* —ovelha nova. Diz-se pleonasticamente *marrã de ovelha*.
- Mascára* — máscara de couro com que se tapa a vista ás rezes bravias, obrigando-as a somente verem de soslaio e a, consecutivamente, andarem devagar.
- Mata-cachorro* — soldado das policias estaduaes.
- Matutage* (matalotagem). *Fazer matutage* — abater uma rez, ordinariamente para fins festivos.
- Meião* — cavallo cuja principal marcha é o *meio*, mais rapida que a *estrada* e menos apressada que a *bralha*.
- Meladinha* — mistura de aguardente e mel de abelha.
- Meizinha* -- remedio.
- Melado* — cavallo de cor amarellada.
- Mentir fogo* — faltar, esmorecer.
- Metter a mão no fogo* — responsabilizar-se.
- Metter a ronca* — diffamar.
- Metter o pé na carreira* — correr.
- Metter na maca* — enganar.
- Milagre* — artefacto de cêra ou madeira reproduzindo qualquer membro do corpo e que se offerece aos santos em commemoração de uma cura.
- Mindim* — minimo. *Dedo mindim, costella mindim*.
- Miunça* -- gado caprino e ovelhum.
- Mocó da risada* — alforge em que são conduzidos os alimentos.
- Mocóróró* — bebida fermentada, feita de succo de cajú.
- Mode* — afim de. Ex.: Apareça *mode* nós conversar.
- Mode* — por causa de. Ex.: Eu não vou *mode elle*.
- Mode que* — parece que, como que. Ex.: Você *mode que* é doido.
- Mode coisa que* — parece que. Ex.: Você *mode coisa que* chorou. É o antonymo de *nem mode coisa*. A gente chama elle e elle *nem mode coisa*.
- Mondrongo* — inchaço.
- Monstro, a* (adj.) — muito grande. Ex.: A cobra é uma *monstra*. Olhe que ferida *monstra*!
- Montaria* — sella usada pelas mulheres. Diz-se tambem das saias compridas que as mulheres usam, quando montam.
- Morador* — serviçal residente em propriedade rural.
- Morrer de successo* — fallecer repentinamente.
- Mostrar de quantos paus se faz uma cangalha* — dar completa lição.

Mourão — grosso tóro fincado ao solo nos curraes e em o qual se amarram as rezes para a ferra, castração, trato, etc.

Mucica — puxão com que os vaqueiros, apanhando as rezes pela cauda, conseguem derribal-as.

Mucufa (adj.) — covarde.

Mucumbú — coccyx.

Mudar — passar de uma para outra idade, apresentando os signaes respectivos.

Mundé ou *mundéo* — armadilha de caça.

Mundiça — gente má, desclassificada.

Mundurú — montículo.

Muxição — repellão. O mesmo que *puxavante*.

Nação — casta, especie. Ex.: Na secca deste anno, de *nação* de quatro pé só quem escapa é tam-borete...

Na maciota — devagar.

Não adiantar idéa — não influir em coisa alguma.

Não dizer bolacha — não tugar nem mugir.

Não sei que diga — o diabo.

Na rosca da venta — face a face.

Natureza — feitio moral.

Navegar — viajar, trafegar. Ex.: Estou costumado a *navegar* neste caminho.

Nem me bate a passarinha — absolutamente não me preocupo.

Nesse entre — nesse interim.

Nim — ninho.

Nome de mãe — descompostura obscena em que as mães são ultrajadas.

No mansidão — calmamente. O mesmo que *no brando*.

No outro dia — no dia seguinte.

Novidade — difficuldade, embaraço. Ex.: Eu não queria mais não, mas pode mandar ella que não hai novidade, não.

Obrigaçõ — familia. Ex.: Como vai a obrigação?

Ói — hein. Ex.: Pedro! *Ói?*

Onça — quebradeira. *Andar, estar, viver na onça*.

Onde o diabo perdeu a espora — muito longe.

Opinião — capricho, teimosia. Ex.: Eu carrego commigo uma *opinião*.

Outro óra — outras vezes. Ex.: As vez, elle falava; *outro óra* ficava calado.

Padrim — padrinho.

Pachola — pedante.

- Paidégua* — o cavallo inteiro, chefe do lote. *Apaidéguado* — muito grande ou gordo.
- Pae do chiqueiro* — bode ou carneiro não castrado.
- Pajussara* (adj.) — muito grande.
- Palêio* — pilheria insistente e inconveniente.
- Pamonha* — bolo de milho verde.
- Panca* — *Estar de panca* — sentir-se disposto á pratica de desordens.
- Pancada* — individuo violento.
- Panema* — palerma.
- Papangú* — individuo que sai á rua mascarado, em tempo de Carnaval ou nos *reisados*; individuo molleirão.
- Papôco* — estouro.
- Para este tanto* — para isso. Ex.: Para este tanto você não é homem.
- Partes* — insinuações. Ex.: Você deu agora pra andar com partes de valente.
- Passado na casca do alho ou passado* — ladino, experimentado na vida.
- Passamento* — syncope.
- Passar o panno* — metter nas calças as fraldas da camisa.
- Passo* — passaro.
- Passoca* — carne assada e pilada com farinha.
- Pastorar* — estar á espera de alguém, vigiar alguém.
- Patota* — furto arditosamente preparado no baralho.
- Patuá* — saquitel que contém rezas ou objectos de feitiçaria.
- Pau, cacete* (adj.) — maçante.
- Pau da fumaça* — arma de fogo.
- Pé rapado* — pobretão.
- Peba* — especie de tatú que costuma violar as sepulturas.
- Pedra-lispe* (pedra lips) — o vitriolo azul.
- Pegar um peba* — cair do cavallo.
- Pedaço de mau caminho* — balda, defeito, mazella. Ex.: Neste mundo, cada um de nós tem seu *pedaço de mau caminho*...
- Pedir moça* — sollicitar-a em casamento.
- Pega* (um) — lucta (uma).
- Pegar* — embriagar. Ex.: Meladinha *pega* depressa.
- Pegar a* — começar a.
- Pegar no somno* — adormecer.
- Pegar uma ponta* — namorar.

- Peia-boi* — chicote.
Peitica — nome de um passaro; pilheria insistente e aborrecida.
Pelêga ou *cilibrina* — cedula de dinheiro.
Penso — inclinado.
Perequeté — faceiro, pedante.
Perereca — pequenino.
Piadô (peiadouro) — lugar onde há pastagem e são peiadas as alimarias.
Pilôia — aguardente.
Piloura — o mesmo que *passamento*.
Pingúço — bebado.
Pinhão — pião.
Pinicapau — picapau.
Pinôia — coisa sem valia.
Pinta — padrão. Ex.: Eu quero uma chita desta *pinta*.
Pinta do olho — expressão do olhar. Ex.: Quem é home a gente conhece pela *pinta* do olho.
Piôl — piolho.
Piôizeiro — gentilico escarninho com que são designados os piauhyenses.
Pipoca — milho estalado ao fogo.
Pito, carão, descalçadeira, especial (subs.) — reprehensão.
Pituim — fedor dos negros.
Pixaím — cabelo encaracolado dos negros.
Pobre como rato de Igreja — pauperrimo.
Pôldo — poldro.
Polmaço — grandes nevoeiros.
Poltrão — animal que se fatiga facilmente. É o antônimo de *setleiro*.
Pólva — polvora. *Pólva ingleza* — lucro já auferido ao jogo.
Ponta — evidencia. *Estar na ponta* — distinguir-se.
Andar na ponta — vestir-se esmeradamente.
Pôpa — upa, corcovo.
Por aqui ou por aqui assim — da maneira seguinte. Ex.: Elle me disse *por aqui assim*:...
Pórre, pifão — bebedeira.
Por terra — a cavallo. Ex.: Não vou em trem, não: eu vou *por terra*.
Possuidos — bens, propriedades, haveres.
Praça (subs. fem.) — cidade. Ex.: Mais vale amigo na praça do que dinheiro na caixa.
Praça (subs. masc. ou fem.) — soldado. Exs.: Quem

- foi o *praça* que fez esta desordem? Quantas *praças* é que vem?
- Prêá* — individuo que toma parte em divertimentos, nada dispendendo nos mesmos.
- Presepada* — fanfarronada.
- Proceder* — ter bom procedimento. Ex.: Homem, dê-se a respeito, proceda!
- Puxado* — asthma.
- Puxe!* — vá embora! suma-se!
- Quaio* (coalho) — estomago.
- Quartau* — cavallo castrado.
- Quartos* — ilhargas.
- Quebra* — o que é dado a mais numa transacção, como compensação a possiveis diminuições de medida ou peso.
- Quebrar a castanha* — vencer, humilhar.
- Quebrar a tijela* — vestir uma roupa pela primeira vez.
- Quebrar da barra (Ao)* — aos primeiros albores da madrugada.
- Quebrar catolé* — diz-se das espingardas que não fazem explodir a espoleta.
- Quebrar o animal* — amansal-o, fazel-o docil ás re-deas.
- Quebrar o cuspe* — quebrar o jejum.
- Quefazer* — occupações, affazeres. Ex.: Vou já cuidar no meu quefazer.
- Queimado* — susceptível, abesquinhado.
- Queimar nas apragatas, espalhar-se* — atirar-se decididamente a renhida lucta.
- Queimar-se* — abespinhar-se; applicar-se a carapuça.
- Quéra Deus!* — Queira Deus!
- Quengo* — cabeça; intelligencia.
- Quente* — alcoolizado. O mesmo que *grosso* e *muiado* (molhado).
- Quicé* — faca de ponta, muito gasta e diminuida por motivo de ter sido amolada muitas vezes.
- Rachar* — dar a alguém a metade dos lucros de certo negocio. *Rachar as despezas* — dividil-as em partes iguaes.
- Rapariga* — meretriz. Em Alagoas ouvi esta quadri-nha que não dá a «rapariga» o sentido pejorativo que tem entre as populações nortistas:

Minha mãe, me case cedo,
Emquanto sou rapariga,



Que o milho xaxado tarde
Dá pendão, não dá espiga...

Rebentão — grande secca.

Rebôlo — aquillo que se arremessa ás arvores para lhes derribar os fructos.

Reculuta — recruta.

Rêgo aberto (De) — muito gordo.

Reinar-se — ser tentado a. Ex.: Só o que me reina é dar-lhe uns murros!

Reisados — farças tradicionaes realizadas pelos sertanejos nas vespervas e no dia 6 de Janeiro.

Rejetar — jarretear.

Rejêto — jarretes.

Relaxo — dicto jactancioso ou burlesco.

Remexer — percorrer detidamente. Ex.: Eu já reméxi todo cste sertão.

Render — durar. Ex.: Coma o doce devagar que é pra render...

Repiquete — secca de não calamitosas consequencias.

Resmelengo — sovina, resingão.

Ridimunho — redemoinho.

Riscar — parar o cavallo subita e espaventosamente.

Rôço — orgulho.

Roer a corda — faltar ao compromisso.

Rojão — diapasão.

Roncha — mancha arroxada no corpo, produzida ou não por instrumento contundente.

Rucega — fragmento de vidro afiadissimo; navalha ruim.

Rude, bocório — sem intelligencia; que aprende difficilmente.

Russiana — antigas botas de couro dito da Russia.

Ruzagá — muito ruivo.

Sabagante — individuo, pessoa.

Sabugado — alquebrado, açoitado.

Safadinho — engraçadinho. Diz-se das creanças.

Safocado (suffocado) — O mesmo que *pancada*.

Saibro — resabio.

Sair de banda, sair de bandinha — escapulir-se sorrateiramente.

Sair de chôto — fugir apressadamente.

Salceiro — sarceiro.

Salgar o gallo, matar o bicho — ingerir pela primeira vez, num dia, qualquer bebida alcoolica.



Sancristão — sacristão.

Sangria desatada — facto que exige atenção immediata.

Santa Missão — Visita episcopal; desobrigas religiosas.

Sapecar — chamuscar; atirar. Exs.: Elle saltou a fogueira, mas ficou todo sapecado. Eu sapequei-lhe a mão na cara.

Sarafim — seraphim.

Sará ou *saruê* — o mesmo que *grauçá*.

Scismado — desconfiado, prevenido, acautelado.

Scismar — desconfiar.

Seboso — sujo, porcalhão.

Sedeca — diarrhéa.

Sedenho — cauda. A das rézes é também chamada *bassoura* e *saia*.

Selleiro — affeito á sella. Diz-se dos animaes costumados ao trabalho.

Semmodagem — travessura.

Semvergonho, *severgonho* (adj.) — semvergonha.

Sendeiro (adj.) — grande.

Serenado, *a* — que esteve exposto ao sereno.

Sereno — ajuntamento popular em frente a casas em que, á noite, se realizam festas, principalmente dansas.

Séro (subs.) — seriedade. Ex.: Você não duvide do meu *séro*!

Sessar — peneirar.

Sêsto — sestro.

Sim que — o certo é que.

Situação — pequena fazenda de criação. O casco da *situação* — o terreno da fazenda.

Sobrôço — medo.

Socar — metter.

Socar-se — esconder-se. Ex.: Onde foi que elle *se socou*?

Solteira — diz-se da vacca não amojada.

Sonhim — sagui.

Sôo, *sôa* — 1ª e 3ª pes. do sing. do ind. pres. do verbo *suar*.

Sugigar — subjugar.

Suspiração — respiração.

Sustança — vigor, força.

Tabaco ou *torrado* — fumo torrado e pulverizado.

Taboca — lôgro. Ex.: Si não houver céu, vai ser uma *taboca* damnada pra quem fôr Padre...

Tacadas de cego, chavascadas, lambadas, lamparinadas, palhetadas — grandes pancadas.

Taipeiro — prato muito cheio de varias comidas.

Talento — força physica.

Talhados — abas pedregosas das serras.

Tangerino — tangedor pedestre de gado vaccum.

Tarrabufado — palavriado emphatico.

Tato da lingua — tatibitate.

Têjo, tijuassú — um lagarto.

Tenencia — prudencia.

Ter com que — possuir meios de subsistencia.

Terens (trens) — moveis, objectos do uso domestico.

Terrantonte — trasantehontem.

Terra ou cidade dos pés juntos — cemiterio.

Têsto — murro.

Tibis (interj.) — denota surpresa comica. O mesmo que *vôte*.

Ticaca, maritacaca, girita, gambá — o «conepus suffocans».

Tiquim (tiquinho) — poucochinho.

Tirana-boia (jaquirana boia, jitrana boia, jiquitirana boia) — insecto que o povo suppõe portador de veneno mortal.

Tirar — julgar. Ex.: Eu *tiro* os outros por mim.

Tiriça — ictericia.

Tocar fogo na cangica — precipitar um acontecimento.

Tocim — toucinho.

Tomar — dar-se ao vicio da embriaguez. Ex.: É exacto que o Pedro deu pra *tomar*?

Tomar chegada — approximar-se dissimulada e cautelosamente.

Tomar panca — decidir-se á pratica de desordens.

Tomar tenencia — ter prudencia, acautelar-se.

Tomar um oito — ingerir grande quantidade de bebida alcoolica.

Tomar um porco — embriagar-se.

Tombador — terrenos altos e ordinariamente pedregosos.

Tóra — porção, pedaço.

Torar — cortar.

Torna ou volta — aquillo com que se compensam as desvantagens de uma transacção.

Torreame — grossas nuvens acasteladas.

Traquino, a — traquinas.

Trigue da mão torta — onça ferocissima.

- Trompaço* (trompasio) — murro.
Túia (tulha) — ruma.
Tutuviar (titubear) — mostrar-se surpreso, indeciso, atrapalhado.
Unha de santo — coisa que se faz meticulosamente.
Ex.: Acabe com isso. Tá bem feito: isto não é unha de santo, não!
Urubú-tinga — urubú que tem o bico preto.
Urupemba ou *arupemba* (urupema) — peneira.
Usar das obras de misericórdia ou *ir com alguém às obras de misericórdia* — infligir castigo physico a alguém.
Váge — varzea.
Vão — região clavicular.
Vapor — trem de ferro.
Variar — delirar por effeito de alta febre.
Vasqueiro — escasso.
Vedóia — o mesmo que *estradeiro*.
Velhaco — rez ou animal que se não deixa prender ou conduzir facilmente.
Vender azeite às canadas — desapontar, ficar em má situação, enfurecer-se. O mesmo que *ficar chupando barata*.
Versidade — qualidade.
Véspea — vespera.
Viçar — estar no cio.
Vida de cachorro de comboieiro — vida miserabilissima.
Vige! (interj.) Virgem! (denota espanto).
Vijar (vigiar) — observar, procurar. Ex.: Cadê o dinheiro? Você *vijou* nos bolsos?
Vim — vinho.
Visagem — aparição sobrenatural.
Vivedor — indivíduo que ganha dinheiro facilmente e consegue juntar fortuna.
Vogar — valer, prevalecer.
Vôle! (interj.) — o mesmo que *tibis!*
Xará ou *xarapim* — homonymo.
Xenxém — antiga moeda de dez réis.
Xingar — apoquentar.
Zambêta — cambaio.
Zanôio (zarolho) — estrabico.
Zinebra (Genebra) — uma bebida.



NOTA DO EDITOR

Antes de nos distinguir com a sua preferência para a publicação de «Cantadores», o Sr. Dr. Leonardo Motta realizou, em varias capitães de Estado e aqui no Rio, Conferencias que despertaram a curiosidade do publico brasileiro para este livro, fructo de ingentes trabalhos e não pequenos sacrificios.

Na impossibilidade de citar todos os criticos e commentadores dessas Conferencias, transcrevendo-lhes a integra das apreciações, aqui deixamos recordados os poucos periodos dos seguintes:

... Incontestavelmente, o Dr. Leonardo Motta está prestando um grande serviço ás letras brasileiras, mostrando aos brasileiros, aos poetas sobretudo, que não é na frieza dos marmores parnasianos, na gelidez insensível da mythologia oriental, nas excentricidades pedantes e torturadas das «escolinhas» dos príncipes, que se encontra a gloria triumphal da alma brasileira; esta não vem, não pode vir de Paris; há de vir da nossa floresta, dos nossos rios, das nossas serranias, da natureza brasileira, que o sol intertropical requeima e calcina mas apura e que o luar do nosso céu transparente e profundo suaviza e adormece.

(*Pinto da Rocha*, em «O Combate», do Rio de Janeiro).



...Leonardo Motta é o confidente da grande alma poetica do sertanejo cearense. Elle não é um estheta como Arinos, que amava essas cousas á distancia, que tinha todos os enthusiasmos possiveis pelas nossas tradições e pelas nossas lendas, mas não passava de um *boulevardier* incorrigivel.

Si não fosse irreverencia por um escriptor e por um artista que eu tanto admiro, diria que Affonso Arinos era tradicionalista por luxo...

Leonardo Motta, não. Tudo o que elle sabe é porque viu e porque viveu, porque se compraz nisso com um carinho que chega ao sacrificio de si mesmo, porque esteve ao lado de uosso homem rustico, intimamente, não como um viajante apressado, mas como um amigo, um camarada, um irmão, misturado com elle, integralizado no seu pensamento e nos seus sentimentos mais intimos.

(*Annibal Fernandes*, no «Diario de Pernambuco», de Recife).

...Juvenal Galeno, Herminio Castello Branco e Catullo Cearense, cada qual com o seu feitiço, afinam entre nós as suas lyras pelas trovas do sertão — o ultimo com um deleitoso poder de imagens. Mas todos elles incidem em exaggeros que prejudicam, ás mais das vezes, a naturalidade de suas composições, ora elevando a forma acima da média intellectual dos cantadores, ora deprimindo-a a uma algaravia, com preoccupações dialectaes, extranhas aos modismos populares.

Mas, com muito senso de oportunidade, Leonardo Motta vem revelando agora os thesouros que extremam os rhapsodos matutos. Auguro á obra de paciência, amor, intelligencia e patriotismo de Leonardo Motta um exito nacional.

(*José Americo de Almeida*, em «O Norte», da Parahyba).



...Leonardo Motta, que não é um literato *flateur*, devoto da ociosidade e túmido de philaucia, a erigir em prestígio uma arrogancia obnoxia, mas um cerebral dos mais idoneos, com responsabilidades assumidas em todo o paiz, que tem percorrido propagando a sua idéa, e especialmente na sua terra, onde já secretariou com brilho o governo illustre do Sr. Dr. João Thomé; Leonardo Motta fez-se o rhapsodo desses humildes e grandes cytharedos, que são, pelas analogias de seus descantes, os mantenedores primarios da cohesão intellectual do Brasil.

O seu longo e penoso trabalho não é o insípido fructo de uma velleidade nem o desporto recreativo de um bizarro rebuscador, mas a criteriosa consequencia de um pachorrento inquerito que se inspira no mais pio, alevantado e efficiente civismo.

Aquelles arremessos de imaginação creadora, aquellos surtos de improvisação arrebatada, aquella viva colmeia de sarcasmos, epithetos e facecias, nascida ao som das violas e rabecas, sob o tecto dos copiares campestres, amalgama-se, nas mãos de Leonardo Motta, em massa homogenea e é bloco documentario da nossa formação sociologica.

O celebrado *humour* britannico, que parece creptar nas paginas de Trakeray, Ridder Haggard e Mac Twain; a *verve* e a *charge* que se espiritalizam nas profundas simplicidades de Daudet e nas *boutades* de Moncelet; as ricas florações dialectaes da Italia toda; a mesma chalaça portugueza, que Camillo e Julio Diniz fixaram immortalmente nos dialogos de seus romances; todas essas modalidades polidas e rebuscadas do riso soberano, que se ironiza a si mesmo, recuam, tibias e murchas, aos pinchos, silvos e casquinadas desse sarcasmo novo, dessa galhofa procaz, desse alacre motejo, a irromper das mattas e sertões brasileiros como um torneio floral de troglodytas jocosos.

(De um discurso de Carlos Dias Fernandes, no «Theatro Santa Rosa», na Parahyba).

...Adoro a essa literatura pinturesca e ductil, cambiante e sonora, saída do cerne da nossa raça, como um veio de aguas claras do utero da terra.

Leonardo Motta phonographou a expressão verbal do matuto, com a mesma inflexão, copiando-lhe a alma ao natural, tomando-lhe em flagrante, o sentimento, o gesto, todas as tonalidades fugidias de seu espirito perspicaz e inculto.

Eis ahi, a meu ver, o traço superior dos seus meritos de sertanista.

(*Guedes de Miranda*, no «Jornal do Commercio», de Macció).

...Conheci Leonardo Motta, ha muitos annos, quando, ainda creança, me ensinaram a recitar «Moa-cyr», uma poesia de paternal inspiração, em que o Poeta canta as graças de seu primogenito. São versos de encantadora simplicidade, em que se revela a alma sertaneja do autor, despida dos atavios com que se complicam, na generalidade, os que são incapazes de crear a belleza como aquelle classico e gasto discipulo de Apelles.

(*Austregesilo de Athayde*, na «Tribuna», do Rio de Janeiro).

...Como o cavalleiro da aventura, Leonardo Motta parou junto á Castalia sertaneja e encheu os cantaros que preparava para o estudo.

O livro com que documentará esse precioso esforço, valerá pela consagração de seu merecimento. Este livro viveu elle ao contacto dos menestres que se movimentam na obra.

E, por isso mesmo, ella terá a espontaneidade do que se não foi procurar em pergaminhos e se achou no manancial das fontes.

(*Oswaldo Orico*, na «Provincia do Pará»).

...Digno de louvor é o trabalho literario de Monteiro Lobato e da «Revista do Brasil», mas o retrato de Urupês convem a tapuias indolentes ou



cabocios atrazadões, nunca porem ao lavrador brasileiro. O nosso matuto não é o cretino ideado por Monteiro Lobato, como o camponio francez não é o bruto descripto por Zola.

Povo que tomba martyr e se rcergue heroe, o cearense tem um temperamento de aço, caldeado na dor. Aceitavel é a lei do meio, entendida ás avesas. Flores delicadas desabrocham sob climas inclementes; de solos sáfaros brotam genios fecundos; a terra madrasta gera homens herculeos. Evoluindo num ambiente ingrato, o sertanejo cearense virou um gigante, a quem tem razão Leonardo Motta de cantar lóas. O regionalismo no patriotismo constitue o mais sadio dos nacionalismos, porque o amor á patria pequena é o irmão menor do amor á patria grande.

Habil em musicalizar phrases, artista na modulação da leitura, comico no arremedo aos sertanejos, esperto na respiga dos textos e dos casos, Leonardo Motta tem o condão de encurtar as horas, que, celeres, correm nas suas Palestras.

(*Padre Dubois*, na «Folha do Norte», de Belém.

...Não são numerosas no Brasil as collectaneas da poesia anonyma. Deve-se dizer, todavia, que se não acham, as existentes, no meio das pciores. Algumas possuem valor positivo, cingindo-se a maioria dellas ao commodo papel de extrair, como os dictionarios e as grammaticas, as acquisições anteriores. Raros effectuam colheitas directas. Está em tamanha faina um dos meritos de Leonardo Motta.

(*Fran Paxêco*, em «A Pacotilha», do Maranhão).

...Leonardo Motta tem o dom da observação e o amor do povo: juntas essas duas qualidades á fluencia e elegancia de seu estylo, temos um escriptor admiravelmente preparado para ser um novellista capaz de rivalizar com os melhores que, em outros Estados, cultivam a litteratura regionalista e entre os quaes se destaca o primoroso *conteur* paulista Monteiro Lobato.



O que é preciso é que Leonardo Motta renuncie, de vez, ao diletantismo a que se tem confinado, por modestia ou por preguiça, e se affirme como escriptor, dando emprego condigno aos seus dotes já tão auspiciosamente revelados.

(Antonio Salles, no «Almanach do Ceará»).

...Nota-se, em todo o Brasil, um movimento geral, profundo, espontaneo, de curiosidade e interesse por tudo o que se refere ao sertão e seus habitantes. É este um dos mais reconfortantes symptomas do nosso nacionalismo. Dir-se-ia que o Brasil anda á cata de esparsos pedaços de alma para integral-os em alguma grande alma que se acha em formação.

O esforço de Leonardo Motta, o seu trabalho ingente de pesquisa acha-se, pois, fortemente subordinado a um serio e magnifico movimento do espirito nacional.

(Manoel Monteiro, no «Correio do Ceará»).

...Esse temperamento finissimo de artista, que é Leonardo Motta, comprehendeu que nacionalismo seria revelar aos pallidos poetas das cidades os thesouros da poesia dos bronzeados poetas do sertão; nacionalismo seria revelar á porção do Brasil que imita e se humilha, reflectindo como um espelho as emoções alheias, o Brasil que crê e soffre e canta despreoccupadamente.

(Andrade Queiroz, na «Provincia do Pará»).

...Leonardo Motta soube *traduzir* os cantadores como ninguém, até hoje, na nossa terra. E, pelo que conheço de quanto, por ahi afora, se tem escripto a respeito, ninguém ou raros se lhe poderão comparar como interprete de coisas e typos do sertão.



Sob esse aspecto é insigne, apesar de muito moço ainda. Um privilegiado da fortuna.

(*Cursino Belem*, no «Correio do Ceará»).

...O folk-lore encontrou em Leonardo Motta, nessa creatura de espirito realizador, um elegante estudioso. Présa porque sabe presar a authenticidade da poesia anonyma. Que é ella seião a expressiva vibração de uma alma nacional que se elabora?

Leonardo Motta colheu a poesia sertaneja nas suas fontes legítimas, nas suas fontes verdadeiras. Apreciavel contingente esse de esforço individual! Tanto mais digno quanto mais sabemos todos nós ser em-prcza ingrata a de se levar adiante uma tão nobre iniciativa. Melhor nacionalismo não se poderá almejar. Leonardo Motta entendeu o dever de todo homem não mediocre, vindo ao mundo para effectuar trabalho digno, contribuir em alguma coisa para fulguração maior do sentimento despertado pela agitação de um seculo de labor, de febre, de vertigens, de espiritualidade esplendente.

(*Adhemar Vidal*, em «A União», da Parahyba).

...Mas é necessario ouvir Leonardo Motta para que se tenha uma noção precisa desse mundo á parte, de onde provêm o vigor, a nobreza, a confiança, as nossas alegrias, incertezas e descuidos.

Uma perfeita transfiguração: da ronda das idades refulge o esplendor dos cantadores ancestraes, esplendor que é proprio do genio da nossa raça, de onde promana a verdadeira belleza de uma poesia elevada. E é esse o melhor privilegio de que dispõe Leonardo Motta com a sua palavra fluente e colorida, cuja virtude é tambem inspirar seiva nova e operar o milagre da agua de Juventa.

(*Genesio Cavalcante*, em «A Noite», de Recife).



...Como um semeador das bellezas da musa sertaneja, como um missionario do genio dos repentistas matutos, que aos accordes da viola gemebunda, cantam as varzeas e as caatingas, o céu azul e as campinas sem fim, Leonardo Motta deixou a Terra dos Verdes Mares e veio até nós dizer da verdadeira poesia nacional.

(*Rocha Moreira*, em «A Semana», de Belem).

...Leonardo Motta, no seu apaixonado fervor pela literatura popular, de que é, não há negar, um dos mais argutos conhecedores, não transpõe felizmente o limite traçado pelo bom senso aos cultores de folk-lore. Imbuído, até a saciedade, das formas do versejar de nossos vates matutos; privando na mais acolhedora intimidade com os que se lhe approximam; recolhendo pacientemente, piedosamente, desse trato quotidiano os imensos thesouros acumulados num livro prestes a ser publicado — Leonardo Motta conserva, não obstante, no verso e na prosa que lhe flúem da penna, com igual espontaneidade e vigor, a mais severa correcção e a delicadeza mais extrema.

(*Ferreira dos Santos*, na «Folha do Povo», de Fortaleza).

...Procuramos imitar Ibsen, D'Annunzio ou o formidavel autor de Zarathustra, sem vermos que essas plantas de estufa não podem vegetar no nosso meio.

Começa, entretanto, a reacção nacionalista e Leonardo Motta é o mais denodado paladino da cruzada bemdita.

Recebe-o de braços abertos o *Instituto Historico da Bahia*, confiante na grandeza de nosso futuro, na capacidade dessa sub-raça energica que constitue uma parte vultosa da ossatura da nossa nacionalidade.

Levando aos centros mais cultos do paiz o vas-



tíssimo arsenal joeirado nos sertões do Ceará, o nosso brilhante confrade presta às letras patrias o mais precioso contingente de que precisa a sua nacionalização.

(De um discurso de *Ruy Penalva* no «Inst. Hist. da Bahia»).

...O Rio de Janeiro dilúe, com dolorosa frequência, as celebridades das províncias. A historia literaria ou scientifica, a historia parlamentar, têm as suas paginas repletas de naufragios dessa especie, na sua maioria talvez mais ridiculos do que mesmo dignos de lastima e de piedade, porque, em geral, as victimas do desastre estavam convencidas de que vinham deslumbrar o centro, e, na hora do choque, rolam grotescamente de alturas imaginarias, sem que na vertiginosa descida encontrem um ponto de apoio que lhes attenúe as consequencias do esborrachamento completo. Há, evidentemente, as compensações, embora em numero muito menor. Entretanto, não conheço nenhum caso de tão immediato e brilhante triumpho como o desse moço cearense, o Sr. Leonardo Motta, que disse, há algumas dezenas de horas, a sua primeira Conferencia sobre as cantigas do seu e do meu povo, nunca assás admirado.

Não lhe foi preciso mais para, com galhardia, vencer a dura prova. Os ardentes applausos com que o auditorio, attento e delicado, entrecortou, sem cessar, a primeira Conferencia, indicam sufficientemente o exito que vai coroar a publicação de seu livro.

Authentico embaixador dos sertões o Sr. Leonardo Motta!

(*Oscar Lopes*, em «O Paiz», do Rio).



INDICE

	Pags.
Introducção	9
O cego Symphronio.	15
Jacob Passarinho	49
Azulão	73
O cego Aderaldo	103
Luiz Dantas Quesado	129
Serrador	149
O cantador de Juazeiro	181
O Anselmo	201
Variantes	235
Quadrinhas	259
Do sertão	305
A graphia de "Cantadores"	365
Elucidario	367
Nota do Editor	393



TIRARAM-SE DESTE LIVRO
10.000 EXEMPLARES
NA TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO DO BRASIL
(ALMANAK LAEMMERT),
COMEÇANDO
A COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
EM 22 DE AGOSTO DE 1921
E TERMINANDO
EM 15 DE SETEMBRO DO MESMO ANNO



